

Eliziane Gava

**O FENÔMENO FASCISTA DA AÇÃO INTEGRALISTA
BRASILEIRA (AIB) NO OESTE PARANAENSE:
CONFLITOS POLÍTICOS NA REGIÃO DE
GUARAPUAVA/PR (1935-1938)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gava, Eliziane
O fenômeno fascista da Ação Integralista Brasileira
(AIB) no oeste paranaense : conflitos políticos na região
de Guarapuava (1935-1938) / Eliziane Gava ; orientador,
Márcio Roberto Voigt - Florianópolis, SC, 2016.
225 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Fascismo. 3. Integralismo. 4.
Oligarquias. 5. Guarapuava/PR. I. Voigt, Márcio Roberto.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em História. III. Título.

**O FENÔMENO FASCISTA DA AÇÃO
INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB) NO OESTE
PARANAENSE: CONFLITOS POLÍTICOS NA
REGIÃO DE GUARAPUAVA/PR (1935-1938)**

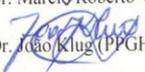
Eliziane Gava

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

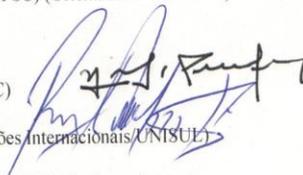
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora


Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt (PPGH/UFSC) (Orientador e Presidente)


Prof. Dr. João Klug (PPGH/UFSC)

Prof. Dr. Valdir Rampinelli (PPGH/UFSC)


Prof. Dr. Rogério Santos da Costa (Relações Internacionais/UNISUL)

Prof. Dr. Alexandre Busko Valim (PPGH/UFSC) (Suplente interno)


Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 16 de agosto de 2016

Aos meus pais, Enio e Lidia, e meus irmãos, Emanuel e Eliel.

À nona Lúcia (Lúcia Longone Gava) e ao tio Neu (Irineu Luiz Dal Castel), que nos deixaram durante a elaboração desse trabalho.

Ao vovô José (*in memorian*), sobre quem ouvi tantos causos. À vovó Iracema e ao nono Arino, fontes de sabedoria entre nós.

E a todos que lutaram e vivem sob os conflitos políticos no oeste do Paraná.

AGRADECIMENTOS

Já faz seis anos desde que comecei a cogitar a possibilidade de estudar a atuação da Ação Integralista Brasileira em Guarapuava e, de lá para cá, pude contar com a contribuição de inúmeras pessoas para realização deste trabalho.

Primeiramente agradeço a Deus, divindade católica hebraica, que me inspirou a ter fé, amor e esperança na humanidade. À minha família Gava e Simões de Oliveira, pelo apoio e pelas orações em toda minha caminhada de estudante.

Ao Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, nas pessoas da Prof.^a Terezinha Saldanha e Prof.^a Claudia Rejane Schavarinksi, instituição essa onde realizei estágio durante o último ano de graduação e onde, além de ter desenvolvido a paixão pelas fontes históricas, também fui incentivada para o ofício de historiadora e para o desafio de estudar a AIB na região.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em História Cultural, à Linha de Pesquisa: Sociedade, Política e Cultura no mundo contemporâneo; ao primeiro orientador Prof. Adriano Luiz Duarte e ao Prof. Márcio Roberto Voigt, que esteve à frente da orientação no último ano; como também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida. Por intermédio deles, tive a oportunidade de desenvolver meu projeto de pesquisa.

Aos laços de amizades duradouros, proporcionados pela estadia em Floripa, os quais deixaram meus dias mais leves: Vivi, Cris, Isa e Elisângela. Aos amigos do tempo de Gorpa, que se tornaram amigos da vida: Edi, Eliane, Marci, Michele, Tarini, Silvia e Márcia. À família da tia Maria: tio Ede, Laine, Diego e Rob, por todo carinho dedicado, pelas visitas em Floripa e pela hospitalidade em me receber em seus lares nos feriados de páscoa.

Agradeço à Casa Benjamin C. Teixeira em Guarapuava e seu mantenedor Murilo Walter Teixeira pelo atendimento, as conversas e os documentos cedidos. Ao Arquivo Público do Paraná em Curitiba, no qual prontamente fui recebida e consegui coletar as fontes desejadas. À família da Thaisa, que me acolheu em sua casa durante as pesquisas na capital paranaense. Ao Arquivo Público Municipal de Rio Claro/SP, onde efetivei as pesquisas no Fundo de Plínio Salgado. À Ju da matemática e suas amigas da república, que me receberam calorosamente em sua residência, durante minha passagem por Rio

Claro/SP. E ao Prof. Rafael Athaides, pela ajuda com as fontes integralistas.

Por fim, quero demonstrar minha gratidão aos meus pais, Enio e Lidia, meus irmãos Emanuel e Eliel, que me receberam com estado de saúde debilitado em casa e me encorajaram para a finalização deste trabalho. Também à rede de apoio formada pela Madrinha Ju, tia Albertina, vó Iracema, tia Marli, comadre Jô, tia Cleci, tia Rose, tia Lenir e pelas vizinhas: Salete, Leonete e Mariléia. Obrigada pelo carinho! Agradeço pelo excelente trabalho desenvolvido pela Clinisul em Laranjeiras do Sul/PR, que foi de fundamental importância para finalização desse trabalho, nas pessoas do Dr. Alfredo, da secretária Carmem e, especialmente, da psicóloga Naiane, por nossas acalentadoras conversas semanais.

Quero finalizar agradecendo aos pesquisadores que se dedicaram à temática, especificadamente a literatura local, pois pude contar com seus mapeamentos preliminares e dar um pequeno passo para a realização dos estudos científicos. Aos professores membros da banca, por suas sugestões e seus apontamentos. À minha mãe e minha madrinha pela presença fortalecedora na banca de defesa, também, à minha família pela festa surpresa, que renovou minhas energias. E finalmente, ao Colégio Estadual do Campo Ireno Alves dos Santos em Rio Bonito do Iguaçu/PR, em especial às turmas: 9º A, 2º A e 3º A, onde a construção do conhecimento histórico voltou a fazer sentido.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do
tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.
(Drumond, 1992)

RESUMO

O trabalho tem como tema a Ação Integralista Brasileira (AIB), um movimento e partido consolidado no Brasil entre 1932 e 1938, quando, então, é relegado à ilegalidade e tem suas últimas tentativas para a tomada do poder, durante o já implantado Estado Novo. O objeto de pesquisa abrange a atuação do integralismo na região oeste paranaense, no maior município da época, em aspecto territorial, Guarapuava/PR, com fronteiras desde o centro-oeste, onde hoje se localiza, até o noroeste do Estado. Na região, o movimento empreendeu sua política de expansão e fundou em fevereiro de 1935 o núcleo na cidade de Guarapuava. Sendo assim, o período da pesquisa compreende desde sua fundação até seu desmantelamento, de 1935 a 1938, tempo em que, com um programa fascista, agregou principalmente as classes médias em oposição ao programa realizado pelas oligarquias tradicionais, com a política federalista e a prática do coronelismo. Com isso, o objetivo do trabalho está em entender a AIB e explicar os conflitos políticos entre integralistas e oligarquias, provocados pela luta pelo poder regional e agravados na conjuntura de implantação do Estado Novo. O ápice desse conflito acontece com o assassinato do fundador e chefe integralista na região em janeiro de 1938 e, posteriormente, com a tentativa de tomada de poder, Intentona Verde, em março de 1938. O estudo justifica-se por trazer o debate sobre o fenômeno fascista, recorrente na atualidade, e também por elucidar questões sobre os conflitos políticos entre lideranças locais e a pertinência do coronelismo enquanto prática política nessa região, através dos pressupostos investigativos da história social. Portanto, a pesquisa traz conclusões preliminares a respeito do surgimento de fenômenos fascistas e como essa tentativa de disciplinar a luta de classes a fim de desenvolver a nação brasileira, através da sua realidade produtiva da terra, provocou conflitos com as oligarquias tradicionais em Guarapuava.

Palavras-chave: Integralismo. Fascismo. Oligarquias. Guarapuava.

ABSTRACT

The theme of this work is the Brazilian Integralist Action (*Ação Integralista Brasileira - AIB*), a movement and consolidated party in Brazil between 1932 and 1938, when then it is deemed illegal and has its last attempts to seize power during the already established New State (*Estado Novo*). The research object covers the performance of the integralismo in western Paraná, at the largest city in territorial aspect of the time, Guarapuava/ PR, with borders from the Midwest, where nowadays it is located, to the Northwest of the State. In this region, the movement undertook its policy of expansion and formed the core in Guarapuava in February 1935. Thus, the research period comprises from its foundation in 1935 to its dismantling in 1938. On this account, with a fascist program added mainly the middle classes in opposition to the program carried out by the oligarchies, with federalist policy and the practices of rule of the colonels (*coronelismo*). Thus, the purpose of this study is to understand the Brazilian Integralist Action and explain the political conflicts between integralistas and oligarchies caused by the struggle for regional power and aggravated by the establishment of the New State. The apex of this conflict happens with the murder of the integralismo founder and chief in the region in January, 1938 and later, with the attempted takeover, Intentona Verde, in March, 1938. The study is justified for bringing the debate on the fascist phenomenon, so recurring presently, and also for elucidating questions on the political conflicts between local leaderships and the relevance of the rule of the colonels as political practice in this region, through the investigative assumptions of social history. Accordingly, the research provides preliminary conclusions regarding the emergence of fascist phenomena and how this attempt to discipline the class struggle in order to develop the Brazilian nation, through its land productive reality, causing conflicts with the oligarchies in Guarapuava.

Keywords: Integralismo. Fascism. Guarapuava. Oligarchies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia de integralistas do subnúcleo em Pitanga/PR .	109
Figura 2 – Capa do livro: A arte da política na cidade de Guarapuava (1930-1970).....	125
Figura 3 – Fotografia de Amarílio Rezende de Oliveira	127
Figura 4 – Carteira de filiação na AIB de David Moscalesque (parte 1).....	127
Figura 5 – Carteira de filiação na AIB de David Moscalesque (parte 2).....	128
Figura 6 – Fotografia de integralistas em Guarapuava/PR	134
Figura 7 – Autuação do Delegado, Sargento e dois Soldados locais acusados de agressões aos integralistas	191
Figura 8 – Fotografia de Domingos Ribas	206

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Paraná: Divisão administrativa do ano de 1940	47
Mapa 2 – Divisão política do Paraná em 2010	48
Mapa 3 – Núcleos integralistas no Paraná em 1935	106
Mapa 4 – Ocupação urbana em Guarapuava	147

LISTA DE RECORTES DE JORNAIS

Recorte de jornal 1 – Guarapuava/PR como "porta de entrada" para o oeste.....	45
Recorte de jornal 2 – Dedicatória do <i>Manifesto de Outubro de 1932</i>	54
Recorte de jornal 3 – Trecho do <i>Manifesto de Outubro de 1932</i> : união dos brasileiros.....	76
Recorte de jornal 4 – Fundação do núcleo integralista em Guarapuava/PR.....	93
Recorte de jornal 5 – Coordenação da sede integralista em Guarapuava/PR.....	102
Recorte de jornal 6 – Diretrizes integralistas divulgadas no jornal local de Guarapuava/PR.....	103
Recorte de jornal 7 – Nota integralista no jornal local de Guarapuava/PR.....	103
Recorte de jornal 8 – Caravana integralista no oeste paranaense.....	104
Recorte de jornal 9 – Coordenação de novos subnúcleos integralistas em Guarapuava/PR 1.....	108
Recorte de jornal 10 – Coordenação de subnúcleos integralistas em Guarapuava/PR 2.....	110
Recorte de jornal 11 – AIB em Guarapuava/PR e o patriotismo 1....	113
Recorte de jornal 12 – AIB em Guarapuava/PR e o patriotismo 2....	117
Recorte de jornal 13 – Elogio ao movimento integralista em Guarapuava/PR.....	118
Recorte de jornal 14 – Guarapuava/PR e o nacionalismo.....	120
Recorte de jornal 15 – Fundação do jornal <i>Brasilidade</i> em Guarapuava/PR.....	121
Recorte de jornal 16 – Imagem do chefe municipal da AIB em Guarapuava/PR: Moscalesque.....	130
Recorte de jornal 17 – Chapa integralista em Guarapuava/PR para as eleições de 1935.....	133
Recorte de jornal 18 – Fotografia de integralistas em Guarapuava/PR.....	133
Recorte de jornal 19 – Aviso das reuniões no núcleo da AIB em Guarapuava/PR.....	137
Recorte de jornal 20 – Ritual para a chamada das milícias do além realizado no núcleo de Guarapuava/PR.....	139
Recorte de jornal 21 – Hino integralista.....	140
Recorte de jornal 22 – Cabeçalho do jornal <i>O Liberal</i>	141
Recorte de jornal 23 – Cabeçalho do jornal <i>O Combate</i>	142

Recorte de jornal 24 – Resultados preliminares das eleições municipais em 1935 em Guarapuava/PR.	152
Recorte de jornal 25 – Resultados finais das eleições municipais em 1935 em Guarapuava/PR.	153
Recorte de jornal 26 – Nota sobre censura política no jornal local de Guarapuava/PR.	154
Recorte de jornal 27 – Editorial da edição nº1 no <i>O Independente</i> ...	156
Recorte de jornal 28 – Editorial da edição nº1 no <i>Brasilidade</i>	159
Recorte de jornal 29 – Elogio integralista às eleições municipais de Guarapuava/PR em 1935.	160
Recorte de jornal 30 – Manchete do assassinato de David Moscalesque.	163
Recorte de jornal 31 – Divulgação da Secretaria Municipal de Propaganda da AIB em Guarapuava/PR.	168
Recorte de jornal 32 – Permissão da abertura das sedes da AIB no Paraná.	169
Recorte de jornal 33 – Editorial da edição nº1 no <i>Folha do Oeste</i> . ..	173
Recorte de jornal 34 – Chamada integralista para o alistamento eleitoral.	175
Recorte de jornal 35 – Trecho de matéria patriótica da AIB local.	176
Recorte de jornal 36 – Chamada da AIB local para os camisas-verdes.	177
Recorte de jornal 37 – Aviso sobre o funcionamento da escola integralista Mestra Leonida.	178
Recorte de jornal 38 – Proibição das reuniões doutrinárias da AIB no Paraná.	180
Recorte de jornal 39 – Aviso sobre a assistência judiciária aos integralistas de Guarapuava/PR.	180
Recorte de jornal 40 – <i>Slogan</i> e emblema do candidato Plínio Salgado à Presidência da República.	182
Recorte de jornal 41 – Manchete anticomunista.	186
Recorte de jornal 42 – Convite integralista para o Dia da Pátria.	188
Recorte de jornal 43 – Epígrafe integralista.	199
Recorte de jornal 44 – Homenagem ao falecido chefe municipal da AIB.	202
Recorte de jornal 45 – Editorial da edição nº 52 no <i>Folha do Oeste</i>	207

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC – Associação Brasileira de Cultura
AIB – Ação Integralista Brasileira
AIR – Ação Integralista Revolucionária
ANL – Ação Nacional Libertadora
ANPUH – Associação Nacional de Professores Universitários de História
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
CAUR – Comitati d'azione per l'universalità di Roma
CEDOC – Centro de Documentação e Memória
CEL. – Coronel
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DOPS/PR – Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná
FAZ – Frankfurter Allgemeine Zeitung
FIB – Frente Integralista Brasileira
GEINT – Grupo de Pesquisadores do Integralismo
GT – Grupo de Trabalho
IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
ITCG – Instituto de Terras Cartografia e Geociências
LSN – Lei de Segurança Nacional
MIL-B – Movimento Integralista e Linearista Brasileiro
NSDAP – National sozialistische Deutsche Arbeiterpartei
PDS – Partido Democrático Social
PMI – Partido Municipal Independente
PNF – Partito Nazionale Fascista
PRP – Partido de Representação Popular
PRP – Partido Republicano Paulista
PRONA – Partido de Reedificação da Ordem Nacional
PSD – Partido Social Democrático
PSN – Partido Social Nacionalista
AS – Sturmabteilungen
SEP – Sociedade de Estudos Políticos
SNRE – Secretaria Nacional de Relações com o Exterior
SS – Schutz Staffeln
TFP – Tradição, Família e Propriedade
UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste
URP – União Republicana Paranaense
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	25
1.1	A RELEVÂNCIA E A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO	28
1.2	ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO	33
1.3	AS FONTES	39
1.4	OS CAPÍTULOS	43
2.	PREÂMBULOS SOBRE A AÇÃO INTEGRALISTA: FASCISMO E NACIONALISMO NO BRASIL DO ENTREGUERRAS	45
2.1	INTEGRALISMO: O FENÔMENO POLÍTICO FASCISTA PARA DISCIPLINAR A LUTA DE CLASSES	54
2.1.1	Na conjuntura do entreguerras: o fascismo	54
2.1.2	Integralismo: influências e inspiração na Itália fascista ...	60
2.1.3	“Universo fascista”: solidariedade entre o integralismo, os movimentos nacionalistas de direita e o nazismo.....	66
2.1.4	Implicações no uso do conceito de totalitarismo.....	72
2.2	UMA DISCUSSÃO SOBRE O FASCISMO E O NACIONALISMO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA.....	76
2.2.1	Integralismo e totalitarismo: por uma diferenciação entre o socialismo e o fascismo	77
2.2.2	O fascismo e o nacionalismo dos “camisas-verdes” em questão: o debate dos autores.....	79
2.2.3	AIB: um fenômeno fascista com um nacionalismo específico.....	85
3.	A “SENTINELA AVANÇADA DO OESTE PARANÁENSE”: A FUNDAÇÃO DO NÚCLEO INTEGRALISTA E OS CONFLITOS POLÍTICOS EM GUARAPUAVA (1935)	93
3.1	O NACIONALISMO VERDE: A DOCTRINA DO SIGMA “MARCHA” PARA O OESTE PARANAENSE.....	97
3.1.1	A “marcha” para o oeste paranaense: entre o movimento e o partido.....	97
3.1.2	O nacionalismo verde: Guarapuava, a utopia dos interiores e seus caboclos	110
3.2	A “SENTINELA”: A INSTALAÇÃO DO NÚCLEO INTEGRALISTA NA SOCIEDADE DE GUARAPUAVA	120
3.2.1	Fundação do núcleo da Ação Integralista na cidade	120

3.2.2 AIB: um “novo” grupo político de classes médias urbanas	141
3.3 A ELEIÇÃO DE 1935: O “VOTO DE DEUS” NOS CONFLITOS POLÍTICOS REGIONAIS	149
3.3.1 Inserção dos camisas-verdes no jogo político local	149
3.3.2 Conflitos políticos: as alianças na região e o coronelismo.	155
4. CRIME E ILEGALIDADE DOS DOCTRINÁRIOS DO SIGMA EM GUARAPUAVA: REVIRAVOLTAS DOS ANOS DE 1936-1938	163
4.1 ENTRE A PROIBIÇÃO E A REABERTURA DOS NÚCLEOS NO PARANÁ EM 1936: O “INTEGRALISMO MARCHA” RUMO ÀS ELEIÇÕES EM GUARAPUAVA..	165
4.1.1 O ano de 1936 em discussão: a proibição dos núcleos no Paraná	165
4.1.2 Atividades integralistas na região em 1937: reestruturação do núcleo	171
4.2 NACIONALISTAS DE DIREITA X OLIGARQUIAS: A AÇÃO INTEGRALISTA É DESESTRUTURADA.	185
4.2.1 Golpe de Estado de novembro de 1937: entre o apoio, a política de esvaziamento do Integralismo e sua transformação em Associação Brasileira de Cultura (ABC).	185
4.2.2 O assassinato do integralista e fundador do núcleo David Moscalesque	197
4.2.3 Estado Novo: Intentona Verde de março de 1938 e os doutrinários do Sigma na ilegalidade	203
5. CONCLUSÃO	211
FONTES	215
REFERÊNCIAS	217

1 INTRODUÇÃO

Em meio a duas guerras mundiais e no âmago de uma depressão econômica que levou à crise do sistema capitalista e o colapso do preço do café em 1929, produto básico da exportação e das finanças do Brasil, a Ação Integralista Brasileira (AIB) é fundada em 1932. Os interesses das oligarquias cafejeiras e as instituições liberais do federalismo, até então vigentes no poder na República Velha no Brasil, sofreram um impacto com a crise política da Revolução de 1930,¹ em que o liberalismo clássico era posto em xeque.

Nesse entremeio, a AIB² surge como uma campanha dotada de um manifesto em outubro de 1932 para transmitir ao povo de forma simples os resultados dos estudos e as bases doutrinárias da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Este círculo de estudos, com sua primeira reunião no dia 24 de fevereiro de 1932 na sede do jornal *A Razão* em São Paulo, foi organizado por Plínio Salgado.³ A intenção dos jovens

¹ As denominações para o período serão utilizadas de acordo com a historiografia clássica, pois não é a intenção deste trabalho questionar essas definições. Entretanto, considera-se a Revolução de 1930, tal como define Carone (1976, p. 64), como um golpe militar, seguido da formação de uma Junta Governativa e do Governo Provisório. Para consolidar essa frente no poder e destituir as antigas oligarquias utiliza-se de lemas utópicos, como a destituição dos vícios das oligarquias e do seu coronelismo. Segundo este mesmo autor, é “resultado de uma aliança armada que resulta em fatos imprevisíveis. Com a vitória, o poder político se concentra paralelamente nas mãos das oligarquias e do tenentismo.” (CARONE, 1974a, p.162). O sistema de chamada para as citações será feito ao longo do trabalho no sistema autor-data e o sistema numérico será utilizado para notas explicativas em notas de rodapé, seguindo a padronização no sistema autor-data.

² Breve panorama a ser desenvolvido sobre o surgimento da Ação Integralista Brasileira na década de 1930 de acordo com a pesquisa realizada por: TRINDADE, 1979.

³ Plínio Salgado era o redator das notas políticas no jornal *A Razão*, que, diariamente, criticavam a volta do liberalismo da Constituição de 1891. Ele havia se desligado do partido representante das oligarquias de São Paulo (Partido Republicano Paulista-PRP), do qual foi deputado estadual em 1928. Tinha atuado na revolução estética do movimento modernista de cunho nacionalista *Verde-Amarelo* e, enquanto a crise política do movimento revolucionário de 1930 se instaurava, Salgado estava em viagem pela Europa e Oriente Médio, com uma audiência marcada com Mussolini na Itália como admirador do regime fascista. Além disso, ele já possuía um manifesto de

intelectuais da SEP em 1932 era estudar e investigar um sistema que orientasse a vida política, não esvaziasse o caráter revolucionário iniciado em 1930 e, assim, definisse uma política salvadora por meio de uma revolução espiritual. Rejeitavam os valores liberais e suas instituições políticas, sob a voz da experiência do federalismo e de sua prática política de coronelismo oligárquico, como também não toleravam as mobilizações das massas em torno dos trabalhadores e da coletividade do socialismo. Desejosos de um líder, um governo e uma nação forte com políticas centralizadoras, com princípio de autoridade e expressão moral, eles propunham um programa de coordenação das classes produtoras, baseado na realidade da terra.

Na terceira sessão da SEP em maio de 1932, a comissão técnica denominada Ação Integralista Brasileira é organizada, com o objetivo de pôr em prática uma campanha para “infiltrar” nas classes sociais brasileiras o seu programa político. O manifesto para lançar esta campanha é aprovado em junho e publicado em 7 de outubro e propõe uma “marcha” rumo ao Estado Integral, apresentado como único capaz de integrar a nação brasileira e salvá-la da crise, de acordo com “os destinos dos povos” dirigidos por “Deus”.

Impresso, distribuído em São Paulo e remetido para todos os Estados, o manifesto, juntamente com a intensa articulação de Salgado com grupos intelectuais e com movimentos dispersos pelo país, propulsionam mais tarde “o primeiro partido político brasileiro com implantação nacional” (TRINDADE, 1979, p. 1). Com cerca de meio milhão de aderentes, os integralistas aparecem nos atos doutrinários uniformizados na cor verde; com o símbolo sigma (Σ), a letra grega maiúscula; sob a saudação indígena e grito de guerra na linguagem tupi “Anauê!”, traduzida para a língua portuguesa como “você é meu parente!” e com o lema “Deus, pátria e família”.

Posteriormente, nos congressos integralistas de 1934 e 1935, organizou-se burocraticamente em torno de um partido, para arremessar as massas e chegar ao poder por meio das eleições. Estas foram marcadas para janeiro de 1938, e Plínio lançou-se candidato à presidência, porém as eleições não chegaram a ocorrer devido ao Golpe de Estado de Vargas em novembro de 1937, e assim o integralismo foi relegado à ilegalidade. Com isso, transformado em Associação

orientação dos rumos políticos brasileiros em outra organização, na Legião Revolucionária de São Paulo, publicado em 3 de março de 1931.

Brasileira de Cultura (ABC),⁴ o antigo movimento e partido integralista tentou duas tomadas de poder, em março e maio de 1938. Frustrados, esses levantes armados intitulados de Intentona Verde geraram várias prisões, investigações e acabaram por intensificar o policiamento sobre os integralistas.

O integralismo, a partir de sua sede em São Paulo, se alastrou pelo país, através da fundação de núcleos espontâneos, bem como do estabelecimento de “bandeiras”, constituídas por expedições com segmentos de milícias, as quais eram responsáveis por estabelecer pontos de apoio ou trabalhos de coordenação de núcleos; assim, tal termo de origem paulista passou a significar para os integralistas expedições “irradiadoras do sigma”.⁵ Em agosto de 1933, há o estabelecimento de bandeiras para o Norte e para o Sul do país. Sobre o Paraná, há controvérsias a respeito da fundação da Ação Integralista. A história oficial da AIB aponta julho de 1934 como data da instalação da Sede Provincial⁶ do movimento em Curitiba, entretanto Athaides (2012, p. 68-69), em seu trabalho, traz fontes que indicam a presença de um núcleo da AIB em Ponta Grossa já em dezembro de 1933.

Com intensa propaganda nos jornais locais, utilizando-se de panfletagem e de boca a boca nos municípios do Paraná, a fundação de um núcleo integralista ocorria por meio de uma bandeira vinda de uma das cidades polo. Desse modo, segundo Athaides (2012), o avanço integralista pelo Paraná no final do ano de 1935 alcançou 10.000 filiados, com 31 núcleos fundados em 60% dos municípios e 36% dos distritos do Estado, com 55 núcleos distritais. Entre as cidades polos no Paraná estava Guarapuava, definida pela AIB como a “sentinela” para o avanço integralista para o oeste paranaense, dada a instalação do núcleo no início do ano de 1935 e a cidade estar localizada no maior município do Estado em termos territoriais, desde o centro-oeste até o noroeste.

Assim, diante da Ação Integralista Brasileira como temática, o objeto desta pesquisa abrange a atuação dos integralistas na região de

⁴ Instituição surgida como tentativa de o movimento integralista permanecer na sociedade civil como associação, pois a atividade partidária a partir de dezembro de 1937 estava proibida.

⁵ Informações a respeito do mapeamento do avanço integralista no Paraná, da organização do movimento para fundação de núcleos e sobre os números de tal avanço a serem apresentados no texto, encontrados em: ATHAIDES, 2012.

⁶ Província era o termo integralista para designar cada Estado brasileiro, no sentido de rejeitar os termos instituídos pela proclamação da República e seu sistema político, que teria, segundo o movimento, trazido prejuízos à nação.

Guarapuava-PR entre o ano da fundação do núcleo em 1935, os conflitos políticos locais em que se envolverão nos anos seguintes, até a prisão e investigação dos integrantes da AIB de Guarapuava, pela Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná (DOPS/PR) em 1938 – fato este ocorrido devido à tentativa de tomada de assalto da Delegacia de Polícia e da Prefeitura Municipal na cidade em março desse ano, ligada à ação nacional intitulada Intentona Verde. O recorte compreende o período de existência do movimento e partido integralista na região, com base na revisão da literatura existente sobre o assunto, a ser evidenciado nas fontes disponíveis.

1.1 A RELEVÂNCIA E A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO

Apresentar a relevância em escrever a história de homens e mulheres que viveram e lutaram pela nossa sociedade no passado se apresenta fundamental para pontuar o ofício do historiador e sua importância para a sociedade contemporânea. Para isso, torna-se necessário observar e analisar a paisagem de hoje, para, então, fazer uma ideia dos problemas latentes na nossa sociedade, entender as mudanças no processo histórico e as nossas inquietações relacionadas à emergência de movimentos como a Ação Integralista Brasileira.⁷

⁷ De acordo com as orientações de Bloch: No livro *Apologia da História ou ofício do historiador*, de Marc Bloch, a relação entre passado e presente é discutida, juntamente com os outros liames que envolvem a prática historiográfica. Sem intenção de ser um manual para estipular as regras da ciência histórica como queriam os metódicos no fim do século XIX, o livro de Bloch foi escrito na prisão em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, no mesmo ano do fuzilamento do autor. Publicado pela primeira vez por Lucien Febvre em 1949, o livro pertence ao programa da *Revista Annales* fundada na França em 1929 pelos dois historiadores citados e tem o intuito de pensar o ofício do historiador como a apreensão do que é vivo e a escrita do processo histórico como problema do presente, já que o tempo é algo do qual os historiadores não podem se distanciar. Diante disso, eis o que Bloch reflete sobre a relação entre o passado e o presente, na escrita da história: “Mas, para interpretar os raros documentos que nos permitem penetrar nessa brumosa gênese, para formular corretamente os problemas, para até fazer uma ideia deles, uma primeira condição teve que ser cumprida: observar, analisar a paisagem de hoje. Pois apenas ela dá as perspectivas de conjunto de que era indispensável partir. Não, decerto, que se trate – tendo imobilizado, de uma vez por todas, essa imagem – de impô-la, tal qual, a cada etapa do passado sucessivamente encontrado, do montante à jusante. Aqui como em todo lugar,

Nesse sentido, nos dias atuais, o descontentamento com a vida em sociedade está presente nas manifestações sobre a vida pública. Problemas e contradições irreconciliáveis se apresentam no seio do nosso mundo social e nas fraturas cotidianas entre as relações sociais, seja em termos econômicos, seja culturais, seja políticos. Em tempos de crise econômica mundial que vivemos, ocorre a emergência de polarizações, opiniões sobre a política, a economia, a cultura e os problemas da sociedade, de um modo geral, muito diferentes. As opiniões não encontram concordância, muitas vezes elas se repelem e se excluem, caindo nas polarizações cada vez mais recorrentes, à esquerda ou à direita.

Assim, no bojo desse sentimento de revolta, atualmente há a descrença nas instituições democráticas representativas e nos políticos como representantes dos interesses do povo e o elogio aos líderes que resolvem a situação, portanto enérgicos e carismáticos. Os valores culturais do liberalismo são postos em xeque, e há uma guinada conservadora em prol da manutenção de uma sociedade cristalizada em torno da ordem e hierarquia. Sem mobilidade social e sem direitos, apenas deveres, essa sociedade por vezes aparece nostálgica, com uma organização de âmbito conservador no setor familiar e cristão. E o olhar de repreensão e desaprovação dos movimentos sociais e das mobilizações dos trabalhadores reativa um dormente anticomunismo, efetivo, também, em relação às pautas de inclusão social ou de qualquer referência à socialização dos meios de produção. O termo fascismo e o conceito de golpe são de uso corrente. Parece que o otimismo na liberal-democracia, vigente desde a queda do muro de Berlin, está se diluindo.

Na paisagem atual, movimentos neointegralistas pipocam pela rede mundial de computadores. Com a morte de Salgado em 1975, diversos grupos tentaram e continuam tentando manter vivos os ideais do integralismo. Além de centros culturais ou militantes individuais, eles são encontrados organizados na Ação Integralista Brasileira de Anésio Lara; na Frente Integralista Brasileira (FIB), no Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) e na Ação Integralista Revolucionária (AIR).⁸ A internet tornou-se um campo fundamental de

essa é uma mudança que o historiador quer captar. Mas, o filme por ele considerado, apenas a última película está intacta. Para reconstituir os vestígios quebrados das outras, tem obrigação de, antes, desenrolar a bobina no sentido inverso das seqüências”. (BLOCH, 2001, p. 67).

⁸ Para maiores detalhamentos, ver os trabalhos de CARNEIRO (2000, 2007), BARBOSA (2007a) e CALDEIRA (2011).

divulgação e, apesar das dissidências entre eles para legitimar o “verdadeiro” movimento herdeiro de Plínio, as relações com militares de reserva representantes dos ideais do regime de 1964 ou com ativistas monárquicos são interessantes. Também se mostram pertinentes, na medida em que essas relações indicam algum grau de solidariedade, como na participação de neointegralistas nas manifestações em defesa do deputado Jair Bolsonaro e na simpatia com a associação ultrarreacionária Tradição, Família e Propriedade (TFP) da Igreja Católica. No passado, apresentaram apoio aos candidatos: do partido Aliança Renovadora Nacional (Arena) durante a ditadura militar; do Partido Democrático Social (PDS) depois nas eleições de 1989, em que apoiam Ronaldo Caiado e Fernando Collor; nas seguintes, apoiam Enéas do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA); e em 2010, como “mal menor”, José Serra.⁹

Os neointegralistas, segundo Bertonha (2014, p. 181-184), negam qualquer inspiração no fascismo italiano ou no nazismo alemão, qualquer influência ou simpatia com o universo fascista do entreguerras. A construção das suas memórias desvincula o movimento do apoio ao golpe de estado de Getúlio Vargas e enfatiza, na Intentona Verde, uma tentativa de tirar o país da ditadura e levá-lo à democracia. Plínio é construído como um líder de qualidades intelectuais, de literato e de cristão bom, perseguido e suprimido juntamente com seu movimento pelos expoentes do regime de Vargas e dos comunistas.

Após a Segunda Guerra Mundial, o integralismo reformado na voz do Partido de Representação Popular (PRP) tentou se dissociar do mundo fascista. Os contatos estabelecidos com membros do fascismo italiano e do nazismo no Brasil, tal como os textos simpáticos a Mussolini e Hitler, são esquecidos. Livros da década de 1930 do integralismo foram cuidadosamente editados para substituir essas simpatias nos anos de 1950. A constatação do envio de dinheiro da Roma fascista para os fundos da AIB foi negada veementemente, no I Encontro de Pesquisadores do Integralismo em 2002, por ex-militantes do PRP e por ainda ativos no neointegralismo, sugerindo, dessa forma, que os documentos não existiam e que o pesquisador João Fábio Bertonha, mesmo mostrando suas anotações com a localização dos

⁹ Apresentação sobre os neointegralistas, seus contatos e apoio encontrada em: BERTONHA, 2014, p.181-184.

documentos nos arquivos em Roma, havia inventado tal calúnia para rebaixar o integralismo.¹⁰

Perpassar pela memória construída pelos militantes do integralismo, pela percepção da constituição de grupos neointegralistas, em uma paisagem atual de instabilidade econômica e em um cenário em que o liberalismo, por hora, possa se apresentar em crise, torna-se necessário para reconstituir os vestígios quebrados e rebobinar a fita, conforme Bloch (2001, p. 67) orienta. Por conseguinte, indagar sobre a emergência da Ação Integralista Brasileira no contexto do entreguerras. Nesse sentido, é preciso não se dissociar do tempo e do contexto para considerar o integralismo como um fenômeno fascista vigente para a “solução” dos problemas sociais do entreguerras. Uma opção contrarrevolucionária de organização política, econômica, social e cultural para uma sociedade em crise, diante do colapso do liberalismo clássico e da opção da revolução comunista, que fazia tentativas para socializar os meios de produção.

Com isto em mente, estudar o integralismo significa analisar um momento da história do Brasil que reflete os destinos políticos do país e da sociedade em geral em crise, assim como as propostas ali surgidas e os seus desdobramentos. Assim, contribui para o estudo das teorias sobre o fascismo e para explicar como esse fenômeno nacionalista de direita ganha matizes diferentes em outros contextos, em especial no oeste paranaense.

A relevância e a justificativa deste trabalho se colocam no intuito de contribuir primeiramente para a historiografia do integralismo no Brasil.¹¹ Para isso, é mister retomar de forma crítica a bibliografia sobre o tema, desde os primeiros estudos e o intenso debate travado no interior das ciências sociais na década de 1970 a respeito das origens ideológicas do movimento, do seu caráter fascista e do elemento nacionalista, até os estudos sobre o integralismo com enfoque regional na década de 1980, que puderam pensar os desdobramentos das práticas integralistas em diferentes espaços. Do mesmo modo, conhecer os trabalhos desenvolvidos na década de 1990 pelos historiadores, abordando temáticas específicas dentro do tema integralismo. E, por fim, retomar a discussão recente no século XXI do GEINT (Grupo de Pesquisadores do Integralismo), que veio a consolidar um Grupo de Trabalho denominado História dos partidos e movimentos de direita.

¹⁰ Informações sobre a construção da memória integralista em: BERTONHA, 2008, p. 303-313.

¹¹ O primeiro capítulo será dedicado à discussão desta bibliografia.

Vale dizer que a contribuição deste trabalho para a historiografia do integralismo e os estudos sobre o tema está em fazer uma análise do movimento, de suas condições de emergência no contexto brasileiro e no entreguerras. Mais especificadamente, um estudo do embate com outros grupos políticos na análise da realidade social e suas contradições, no espaço de uma história regional do oeste paranaense, levando em consideração os estudos sobre as origens ideológicas do movimento, os trabalhos de história regional sobre a AIB e também, levando em conta os estudos que focam uma temática específica dentro do integralismo. E, por último, considerando o entendimento da Ação Integralista dentro dos estudos sobre a direita delineados pelo grupo GEINT, no entanto uma direita específica, aquela caracterizada pelo fenômeno fascista.

Contribui também nas reflexões a respeito da história do Paraná, especificadamente sobre seu “avanço pelo interior do país”, a partir das sugestões de Athaides (2012). E, nesse sentido, tem intenção de trazer reflexões para a escrita da história da região de Guarapuava, no que diz respeito à constituição dos grupos políticos e aos conflitos gerados em prol do poder local, na região considerada, na época, “porta de entrada” para o oeste, tendo por base as análises e o levantamento de hipóteses da literatura local,¹² especificadamente a hipótese de Silva (2007) – os integralistas constituíram um novo grupo político formado por camadas médias urbanas, em confronto com o poder local em torno das oligarquias, numa sociedade predominantemente católica e rural – e a hipótese de Vieira (2008, p. 233) – os processos criminais em que os

¹² Os desdobramentos no núcleo instalado na cidade de Guarapuava chamaram a atenção e foram estudados por uma literatura local. O jornal Folha do Oeste referente ao ano de 1937 foi o primeiro a ser estudado, pois como único periódico de circulação nesse ano na cidade, continha a página três dedicada, exclusivamente, às notícias da AIB: os dois primeiros são monografias de especialização e o último um artigo publicado em revista: BRINHONI, 2004; REMÉDIOS, 1999; LEITE, 2008. Depois, um trabalho sobre a trajetória de Antonio Lustosa de Oliveira, um dos líderes integralistas na cidade, dedica um item de sua pesquisa para falar da atuação de seu personagem na AIB em Guarapuava: SILVA, 2007, p. 171-188. Este capítulo é desdobramento de sua tese: SILVA, 2008. Posteriormente, a autora publica o livro fruto da tese: SILVA, 2010. Em seguida, há o interesse pelo “período final da existência da organização do integralismo” na cidade: VIEIRA, 2008, p. 217-235. Capítulo de livro resultado de sua pesquisa de mestrado.

integralistas se envolveram, tal como o fichamento desses sujeitos no DOPS/PR se devem ao “desafeto do grupo oligárquico local, ou seja, já havia de certa forma uma perseguição aos camisas-verdes em um clima que já estava tenso mesmo antes do Estado Novo.” Compreendo essas hipóteses na ótica dos conflitos políticos locais, regionais e nacionais.

Assim, tais hipóteses atuam como fios condutores no objetivo de entender a experiência política dos integralistas na região de Guarapuava/PR, desde a fundação do núcleo na cidade até o desmantelamento do movimento e partido no Brasil. Dessa forma, os objetivos específicos englobam o entendimento do fenômeno político fascista e nacionalista da Ação Integralista no Brasil, a análise da fundação do núcleo na cidade de Guarapuava, a partir do que chamo de política de avanço integralista para o oeste paranaense e das condições econômicas, sociais e culturais em que os sujeitos da região estão inseridos, para organizarem, propagandear e se filiarem na proposta de sociedade do Estado Integral. E também de forma a compreender os conflitos políticos regionais com as antigas, e na época vigentes, oligarquias, lideranças locais que permanecem na luta pelo poder, e com as quais os integralistas estão envolvidos. Por último, elucidar o período imediato em que o integralismo passa a ser enquadrado na ilegalidade e a lei se torna um campo de disputas políticas para as lideranças locais.

1.2 ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Compreende desde as discussões teóricas sobre o integralismo em bibliografia específica até o diálogo com as teorias sobre o fascismo e a constituição da região oeste paranaense, incorporadas ao longo dos capítulos. Tais discussões vão aos poucos dando os matizes do objeto de pesquisa. Já sobre o conceito de política, é primordial sua delimitação para o entendimento dos objetivos e hipóteses deste estudo.

Neste âmbito, atualmente, é usual que os historiadores recorram à perspectiva da Nova História Política.¹³ Contudo, esta abordagem teórica não será utilizada neste trabalho porque o foco da Nova História

¹³ A história política renovada foi sistematizada por 11 historiadores da *Foudation National des Scienses Politiques* e da *Universidade de Paris X-Nanterre* em 1988, no livro chamado *Por uma História Política*, considerado um inventário que mapeia os desafios do retorno da história política, antes renegada em favor da história do econômico-social da primeira geração da *Revista Annales* e seu programa crítico à história política factual, de indivíduos e fatos nacionais dos metódicos.

Política não é refletir sobre a noção de conflito social e, conseqüentemente, a noção de conflito político, amplamente utilizados para o entendimento deste objeto de pesquisa.¹⁴ De forma que, com a ciência política institucional como disciplina auxiliar e os teóricos da burocratização dos partidos como um dos seus eixos fundamentais, os historiadores da Nova História Política em uma perspectiva da História Cultural pontuam os partidos em termos organizacionais, a pensar na constituição das classes dirigentes e na representação dos seus discursos na longa duração.

Já para pensar a atuação dos integralistas da região de Guarapuava em contato com as demais forças políticas, é preciso ir além dos termos organizacionais, da representação dos discursos e das classes dirigentes do movimento e partido AIB. É necessário problematizá-lo com base na noção de conflito social e, particularmente, na ideia de conflito político. Para tanto, recorro à Gramsci, pensador e militante marxista preso pelo regime de Mussolini em 1926, que redige na cela entre 1929 e 1935 os seus *Cadernos do Cárcere*. Nesta obra, ele faz

¹⁴ Em um dos capítulos do livro/manifesto deste grupo, *Por uma História Política*, há a definição de partidos políticos por Berstein (2003, p. 57-98), dentro da percepção da História Cultural, como ação do homem em torno do poder entre a longa duração e o acontecimento singular. Assim, os partidos são instituições locais onde se efetiva a mediação política, em termos de representação, e a tarefa do historiador das forças políticas é perceber a distância entre o que se coloca na realidade e o que se diz no discurso. Com isso, os critérios que definem os partidos são colocados de acordo com preceitos de cientistas políticos norte-americanos: a duração no tempo, a extensão no espaço, a aspiração ao exercício do poder e a vontade de buscar o apoio da população. Para esta abordagem, a explicação para o processo de nascimento dos partidos políticos na sociedade moderna é definida em termos da teoria institucional da ciência política. O primeiro autor a que Berstein recorre é Maurice Duverger, precursor desta teoria e ligado às teorias elitistas. De prática vertical, as teorias elitistas são objeto de estudos dos sociólogos Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca no fim do século XIX e início do XX. Para eles, o governo numa democracia é do povo e para o povo, mas formado exclusivamente por uma elite. Ao pensar a democracia dentro dos partidos, recorre novamente à teoria elitista, mais precisamente aos apontamentos de Michels sobre Lei de Ferro da Oligarquia. A necessidade de organização leva à oligarquia, por meio de uma liderança especializada, gerando minoria de dirigentes e maioria de dirigidos. Esse mapeamento da tradição da teoria política institucional e elitista foi pontuado na obra de Baquero (2000). Entretanto, Berstein, considera a opinião pública como fundamental em última análise. Por mais que as oligarquias tendam a retardar a opinião da base, não conseguem anulá-la.

críticas à forma de conceber a política da teoria elitista, predominante na Itália no início do século XX e que no fim deste mesmo século foi utilizada pelos historiadores da Nova História Política. Gramsci aponta para um centralismo democrático, presente na organização da ação partidária dentro da luta de classes, em contraposição à aristocracia operária.¹⁵ O movimento democrático é seu ponto e a constituição das classes sociais, tal como de suas contradições e suas constantes lutas internas também presentes na política, é sua teoria para a análise dos partidos. Ao que ele diz:

Logo a história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social. Mas este grupo não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos. Só o quadro complexo de todo o conjunto social e estatal (e frequentemente com interferências internacionais) resultará a história de um determinado partido. Assim, pode-se dizer que escrever a história de um partido significa exatamente escrever a história geral de um país. (GRAMSCI, 1978, p. 24).

Com isso, é preciso pensar nas críticas de Gramsci e no seu conceito de partido, do qual esse trabalho se aproxima. E, então, ir além dos termos organizacionais de um partido formado por uma elite e do poder formado pela substituição de classes dirigentes ou do conceito de cultura política, em termos de um conjunto coerente que orienta a ação dos indivíduos, como pressupõe a Nova História Política da historiografia francesa.¹⁶

Em se tratando do integralismo, um movimento de massas e um partido com uma proposta de formação de um Estado Integral, com o lema “Deus, pátria e família” sob a execução de um líder forte, são necessárias indagações sobre a conjuntura de emergência e as ações

¹⁵ Reflexões sobre o centralismo democrático na organização partidária em Gramsci encontradas em: FERNANDES, 2007, p. 197-200.

¹⁶ Cultura política é um conceito situado no intercâmbio com os antropólogos, realizado dentro da história cultural e oferecendo uma resposta sobre os comportamentos políticos, e se define no livro *Por uma História Cultural*, organizado pelo mesmo grupo de historiadores da nova história política, como “uma espécie de códigos e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou uma tradição política.” (BERSTEIN, 1998, p. 349-363)

destes integralistas nos conflitos sociais, nas suas contradições e lutas internas e/ou externas. Ao problematizar os embates entre integralistas e lideranças locais, mais especificadamente na realidade de Guarapuava/PR, é possível pensar nos conflitos sociais latentes e como isso se apresenta na política em termos de conflitos políticos.

Portanto, para lidar com as tipologias documentais utilizadas no trabalho, a metodologia para selecionar, organizar e analisar essas fontes é orientada pela perspectiva e pelo viés teórico da disciplina histórica, concentrada nas contribuições da História Social. Especificadamente aquela construída com o surgimento de novas abordagens, objetos e procedimentos da História Nova, bem como da ampliação das fontes em uma revolução documental. Percepção essa enunciada pela terceira geração da *Annales* na coletânea de ensaios redigidos por vários historiadores e organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora em 1974, chamada *Fazer História*, e num dicionário publicado em 1978, chamado *A História Nova*, organizado por Le Goff, Jacques Revel e Roger Chartier. Le Goff, no artigo desta última obra, reconhece o desenvolvimento de práticas historiográficas fora da França:

Hoje, a revista britânica “Past and Present” (desde 1952) representa a história nova ao mesmo título que os “Annales E.S.C.” E as anglo-americanas “Comparative Studies in Sociology and History” (desde 1957) contribuíram para essa renovação da história social em sentido amplo. Juntamente com a Inglaterra, a Itália parece abrir-se de modo particular à história nova, o que é atestado pela atividade de vários de seus editores. Citarei ao acaso (e há vários outros) a posição de primeiro plano que ocupam a etno-história a americana Natalie Zemon Davis e o italiano Carlo Ginzburg; a brilhante escola histórica polonesa produziu, por exemplo, um dos melhores e mais inovadores historiadores marginais, Bronislaw Geremek; e Witold Kula renovou os modelos marxistas na história econômica, quanto, e talvez principalmente, com um novo modelo de feudalismo, que suscitou no Ocidente um vivo interesse, e com um livro pioneiro, “Das medidas e dos homens”, onde mostra como a história das lutas sociais muitas vezes travou-se em torno de instrumentos da vida cotidiana. (LE GOFF, 1988, p. 44).

Assim, as fontes serão consideradas, de acordo com os pressupostos dessas perspectivas desenvolvidas especificadamente na Inglaterra e na Itália, sob a voz da Micro História italiana¹⁷ e a Nova Esquerda inglesa,¹⁸ que contribuíram para renovar a História Social. As fontes serão encaradas como fios, vestígios, indícios, sinais e rastros do passado, no diálogo entre a problemática, o conceito, a evidência e a bibliografia de apoio, a fim de traçar possibilidades sobre o processo histórico, as relações sociais e as motivações dos sujeitos, para pensar as conjecturas das práticas e das experiências políticas dos integralistas na região de Guarapuava/PR, entre 1935 e 1938. O historiador da nova esquerda inglesa, Thompson, no livro *A Miséria da Teoria*, com intenção de reafirmar o humanismo socialista e pontuar críticas ao estruturalismo marxista, publicado em 1978, afirma:

Por “lógica histórica” entendo um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmados (“instâncias”, “ilustrações”). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é a hipótese (por exemplo, quanto à maneira pela qual os diferentes fenômenos agiram uns sobre os outros);

¹⁷ Nos anos de 1970 na Itália um grupo de historiadores como Edoardo Grendi, Carlo Poni, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg compartilham um projeto comum na revista *Quaderni Storici* que tomou o nome de *microstoria*, o qual propõe a redução na escala de análise para a percepção das discrepâncias nos contextos estudados e do papel dos indivíduos como agentes históricos, com a utilização de um método indiciário de análise das fontes. Conforme o livro de: LIMA, 2006, p. 16.

¹⁸ Na Inglaterra, estudantes de Oxford no início dos anos 1960 deram origem à *Revista New Left Review*, conhecida no Brasil como nova esquerda inglesa, com o objetivo de debater o desenvolvimento do socialismo na Grã-Bretanha e a conscientização política do movimento operário inglês. O grupo era formado pela maioria de jovens intelectuais, como Raymond Williams, Doris Lessing, Ralph Millianband, Raphael Samuel, Peter Worsley, Stuart Hall, Dorothy e Edward Thompson. De acordo com: MÜLLER, R. G; MUNHOZ, Sidnei, 2010, p. 31-52, p. 35.

o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas. (THOMPSON, 1981, p. 49).

Esse método de investigação e interrogação das fontes define uma perspectiva de escrita de história de reconstrução das possibilidades do passado histórico, conforme as perguntas do presente e a formulação da problemática, para a análise das relações sociais nas suas contradições, nos seus conflitos e nos seus embates, evidenciados e criticados nas fontes documentais. Desse modo, então, apresentar e “prosear” com o leitor sobre as evidências do processo histórico.

Com isso, há a análise das tipologias de fontes neste trabalho, desde variados jornais da época, até os documentos do arquivo judiciário, como processos crimes e dossiês do DOPS/PR. Uma constatação válida a se indagar a respeito dos conflitos políticos, tal como a participação do integralismo neles, é o fato de que entre 1935 e 1936 pipocam processos crimes nos catálogos do fundo do poder judiciário do Arquivo Histórico e Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/PR), envolvendo os sujeitos ligados ao integralismo e lideranças locais.

São processos denunciando agressões verbais em meios públicos, brigas em bailes e outras confusões. Talvez esses vestígios tenham muito a evidenciar sobre a sociedade da época e da região: como a disputa pelo poder político estava entrelaçada com as outras experiências da vida social e como as discordâncias do campo da vida política eram interligadas diretamente ou indiretamente com as demais facetas da sociedade. O que leva a pensar numa história social do político.

Por sua vez, o fundamental da problemática da História Social é a preocupação com os excluídos e o protagonismo desses sujeitos, em uma história vista de baixo. Esta perspectiva trabalha com a noção de conflito social: uma relação conflituosa entre camadas subalternas e outros níveis hierárquicos. No caso das abordagens da Micro-História italiana, segundo Lima (2004, p. 65-69), o foco é voltado para o Antigo Regime e outras sociedades não regidas pela lógica do mercado. E, no caso da abordagem da História Social inglesa, trabalha-se com as bases materiais de constituição do sujeito e seus conflitos de classe no processo histórico, de acordo com a dialética do materialismo histórico.

Contudo, para a análise dos conflitos entre os grupos políticos em Guarapuava na década de 1930, suscitado nos processos criminais, é

preciso considerar que não se trata dos conflitos entre massas anônimas e “grandes” indivíduos. Trata-se dos conflitos entre os grupos sociais em torno das disputas pelo poder político no seio da sociedade e que tem, no poder político, interesses para consolidar um projeto de vida em sociedade.

Assim, também na seara dessas relações conflituosas, torna-se necessário problematizar a lei, da forma como proposta por Thompson (1987) em *Senhores e Caçadores*, como campo de lutas sociais, e investigar de que maneiras a lei pode atuar como um campo de lutas políticas, no caso da deflagração do processo crime de assassinato do líder e fundador do integralismo na cidade de Guarapuava, em um contexto de ilegalidade e investigação das atividades integralistas pelo Estado Novo. Tal como na deflagração de outro processo crime: a prisão dos integralistas na mesma cidade, durante um ambiente de esvaziamento das práticas partidárias da AIB, nos preâmbulos do golpe de estado em novembro de 1937.

Ainda, como as reviravoltas na configuração da política brasileira em 1937 e 1938 atuaram sobre os desdobramentos nas vidas dos sujeitos, envolvidos com a política na região de Guarapuava e seus conflitos em torno do poder, pois sabemos que os integralistas realizaram uma tomada de poder na cidade, organizada nacionalmente pela Ação Integralista e, posteriormente, foram presos e investigados, considerados subversivos para a nação. Então, diante dessa conjuntura, pode ter ocorrido um possível reforço do poder na cidade, pelas oligarquias.

1.3 AS FONTES

Em face disso, perpassei por quatro jornais do sistema *Sigma jornaes reunidos*, que chegou a englobar 138 jornais oficiais do movimento integralista, dois de circulação nacional, 30 de circulação regional e 106 de circulação local ou nuclear, em que o Sul, Sudeste e Bahia tinham a maior quantidade de publicações. Oliveira (2011) caracteriza essa imprensa como uma imprensa militante, com

[...] um duplo papel, teorizar a ideologia e, a partir daí, doutrinar a população. Como aponta o próprio Salgado: ‘É a imprensa que compete teorizar e doutrinar. Para orientar e conduzir. Para arrancar o país da confusão e elevá-lo às claras definições

e às atitudes nítidas e fortes’. (Oliveira, 2011, p. 24).

Um desses jornais é *A Offensiva*, encontrado no Arquivo Público Municipal de Rio Claro/SP (cópia em fotografia digital). De circulação nacional, editado no Rio de Janeiro, era a “o principal portal de transmissão da doutrina integralista”, segundo Oliveira (2011). Tem caráter de órgão oficial do movimento, pelo qual o Chefe nacional falava aos militantes. Além disso, as lideranças de todos os níveis tinham obrigação de assiná-lo e efetivar pelo menos uma assinatura nos núcleos municipais e sedes provinciais, assim era recomendado que todos os adeptos fizessem uma assinatura ou o adquirissem nas bancas.

Com isso, na seção *O Integralismo nas Províncias*, o movimento divulgava as ações e a política de avanço para os interiores do país, desde maio de 1934 até julho de 1937.¹⁹ É esta seção que interessa ao trabalho, nas edições de nº 1 a 85 datadas de 1934 e 1935, a fim de analisar as notícias sobre a política de avanço integralista para o oeste paranaense na região de Guarapuava.

O mesmo objetivo abrange a análise do jornal *A Razão*, encontrado no Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (fotografia digital). Com circulação estadual de maio a novembro de 1935 (nº 1 a 27), a publicação de suas edições ficava a cargo da Sede Provincial do integralismo no Estado em Curitiba, também trazia uma seção intitulada *Integralismo nas Províncias*, analisada na pesquisa.

O terceiro jornal analisado é o *Brasilidade*, de circulação local, editado e publicado pelo núcleo integralista da cidade. Apenas duas edições foram encontradas no Acervo Profª Julita Pereira, sob guarda do Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e CEDOC, (fotografia digital): nº1 de 4 de julho de 1935, com quatro páginas e nº 8 de 30 de agosto de 1935 com três páginas, em formato A4. Neste jornal, foi importante atentar para a hipótese de Silva (2007) sobre a constituição de um novo grupo político com a fundação do núcleo integralista em 1935 e sua participação das eleições para prefeito nesse ano.

Já o quarto jornal é o *Folha do Oeste*, de circulação local. Foram analisadas as edições nº 1 ao nº 52, que datam de fevereiro de 1937 a março de 1938, encontradas no Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e CEDOC (material digitalizado). Com a página 3 sob

¹⁹ Mapeamento das seções existentes no jornal *A Offensiva* em: SIMÕES, 2011, p. 47-82.

responsabilidade da Ação Integralista em Guarapuava, o periódico traz informações sobre o núcleo local, sobre a conjuntura política estadual e nacional, e atua como instrumento de propaganda da doutrina do Sigma.

Além desses quatro jornais do sistema *Sigma jornaes reunidos* da Ação Integralista, outros jornais de circulação local e que abrangem o período a ser pesquisado foram analisados. O primeiro deles é *O Independente*, jornal oficial do Partido Municipal Independente (PMI). As edições foram encontradas na Casa Benjamim C. Teixeira em Guarapuava: nº 1 de 1º de setembro de 1935 e o nº 2 de 8 de setembro de 1935 e nº 3 de 11 de setembro de 1935, todos com quatro páginas (fotografia digital). Com formato A4, caráter panfletário e militante, como é o caso dos jornais integralistas, *O Independente* traz uma pauta política diferente da pauta da AIB, durante a disputa pelo poder na cidade na eleição de 1935, da qual a AIB participou.

Já os jornais locais, encontrados também na Casa Benjamim C. Teixeira: *O liberal*, editado em dois momentos e definido como *Orgam da consciência Livre de Guarapuava* (edições nº 8 e 10 de fevereiro de 1930) e *Orgam editado pelo governo revolucionário de Guarapuava* (edições nº 1 a 10 de outubro a dezembro de 1930) e *O Combate* (edições nº 1 a 33 de janeiro a agosto de 1931) são de um período anterior ao delimitado na pesquisa. No entanto, ajudam para o mapeamento dos conflitos políticos anteriores e que culminaram, de alguma forma, nos conflitos em que os integralistas se envolveram.

O último jornal local é o semanário *A cidade*, com circulação de 1933-1936, do nº 5 ao nº 156, encontrado no Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e CEDOC (material digitalizado). Ele contribui para detectar os rastros dos integralistas em Guarapuava de 1934-1936, dentro do lugar social do referido periódico, tendo em vista a imprensa em um local de busca do progresso, com a mobilidade e difusão das informações de uma forma atraente, de acordo com as condições técnicas de produção disponíveis.

Além desses aspectos que situam o jornal, foi pertinente identificar a posição do grupo responsável pela publicação em relação à política local e ao público a que se destinava, no intuito de entender as motivações que o levam a dar publicidade a tais fatos e, por fim, como se constituiu a sociedade com suas práticas políticas – que possibilitaram, no caso aqui estudado, a formação do núcleo da AIB em Guarapuava –

mediante a percepção de projetos políticos e seus desdobramentos, que agregam as pessoas e se difundem pela escrita jornalística.²⁰

Já os processos criminais analisados são dois: um referente à prisão de integralistas em Guarapuava no dia 17 de outubro de 1937, quando uma comitiva de integrantes da AIB uniformizados se aglomerava para ir até um distrito em uma reunião doutrinária foi abordada pelo delegado local em razão do uso do uniforme. O outro processo se refere ao assassinato do fundador da AIB, chefe do núcleo municipal na região e gerente do jornal *Folha do Oeste* no dia 30 de janeiro de 1938. O fato foi noticiado amplamente na edição do mesmo jornal no dia 13 de fevereiro de 1938. Ambos estão disponíveis para pesquisa e fotografia no Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e CEDOC, estando os autos do primeiro processo na caixa 112, nº 937.2.22.95, e os do segundo na caixa 120, nº 939.2.2440.

Os processos criminais são investigações com o objetivo de julgar alguém em relação a um crime considerado desta forma pelo Estado, no qual se interrogam a vítima se possível, o réu, as testemunhas, e participam, os agentes da lei e da ordem, como juízes e advogados.²¹ São fontes oficiais, produzidas pelos órgãos judiciários, nas “relações políticas, legais, sociais e administrativas entre o Estado e os cidadãos”,²² e que se originam de uma denúncia ou queixa de um crime. Com isso, possuem uma “fórmula diplomática” no ato escrito.

Nesse sentido, os processos criminais pertencem ao fundo dos arquivos judiciários, e depois de cumpridas suas funções jurídicas e administrativas, eles são encontrados em arquivos para sua guarda, tendo em vista a preservação, conservação, sistematização e a disponibilização para a pesquisa. Outras fontes analisadas do arquivo judiciário são sete pastas individuais de integralistas fichados e investigados no DOPS/PR, devido à tentativa de tomada do poder em Guarapuava em março de 1938, conhecida como Intentona Verde. Disponíveis à pesquisa no Arquivo Público do Paraná em Curitiba, são pastas referentes a: Antonio Lustosa de Oliveira, Amálio Rezende Oliveira, Domingos Ribas, Manoel do Monte Furtado, Manoel Ribeiro do Amaral, Odilon Caldas e Sebastião Loures Bastos. E uma pasta intitulada *Integralismo – fotos*, contendo fotos dos integralistas do

²⁰ Reflexões acerca da história dos periódicos e por meio deles no artigo: LUCA, 2006, p. 111-151.

²¹ De acordo com apontamentos de: GRINBERG, 2009.

²² Tipologia dos documentos dos arquivos do judiciário em: BELLOTO, 2007, p. 24.

Paraná, inclusive, fotos dos camisas-verdes da região de Guarapuava. Entender a postura conflituosa desses sujeitos requer vê-los nas suas contradições, nos desdobramentos e nas reviravoltas políticas entre os anos de 1935 e 1938.

1.4 OS CAPÍTULOS

Na segunda seção deste trabalho, a intenção é explicar e traçar definições sobre o movimento e partido Ação Integralista Brasileira, a partir do fato social de fundação do núcleo integralista na região de Guarapuava em 1935. E, ao distanciar o olhar da região oeste paranaense com as questões preliminares, discutir o integralismo como um fenômeno político fascista do entreguerras e dotado de um nacionalismo específico no contexto brasileiro.

Na terceira seção, o foco volta-se ao local, e a cidade de Guarapuava é percebida na região oeste ao compor os limites de porta de entrada para os interiores paranaenses. Foi chamada pelos integralistas de “sentinela”, na sua política de avanço para o oeste. Por isso, é fundamental entender como foi possível, e em que condições, a instalação do núcleo na cidade e na região, e saber de que movimento se trata e quais objetivos e interesses ele veio a representar, capaz de articular e mobilizar os sujeitos. Há, também, o objetivo de pensar os conflitos políticos gerados entre os integralistas e as lideranças locais, com base nos rastros da eleição conturbada de 1935 e no envolvimento da AIB no jogo político local, tal como na definição de como iria se constituir o poder da cidade.

Na quarta seção, o olhar se volta para os vestígios dos desdobramentos dos três anos seguintes, em que os núcleos do integralismo foram proibidos no Paraná em 1936 e reabertos no fim desse mesmo ano, com as atividades desenvolvidas a todo gás, pelo que parece, em busca de adeptos e eleitores para as eleições à presidência que se deflagrariam em 1938. Há a preocupação em entender a ilegalidade do integralismo e o crime de assassinato de seu fundador na região, tendo como pano de fundo as reviravoltas políticas no país, entre o golpe de Estado Novo em novembro de 1937, apoiado pelos integralistas, e a tentativa de tomada de poder da AIB em março de 1938, meses depois de o partido ter se tornado ilegal, e, ainda, tendo em mente os conflitos políticos latentes e o possível choque de interesses e de propostas políticas, entre integralistas e oligarquias locais, em que a lei se torna um campo de disputas.

2 PREÂMBULOS SOBRE A AÇÃO INTEGRALISTA: FASCISMO E NACIONALISMO NO BRASIL DO ENTREGUERRAS

Recorte de jornal 1 - Guarapuava/PR como "porta
de entrada" para o oeste



Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 2, p.5, 10 maio 1935.

No dia 14 de julho de 1935 foi noticiado no jornal *A Cidade* (1933-1936) de Guarapuava a fundação do núcleo da Ação Integralista Brasileira. Sem anunciar a data da fundação, o jornal *A Cidade* apenas informa que o fato teria ocorrido há alguns meses, juntamente com o aparecimento de outro jornal, intitulado *Brasilidade*. Este periódico era o veículo de informação oficial do núcleo da AIB na cidade, editado por nomes ditos “conhecidos da imprensa indígena”: Moscalesque e Lustosa. Com material de propaganda e “serviço de informações”, o jornal, então, é destacado como um “grito de Brasilidade despertando o Oeste paranaense do seu sono criminoso de letargia e de indiferentismo” (*A CIDADE*, 14 jul. 1935, p. 2).

Ao seguir os rastros que tornaram possível a organização e inserção no cenário político local do núcleo integralista, bem como a

atuação destes sujeitos na política regional, há a referência de um papel bem peculiar a ser desenvolvido na região pelo movimento: despertar o oeste paranaense para a nacionalidade. Diante disso, é válido perguntar: despertar de que sono e para qual nacionalidade?

É com a tese de Rafael Athaides (2012), o seu mapeamento em torno do avanço da Ação Integralista no Paraná, a coordenação e a instalação de núcleos pelo Estado, que essas questões começam a ser pensadas. Justamente nesse trabalho, encontramos referência à “sentinella avançada do Oeste Paranaense” divulgada no jornal estadual *A Razão*. Isso foi veiculado no dia 10 de maio de 1935, na página cinco dedicada a divulgar as ações dos núcleos pelo Estado, em uma seção chamada “Integralismo nas Províncias”, conforme o recorte de jornal acima.

A cidade de Guarapuava e sua região fariam parte, segundo este jornal, do avanço integralista para o oeste paranaense e teriam a função de fazer a vigia/proteção sobre este avanço, despertando para uma grande marcha. O município na época compreendia desde a região centro-oeste do Estado, onde está localizada atualmente, até a região noroeste do Estado, sendo, na época, o maior município paranaense em aspecto territorial.

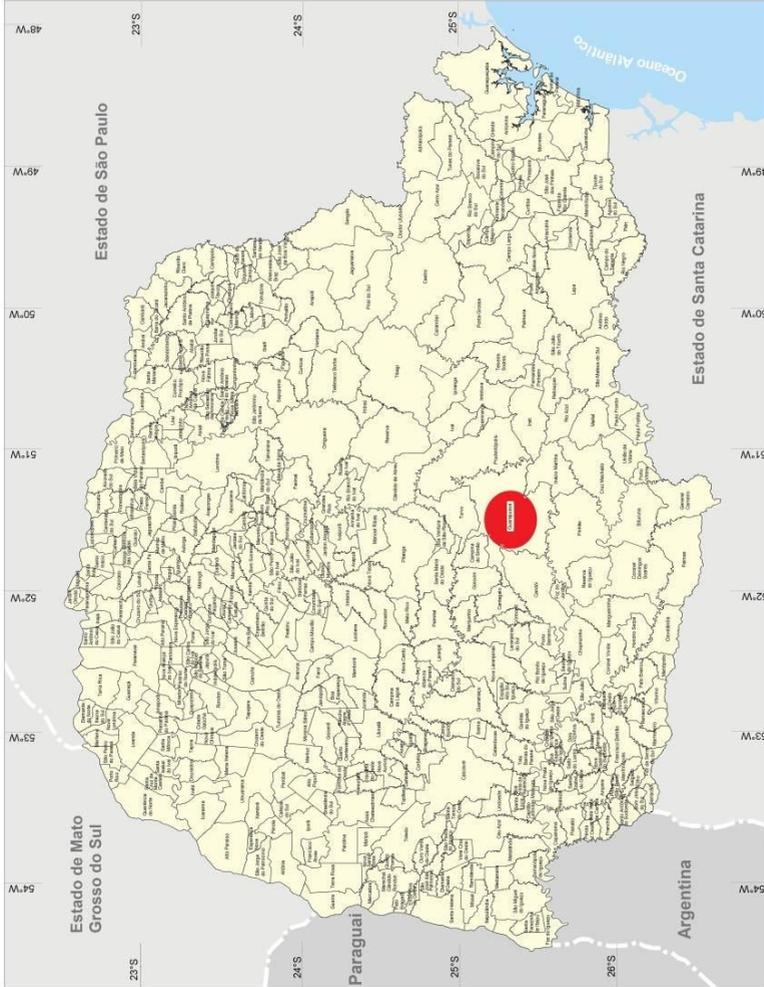
Mapa 2 - Divisão Política do Paraná em 2010

ESTADO DO PARANÁ

DIVISÃO POLÍTICA
2010



FONTE: ITCG
BASE CARTOGRÁFICA: ITCG (2010)



Fonte: ITCG, 2010.

Obs: Marcação do município de Guarapuava em vermelho feita pela autora.

A região oeste do Paraná deveria acordar para a marcha do integralismo e para sua proposta de construção de uma nação e, assim, despertar do indiferentismo. As bases para tal intento haviam sido lançadas com a instalação do núcleo na região de Guarapuava, com as atividades desenvolvidas e com o surgimento de elementos para a coordenação de outros movimentos locais. Tal política de marcha para o oeste paranaense se desdobrou mais tarde, durante o governo de Getúlio Vargas, nas suas políticas de nacionalização, o que desencadeou um processo de divisão e emancipação em municípios menores. Nos dois mapas acima, é possível verificar essa diferença no processo de delimitação territorial, decorrente destas políticas de nacionalização do espaço.

Dessa forma, o território de Guarapuava havia sido levantado enquanto destacamento em 1818, com o nome de Nossa Senhora do Belém, e desde o século XVIII, recebia visitas de expedições a fim de defender os interesses de Portugal perante a Espanha.²³ Em 1818, o destacamento foi elevado à condição de Freguesia, em 1852 ganhou foro de vila, em 1859 foi elevado à categoria de Comarca e, em 1871, a Comarca de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava foi considerada cidade, como um polo irradiador do oeste. Sendo assim, chegou a compreender no século XIX, 53.741km², que abrangia desde a divisa com São Paulo ao norte, com o Paraguai e a Argentina a oeste e com o Rio Grande do Sul ao sul, incorporando Santa Catarina, principalmente com a prática comercial do tropeirismo, que levava gados do Sul até a feira de Sorocaba em São Paulo. Diante disso, constituiu-se como o município mais antigo do oeste paranaense.

Conhecido como Campos de Guarapuava, “campos onde se vão caçar os guarás”, este território foi se fracionando no século XX, diante das políticas de ocupação desenvolvidas durante a República. Primeiro com a criação do município de Palmas em 1897, depois em 1906 a instalação do município de Prudentópolis e em 1914, Foz do Iguaçu. Desse modo, em 1924, o Estado do Paraná possuía 53 municípios instalados e, posteriormente, em 1950, 80 municípios instalados, e já em 1970, 288 municípios. Hoje, o estado possui 399 municípios instalados, e Guarapuava, segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2016, p. 2-15), abrange 3.177,598 km², com seis distritos administrativos: Guarapuava, Atalaia, Entre Rios, Guairacá,

²³ Informações sobre a composição do território de Guarapuava e seu posterior fracionamento encontrado em: FERNANDES, 2009, p. 52-70.

Guará e Palmeirinha. Apesar do fracionamento, é uma das áreas mais extensas do Paraná, com 178.126 habitantes estimados, sendo 152.993 a população urbana e 14.335 a população rural estimada.

Em 1937, Guarapuava possuía 67.133 habitantes, em 1939, 69.239 habitantes, e em 1940 possuía 96.235 habitantes, com 90.476 de população rural e 5.759 de população urbana. De acordo com Fernandes (2009), tais dados demonstram uma transformação de uma “elite agrária” baseada na tradicional elite campeira, para uma “elite comercial”, a proporcionar uma “modernização conservadora” para o município. Para Schmidt (2009), a cidade constituiu-se por meio de uma ocupação que segrega no âmbito socioespacial grupos de baixa renda e mantém nas áreas centrais os grupos de alta renda, através de uma concepção de poder ancorada no clientelismo. Segundo Ferreira (2010), no Paraná destacam-se como cidades mais dinâmicas socioeconomicamente e de posição de relevo na hierarquia urbana: Maringá, Londrina, Cascavel e Ponta Grossa. Curitiba como metrópole e Guarapuava como um centro sub-regional, na composição de uma rede urbana na região centro-sul paranaense, pois a oferta de bens e serviços na cidade não a favorece para interações entre as cidades pequenas no seu entorno e, para tanto, não contribui na sua formação como uma cidade média.

Por sua vez, Silva (2005) considera Guarapuava como um território de poder conservador no centro-sul do Paraná, em que as relações econômicas são menos dinâmicas e as relações de poder se apresentam de formas “arcaicas ou tradicionais”, por meio de práticas clientelísticas e políticas ancoradas na troca de favores. O município de Guarapuava, assim, é uma janela histórica para o estudo da ocupação do oeste paranaense durante o Brasil Império e durante a primeira metade do século XX com as políticas republicanas dos Estados Unidos do Brasil. É também uma fresta para o estudo da constituição da sociedade que compõe o oeste do Estado do Paraná.

Contudo, é sobre os significados da marcha integralista para o oeste paranaense, através da “porta de entrada” na cidade de Guarapuava, que este capítulo trata. Um capítulo teórico a percorrer as seguintes questões: qual é a proposta integralista para a construção da nação brasileira? A mobilização de massas da AIB se refere a qual movimento da década 1930? Pretende resolver os problemas sociais, econômicos e políticos da sociedade brasileira de que forma? Ancorado em qual projeto de sociedade e fenômeno político? Como considerar sua inspiração no/simpatia pelo/e influência do fascismo italiano e do

nazismo alemão? Essas são as indagações seguidas no primeiro item e no segundo.

Assim, o primeiro item tem intenção de pensar o integralismo como um fenômeno político fascista no contexto do entreguerras, com o objetivo de entender, através da bibliografia disponível, como a Ação Integralista Brasileira fazia parte deste fenômeno e em que medida se relacionava com os movimentos fascistas que se espalhavam pelo mundo. Procura trazer evidências elucidadas por pesquisadores sobre a relação entre o regime fascista de Mussolini na Itália, o nazismo alemão, a queda das instituições liberais e o anticomunismo pelo mundo, com o surgimento do integralismo no Brasil em 1932. Além disso, pretende discutir as teorias dos fascismos e suas implicações, traçando ao final uma conclusão sobre a escolha do conceito de fenômeno fascista de Konder (2009, p. 170) para explicar a AIB.

Já o segundo item tem o objetivo de travar um debate em torno das origens ideológicas do integralismo, no intuito de definir o movimento. Para isso, faz-se necessário trazer de volta para o estudo do tema as discussões travadas nas ciências sociais e na filosofia na década de 1970, relegadas ao limbo pela atual historiografia do político.²⁴ Estes debates foram palco, principalmente, das análises em torno dos textos de Plínio, com diferentes métodos para o estudo da história das ideias e da natureza do integralismo.

²⁴ Os estudos dos historiadores sobre a política só vão começar a se desenvolver em fins da década de 1980. Críticas aos cientistas sociais, como a falta de rigor às fontes e a utilização de explicações reducionistas, instigam historiadores a se preocuparem e valorizarem o político e o cultural. (GOMES, 1995, p. 59-84). A partir da década de 1990, a contribuição dos estudos dos historiadores será focar em temas específicos do integralismo. Há uma explosão de estudos sobre diversos temas em torno do movimento, então considerados marginais na história. Trata-se da concepção de que tudo é objeto da história no intercâmbio com antropólogos e sociólogos. Há o interesse pelos estudos do antisemitismo nas obras de Gustavo Barroso, na dissertação de mestrado defendida em 1992 pela Universidade de São Paulo (USP) do historiador Cytrynowicz (1992); da memória dos militantes integralistas da historiadora Carneiro (2000) pela Universidade Federal Fluminense; da imprensa e da simbologia da AIB no livro de Cavalari (1999); dos trabalhadores e a AIB na dissertação de mestrado em história pela USP de Dotta (2003) e do integralismo no pós-guerra com a formação do PRP no livro de Calil (2001).

Desse modo, Araújo (1988), em seu trabalho,²⁵ defende o conceito de totalitarismo e sua variante fascista em 1980. Tese essa que foi refutada anos antes por Chasin (1999), em 1977, em prol das minuciosidades da ideologia de Plínio, na voz do nacionalismo ruralista.²⁶ Chasin (1999), na introdução do seu trabalho, denuncia uma “operação mimética constatada hipoteticamente no integralismo”, cujas condições semelhantes ao Brasil em relação à Alemanha e à Itália dariam margem à possibilidade de um fascismo brasileiro.

Tal possibilidade desenvolvida no trabalho de Trindade (1979)²⁷ em 1972 será apresentada no item, juntamente com as críticas e análises

²⁵ Um dos trabalhos a se destacar na década de 1980 sobre o integralismo é o de Ricardo Bezaquen Araújo (1988), *Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Este analisa a doutrina integralista e, especificadamente, o pensamento difundido por Plínio Salgado a respeito da construção de um Estado integral. Araújo defendeu a dissertação de mestrado em Antropologia Social em 1980, porém com graduação em história, conheceu Falcon, historiador que reflete sobre a história social das ideias. Dessa forma, Falcon, ao prefaciar o livro, define-o como estudo das ideias mais significativas de Plínio Salgado.

²⁶ Chasin (1999, p. 123-124), na sua tese *O Integralismo de Plínio Salgado*, defendida em 1977, sob orientação do professor Maurício Tragtenberg na Escola de Sociologia e Política da USP, contrapõe a obra de Trindade e afirma que o integralismo é o resultado das experiências de Plínio, desvinculado do fascismo europeu. Sob esta base, escreve sobre a atuação literária de Salgado, a atuação política no PRP e no meio midiático com o jornal *A Razão*. Nas suas críticas em relação à Trindade, afirma que ele tratou a AIB como uma “operação mimética hipoteticamente constatada”, ao afirmar a Ação Integralista como um fascismo brasileiro, de forma que não se pode comparar o Brasil economicamente subordinado com países altamente industrializados. Desse modo, o integralismo foi considerado uma questão menor para as ciências sociais da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (escola fundada em 1933 e que teve seu apogeu nos anos 1950 sob a direção de Florestan Fernandes), para tanto as análises são “macro-sociológicas de crítica ao modelo econômico-social excludente”. (LIEDKE FILHO, 2005, p. 50). E foi defendido por Chasin como importante, na medida em que se estuda o pensamento da burguesia e a dinâmica de classes brasileiras resultantes de uma “formação social industrialmente tardia” através do ideário de Plínio Salgado.

²⁷ A obra de Trindade (1979, p. IX), *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*, é resultado da tese defendida em Paris em fins de 1972, cuja singularidade do livro é apontada por Juan Linz como um dos poucos estudos sobre o movimento fascista fracassado e o “único sobre um movimento ibero-americano” fascista. É orientada por Jean Touchard e buscou incorporar contribuições teórico-metodológicas para o estudo das ideias políticas, tendo

de Chasin (1999). Do mesmo modo, as análises de Vasconcellos (1979),²⁸ de 1977, sobre a ideologia nacionalista curupira presente no integralismo e as recentes abordagens do Grupo de Pesquisadores do Integralismo (GEINT),²⁹ a utilizar o conceito de extrema-direita. Em seguida, serão discutidas neste item algumas conclusões preliminares, de acordo com a bibliografia sobre o tema, a respeito do caráter fascista e do elemento nacionalista do integralismo.

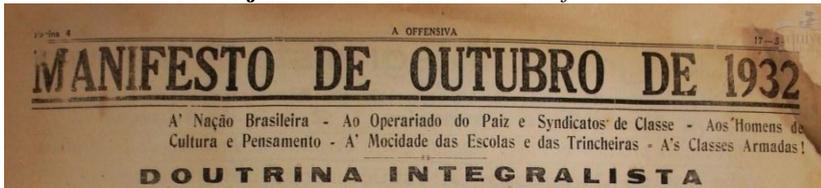
em vista que Touchard entende as ideias políticas como a compreensão da filosofia ligada ao *ethos particular* dos pensadores. De 1920 até 1960-1970, a história do pensamento político estava ligada a uma formação cívica do indivíduo. (LOPES, 2002, p. 113-127). Nesse sentido, Trindade tece considerações acerca do pensamento de Plínio Salgado, sua emergência enquanto chefe na década de 1920, a formulação da ideologia integralista na década de 1930 e a composição do movimento.

²⁸ Também vinculada à Escola de Sociologia e Política, outra obra defende a ideia de que os elementos da doutrina integralista estariam na corrente *Verde-Amarela* e *Anta* do modernismo de 1920. É a obra de Vasconcellos (1979), tese defendida em 1977 na USP e publicada em 1979, *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*, que traz uma análise do integralismo enquanto discurso fascista, sob o contexto de uma sociedade capitalista periférica dependente, da qual os integralistas apropriaram os fascismos europeus. Florestan Fernandes escreve o prefácio do livro e afirma o equívoco em considerar o integralismo um tema, pois trata-se das “peripécias vividas pela sociedade brasileira para consolidar o poder burguês” e termina enfatizando a importância teórica da obra, que pensa a dominação imperialista na dimensão cultural.

²⁹ No início do século XXI, em 2001 estes historiadores juntamente com uma nova geração de estudantes marcam seu campo no estudo do Integralismo com a criação do GEINT. Consequentemente, há a realização de cinco encontros nacionais de pesquisadores do tema e livros organizados em conjunto. Também ocorre o credenciamento do grupo de trabalho (GT) na Associação Nacional de História (ANPUH) em 2013, intitulado *História dos partidos e movimentos de direita*, em que há a preocupação com manifestações ligadas à direita, devido à recente proliferação de movimentos ligados ao autoritarismo, conservadorismo ou ao que pode se chamar de extrema-direita. Recentemente, passou a se chamar *História, direita e autoritarismo*, com intenção de abrir o leque temático do grupo e, assim, focar características “autoritárias, tradicionalistas, conservadoras e chauvinistas”. (GT HISTÓRIA, DIREITA E AUTORITARISMO, 2016).

2.1 INTEGRALISMO: O FENÔMENO POLÍTICO FASCISTA PARA DISCIPLINAR A LUTA DE CLASSES

Recorte de jornal 2 - Dedicatória do *Manifesto de Outubro de 1932*



Fonte: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº1, p. 4, 17 maio 1935.

Não haverá paz enquanto a burguesia dominar o governo das Nações. O problema da paz entre os povos é o problema da queda política das classes burguezas. (*A OFFENSIVA*, Rio de Janeiro, nº 78, p.1, 9 nov.1935).

2.1.1 Na conjuntura do entreguerras: o fascismo

O colapso da economia mundial capitalista no entreguerras foi sentido por homens e mulheres envolvidos nas relações com o mercado, de todas as partes do globo.³⁰ Ela estava desmoronando e seus contemporâneos não sabiam muito bem como recuperá-la. As massas enfrentaram o desemprego e a bancarrota dos preços agrícolas, porém acreditavam que a solução política para essas injustiças viria da esquerda ou da direita. Já os políticos, os homens de negócios e os economistas, dentro do “esquema da velha economia liberal”, estavam num cenário dramático para propor soluções.

A Grande Depressão e seus efeitos globais provocaram a queda de governos na América Latina, com o impacto político do colapso dos preços de produtos básicos de exportação, dos quais as finanças desses países dependiam, inclusive o Brasil, que dependia das exportações de café. A globalidade e a severidade destes efeitos podem ser sentidas nos levantes políticos que pipocaram pelo mundo, como também pelo desequilíbrio na economia internacional. É esse colapso da economia capitalista que acabará por destruir as esperanças de restabelecer a sociedade e sua economia do século XIX, com seu velho liberalismo.

³⁰ Breve cenário do entreguerras e do surgimento das propostas fascistas a ser desenvolvido parafraseado e interpretado das argumentações de HOBSBAWM, 1995, p. 90-144.

Anteriormente, homens de negócios e economistas aceitavam o fato de que o sistema capitalista possuía ciclos e ondas. Promover a prosperidade ou a falência para as indústrias e indivíduos era inevitável ao se criarem oportunidades ou problemas no sistema. Entretanto, a crença de que o capitalismo gerava contradições internas insuperáveis, do qual o ciclo era parte do processo, capaz de pôr em risco o sistema econômico como tal, era de socialistas, como Karl Marx. Da mesma forma, a crescente concentração do capital era vista numa economia a cada dia dominada por imensas corporações, desbancando a tese de uma perfeita competição. A economia em seu processo de expansão parava de avançar no entreguerras e seus contemporâneos percebiam que havia algo “fundamentalmente errado no mundo em que viviam”.

Se o velho liberalismo estava condenado e o mundo vivia sobre os impactos do colapso do sistema econômico, as propostas e as soluções apareciam da direita e da esquerda. Nesse cenário, Hobsbawm (1995, p. 90-144), no seu livro sobre o breve século XX, *Era dos Extremos*, nos apresenta três opções que competiram pela “hegemonia intelectual-política”. Uma delas é o fascismo, transformado num movimento mundial, uma onda que se espalhava juntamente com a Grande Depressão e trazia a decadência não só da economia e da estabilidade social da sociedade liberal burguesa, mas também dos seus valores intelectuais e das instituições políticas.

O declínio e a consequente queda do liberalismo nos anos do entreguerras solapou as instituições políticas democráticas e o funcionamento dos governos, pelos países do globo. Os únicos países europeus que tiveram o funcionamento destas instituições sem interrupção neste período foram a “Grã-Bretanha, a Finlândia (minimamente), o Estado Livre Irlandês, a Suécia e a Suíça.” (HOBSBAWM, 1995, p. 115). Governos nacionalistas, inspirados na mobilização das massas e nos líderes do fascismo, Mussolini e Hitler, com fama de agir, movimentos reacionários anacrônicos, protofascistas, simpatizantes dos fascismos ou uma direita radical emergiram em vários lugares do mundo.

Tratava-se do colapso das instituições e dos valores de uma civilização liberal do século XIX, constituída pelo compromisso com governos constitucionais e assembleias representativas eleitos livremente para garantir a lei sobre o comércio e a sociedade civil. Não havia confiança em governos absolutos e ditaduras, e os pilares da convivência eram pautados num conjunto aceito de liberdades e direitos dos cidadãos. Tal cenário era facilitado pelos tempos de prosperidade e de estabilidade econômica e social, condição essa de que os Estados não

dispunham no período entreguerras e, assim, raramente poderiam assegurar a viabilidade do sistema democrático. Dessa maneira, não havia disposição para negociar acordos ou um consenso mínimo entre a maioria dos cidadãos e a democracia. Em tempos de crise econômica, a democracia acabava por se tornar um instrumento para legitimar divisões entre grupos e abrir um fosso entre contradições, cada vez mais irreconciliáveis.

A reação ao liberalismo, já em fins do século XIX, por movimentos da direita radical, até então não tradicionais na própria direita, trouxe à tona a reação às inerentes transformações de forma acelerada na sociedade capitalista, como o surgimento de movimentos da classe trabalhadora e de uma onda de estrangeiros em uma migração em massa que ocorria pelo mundo. Encontrou cimento no ressentimento de homens comuns de segmentos profissionais da classe média, esmagados entre a grande empresa e os crescentes movimentos trabalhistas.

A outra opção trazida por Hobsbawm foi a que se tornou a mais efetiva depois da Segunda Guerra Mundial e se consolidou em longo prazo, na certeza de que, terminada a Depressão, jamais deveriam permitir que se repetisse:

Um capitalismo privado de sua crença na otimização de livres mercados, e reformado por uma espécie de casamento não oficial ou ligação permanente com a moderada social-democracia de movimentos trabalhistas não comunistas, era a segunda, e, após a Segunda Guerra Mundial, mostrou-se a opção mais efetiva. (HOBSBAWM, 1995, p. 111).

Já a teoria econômica alternativa ao livre mercado estava em elaboração com os argumentos dos Keynesianos e acabou sendo fundamental na opção para manutenção do capitalismo. Os argumentos estavam a favor de benefícios que eliminassem o desemprego em massa permanentemente, pois a demanda em falta em tempos de superprodução poderia ser gerada pela renda dos trabalhadores com pleno emprego, um estimulante das economias.

A terceira opção, segundo Hobsbawm (1995, p. 111), era o comunismo marxista. As previsões de Marx pareciam estar se consolidando, e a União Soviética, que parecia imune ao colapso econômico, com seus Planos Quinquenais, entrava numa ultrarrápida

industrialização e impressionava, diante da visão do primitivismo da economia soviética ou da brutalidade da coletivização e repressão de Stalin. Esta alternativa, enquanto Internacional Comunista, se viu aos poucos encostada na parede, juntamente com os partidos social-democratas e seu trabalhismo de massas, ao presenciarem a vitória de Hitler no governo alemão em 1933. Os reveses da esquerda revolucionária fortaleceram a direita radical, ao subestimarem o perigo do nacional-socialismo na Alemanha e considerarem como seu principal inimigo as políticas trabalhistas de massas organizadas por partidos social-democratas, provocando um isolamento sectário. Não aparentando restar movimentos organizados e significativos da esquerda internacional revolucionária, o resultado imediato da Depressão para Hobsbawm (1995, p. 109) pareceu o oposto da rodada de revoluções sociais que os revolucionários da Internacional Comunista esperavam.

O movimento mundial do fascismo crescia conforme o colapso econômico assolava países, fortalecido pela saída de Hitler na década de 1930 da periferia política de seu país, para assumir o poder na Alemanha e empreender uma política bem-sucedida e agressiva de expansão militarista, juntamente com Mussolini já atuante na Itália desde a década de 1920. Diante dessa conjuntura, no texto de Hobsbawm (1995, p. 121), os fascistas pretendem construir um homem novo e uma sociedade nova. E são definidos como:

revolucionários da contrarrevolução: em sua retórica, em seu apelo aos que consideravam vítimas da sociedade, em sua convocação a uma total transformação da sociedade, e até mesmo em sua deliberada adaptação dos símbolos e nomes dos revolucionários sociais, tão óbvia no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores de Hitler, com sua bandeira vermelha (modificada) e sua imediata instituição do primeiro de Maio dos comunistas como feriado oficial em 1933. (HOBBSAWM, 1995, p. 121).

Com isso, Mussolini chegou ao poder na Itália em 1922, convidado como primeiro-ministro, depois da Marcha sobre Roma do Partido Nacional Fascista, diante de uma crise econômica e uma onda de greves e movimentos sociais nos anos anteriores. O partido só foi oficializado um ano antes, perante a grande adesão do movimento *fasci italiani di combati*, nacionalistas e antiliberais combatendo de forma agressiva e autoritária, partidos de esquerda e movimento operário.

Trazia em seu bojo a inspiração no símbolo do antigo poder imperial romano, *fascio littorio*, um feixe de varas unido em torno de um machado, com o significado, em síntese, de união.

Ex-militante do Partido Socialista, Mussolini, exilado devido a sua militância de esquerda, em 1915 passa a defender a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, abandona as ideias socialistas e luta na frente de batalha austro-italiana. É na sua volta pra Itália em 1919 que ele funda os *fasci italiani di combattimento* com objetivo de combater o socialismo, o que seriam as estruturas iniciais do fascismo.³¹

No texto *Lotta di classe*, de 1910, Mussolini concebe sua virada na interpretação da luta de classes. Para ele, a luta de classes era permanente na existência humana, uma realidade trágica, não havendo como superá-la, somente como discipliná-la, através de um novo tipo de elite, enérgica. Para ele, o aspecto da luta de classes não se concentrava no confronto entre a burguesia e o proletariado, da forma como afirmava Marx, mas na luta entre nações proletárias e as nações capitalistas. Logo, a Itália, que havia ficado de fora da partilha do mundo pelas potências imperialistas, era a nação proletária diante de ingleses e franceses. Uma nação explorada e com o proletariado enfraquecendo internamente o país, por meio de suas reivindicações, sob a organização dos socialistas. Essa máxima baseava-se numa Itália dilacerada por profundos conflitos internos, dividida por interesses vitais das classes sociais, que com violência se chocavam e foram agravadas pela guerra, consequentemente pela crise do pós-guerra.

A nação assumia o ponto fundamental pelo qual a luta pela sobrevivência se dava, o valor supremo da teoria era usado para instrumentalizar a prática em um pragmatismo e um utilitarismo circunstancial, na luta contra a revolução. Tal absorção do social pelo nacional tornou-se um dos “princípios básicos do fascismo” e foi adotado por Hitler em 1922, com conceitos idênticos.³² Não é à toa que o Partido dos Trabalhadores Alemães, liderado por Hitler, passou a ser, em 1920, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), posteriormente apelidado de nazis e, depois, dando origem ao termo nazista (BERTONHA, 2000, p. 34).

Com ambos apoiados nas ideias de nacionalistas de direita, segundo Konder (2009, p. 36-37), o sentido social conservador da ideia

³¹ Circunstâncias do desenvolvimento do fascismo italiano em: BERTONHA, 2000, p. 11-14.

³² Considerações a respeito da nova interpretação de Mussolini sobre a teoria da luta de classes encontrada em: KONDER, 2009, p. 31-37.

de nação proletária explorada era aplicado tanto para a Itália, quanto para a Alemanha. As nações vencedoras da guerra estavam proletarizando esses países. A explicação sofria uma mutação, da noção marxista, de que os capitalistas eram os beneficiários de exploração interna num sistema de classes sociais, para a noção, agora fascista, de que os capitalistas de seus países eram vítimas de um sistema de exploração internacional, portanto eram colegas proletariados dos trabalhadores ou pelo menos em vias de proletarização. Assim, a nação, e mais especificadamente a luta entre as nações, era a única forma de salvação para a crise que rondava o mundo, através do agente disciplinador de uma elite nova personificada na figura desses líderes.

O fascismo então cresceu como uma maré, durante o entreguerras e o colapso econômico. Tornou-se um movimento de perigo mundial, com o triunfo de Hitler na Alemanha, nomeado chanceler em 1933 e, em 1934, empossado sob o título de Führer. Com a posição internacional da Alemanha de uma potência mundial, juntamente com a Itália e reforçada pelo Japão, foi possível uma política bem-sucedida de expansionismo militarista agressivo. O que atraiu e influenciou Estados e governos ou movimentos para o fascismo, desde governos simpatizantes ou inspirados, movimentos da direita radical influenciados, até reacionários anacrônicos.³³ Estes últimos tinham em comum, com o fascismo, o ódio pelo comunismo ateu, do Iluminismo do século XVIII e da Revolução Francesa. Porém, os reacionários anacrônicos tinham inspirações e origens bem mais antigas que o fascismo. Surgidos em países com imensa maioria católica, eles se baseavam no Estado corporativo, um catolicismo integrista.

O Estado corporativo, produzido por noções de estatismo orgânico, é baseado numa sociedade composta por grupos sociais, em que todos exercem um papel conforme sua hierarquia social, numa entidade coletiva. A luta de classes é reconhecida, mas sufocada por uma aceitação dessa hierarquia social, numa forma de resistir ao individualismo liberal e à ameaça dos movimentos trabalhistas e comunistas.

No Brasil, segundo Hobsbawm (1995, p. 137), o governo de Getúlio Vargas foi inspirado pela mobilização das massas de líderes populistas, que, como Mussolini, tinham fama de agir, combinado com a inspiração nos movimentos trabalhistas destruídos pelos fascistas. Da mesma forma, o movimento da Ação Integralista Brasileira (AIB) na

³³ Reflexões sobre as influências e as inspirações no fascismo e sobre os movimentos reacionários anacrônicos em: HOBBSAWM, 1995, p. 90-144.

década de 1930 também foi influenciado, pois que era simpatizante e contou com o apoio desse movimento fascista, das suas políticas agressivas de expansão militarista. Contudo, sofreu influência de elementos da Igreja Católica, na defesa de um Estado Integral dotado de uma organização corporativista e orgânica.

2.1.2 Integralismo: influências e inspiração na Itália fascista

O fascismo estava se tornando uma solução universal nos tempos entre as guerras. Essa constatação, a partir da Grande Depressão de 1929 e da ascensão do nazismo na Alemanha, possibilitou ao regime de Mussolini alimentar a ideia de expandir a sua política internacional, além de estabelecer contatos esporádicos com outros movimentos de inspiração fascista e manter política externa atuante nas coletividades de emigrantes em outros países. A internacionalização do ideal fascista foi palco de discussão não só entre os membros do regime de Mussolini, mas também entre simpatizantes e intelectuais entusiasmados com a possibilidade de difundir uma proposta, aquela considerada a solução para os problemas do mundo.³⁴

O resultado foi a criação de órgãos, os *Comitati d'azione per l'universalità di Roma* (CAUR), em 1933, com objetivo de formar uma agremiação de participantes dos movimentos fascistas pelo mundo e integrar a juventude revolucionária com elementos de corporativismo e nacionalismo. Depois do Congresso em Montreux em 1934, de uma reunião patrocinada pelo CAUR dos movimentos fascistas em Paris em janeiro de 1935 e outra em abril do mesmo ano em Amsterdã, a organização da “Internacional Fascista” entra em decadência.³⁵ Entretanto, a Itália continua a usar a ideia do fascismo internacional nas

³⁴ Considerações sobre a Internacional Fascista encontradas em: BERTONHA, 2008, p.83-96.

³⁵ O regime italiano tira seu apoio de órgãos, que, como o CAUR, pretendia construir uma Internacional Fascista, devido às boas relações com Berlim, a fim de evitar atritos com o novo aliado, tendo em vista o boicote do nazismo à constituição da Internacional e a competição entre fascismo e nazismo nos anos anteriores. Entre a solidariedade e a competição, a predominância era do domínio e da competição do mais forte entre os movimentos fascistas, tendo em vista a satelitização dos fascismos sob o nazismo na Segunda Guerra Mundial, o que, segundo Bertonha (2008, p. 93) torna por destruir qualquer possibilidade de Internacional Fascista. (BERTONHA, 2008, p.83-96.).

propagandas e os contatos com os movimentos fascistas de outros países, sem renunciar à ideia de internacionalizá-lo.

No Brasil, as primeiras notas para Roma sobre o Integralismo são do cônsul de São Paulo em 1931.³⁶ Nos anos seguintes, os próximos cônsules e embaixadores fizeram análises tentando encontrar pontos em comum entre ambos e prenunciavam preocupações em relação à influência nazista no movimento, como também em relação ao nacionalismo integralista da AIB. Só em 1936, a resposta da Embaixada no Rio de Janeiro é favorável a ajudar o integralismo com subsídios e apoio dos ítalo-brasileiros sob o alcance de influência de Roma para o movimento.

A resposta dos cônsules desaconselhava o apoio, devido às ressalvas com relação ao choque entre os nacionalismos. O fato é que, em 1936, o *Ministero degli Affari Esteri* resolveu atuar e mandou um emissário ao Brasil, a fim de analisar o movimento e sua influência no poder político na sociedade brasileira. As impressões do emissário defenderam o apoio, no sentido de facilitar o controle sobre a organização integralista, de aumentar a influência italiana na política do país e, possivelmente, levá-lo para a órbita do Eixo. Então, um subsídio financeiro regularmente passou a ser transferido dos fundos italianos para os integralistas.

As coletividades de imigrantes italianos no Brasil foram a outra ponta de ação da política externa fascista, na tentativa de difundir as ideias do regime e sua respectiva resposta para a solução dos problemas que o mundo vinha enfrentando.³⁷ Antigas seções do Partito Nazionale Fascista (PNF) nos anos 20, chamadas de *Fasci all'estero*, exerceram este papel nas coletividades de emigrantes italianos, subordinadas aos diplomatas e ao *Ministero degli Affari Esteri*, a partir da década de 1930. Com objetivo de “hegemonizar a vida coletiva dos italianos”, através da mediação dos Consulados, elas se utilizavam de atividades assistenciais e culturais para promover a propaganda do fascismo e a manutenção da italianidade na massa de imigrantes, diferentemente da política adotada anteriormente pelo PNF de ataque frontal com antifascistas e resistentes à fascistização de suas vidas, o que causava conflitos com os diplomatas, os governos estrangeiros, e dividia as coletividades de italianos.

³⁶ Relações da Embaixada italiana com o integralismo encontradas em: BERTONHA, 2001, p. 86-87.

³⁷ Atuação da Embaixada italiana nas colônias de imigrantes no Brasil elucidadas em: BERTONHA, 2008, p. 49-82.

Reorganizadas, as *fasci all'estero* nos anos 1930 adquiriram um caráter de “diplomacia paralela” da política externa subversiva tradicional italiana, mobilizando os emigrantes, em alguns casos, como quinta coluna e para sua doutrinação. Não apenas como a possibilidade de usar a emigração como agente da expansão imperialista da Itália, como eles vinham sendo pensados desde a pós-unificação em 1870, por meio da visão positiva de que eles representavam remessas financeiras, certa forma de controle dos problemas sociais e mercados para produtos italianos, mas também para manter a italianidade³⁸ e a tutela dos emigrantes e seus filhos, a fim de discipliná-los a favor da expansão italiana/fascista no mundo.

A difusão e a consequente propaganda das ideias fascistas nas coletividades de imigrantes italianos no Brasil, a partir dos anos 30, promovida nos órgãos de apoio e manutenção da italianidade da colônia, desde associações, escolas, imprensa, catequese, enfim atividades assistenciais e culturais, segundo Bertonha (2001, p. 96-97), criaram um clima favorável às ideias de direita: ao fascismo italiano, a Mussolini e à Itália de forma geral. E atuaram como “suporte para o desenvolvimento do integralismo” e do varguismo, no sentido de os ítalo-brasileiros, de primeira e segunda geração, aderirem ao integralismo.³⁹

No entanto, não foram apenas os aspectos citados que vieram a favorecer e fortalecer o avanço do integralismo. É provável que tenham ido nessa direção problemas regionais ligados às lutas sociais de inserção dos descendentes, assim como os possíveis conflitos provavelmente gerados do choque de nacionalismos: integralistas sedentos por converter os imigrantes a ignorar sua italianidade e os fascistas italianos em ação no Brasil, em luta para manter essa mesma italianidade. Entretanto, dadas as devidas divergências entre os dois

³⁸ A concepção de usar emigrantes para manutenção da italianidade e tutela com fins de política externa, herdada do pensamento nacionalista da Associação Nacionalista de 1910, constitui a teia de aranha espalhada pelo mundo das *fasci all'estero*. É exatamente com a entrada de nacionalistas no Partido Fascista em 1923 que a *Lega Nazionale per la tutela degli interessi nazionali*, criada em 1920 por eles, será dissolvida e absorvida pelas *fasci all'estero* dentro do partido. (BERTONHA, 2008, p. 49-82.).

³⁹ Como é o caso de Miguel Reale, um dos líderes do movimento, que estudou em escolas italianas de São Paulo. Já Plínio colaborou com órgãos do fascismo italiano em São Paulo, editou junto com um intelectual fascista, Ferruccio Rubbiani, a *Rivista Latina*, escreveu na revista fascista *Hierarchia* e participou em posição de destaque da cerimônia do consulado italiano no dia 25/04/1932, a *Saudação à Roma* (BERTONHA, 2001, p. 96-97).

movimentos, a colaboração entre ambos na luta contra os comunistas e contra o Estado e sua economia liberal, com suas instituições e valores, o fascismo italiano e o integralismo tiveram contatos e relacionamento mútuo, possivelmente em todos os níveis, da base à cúpula.

A influência direta com ajuda financeira e apoio institucional da Embaixada, tal como indiretamente com a propaganda fascista promovida pela política externa italiana em seus órgãos, nas coletividades de emigrantes no Brasil, são os dois caminhos pelos quais a experiência italiana pode ter formado o movimento integralista. A inspiração no modelo e possível solução encontrada pela política italiana para a instabilidade social, econômica, política e cultural no mundo, baseada na mobilização das massas em torno do corporativismo para o desenvolvimento da nação e sob a liderança de um governo forte e centralizado, é o terceiro caminho de contribuição do fascismo para não só a Ação Integralista, mas também a política brasileira do período.⁴⁰

A “corrente fascista nacional” (CARONE, 1974a, p. 195) manifesta-se de forma organizada em 1922.⁴¹ Entretanto, com a chamada Revolução de 1930, a queda do federalismo oligárquico e os anos de instabilidade no país, outros movimentos ligados a diferentes forças políticas começam a aparecer,⁴² inclusive uma ascensão da direita na década de 1930, como indica Trindade (1979, p. 103). Contudo, o de maior abrangência foi a AIB, fundada em outubro de 1932 por Plínio Salgado.

Sobre Plínio e sua inspiração no regime fascista italiano, é possível citar sua viagem pela Europa e Oriente Médio, de 26 de abril de

⁴⁰ Reflexões sobre a influência do fascismo italiano no integralismo feitas conforme: BERTONHA, 2001, p. 86-87.

⁴¹ Através da Legião do Cruzeiro do Sul com amparo do poder oficial, possivelmente inspirada nos movimentos dos *Fascios* e da *Marcha sobre Roma* (CARONE, 1974b, p. 288). Mais tarde, juntou-se ao Cravo Vermelho, organização em que os membros possuíam carteira da Polícia do Distrito Federal, podendo agir como “autoridade em comissão”.

⁴² É o caso do Partido Fascista Brasileiro de novembro de 1930, do Partido Sindicalista Brasileiro pensado pelo jornalista Olbiano de Mello em 1931, por sua adesão ao corporativismo no fim dos anos 1920, da Legião Cearense do Trabalho de outubro de 1931, dirigido pelo tenente Severino Sombra, da Legião de Outubro ou Legião 3 de outubro de Minas Gerais de fevereiro 1931, da Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista) de J. Fabrini, que nasce em julho de 1933 e é assinalado em 1934, da Ação Social Brasileira de D. João Becker, nascido em julho de 1935 no Rio Grande do Sul (CARONE, 1974a, p. 195 - 204).

1930 até 4 de novembro do mesmo ano, especialmente sua visita à Itália e a audiência com Mussolini, como um divisor de águas no seu pensamento e atuação política, em que se consolidou e se solidificou a proximidade com o fascismo.⁴³ Munido da sua simpatia e admiração por Mussolini e seu regime nos anos de 1920, conseguiu marcar uma audiência com o Duce, no dia 14 de junho de 1930. Como redator no *Jornal Correio Paulistano* até 1924, órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP), teve oportunidade de fazer elogios ao fascismo italiano e aos “milagres” realizados naquele país. Posteriormente, a sua dissidência com esse partido resultou na saída do jornal, apesar de continuar contribuindo com artigos e de ter um emprego no escritório de advocacia, de um dos líderes rebeldes do PRP, Alfredo Egídio de Souza Aranha Jr., onde permaneceu até 1928, quando se elegeu deputado estadual por esse mesmo partido e proferia discursos na defesa da experiência italiana, do rompimento com o liberalismo do século XIX e dos riscos da modernidade. Para ele, a solução seria a defesa do nacionalismo e o fortalecimento do poder contra as ameaças estrangeiras, como o comunismo. Essas declarações deram-lhe o título de fascista.

Nos primeiros meses de 1930, ele renuncia ao cargo de deputado em um rompimento com o partido, e possivelmente para recompensar essa perda e receber o presente de presenciar a experiência italiana fascista, Souza Aranha financiou sua viagem, como tutor de seu sobrinho, Joaquim Egídio de Souza Aranha.

As impressões sobre a Itália fascista foram fortes e conduziram sua ação. No artigo de Plínio de 27 de julho de 1930, no jornal *O Paiz*, intitulado *Mussolini e O Brasil novo*, a expectativa com o encontro, a admiração pelo regime fascista, a narração da conversa com o Duce e sua promessa de batalhar por um Brasil novo ajustado à Itália são apresentadas. Ele trouxe uma biografia de Mussolini na bagagem e desembarcou no Rio de Janeiro em outubro, definindo o fascismo como um sistema cooperativista baseado na colaboração de classes de um valor material e moral alto.

A Itália era um exemplo na experiência internacional para solucionar os problemas da crise econômica, da ineficiência das instituições e dos valores liberais, e do estrangeirismo, proposto pelos comunistas. Era o espírito dos novos tempos e o que de mais moderno havia no mundo. A mudança e a solução dos problemas e das questões

⁴³ Apontamentos sobre a viagem de Plínio à Itália e o seu encontro com Mussolini feitas conforme: BERTONHA, 2013, p. 51-71.

para o Brasil viriam nessa direção, a fim de regenerá-lo e de diminuir o atraso do país em relação aos países avançados. Com essa certeza, seria necessário ter uma elite de homens que corporificassem as ideias do novo tempo, para depois constituir movimentos e partidos. Plínio, então, carregou para si a promessa de harmonizar o Brasil com o mundo moderno e se viu como o representante autêntico do espírito fascista no Brasil.

O encontro de Plínio com Mussolini facilitou contatos com os órgãos fascistas no Brasil. Assim, o Consulado italiano de São Paulo o convidou para uma conferência, quando ainda ele estava a bordo do navio, sobre as impressões da Itália fascista. Porém, esta não ocorreu no seu regresso em novembro, devido aos acontecimentos de crise política no país. Este encontro com o Duce foi sempre apresentado como o grande momento da sua vida política nos anos 1930 e recordado continuamente, como propaganda do integralismo até 1938. Posteriormente à Segunda Guerra Mundial, acabou esquecido, na intenção de desvincular o movimento integralista da experiência fascista italiana.

Em carta a Olbiano de Mello em 1º de março de 1932, Plínio menciona sua intenção de criar um movimento político nacional, porém conectado com a literatura e as experiências fascistas do mundo.⁴⁴ Nos anos que se seguiram depois da fundação do movimento, a inspiração nos fascismos era identificada juntamente com a questão nacional dos pensadores brasileiros, como a força que o integralismo teve para nascer. Para tanto, não poderia ser apresentado como uma cópia, mas pertencente ao universo fascista, ao considerado espírito da época e dotado de valores nacionais próprios do Brasil, da mesma maneira como haviam sido reivindicados os valores nacionais na Semana de Arte Moderna de 1922, com inspiração em concepções do mundo moderno. Com isso, apesar das divergências entre os nacionalismos, esses movimentos eram acionados pela mesma força de reação ao que eles consideravam materialismo e suas consequências: individualismo liberal e internacionalismo comunista ateu. Além dos líderes do movimento, outros intelectuais integralistas faziam a defesa dos valores nacionais inspirados diretamente no fascismo mundial.

⁴⁴ Identificação dos integralistas com o universo fascista apontado em: BERTONHA, 2014, p. 65-75.

2.1.3 “Universo fascista”: solidariedade entre o integralismo, os movimentos nacionalistas de direita e o nazismo

A percepção de que o fascismo se universalizava e apresentava a “melhor” proposta aparecia na imprensa integralista, quando esta apresentava o cenário internacional e se imbuía de uma solidariedade e simpatia intensas para com esses movimentos. Este é o quarto caminho da relação do integralismo com os fascismos a ser trilhado. No jornal *A Offensiva*, principal periódico e órgão da rede do Sigma, que circulou entre os anos de 1934 e 1938, há uma autoidentificação dos integralistas e a percepção de que faziam parte do universo fascista.⁴⁵ As mocidades fascistas do mundo são apresentadas como possuidoras da “Ideia Nova”, levantada nas variadas nações pelas forças espirituais em reação à ineficiência que a liberal-democracia demonstrava e às atrocidades cometidas pelo comunismo. Para tanto, além de uma ideia, era uma filosofia surgida em reação às forças degeneradoras da liberal-democracia e do comunismo.

De maio de 1934 a maio de 1935, o jornal a cargo de Plínio possuía textos doutrinários assinados pelos próprios integralistas, e, com isso, os movimentos fascistas de várias partes do globo eram apresentados de forma a esclarecer o seu caráter de salvação das nações, contrariamente ao teor agressivo que a grande imprensa controlada por capitalistas e judeus retratava.⁴⁶ Hitler e Mussolini eram apresentados como salvadores da crise mundial do século XX, como gênios políticos, apesar da predominância de as matérias estarem ligadas ao nazismo na Alemanha, o que possivelmente pode estar ligado aos recursos para o financiamento do periódico, vindo dos maciços anúncios de firmas alemãs.

O caráter de salvação da civilização pelos países fascistas pode ser percebido em outro jornal integralista, a *Acção*, diário paulista que

⁴⁵ Percepção sobre como os integralistas se viam dentro do universo fascista consultado em: PASCHOALETO, 2011, p. 105-132.

⁴⁶ Como é o caso das matérias relacionadas à Noite dos longos Punhais, de 30 de junho de 1934, o jornal adota uma linha de defesa da atitude de Hitler, em permitir que as tropas de elite da NSDAP, as SS (*Schutz Staffeln* – Tropas de Proteção), assassinassem lideranças das milícias paramilitares encarregadas de proteger as reuniões do partido, as SA (*Sturmabteilungen* – Tropas de Assalto), com o objetivo de obter apoio dos militares.

circulou entre os anos de 1936 e 1938.⁴⁷ Na conjuntura política internacional, a luta dos movimentos e partidos nacionalistas políticos contra o comunismo, dos quais o integralismo fazia parte, e a consequente formação das alianças políticas das potências do Eixo, Itália, Alemanha e Japão, são vistas como a solução para preservar e salvar a civilização ocidental dos perigos comunistas e da crise da liberal-democracia, constituindo a bandeira do “universalismo fascista”.

Movimentos nacionalistas de combate ao comunismo e com uma proposta antiliberal para seus países de várias partes do mundo aparecem retratados com riqueza de detalhes no jornal *A Offensiva*.⁴⁸ Pertencentes à universalidade da doutrina fascista, esses movimentos são exaltados e seus líderes recebem a alcunha de salvadores da civilização. Surgem movimentos do mundo anglo-saxão e dos Estados Unidos; já no Canadá, na Austrália, África do Sul e Nova Zelândia, eles não aparecem retratados no jornal, mas têm também aglomerações com intenção de reagir ao individualismo, aos estrangeirismos e às agitações de classe dos comunistas (BERTONHA, 2008, p. 285).

Os movimentos são apresentados como grandiosos, em expansão e em marcha para a vitória do projeto fascista de sociedade. Há a presença nas notas do jornal de outros movimentos nacionalistas, em várias partes do mundo, como na Holanda, na Bulgária, na Letônia, na Polônia, na Rússia e no México.⁴⁹ Já o movimento fascista da Áustria aparece no jornal a *Acção* (BARBOSA, 2007, p. 173), e o da França aparece em ambos os jornais.

O avanço dos fascistas nos países ibéricos é tratado de forma a enfatizar o posicionamento do integralismo em relação à conjuntura política da Península Ibérica. Os movimentos nacionalistas, identificados dentro de um universo fascista, compartilhavam uma visão mundial de uma luta contra a insurreição das massas operárias e o internacionalismo das classes dos comunistas, diante do colapso econômico do entreguerras, da ineficiência dos direitos e deveres acordados com o cidadão da democracia liberal-representativa, da chegada do nacional-socialismo de Hitler ao poder na Alemanha e da configuração internacional de formação do eixo com as duas potências: Alemanha e Itália. Apesar do caráter nacional de cada um, eles puderam

⁴⁷ Evidências no jornal *A Acção* sobre posição da AIB na política internacional em: BARBOSA, 2007, p. 163-162.

⁴⁸ Movimentos fascistas na Inglaterra e EUA, temas de matérias no jornal *A Offensiva* em: PASCHOALETO, 2011, p. 118-124.

⁴⁹ Todos de acordo com: PASCHOALETO, 2011, p.124-128.

estabelecer, para mais ou para menos, simpatias, contatos e vínculos entre si. Com a Península Ibérica, e mais especificadamente com o regime de Salazar, o integralismo, segundo Bertonha (2014, p.111), tinha contatos com a realidade portuguesa e diálogo com ela, através de uma solidariedade “difusa”, leituras em comum de autores e circulação de ideias e de pessoas.

Movimentos nacionalistas de cunho fascista da América Latina também são noticiados nos jornais *Ação* e *A Offensiva*.⁵⁰ E as evidências dos contatos entre integralistas e alguns desses movimentos são sinais da circulação de textos e ideias, entre grupos inspirados e simpatizantes da proposta fascista.⁵¹ As cartas, as publicações em jornais e as leituras de obras em comum, tal como as visitas às sedes, são indícios de solidariedade, numa luta comum contra a mobilização operária insurgente e os movimentos comunistas, contra a exploradora liberal-democracia da Europa e aqui especificadamente na voz dos Estados Unidos, bem como pelo fortalecimento dos estados nacionais da América do Sul. Em que, apesar de difuso o pensamento de líderes e intelectuais do integralismo a respeito do papel da AIB no continente, Plínio chega a sugerir uma Confederação dos Estados Integralistas, de maneira que as ideias do integralismo pudessem avançar para a América

⁵⁰ No jornal *Ação* conforme: BARBOSA, 2007, p. 177-179. Já no periódico *A Offensiva*, de acordo: com PASCHOALETO, 2011, p.127.

⁵¹ É o caso da tentativa de agendamento de uma visita de Plínio em Buenos Aires, na sede da Legião Cívica, a qual não pode se realizar. E de uma visita à sede do jornal nacionalista argentino *Crisol*, pela Delegação de Integralistas, tal como a publicação de artigos de Plínio e Barroso nesse mesmo jornal. Também de cartas do movimento *Bandera Argentina* à Plínio, para solicitar cópias do jornal *A Offensiva* e enfatizar a necessidade da manutenção dos vínculos entre os movimentos do continente, a fim de combaterem os comunistas. Desse modo, os trabalhos de Plínio e Barroso eram lidos e discutidos em círculos antisemitas e pró-fascistas do Cone Sul. No Uruguai, os artigos desses autores foram publicados na revista *Corporaciones* e o livro de Barroso, *Integralismo e o Mundo* (1936), foi prefaciado por um uruguaio e publicado originalmente nessa revista. Em uma nota de agradecimento enviada à Secretaria Nacional de Relações com o Exterior (SNRE) do integralismo, o movimento *Acción Nacional* reconhece a liderança dos camisas-verdes sob os movimentos nacionalistas do continente. Essas evidências dos contatos dos integralistas com movimentos nacionais da Argentina e Uruguai são encontradas em: BERTONHA, 2014, p, 103-105.

do Sul e funcionar como “ponta de lança para a luta mundial, contra o materialismo que ameaçava a civilização”.⁵²

No entanto, segundo Bertonha, (2014, p. 106) “uma profunda fratura” irreconciliável entre os nacionalismos, de afirmação de suas nações e da própria luta entre nações proposta pelas ideias fascistas, tornaria qualquer projeto de união de movimentos, inspirados no fascismo, inviável, apesar de o integralismo se colocar contra a sobreposição de uma nação mais forte sobre a outra, de superioridade racial, como era o caso do imperialismo étnico-racial nazista. Eles acreditavam na cooperação entre as nações, numa ordem internacional de nações independentes e soberanas, baseados no valor moral e ético cristão da harmonia, aplicada na miscigenação racial dos povos sul-americanos, como se a luta de classes pudesse ser sufocada pela colaboração entre elas, dentro de um projeto nacional.⁵³

O quinto ponto a ser percorrido sobre a relação dos integralistas com movimentos fascistas do entreguerras é a relação entre integralistas e nazistas. Para pensar sobre isso, há uma rede de colaborações entre nazistas e integralistas apontada na investigação da Polícia Política do Governo Vargas, segundo o trabalho de Cruz (2004).⁵⁴ Apesar de os documentos apontarem uma união intrínseca entre eles e acusarem o integralismo de representante dos interesses nazistas no Brasil, deve-se considerar o caráter dúbio da linha investigativa dos agentes policiais de Vargas. E tende-se a pensar que, diante dos interesses nacionalistas irreconciliáveis de ambos e da identificação com soluções muito próximas para a crise mundial do entreguerras, situadas na crítica à sociedade liberal-democrática e na reação contra a revolução comunista, no mínimo os contatos eram estreitos entre integralistas e adeptos dos nazistas no Brasil.

Para além do caráter desconfiável na linha de investigação dos agentes policiais de Vargas ao apresentar um plano de sublevação nazista na América do Sul e um movimento revolucionário nazi-fascista, com ajuda de integralistas nos planos, assim como em outras atividades de espionagem nazista, a solidariedade, os contatos e circulação de

⁵² Reflexões sobre a visão dos líderes integralistas a respeito do papel do movimento no continente tratadas em: BERTONHA, 2014, p.105-108.

⁵³ Questão do nacionalismo/autodeterminação dos povos dos integralistas x internacionalismo/imperialismo étnico-racial dos nazistas debatida em: CRUZ, 2004, p. 262-266.

⁵⁴ Relações entre nazistas e integralistas no Brasil a ser delineadas no texto, discutidas por: CRUZ, 2004, p. 45-68.

indivíduos entre a NSDAP e AIB podem ter ocorrido.⁵⁵ E o contato estreito entre os movimentos poderia se efetivar também pela ajuda financeira alemã no Brasil às associações nazistas, através da ligação de empresas alemãs no Brasil com o nazismo, como é o caso da Cia. Estradas de Ferro Alemãs, que continha uma lista de amigos da Alemanha, entre eles os integralistas. Já no Banco Germânico da América do Sul trabalhavam funcionários nazistas e integralistas. Esta ajuda mútua e o contato estreito entre eles, para Cruz (2004, p. 66), podem ser constatados, apesar de a maioria das evidências vir dos serviços de agentes da polícia política de Vargas.

A luta em torno dos mesmos inimigos e o compartilhamento de princípios entre o integralismo e o nazismo estabeleceram a necessidade de colaboração política, na crise mundial do entreguerras. A centralização do poder em torno de um líder forte, o corporativismo entre os grupos naturais para disciplinar as classes e a mobilização de massas revolucionárias, em prol do valor supremo da nação, constituíram a luta em comum desses movimentos nacionalistas, que se autointitulavam pertencentes ao universo fascista. Entretanto, no caso do nazismo e do integralismo, a intolerância racial foi o fator de conflito, usado pelas lideranças da AIB como ponto de diferença entre os dois movimentos.⁵⁶

O racismo contra os não nacionais de determinado país, do qual os movimentos reivindicavam um nacionalismo exacerbado, foi base

⁵⁵ Tendo em vista a publicação de matérias em defesa de Hitler e da Alemanha, com chamadas para a filiação de alemães no integralismo, como é caso do jornal integralista de Blumenau *Zeitung*. Há a troca de materiais de doutrinação e propaganda para a divulgação do integralismo na Alemanha e do nazismo no Brasil, através de cartas entre os membros dos dois movimentos, que demonstram a simpatia recíproca ou na organização de bibliotecas. Também há evidências da participação de integralistas na imprensa de influência alemã, *Gazeta de Notícias* e na agência de publicidade alemã, *União Brasileira de Imprensa*, como encontros de integralistas e nazistas em associações da AIB e a organização por ambos da Academia Juvenal Galeno e da Escola Almirante Wandenkolk. Organizações alemãs também contavam com a presença de integralistas, como no Clube Alemão Lira Gesangverein, na Sociedade Deutsche Vereinigung e no Pró-Arte. E a Rádio Guanabara, da Embaixada Alemã era dirigida por um integralista, assim como integrantes da estrutura do Estado nazista no Brasil mantinham relações com o integralismo. (CRUZ, 2004, p. 45-68).

⁵⁶ Discussão sobre a intolerância como ponto de conflito em ambos os movimentos em: CRUZ, 2004, p. 69-133.

para os projetos de nação defendidos. No entanto, a forma como essa unidade nacional foi proposta por meio da interpretação das raças, da construção do povo do determinado país, difere de movimento para movimento. Para o Nazismo, na luta entre as raças, a mais forte e suprema entre o gênero humano dominaria. Nesse caso, a raça ariana seria a superior e deveria se livrar das misturas raciais promotoras de degenerações, como tendências de comportamentos pervertidos e criminosos. Isto gerou políticas de segregação e extermínio de povos estrangeiros, raças consideradas inferiores, destruidoras do antigo centro cultural alemão.

Já para o integralismo, é na miscigenação racial do Brasil que se deve procurar a solução para a unidade nacional. Ela é a união das raças, onde se encontra a síntese da alma nacional: o caboclo. O racismo do movimento está na defesa da eliminação dos defeitos das raças inferiores (índios e negros), alcançada através da mistura entre esses povos com o branco europeu, tal qual defendiam as teorias de branqueamento. Resultaria em um amálgama de integração racial, com o caráter moral e ético dos valores cristãos: de solidariedade e de harmonia. A oposição dos integralistas à segregação e ao extermínio de raças inferiores dos nazistas vinha ao encontro dos princípios cristãos de comunhão dos povos, porém não livre do racismo da miscigenação, como forma de limpar o sangue indígena e negro da nação brasileira.

O ponto de diferença demarcado pelos integralistas em relação ao fascismo italiano e o nazismo estava situado na ideia de totalitarismo.⁵⁷ O Estado Integral pretendia integrar num todo harmônico às partes, a inviolabilidade da pessoa humana seria mantida de acordo com agrupamentos de aspirações e de interesses, com objetivo de manter o equilíbrio social e a harmonia. Ao contrário da tirania dos Estados totalitários da Itália, da Alemanha e, no mesmo patamar, o comunista da União Soviética, o Estado Integral não eliminaria as partes, mas as integraria num Estado ético de harmonia, com a personalidade preservada. No entanto, essa ideia de agrupamentos conforme os interesses individuais para o equilíbrio social estava atrelada à ideia de aceitação da hierarquia social e de colaboração para o funcionamento do Estado nacional.

⁵⁷ Marco de diferencial usado pelos integralistas para delimitar seu projeto em relação aos fascismos europeus e ao comunismo encontrado em: CRUZ, 2004, p. 251-261.

2.1.4 Implicações no uso do conceito de totalitarismo

O termo totalitarismo acabará por se transformar num conceito na academia e impulsionará a escrita de trabalhos sobre o período entreguerras. Desse modo, o último ponto deste item procura pensar as implicações no uso do conceito e das teorias explicativas que dele derivam, para então traçar conclusões e interpretar a Ação Integralista Brasileira como um fenômeno político fascista do entreguerras, para disciplinar a luta de classes.

Esse termo foi usado por Mussolini em seus discursos para descrever o Estado fascista, em que nenhuma atividade, seja ela material ou espiritual, existia fora do estado. A oposição liberal italiana se apoderou da expressão para falar do Estado fascista entre 1923-1925, e Giovanni Amendola, um dos líderes da oposição liberal exilado na França, usa o termo para escrever sobre a situação da Itália. Em 1929, o *Times* de Londres usa a expressão para comparar a situação política da Itália e da Rússia, e, em 1938, a interpretação ganha corpo com o trabalho de Hermann Hauschning, ex-membro do Partido Nazista, emigrado para os EUA, *Revolution des Nihilismus*. Posteriormente, em 1940 no Congresso *American Philosophical Society* nos EUA, no debate a expressão ganhou status de conceito acadêmico e impulsionou os estudos que procuravam diferenciar as tradições da liberal-democracia do mundo anglo-saxão das tendências políticas do resto da Europa. Após a Segunda Guerra, o uso do termo com esses objetivos se generalizou.⁵⁸

No livro de Hanna Arendt, *Origens do Totalitarismo* de 1951, o termo será pensado nessa analogia entre regime stalinista da URSS e o fascismo. Em tempos de Guerra Fria, na oposição EUA e URSS, esta comparação será fundamental para a política estadunidense. Dessa forma, segundo Konder (2009, p.111), uma campanha antissocialista foi empreendida pelos círculos do capitalismo ocidental, a fim de explorar as deficiências e as dificuldades internas do campo socialista e elaborar teorias sem comprometimento com a construção do socialismo. Para Melo (2014, p.24), quando se pensam as manifestações das massas anticapitalistas como um lugar de experiências totalitárias, está em curso o conceito fundamental para uma operação revisionista, de liquidação da tradição revolucionária.

⁵⁸ Usos da expressão totalitarismo encontrados em: BARBOSA, 2007, p. 192

Cinco anos mais tarde, em 1956, a noção de regimes totalitários seria divulgada no Ocidente.⁵⁹ As experiências revolucionárias do socialismo/comunismo da União Soviética, apesar de comporem propostas diferentes e contraditórias aos processos de crise do sistema capitalista e à luta de classes, foram associadas igualmente às experiências contrarrevolucionárias do fascismo italiano e do nazismo alemão.

Essas escritas que discutem o conflito social no processo histórico, segundo Melo (2014, p. 17-31), trazem à tona uma interpretação com o objetivo de revisar o papel da revolução na história contemporânea. Trata-se do revisionismo contrarrevolucionário e, conseqüentemente, o soterramento das experiências revolucionárias desde 1989 até 1917. Abordagens que buscam substituir o tema da revolução pelo da democracia, em que esta última se apresenta como o único futuro possível e desejável, de certa forma, o destino da humanidade, seria a economia de mercado e a democracia liberal. Os conflitos sociais das revoluções aparecem como períodos de derrapagem no caminho para a democracia, como é o caso da interpretação de Furet sobre a Revolução Francesa, e que levam as massas a serem seduzidas por ideias corruptoras, desembocando em totalitarismos.

A “anomalização” da revolução, como pensa Loff (2014, p.62-65), teve “suas potencialidades políticas imediatas” na legitimação teórica de divisão do mundo na Guerra Fria, entre o mundo livre na voz dos EUA e o totalitário na voz da União Soviética, que teria o mesmo modo de intervenção na sociedade que os fascismos formados durante o entreguerras. E nas potencialidades políticas em longo prazo produziu a noção de que a mobilização social das massas e a mudança social radical nas sociedades contemporâneas eram fenômenos de manipulação subversiva de grupos, que se autodenominavam vanguardas. Entretanto, isto levanta a suspeita sobre o caráter real das massas, em se mobilizarem e se insurgirem diante da realidade socioeconômica.⁶⁰ Para

⁵⁹ Pelas obras de Carl Friedrich e Zbigniew Brzezinski, com o livro *Totalitarian Dictator ship and Autocracy* e o livro de Raymond Aron, *Démocratie et totalitarism*.

⁶⁰ No entreguerras, os ressentimentos nacionalistas dos povos explorados pelo imperialismo, juntamente com a destruição da confiança nas mobilizações das massas operárias, das convicções democráticas e o desprezo pela plebe promoveram tendências desagregadoras no interior da vida social, pois que as multidões das enormes metrópoles estavam com suas condições privadas perpassadas pela competitividade exacerbada, que os afastava um dos outros e

Loff (2014, p. 62-65), a capacidade mobilizadora das massas em prol de valores progressistas sofreu um esvaziamento na virada das décadas de 1980 para 1990 com a crise do modelo soviético e parte do movimento comunista internacional. As únicas formas aceitas de mudança social se apresentaram como aquelas resultantes de longos processos de negociação entre setores das elites sociais e políticas, as demais seriam inevitavelmente desastrosas.

Tanto sobre o nazismo alemão, quanto sobre o fascismo italiano, duas operações revisionistas a respeito destas experiências estão em curso.⁶¹ Sobre o nazismo, o texto de Ernest Nolte publicado no jornal conservador *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (FAZ) em 1986, intitulado *O passado que não quer passar*, causou um debate que ficou conhecido como “A querela dos historiadores”. No texto, Nolte apresenta a tese de que o nazismo e o holocausto foram “cópias do bolchevismo”, que o extermínio de classe dos bolcheviques tinha similitude com o extermínio dos judeus, de tal maneira que o arquipélago Gulag foi anterior a Auschwitz; com isso os alemães podiam tirar sua culpa sobre o holocausto e deixar o passado passar. Essas comparações desprovidas de teoria crítica serão o eclipse do conceito de fascismo, em prol do de totalitarismo.

Sobre o fascismo italiano, foi o historiador Renzo de Felice quem, além de atribuir ao fenômeno um caráter de revolução social, também o comparou às experiências da esquerda, ao ter em comum desde Rousseau, da Revolução Francesa, até a Revolução Russa o

os colocava numa solidão angustiante. As vanguardas capazes de elaborar interpretações para enriquecer a autoconsciência da humanidade, destituídas da teoria crítica sobre a realidade, passam a instrumentalizar a teoria para a ação, num pragmatismo radical. Enquanto vanguarda, o fascismo trata-se de uma revolta ao materialismo histórico e uma apaixonada reativação das convicções idealistas, dos mitos patrióticos e voluntaristas em torno de uma comunidade humana autêntica: a nação. E com a utilização dos modernos métodos de propaganda, explorou aquilo que veio a ser chamado de “sociedade de massas de consumo dirigido”, apontando as potencialidades de modernização do movimento fascista. Já Stalin, diante dos reveses revolucionários da década de 1920, passou a exigir, no seu “oportunismo taticista”, que a teoria justificasse de forma direta cada virada tática nas atividades do partido. De forma que, a elaboração teórica em profundidade encontrou condições extremamente hostis e a teoria marxista perdeu a capacidade de criticar a prática, como de se desenvolver à margem da prática real. Essas reflexões sobre as vanguardas e o papel da teoria crítica nelas discutidos em: KONDER, 2009.

⁶¹ Revisionismo sobre o fascismo e o nazismo em: MELO, 2004, p. 31-40.

aspecto revolucionário. Mediante essas classificações, De Felice inflacionou o consenso popular do regime fascista de modo a esvaziar o aparato coercitivo do regime.

O eclipse do conceito de fascismo sobre os regimes de Hitler e Mussolini em prol do de totalitarismo ou relegados exclusivamente ao entreguerras e às duas experiências europeias serve, segundo Konder (2009, p.170), para desarmar e confundir as forças antifascistas, de forma a não identificarmos como o fenômeno fascista pode reaparecer em nossa época, modificado no interior do capitalismo monopolista em crise, na medida em que são “as exigências dos setores mais reacionários do capital financeiro” que pressionam politicamente o Estado e promovem, em menor ou mais grau, uma “radicalização dos deslocamentos para a direita”, com bombardeio prolongado e constante das instituições e valores democráticos, na desconfiança das massas populares e suas mobilizações. Encontram terreno fértil em ressentimentos nacionais, na procura de um pragmatismo para a ação política, e em tendências competitivas desagregadoras da vida social.

Com isso, ao perpassar por essas teorias do fascismo, é preciso considerar as experiências fascistas não como a chave explicativa do conceito de totalitarismo, com as mesmas práticas do comunismo soviético e, sim, como um fenômeno político, passível de reaparecer, efetivo no período entreguerras com um projeto de contrarrevolução ao projeto revolucionário dos comunistas, tendo em vista uma organização econômica, social e cultural de corporativismo nacional, a ser proposta em uma sociedade com os valores liberais em crise.

A Ação Integralista Brasileira fez parte desse momento de queda das instituições liberais e do surgimento desses movimentos nacionalistas de contrarrevolução.

Neste ponto, torna-se necessário levar em conta as evidências das relações estabelecidas entre o integralismo e a conjuntura internacional apresentadas nesse item, através dos caminhos percorridos de:

- a) Influência direta: ajuda financeira e apoio institucional da Embaixada italiana fascista para o integralismo;
- b) Influência indireta da Itália fascista: propaganda fascista promovida pela política externa italiana nas coletividades de emigrantes no Brasil;
- c) Inspiração de Salgado, líder e organizador do integralismo, no regime fascista de Mussolini para conceber a proposta de Estado integral;

d) Simpatia e identificação: os integralistas sentiam fazer parte do universo fascista, composto por movimentos nacionalistas de várias partes do mundo;

e) Solidariedade, contato e circulação de indivíduos entre o nazismo no Brasil e a AIB;

f) Teoria dos fascismos: implicações no uso do conceito de totalitarismo e a escolha do conceito de Fenômeno fascista para explicar a AIB.

Isto posto, consideramos o integralismo como um fenômeno político fascista para disciplinar a luta de classes, surgida no contexto conturbado de crise econômica do entreguerras. É sobre as discussões da natureza fascista ou não da AIB e o nacionalismo específico defendido pelo movimento no contexto brasileiro, presentes na bibliografia já existente sobre o integralismo, que trata o próximo item.

2.2 UMA DISCUSSÃO SOBRE O FASCISMO E O NACIONALISMO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Recorte de jornal 3 - Trecho do *Manifesto de Outubro de 1932*: união dos brasileiros

ros. Para unir todos os brasileiros num só espírito: o tapuwo amazônico; o nordestino; o sertanejo das provincias nortistas e centraes; os caigaras e piraquaras, vaqueiros, calús, capichabas, calungas, parocaras, garimpeiros; os boladeiros e tropeiros de Minas, Goyaz, Matto Grosso; colonos, sitiantes, agregados, pequenos artífices de S. Paulo; hervateiros do Paraná e Santa Catharina; gaúchos dos pampas; o operariado de todas as regiões; a mocidade das escolas; os commerciantes, industriaes, fazendeiros; os professores, funcionarios, os medicos, advogados, engenheiros, os trabalhadores de todas as estradas; os soldados, os marinheiros — todos os que ainda têm no coração o amor de seus maiores e o entusiasmo pelo Brasil. Temos de invocar nossas tradições gloriosas: Temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir. O nacionalismo

Fonte: Manifesto de Outubro de 1932.
In: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº1, p. 4, 17 maio 1935.

2.2.1 Integralismo e totalitarismo: por uma diferenciação entre o socialismo e o fascismo

O integralismo no Brasil foi considerado um totalitarismo por Ricardo Benzaquen de Araújo (1988), devido ao mito das três raças desenvolvido nos escritos de Plínio Salgado. A mobilização absoluta das massas com o objetivo de superar os problemas sociais, econômicos e culturais gerados pelo capitalismo, na voz de um materialismo desagregador e relativista, pretendia eliminar qualquer forma de pluralismo político ou social. Segundo o autor, essa confusão entre igualdade e ausência de diferenças no papel da miscigenação das raças no Brasil colocaria o movimento integralista como totalitário, diferentemente das tradições conservadoras e autoritárias.

No totalitarismo há a uniformização da sociedade através da mobilização popular, em que a liberdade existe apenas na forma positiva de participação, generalizada, obrigatória e permanente. Seria um exercício absoluto da noção de liberdade, na forma de soberania. A dimensão totalitária no seio de regimes poderia ser encontrada nas obras de seus ideólogos e no período anterior, quando era um movimento. E especificadamente no interior da tradição democrática da modernidade ocidental, pois “obcecado” em superar as desigualdades, o “veio revolucionário incrustado” desenvolvia uma concepção de soberania e cidadania bem peculiar, a eliminar o pluralismo social, ético ou político em prol da sociedade fraterna. Nessa linha de pensamento, na obra de Araújo (1988), o jacobinismo com um líder de índole radical é apresentado como a leitura totalitária do iluminismo, seguido na história contemporânea pelo fascismo, pelo nazismo e pelo stalinismo.

Assim, segundo essa linha de raciocínio, o integralismo como um movimento fascista dentro da variante do totalitarismo emergiu e teve sua expansão na peça-chave exercida pelo processo revolucionário de 1930. A imprevisibilidade do cenário político e o clima de indefinição criado durante o processo revolucionário e, mais além, entre o fechamento da República Velha com seu sistema oligárquico e a centralização severa produzida a partir de 1937 com o Estado Novo, teriam facilitado o surgimento de propostas totalitárias: movimentos como a Ação Nacional Libertadora (ANL), as Legiões Revolucionárias e o próprio integralismo.

Diferentemente das tradições antiliberais, o integralismo não pretendia a subordinação de toda a sociedade ao domínio do Estado, como propõe um governo autoritário e da maneira como Plínio atacava a

prática fascista e a comunista, acusando de totalitarismo. Mas sim o Estado como servo, como instrumento soberano de valores espirituais que mobilizariam todos os setores da vida social. Segundo Araújo (1988), também não teria singularidades preservadas sob a mediação hierárquica de um princípio de ordem e disciplina, da forma conservadora, e, sim, a supressão da liberdade negativa, numa sociedade uniforme e sem divisões, de eliminação de todas as diferenças e particularidades.

Com isso, as afinidades e semelhanças entre socialismo e fascismo são apresentadas a partir da superação do liberalismo, desde as críticas eruditas à sociedade liberal e seus sustentáculos teóricos de racionalismo, evolucionismo e positivismo. A incorporação da crítica da exploração econômica e da questão social, tal como da crítica do sistema representativo de governo, da liberdade negativa e da igualdade civil como geradores de injustiças, juntamente com um novo nacionalismo de mobilização das massas em prol da nação, não confiando mais nos destinos da pátria nas mãos de grupos tradicionais como o clero, a aristocracia ou mesmo os militantes, acabou por unir esse novo nacionalismo com o socialismo, nos movimentos depois chamados de fascistas.

Entretanto, o que para Araújo (1988) são semelhanças e afinidades em comum entre o socialismo e o fascismo, para Konder (2009), o fascismo é uma virada interpretativa da luta de classes, focada no princípio de luta entre nações, e na prática se desenvolvendo como uma disciplinarização das classes sociais pelo Estado corporativo. Já para Hobsbawm (1995) se apresenta como uma das opções políticas do entreguerras para enfrentar o colapso econômico e seus efeitos, diante de opções diferentes como o comunismo e o capitalismo reformado pelos movimentos trabalhistas da moderada social-democracia.

Para Antônio Candido, no prefácio do livro de Chasin (1999, p. 14), *O Integralismo de Plínio Salgado*, trata-se de uma grande diferença entre o socialismo, que prezava a construção de “uma sociedade igualitária e progressista num mundo hostil, em meio a erros, atrasos e tropeços, abusos de toda a sorte, além de uma tradição milenar de tirania absoluta”. Apesar de, em meio à busca das liberdades democráticas e a fim de “torná-las patrimônio de todos os homens”, não efetivados dentro do contexto capitalista com sua prática política burguesa, os regimes socialistas terem restringido e suprimido essas mesmas liberdades. Porém, o fundamental seria nos perguntarmos “por que, como, até quando foram suspensas”. E o fascismo, que “tratava-se de frear, em países de estrutura política muito mais favorável, o advento dessa

sociedade, procurando manter tudo aquilo que constitui o peso morto do passado.” Assim, para Candido, a questão em torno do conceito de totalitarismo, com objetivo de distinguir socialismo do fascismo, deve ser encarada na seguinte forma:

No primeiro caso, portanto, houve supressão ou não-estabelecimento de práticas que o socialismo sempre reputou humanizadoras e essenciais para sua realização; e que deverão por isso voltar um dia, conforme está implícito em sua filosofia. No segundo caso, o intuito foi a supressão de uma vez por todas, porque elas foram reputadas desnecessárias e mesmo perniciosas, conforme está explícito na filosofia dos movimentos fascistas, que as substituem por sucedâneos mais ou menos caricaturais. Isso não importa em dizer que os fins justificam os meios (no caso russo), meios e fins são inseparáveis no processo dialético e só se definem reciprocamente, em função da totalidade que lhes dá significado (CANDIDO, 1999, p. 15).

Portanto, há uma diferença crucial de pressupostos nas filosofias do socialismo e do fascismo, entre tentativas de luta pela plenitude das liberdades democráticas tanto políticas como sociais, do socialismo, não efetivadas na liberal-democracia, com sua defesa da propriedade privada dos meios de produção e da economia de mercado, e a luta pela supressão dessas liberdades, dos fascismos, a fim de gerar uma colaboração e uma disciplina das classes, em prol do desenvolvimento da nação. Com isso, Candido, na sua análise crítica da obra de Chasin (1999) no prefácio, ressalta a possibilidade de travar uma discussão a respeito da natureza do fascismo/integralismo, rejeitando a conceitualização de totalitarismo.

2.2.2 O fascismo e o nacionalismo dos “camisas-verdes” em questão: o debate dos autores

Chasin (1999), na crítica racional dos textos de Plínio Salgado, rejeita a possibilidade de trabalhar não só com o conceito de totalitarismo, mas também descarta o conceito de fascismo. O objetivo desse autor é distinguir o integralismo do fascismo e traçar uma explicação científica sobre a ideologia construída pelo líder do

movimento, de acordo com a possibilidade objetiva de sua subordinação em um país de capitalismo hipertardio, como era o Brasil. Assim, não haveria condições de uma reação da burguesia de se defender, em um ambiente que comportava traços modernos e arcaicos, como era o caso do capitalismo tardio na Alemanha, Itália e Japão.⁶²

Na distinção entre integralismo e fascismo, o primeiro movimento aparece sob a base social e econômica do pensamento de Plínio e rastreia as inspirações ruralistas, sentimentais e irracionistas no nacionalismo cultural brasileiro. Chasin (1999) prefere evidenciar a diferença brasileira, em vez de salientar a continuidade cultural entre as duas ideologias nas bases econômicas e sociais do mundo como todo, movido pelas relações de mercado. Com esse raciocínio, Candido (1999, p. 15-20) tece sua defesa da diretriz principal fascista dos movimentos, tais como o integralismo. Apesar das diferenças e nuances adquiridos em cada país, devido à ausência de base teórica autêntica e uma “ideologia de disfarce”, através de princípios surrupiados do adversário, o socialismo, essas diferenças não permitem separar ontologicamente de um sistema semiológico dos movimentos fascistas.

O exame e a identificação das minuciosidades nos componentes da ideologia pliniana é o que interessa a Chasin. No Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo, escrito por Plínio e publicado em 3 de março de 1931, um ano e meio antes da fundação oficial da AIB, Chasin (1999, p. 24-29) evidencia o “primeiro e mais completo manifesto integralista”. É nele que aparecerá o sonho pliniano de paraíso rural, diante da crítica ao latifúndio, ao cosmopolitismo, ao messianismo, ao imperialismo e à república de industriais, sob a construção de um corporativismo baseado numa reforma agrária para dividir os latifúndios em pequenas propriedades e vendê-las, para dar ao “verdadeiro” agricultor a terra, sem romper com a propriedade privada e aceitar a fatalidade de ser uma civilização geográfica, a representar o celeiro do mundo. Assim, o “núcleo ideológico diretor de onde emanam, procedem e envolvem os demais componentes de seu ideário” está na descoberta de Chasin, de uma utopia ruralista na obra de Salgado.

Não obstante Salgado ter saído da Legião Revolucionária de São Paulo, logo após a repercussão negativa de seu manifesto, tornando-o

⁶² Chasin parte, portanto, do texto de Lukács, *O Assalto à Razão*, sobre os caminhos da filosofia alemã até chegar a Hitler, no entendimento de que o objeto ideológico deve ser encarado na sua gênese e função social, de seu pensamento real e da determinação do efetivo significado da sua ideologia, nas raízes das suas bases materiais.

conhecido pelo suposto viés fascista e de ele acusar os membros da Legião de marxistas, mesmo esta Legião possuindo certo teor de esquerda e caráter nacionalista, centralizador e autoritário, Plínio manterá seu pensamento sobre os rumos que a Revolução iniciada em 1930 deveria tomar. Os rumos da Revolução conduzidos pelos dissidentes da oligarquia e baseados nos ideais liberais, não lhe apresentavam um bom cenário. Contudo, naquele momento Plínio ainda mantinha laços com o PRP e com o candidato Júlio Prestes deste partido, que foi impedido de tomar posse. Mais tarde, com Vargas sob o comando e abandonado pelas elites paulistas, em situação financeira apertada, Plínio tentará se envolver nas Legiões, para exercer o papel de mentor ideológico de uma nova ordem e difundir o futuro que ele desejava para o país.⁶³

Já segundo Trindade (1979), as condições da realidade brasileira de forte tensão social propiciaram a gênese do fascismo brasileiro, o integralismo, caracterizada pela aceleração de um processo de industrialização e a emergência das lutas sociais, com os movimentos proletários e a radicalização das classes médias urbanas. Sendo assim, a trajetória de Plínio se apresenta como fundamental. Este, com sua viagem de descoberta do fascismo italiano, o posterior desligamento com os laços do PRP após Vargas assumir o poder na Revolução de 1930 e seu envolvimento com as legiões revolucionárias preocupadas com o rumo no processo político, acaba por fundar o jornal *A Razão* em meados de 1931, com a direção e financiamento de Alfredo Egydio de Souza Aranha.

Até 23 de maio de 1932, quando a sede do jornal *A Razão* é incendiada pelos adeptos da Revolução Constitucionalista em São Paulo, Plínio publica mais de 300 artigos por meio da direção de uma nota política diária. Na defesa de uma revolução na revolução, ele mostra sua disposição em organizar um movimento político independente, que resultará primeiro na fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) em fevereiro de 1932, em torno de jovens intelectuais que rejeitavam o retorno do liberalismo, articulados por Plínio nos diversos movimentos antiliberais. E, em maio de 1932, na terceira sessão da SEP, ocorre a criação de uma comissão técnica para transmitir ao povo de forma simples os resultados dos estudos e as bases doutrinárias, campanha esta que foi chamada de Ação Integralista Brasileira. Mas só em outubro de 1932 é que o manifesto de divulgação

⁶³ Informações sobre Plínio encontradas em: BERTONHA, 2013, p. 71-79.

do movimento pôde ser publicado, devido à eclosão e conturbação política da Revolução Constitucionalista.

O clima intelectual também é apresentado por Trindade (1979) como decisivo, com os movimentos nacionalistas, o modernismo, a reação espiritualista de intelectuais na sociedade brasileira em transição na década de 1920 e com a ascensão das ideias autoritárias em 1930, através de uma literatura antiliberal e de movimentos políticos autoritários. Entretanto, para este autor, apesar das possibilidades de emergência no contexto nacional do fenômeno fascista e das condições, o fascismo brasileiro não pode se desenvolver, contudo características como a organização altamente hierarquizada, os aspectos centrais da ideologia, o estilo autocrático e carismático do poder do chefe e os rituais não podem ser pensados sem a referência externa do modelo fascista europeu.

Diante disso, o fator decisivo da emergência do fascismo brasileiro, o integralismo, se torna o mimético segundo Chasin (1999, p. 34-44), pois Trindade não teria se perguntado sobre a possibilidade efetiva de ocorrer tal imitação do modelo fascista europeu no terreno político brasileiro. O caso é que, de acordo com Chasin, mesmo que as lutas político-sociais tenham se intensificado no país durante o entreguerras, as mudanças não livraram o país de ser subordinado economicamente aos países metropolitanos e nem o antagonismo burguesia-proletariado foi intenso o suficiente para ameaçar as forças no poder e gerar uma contrarrevolução de alianças entre a burguesia, as camadas médias e a classe operária em prol da nação brasileira e, assim, ter a efetivação do modelo fascista mediante o integralismo.⁶⁴

⁶⁴ Esse debate entre Trindade e Chasin tem ponto central em um artigo da coletânea *História Geral da Civilização Brasileira*, em que Trindade aponta problemas teórico-metodológicos nas obras de Vasconcellos e Chasin. Em relação à obra de Vasconcellos indica certas generalizações do discurso ideológico, já para obra de Chasin há a utilização de textos de Plínio Salgado no pós-guerra, em que a negação ao fascismo é pertinente, dessa forma o autor teria defendendo o ponto de vista oficial dos integralistas. Esse debate se referindo à obra de Héglio não foi o primeiro, uma vez que Héglio já havia enfrentado críticas de Wanderley Guilherme dos Santos em *Paradigma e História – a ordem burguesa na imaginação social brasileira*, críticas às quais Héglio responde na obra publicada na Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob título de *Texto e Contexto: nota crítica a alguns aspectos do estudo Paradigma e História de Wanderley Guilherme dos Santos*. Antes desse debate, Oliveira destaca duas obras que tiveram a AIB como objeto de estudo no período de

A dependência do Brasil em relação às nações capitalistas hegemônicas provocou, nos camisas-verdes, a apropriação dos fascismos europeus e a construção de uma fantasmagoria utópica de tornar-se autônomo, na voz do nacionalismo da ideologia curupira. Com esse argumento, Vasconcellos (1979, p.16-21) defende a natureza fascista mimética do integralismo. A fantasmagoria de uma autonomia do Brasil destes países hegemônicos torna-se uma utopia e traz à tona as relações de subordinação do Brasil no sistema do capitalismo global. Desse modo, o Estado Integral seria o agente desta utopia na proteção do Brasil da luta de classes, de uma certa invasão forasteira. A utopia de país autônomo seria uma resposta à condição de dependência, em que a cultura nas sociedades periféricas é ausente de autodeterminação e só pode, nestas condições, configurar respostas equivocadas de uma utopia fantasmagórica autonomística, ao contrário do que se passa em países capitalistas com o desenvolvimento autônomo; disso resulta, então, o influxo externo na configuração do integralismo, o arremedo dos fascismos europeus.

Na construção da utopia de tornar-se um país autônomo, a figura do curupira será decisiva. Índio de pés voltados para trás e forrado de pelos, ele é o protetor das florestas com habilidades para se embrenhar no mato e servir de resistência nacionalista, tanto no movimento modernista verde-amarelo, do qual Plínio fazia parte, como no integralismo. Elemento para dar cor à oposição entre nacionalismo/cosmopolitismo, interior/cidade e sertão/litoral e pelo qual as cidades cosmopolitas seriam invadidas, a fim de curvar-se ao espírito nacional do curupira, colocar a camisa verde e entoar anauê para a deflagração da revolução nacional contra os estrangeirismos.

Nesse sonho de romper com os laços da dependência, o pensamento burguês de periferia espelha a contradição de uma burguesia subordinada economicamente, porém com a ideologia de um desenvolvimento nacional. Portanto, o sonho curupira nacionalista de desvinculamento com as ligações culturais do exterior continha um projeto “genuinamente nacional” de desenvolvimento. Para Florestan Fernandes, no prefácio da obra de Vasconcellos (1979, p. 15), a

vigência legal do movimento. Uma delas no ano de 1937 de Carlos Henrique Hunsche com a tese de doutoramento *O Integralismo brasileiro: história do movimento fascista no Brasil* em Berlim. E, a outra em 1938, de Arnaldo Nicolau de Flue Gut com a tese *Plínio Salgado, o credor do integralismo brasileiro na literatura brasileira* em Munique. Ver: OLIVEIRA, 2010, p. 123-124 e GONÇALVES, 2010.

importância do estudo está na teoria, ao conduzir a investigação do campo econômico e do político para o cultural. Os intelectuais acabam tendo suas imaginações atravessadas e determinadas pela dominação externa e pelos centros de onde se irradiam a cultura, nas hegemônicas nações capitalistas.

Posteriormente à década de 1970, os debates em torno das origens ideológicas do integralismo, seu grau ou não de envolvimento com o fascismo europeu e mais especificadamente, a conceitualização do movimento continuaram sendo palco das discussões. A cargo dos historiadores, os trabalhos ampliaram as fontes e investigaram temáticas específicas dentro do integralismo. Entretanto, a partir de 2001 eles se reuniram no Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT) com debates online e organização de eventos, que resultaram em cinco encontros nacionais e livros organizados em conjunto. Passaram a se preocupar com outras formas de fascismo: o nazismo, movimentos tradicionalistas e questões em torno da temática dos estudos sobre a direita.

O coletivo de discussões ampliou-se e possibilitou o credenciamento do Grupo de Trabalho (GT), História dos partidos e movimentos de direita na Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH) no encontro desta, em 2013. Com isso, a conceitualização dos movimentos ligados à direita tornou-se bastante heterogênea, lançando-se mão dos diversos conceitos disponíveis, desde que correspondessem a manifestações da direita antiliberal. Podem encaixar-se como autoritários, da extrema-direita, totalitários e/ou conservadores. Os movimentos e partidos afirmam desigualdades e demonstram-se antirrevolucionários, antidemocráticos, antissocialistas e intolerantes. Neles se incluem o fascismo, o neonazismo, o nazismo, o integralismo, com formas antisemitas, racistas, tradicionalistas, chauvinistas e nacionalistas

A utilização destes termos coloca os movimentos e partidos na seara da direita e na necessidade de estudá-los perante uma reeleitura da direita na contemporaneidade, com o surgimento de manifestações, movimentos e partidos de extrema-direita. Mas não pontuam a diferença entre os conceitos, nem entre os movimentos e partidos e, também, nem sobre as diferentes formas que podem tomar e sob quais contextos. A preocupação inicial do grupo é apontar as semelhanças, no entanto interessa estudar o integralismo pontuando sua relação com o conceito de fascismo, não vinculado ao totalitarismo, e levantar algumas ressalvas sobre o conceito de extrema-direita, já que se pode conotar sentido parecido com o de totalitarismo. Isto porque, se existem extremismos de direita e de esquerda, logo o ponto mediador a ser

alcançado no centro é a liberal-democracia da economia de mercado, posto como única forma de garantia das liberdades democráticas, que, como já apontado, não se fazem plena nesse sistema.

2.2.3 AIB: um fenômeno fascista com um nacionalismo específico

O entendimento do integralismo como um fenômeno fascista, requer levar em consideração os apontamentos de Candido no prefácio do livro de Chasin (1999). Justamente neste livro há o debate sobre os aspectos exteriores na formação do movimento e sobre as minuciosidades, que constituem a base da formação do pensamento de Salgado. Em jogo está a utilização do conceito de fascismo, pois se a distinção entre integralismo e fascismo é necessária para a percepção das minuciosidades do movimento no Brasil, logo estas mesmas bases materiais de país economicamente subordinado tornam impossível o desenvolvimento de um fascismo brasileiro, e o fator externo acaba por se apresentar como uma imitação em terreno brasileiro de ideias europeias. Assim, para Chasin (1999), o integralismo é uma proposta de regressividade no capitalismo hiper-tardio e não um fascismo. Para Vasconcellos (1979), o integralismo é uma imitação do fascismo europeu, operação própria de países com economia periférica, e para Héliogio (1979), a operação mimética é constatada diante da impossibilidade de efetivação do fascismo brasileiro, porém o país possuía tensões suficientes para desencadear a emergência deste fascismo, na voz do integralismo.

O estudo e o foco nas minuciosidades do desenvolvimento do movimento em terras brasileiras, com características próprias, não excluem ontologicamente, segundo Candido (1999, p. 18-19), os aspectos exteriores. Como uma ideologia mascarada por “princípios tomados ao adversário mais visado, o socialismo”, a contrarrevolução fascista possuía um sistema semiológico próprio destes movimentos, do qual o integralismo participava, e, assim, torna-se necessário pensar até que ponto há tal participação. Para dialogar com estes focos diferentes: exterioridade e minuciosidade, aparentemente contraditórios, retomarei alguns pontos da questão, aqui discutidos. Primeiramente os aspectos exteriores do integralismo: os fascismos europeus.

O colapso econômico do entreguerras provocou tensões sociais, políticas, culturais e econômicas sob todas as partes do globo, onde haviam relações de mercado. A regra passou a ser mais a luta do que a paz entre as classes, e o liberalismo, com suas instituições políticas e valores culturais, não pôde mais ser efetivo e sofreu uma queda,

despedaçando governos democráticos. O sistema capitalista estava em crise e a luta entre as classes se acirrava. Nestas condições, para Hobsbawm (1995), o sistema democrático representativo não funciona, nem é viável ou eficaz.

Não há um consenso mínimo entre a maioria dos cidadãos, não há aceitabilidade sobre o Estado que governa e legitimidade sobre o sistema social vigente, o voto soberano também não possui a compatibilidade dos vários elementos do povo para determinar um governo comum da maioria, os governos democráticos não podem agir como freios, no controle do poder das relações de mercado para prover regras básicas de funcionamento da sociedade civil e, sim, agir como motores a fim de governar, se aproximando das formas autoritárias. E sob falta de riqueza e a prosperidade, as tensões entre as classes se intensificam, promovendo revoluções e contrarrevoluções. “Nessas circunstâncias, a democracia tornava-se mais um mecanismo para formalizar divisões entre grupos inconciliáveis que qualquer outra coisa.” (HOBSBAWM, 1995, p. 142)

Com esse contexto internacional do entreguerras, as bases reais de construção atuaram em todas as partes do globo afetadas pelas relações de mercado, inclusive o Brasil. Isto tornou a liberal-democracia pouco eficaz, formalizando as divisões de interesses irreconciliáveis, na voz de três opções que competiam pela hegemonia intelectual-política. Uma delas era a fascista. Apesar de Hobsbawm (1995) evidenciar o movimento mundial do fascismo, que crescia como uma maré e se espalhava pelos cantos do mundo, ele procura distinguir o fascismo da Itália e da Alemanha daqueles movimentos profascistas ou reacionários anacrônicos, como pode ser o caso do integralismo no Brasil. Contudo, o autor faz uma consideração sobre a aproximação do novo milênio, este que estamos vivendo. Para ele, as incertezas sobre as democracias políticas não estavam tão remotas, quando pareciam antes com a estabilidade econômica. “O mundo pode estar, infelizmente, reentrando num período em que as vantagens desse sistema não pareçam mais tão óbvias quanto entre 1950 e 1990.” (HOBSBAWM, 1995, p. 143)

O fascismo como fenômeno não restrito a uma época e a um ou dois espaços europeus pode reaparecer modificado como uma força dentro do capitalismo monopolista. Trata-se, segundo Konder (2009, p. 165-167), de exigências dos setores mais reacionários do capital financeiro que se manifestam nas pressões políticas de uma “radicalização de deslocamentos para a direita” e necessitam, assim, de uma política com tendências fascistas para que o capitalismo

monopolista de Estado continue a atuar. O colapso da economia baseada no liberalismo clássico do entreguerras dirigiu a importância da intervenção estatal para a regulação do mercado e, necessariamente, de uma política antidemocrática para preservar a ação estatal e evitar uma democracia política. Evitar, assim, que os interesses do povo pudessem controlar os poderes do Estado e se opor ao imperialismo, ao funcionamento do capitalismo.

A tentação do fascismo está no crescente controle do Estado sobre as relações de mercado, a fim de limpar as “incrustações democráticas”, com cada vez mais medidas repressivas e antipopulares. Este é o panorama sobre a questão fascista, que Konder apresenta em seu livro escrito em 1970 e publicado pela primeira vez em 1977. O Estado, na época, lhe parece dotado de funções crescentes:

O Estado é chamado a oferecer garantias, a intervir no mecanismo de formação e fixação dos preços, a controlar os estragos causados pela competição entre monopólios, é chamado a organizar os contatos, a coordenar e interligar os diferentes capitais às diferentes produções. (KONDER, 2009, p. 175).

Sobre essa época e a questão fascista, Florestan Fernandes escreve em 1978 o prefácio do livro sobre a ideologia curupira de Vasconcellos, e entende que a era das multinacionais e do Estado que internacionaliza hegemonicamente suas funções, no padrão de imperialismo de choque entre União Soviética e EUA, necessita de um certo fascismo de direito. “Do ‘direito’ antirrevolucionário e contrarrevolucionário: o *direito* que a burguesia do capitalismo recente julga seu de instituir uma *democracia* forte e com ela paralisar a história da humanidade.” (FERNANDES, 1979, p. 15). Tais tendências fascistas absorvidas pelo Estado, naquele contexto, não se manifestam em movimentos ou mobilizações contrarrevolucionárias, por isso Florestan considera irrelevante o estudo integralismo naquele momento.

O Estado de Bem-Estar Social promovido pelas políticas de intervenção na economia será substituído pela política neoliberal de mercado autorregulado. A partir da década de 1970, a experiência de mercado autorregulado se alastrará pelo planeta. Experiência essa que na primeira metade do século XX levou às crises econômicas e políticas, entre elas a grande depressão econômica do entreguerras e as duas guerras mundiais. Trouxe em seu bojo a proposta fascista para a

estabilização do mercado, da política, das classes sociais e dos valores culturais.⁶⁵

O neoliberalismo globalizado e sem opositores críticos pode se alastrar, alimentado pela passividade, adaptação e resignação a um mundo que era lhes apresentado como “pós-industrial” e “pós-moderno”. Para tanto, o niilismo imobilista da pós-modernidade, por meio do pensamento anti-humanista, alimenta no plano econômico o mercado autorregulado, o que há de mais conservador e retrógrado. O ímpeto do capitalismo de “devorar sociedades inteiras ao implantar seus preceitos e dogmas econômicos baseados no lucro acima de tudo [...]”, segundo Cruz (2012, p 41), é considerado algo tanto natural como inevitável (CRUZ, 2012, p. 41) para a pós-modernidade, pois, as contradições de classe são de difícil solução. A emancipação humana do racionalismo iluminista e a busca do progresso social, da igualdade, da universalização humana levam à dominação de outros povos e à uniformização dos totalitarismos. E esses aspectos positivos da sociedade moderna, a razão, o progresso tecnológico e científico, o compromisso com o universalismo e igualdade devem ser ultrapassados, em prol da divergência, da diferença, do particular e do autêntico de uma sociedade que se diz posterior à modernidade.

Com a pluralidade e a diversidade encapadas nessa concepção, imaginam ter superado nacionalismos chauvinistas ou manifestações com teor totalitário, porque consideravam culpa das revoluções e das tentativas de transformação social, que resultam em uniformização das massas, já que a barbárie seria produto da civilização moderna. Contudo, a ideia de fragmentação e identidades reforça o capitalismo, na defesa de um pluralismo liberal; e filha da modernização incessante e globalizada, a pós-modernidade se constituiu não uma ruptura, mas uma continuidade da era moderna, com seus projetos específicos e contraditórios de sociedade.

Assim, o projeto pós-moderno alimenta o mercado autorregulado e abre caminho para o fenômeno fascista. De acordo com Iasi no prefácio do livro de Konder (2009, p. 17), a questão do fascismo e da pós-modernidade aparece entrelaçada, na medida em que o culto ao pós-moderno, do irracionalismo combina com outros elementos, como: o elogio dos instintos e sentimentos contra a razão, a real *politik* como nova forma de pragmatismo e o preconceito de classe contra os

⁶⁵ Reflexões sobre o mercado autorregulado e a emergência de fascismo em: CRUZ, 2012, p. 21-44.

trabalhadores, expressada academicamente na ideia de que o mundo do trabalho acabou e de que o conceito de classe social é inapropriado para a explicação da sociedade contemporânea. Esses sintomas alertam sobre a “alma” fascista libertada:

Capitalismo monopolista em crise, imperialismo, ofensiva anticomunista, criminalização de movimentos sociais, decadência cultural, hegemonia da política pequeno burguesa em detrimento da política revolucionária do proletariado, irracionalismo, neo-positivismo, misticismo, chauvinismos nacionalistas acompanhados ou não de racismo... Não se enganem. Só posso alertar, como certa feita o fez Marx, que “esta fábula trata de ti”! (IASI, 2009, p. 20).

Diante disso, o fascismo como fenômeno político pode se apresentar na atualidade, de acordo com Cruz (2012, p. 33), como uma “reação ao binômio ‘pós-modernidade’/neoliberalismo”, em tempos de colapso econômico das relações de mercado e acirramento da luta de classes. Contudo, movimentos surgidos sob tal contexto e sob as bases de uma contrarrevolução paramilitar às mobilizações populares, na defesa da disciplinarização da luta de classes, supressão das liberdades democráticas e controle absoluto do Estado sobre a economia, com o objetivo de formar o estado corporativo por uma elite enérgica e um povo/raça devotado à nação contêm minuciosidades próprias de cada contexto nacional.

O integralismo, apresentado por Trindade (1979) no seu estudo como um fascismo brasileiro da década de 1930, apresenta características semelhantes ao fascismo europeu, tais como a camisa-uniforme verde nascida da negra de Mussolini, o símbolo místico da somatória do sigma, a saudação indígena anauê e outros ritos em volta do partido, da figura central do chefe carismático e autocrático, para a construção de uma nação forte e autônoma, livre das corrupções do sistema democrático, constituída pela sobreposição da miscigenação racial brasileira sobre as raças estrangeiras, através de uma estrutura hierarquizada de organização social, com milícias paramilitares de combate aos comunistas.

No Brasil, os grupos hegemônicos das oligarquias que mantiveram seus interesses na pauta da chamada República Velha, com a crise econômica e política que assolava o mundo, perderam seus

postos. A chamada Revolução de 1930, que seguiu a grande depressão econômica de 1929, colocava o país sob uma crise política e sob o debate da inviabilidade organizacional, social, econômica e cultural do liberalismo. Com isso, a obra doutrinária da AIB pertence a esse “momento de reflexão sobre os destinos políticos, sociais e econômicos do Brasil e do mundo.” (CARNEIRO, 2012, p. 169). O referencial exterior da Itália fascista contribuiu para cultura de direita no Brasil no entreguerras, segundo Bertonha (2001, p. 99), na medida em que a política externa para manutenção da italianidade e a propaganda do fascismo atuaram nas colônias de emigrantes e no público em geral no Brasil, por meio de instituições culturais e educacionais, influenciando tanto o integralismo quanto o varguismo.

Some-se a isso a inspiração no projeto de sociedade do fascismo italiano que Plínio teve, de modo geral, em sua viagem para Itália e sua audiência com Mussolini. É válido lembrar também que houve a influência direta com ajuda financeira do fascismo italiano e indireta com a solidariedade, os contatos, a circulação entre os membros e a troca de favores entre integralistas, tanto com fascistas italianos como com nazistas alemães. A simpatia com os fascismos do mundo é evidenciada nos jornais integralistas, de modo que os movimentos se autoidentificavam participantes de um universo fascista.

As tensões políticas, econômicas e sociais do Brasil no entreguerras foram, para Trindade (1979), suficientes para a emergência de um fascismo brasileiro. Entretanto, ele não se realizou como regime. Essa constatação levará esse autor a considerar fundamental a influência do modelo fascista externo, numa operação mimética. Essa apropriação, das características dos projetos fascistas da Europa no Brasil de economia periférica, foi ressaltada por Fernandes (1979, p. 11-15) como uma tentativa triste de cavalheiros dentro da burguesia e do pensamento conservador. Por isso, o estudo do integralismo não mereceria mais que uma “novela picaresca” para entender “as peripécias vividas pela sociedade brasileira para consolidar o poder burguês”. O movimento teria sido absorvido pelas classes dominantes com uma necessidade de compensação psicológica das condições do aparelho de Estado no Brasil, do enquadramento no poder e da manutenção do imperialismo. Assim, dava à prática conservadora a possibilidade de manter uma contrarrevolução, com a intervenção estatal e sem mobilização das massas, em que o integralismo é utilizado para um “controle estático da ordem”.

A pergunta do Chasin (1999) está neste sentido: por que o fascismo brasileiro não se realizou? Em um país economicamente

subordinado de capitalismo hipertardio, o integralismo foi uma forma de regressividade de defesa de uma utopia rural irrealizável. A tensão burguesia/proletariado não era intensificada para a chegada ao poder de um regime contrarrevolucionário, como em países de capitalismo tardio, tais como a Alemanha e a Itália. Contudo, a possibilidade de, numa economia periférica, as propostas nacionalistas de autonomia se tornarem utópicas, no sentido de que não têm bases para se efetivar na realidade social de um país dependente e, de certa forma, essas propostas nacionalistas terem sido influenciadas por modelos dos fascismos europeus, não exclui o fato de que essas utopias se constroem nas bases reais do país economicamente subordinado, como Chasin (1999) apontou as condições. Para Candido, as questões em torno do aspecto exterior fascista do integralismo e as minuciosidades do elemento nacional se apresentam deste modo:

Que o integralismo não foi certamente uma cópia; correspondendo às condições histórico-sociais, foi um movimento reacionário conciliatório, norteado por valores e interesses da pequena-burguesia parasitária do capitalismo; inscrito num panorama de capitalismo atrasado, o presente e sobretudo o futuro lhe causavam medo, e ele incorporou um máximo de tradição ruralista e patriótica, refugando a dinâmica do mundo industrial; para fazer isso, absorveu elementos essenciais do fascismo, que o inspirou em boa parte, desenvolvendo, todavia, traços próprios que permitem considerá-lo uma variante especificadamente brasileira; se não foi um fascismo, foi certamente um semi-fascismo verde-amarelo, que não chegou talvez a definir toda sua fisionomia nos cinco anos que durou oficialmente. (CANDIDO, 1999, p. 20).

Com isso, utilizo o conceito de fenômeno político fascista do contexto de entreguerras que não teve as condições reais de efetivação no Brasil. Utopia de uma nação curupira forte e autônoma, de caboclos miscigenados e conseqüentemente, branqueados e tementes a deus, resignados em sua posição na hierarquia social dos grupos naturais da família, em uma espécie de paraíso rural, longe das instituições corruptas e dos valores deturpadores liberais, representados pelo federalismo oligárquico. Onde não há lutas sociais, nem mobilidade

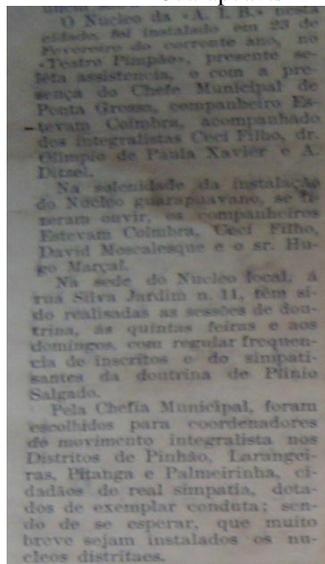
liberal e, sim, um Estado integral, de disciplina das classes sociais, de controle absoluto das relações de troca, da economia da nação e de luta contra os estrangeirismos, na voz dos comunistas.

Entretanto, foi uma utopia rural que se constituiu como o primeiro partido de massas do Brasil. Espalhou pelos cantos do país a cor verde, ao grito da saudação tupi-guarani *você é meu parente*, Anauê! e sob os pressupostos de uma sociedade integral reunidos no sigma, letra grega em maiúsculo. Por meio de métodos de organização e de propaganda política moderna, como o rádio, o cinema e um sistema de jornais reunidos, arregimentou as massas pelos interiores e politizou-as, em prol do seu projeto de sociedade fascista, mascarado de novo, moderno, progressivo e se apresentando como salvação da nação em tempos de crise econômica.

Para o entendimento sobre as condições que tornaram possível o integralismo no oeste do Paraná da próxima seção, manter-se-á o diálogo com a proposta fascista surgida no contexto do entreguerras, com a utopia rural de autonomia nacional, minuciosidade do contexto nacional e com as condições reais do contexto regional de efetivação do integralismo.

3 A “SENTINELLA AVANÇADA DO OESTE PARANÁENSE”: A FUNDAÇÃO DO NÚCLEO INTEGRALISTA E OS CONFLITOS POLÍTICOS EM GUARAPUAVA (1935)

Recorte de jornal 4 - Fundação
do núcleo integralista em
Guarapuava/PR⁶⁶



Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 6,
p.7, 11 jun. 1935.

⁶⁶ Transcrição: “O núcleo da ‘A.I.B.’ desta cidade foi instalado no dia 23 de fevereiro do corrente ano, no ‘Teatro Pimpão’, presente seleta assistência, e com a presença do chefe municipal de Ponta Grossa, companheiro Estevam Coimbra, acompanhado dos integralistas Ceci Filho, Dr. Olímpio de Paula Xavier e A. Ditzel. Na solenidade de instalação do Núcleo guarapuavano, se fizeram ouvir os companheiros Estevam Coimbra, Ceci Filho, David Moscalesque e o sr. Humberto Marçal. Na sede do Núcleo local, a rua Silva Jardim n. 11, têm sido realizadas as sessões de doutrina, às quintas feiras e aos domingos, com regular frequência de inscrites e de simpatizantes da doutrina de Plínio Salgado. Pela Chefia Municipal, foram escolhidos para coordenadores do movimento integralista nos Distritos de Pinhão, Lorangeiras, Pitanga e Palmeirinha, cidadãos de real simpatia, dotados de exemplar conduta; sendo de se esperar, que muito breve sejam instalados os núcleos distritais.”

A AIB consolidou sua política de expansão pelos interiores do país e, com isso, o núcleo integralista na cidade de Guarapuava foi fundado no dia 23 de fevereiro de 1935, segundo a notícia do dia 11 de junho de 1935, no jornal integralista de Curitiba *A Razão*, em sua seção *Integralismos nos Municípios*. Essa é a mais longa reportagem encontrada sobre o município de Guarapuava nos jornais oficiais do movimento.

Na matéria, além da data de instalação do núcleo, há detalhes sobre a fundação, a localização da sede, os dias e os horários das reuniões doutrinárias e os nomes dos integralistas regionais. Ademais, evidências da política de avanço da Ação Integralista para o oeste paranaense: a preocupação em instalar núcleos nos distritos do município de Guarapuava (Pinhão, Laranjeiras, Pitanga e Palmerinha); as informações sobre a instalação de um núcleo em Prudentópolis, cidade vizinha a 67 km, pelo chefe municipal de Guarapuava e considerações sobre a região. Somem-se a isso expressões dedicadas ao oeste do Paraná, tais como o “segundo planalto paranaense”, a “Terra do Guaíra”, um “longinque e abandonado rincão pátrio” e “o povo de Guarapuava, vem se levantando, com a vibração eterna dos patriotas, para a Grande Marcha dos Camisas Verdes!” Outra citação diz que o núcleo em específico deste município vem:

[...] procurando congregar elementos novos e sadios, ainda não contaminados pela sordida polítichal de aldeia, que infelizmente, em todos os recantos da pátria brasileira, vem corrompendo os espíritos de varias gerações, e portanto, entravando o progresso e todas as iniciativas que visam tornar a grande Terra de Santa Cruz, uma potencia uma, forte e respeitada, como deseja e quer a legião de patriotas que se reúnem sob a bandeira do sigma. (A RAZÃO, 1935, nº 6, p. 7).

Perante essas informações panorâmicas que a notícia traz e outras matérias mais pontuais, que aparecem nas seções *Integralismo nas Províncias*, dos jornais de nível nacional *A Offensiva* e *Integralismo nos Municípios*, no jornal de nível estadual *A Razão*, muitas questões se tornam pertinentes sobre a experiência política vivenciada por esses sujeitos.

Ao percorrer a documentação, a primeira indagação que vem à tona é a respeito da diminuição das notícias sobre a fundação dos núcleos municipais da AIB. No primeiro semestre de 1935,

constantemente aparece uma ou outra notícia sobre Guarapuava, com intenção de divulgar a expansão do movimento integralista e, ao mesmo tempo, convencer sobre sua doutrina. Já no segundo semestre desse ano, as notícias diminuem e se reduzem a uma no jornal *A Offensiva*, do dia 16 de novembro e a uma no periódico *A Razão*, do dia 19 de setembro (sendo que este jornal só circulará até novembro desse ano). Cabe aqui perguntar, por quê?

Em setembro de 1935 se realizaram eleições municipais, e os conflitos políticos se acirraram na região em torno da luta pelo poder. No Estado, o interventor, se utiliza da Lei de Segurança Nacional (LSN) para proibir atividades dos integralistas em setembro e no ano seguinte, em 1936, para proibir os núcleos no Estado, de acordo com que aponta Athaides (2012). Por isso, o período que compreende entre novembro de 1934 (data da primeira menção à região de Guarapuava no jornal editado no Rio de Janeiro, *A Offensiva*) e 17 de setembro de 1935 (data da última notícia no jornal editado em Curitiba, *A Razão*, enfatizando essa região como uma promessa política para os propósitos da Ação Integralista) fará parte do recorte dos dois primeiros itens. Com o objetivo de entender o processo de fundação do núcleo integralista na cidade de Guarapuava, ele será dividido em dois itens sob dois ângulos diferentes, para então, no terceiro item, os conflitos políticos regionais entre integralistas e outras lideranças serem vistos, a partir das alianças feitas na eleição de 1935.⁶⁷

⁶⁷ Os estudos regionais sobre o integralismo iniciaram-se com a dissertação de Rene Gertz, *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul*, orientada por Trindade. Este apresentou o estudo no artigo *Integralismo e fascismo em questão* no jornal Zero Hora de Porto Alegre de 9/4/1978, como uma amostra dos estudos iniciados por ele. Licenciado em história, a dissertação de Gertz na ciência política embasa sua pesquisa de doutorado na Universidade Livre de Berlim e, posteriormente, a publicação do um livro sobre a temática em 1987 (GERTZ, 1987). As peculiaridades regionais trazem o entendimento da atuação e da inserção do movimento integralista na sociedade brasileira, desse modo, outras obras vão se distanciando do objetivo em explicar as origens ideológicas do movimento, predominante na década de 1970, e focam no entendimento regional. São a de Josênio Parente (1986), defendido em 1984 na dissertação de mestrado do curso de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, sobre o integralismo no Ceará e sua ligação com o movimento operário e a Igreja Católica; o trabalho do historiador João de Castro Caldeira (1999), desdobramento da dissertação de mestrado em História pela USP defendida em 1996, entra nesta linha e pensa as questões regionais de

Assim, antes de tratar da conturbada eleição, a primeira depois da Revolução de 1930, e dita destituição das oligarquias e sua prática do coronelismo, cabe entender como a Ação Integralista Brasileira empreendeu sua política para se tornar o primeiro partido com implantação nacional, de acordo com que aponta Trindade (1979). O intuito é compreender qual o projeto político para a região oeste do Paraná situada entre os interiores do país e que tinha nesse contexto um papel específico. Como o movimento/partido via essa região e seus habitantes? Baseado em quê? Para proporcionar quais mudanças naquela sociedade? Quais as implicações desta intervenção política?

Essas são indagações do primeiro item, no encontro da história oeste paranaense, a fim de explicar a política de avanço e os interesses dos integralistas na região. Estes tinham o objetivo de efetivar sua doutrina fascista, dotada de um nacionalismo verde específico no contexto brasileiro, definido como uma utopia rural (CHASIN, 1999) e uma fantasmagoria de uma autonomia do Brasil, baseado na ideologia curupira (VASCONCELLOS, 1979).

No segundo item, o olhar se dirige para os sujeitos históricos da sociedade de Guarapuava no momento da instalação do núcleo. O ângulo pelo qual se olha muda, e relaciono as fontes jornalísticas oficiais do integralismo de nível nacional e estadual com as informações nos dossiês do DOPS e com as fontes locais, para perguntar: quais sujeitos históricos em Guarapuava se interessaram pelo projeto de sociedade fascista e nacionalista do integralismo, para coordenarem e organizarem um núcleo? E posteriormente propagandear esse ideal pelos distritos do município? Quais os sujeitos na região poderiam se impressionar com essas ideias, tanto no apoio quanto na oposição? E por quê? O projeto político integralista suscitou interesse em quais grupos e por quê? Constituiu um novo grupo político de camadas médias urbanas diante das antigas e, na época, vigentes oligarquias, como aponta Silva (2007)?

E, no terceiro item, há o objetivo de pensar sobre os conflitos políticos entre integralistas e as lideranças estaduais/locais, por meio das eleições municipais de 1935, através dos jornais da cidade, para indagar: os integralistas acabaram por se envolver com a política local de que forma? O projeto de sociedade dos doutrinários do Sigma de Guarapuava os colocavam em confronto com as lideranças locais? Como foi a inserção dos integralistas no jogo político local? Quais

forma a indagar sobre a prática política, as alianças e os oponentes a entender o jogo político, no qual os camisas-verdes se envolveram no Maranhão.

alianças eles fizeram? E como isso pode ter reconfigurado forças e acirrado os conflitos regionais?

3.1 O NACIONALISMO VERDE: A DOCTRINA DO SIGMA “MARCHA” PARA O OESTE PARANAENSE

3.1.1 A “marcha” para o oeste paranaense: entre o movimento e o partido

A Ação Integralista Brasileira como fenômeno político fascista do entreguerras se mostrou como uma opção de projeto político para o Brasil, num momento de rearranjo das forças políticas entre as oligarquias, de contestação e de luta pela participação no poder das classes médias e do operariado.⁶⁸ Nessa conjuntura, o movimento integralista empreendeu uma política de avanço para doutrinação e fundação de núcleos, bem como sedes provinciais. Algo que ficou denominado no *Manifesto de Outubro de 1932* (CARONE, 1974b, p. 309-315) como a “marcha” para “salvação” do Brasil.

Para realizar a implantação do Estado Integral, o movimento lança neste manifesto “os rumos” para a conscientização dos brasileiros sobre o valor supremo de sua nação e, assim, promover a união do povo em classes profissionais e sem divisões de estados, partidos, classes sociais ou indivíduos. Essa fase marca a inspiração no modelo fascista, a fase seguinte de Salgado e que definirá os rumos do movimento de 1932-1938, será em “função dos desafios gerados pelo contexto político posterior à Revolução de 1930 e a atitude de Plínio, neste particular não será homogênea.” (TRINDADE, 1991, p. 309).

Sendo assim, em 28 de abril de 1933 o movimento integralista é registrado no Tribunal Superior de Justiça Eleitoral como partido político, diante do processo de constitucionalização do país.⁶⁹ Participa das eleições em 1933, para a composição da Assembleia Nacional Constituinte, apresentando quatro candidatos que só conseguem 2.000 votos, e em 1934, para composição da Assembleia Estadual Constituinte, elegendo um deputado em São Paulo. Esse processo resultará numa nova constituição para o país em julho de 1934 e na legalização de Getúlio Vargas na presidência, até que se realizassem

⁶⁸ De acordo com o estudo sobre o sistema político de 1930-1937, no período denominado pelo autor de República Nova: CARONE, 1974a, p.155-193.

⁶⁹ Informações sobre a transformação em partido político da AIB e contexto de constitucionalização do país, encontradas em: CARONE, 1974a, p. 155-336.

novas eleições, tal como a legalização dos interventores nomeados após a Revolução de 1930.

Entre 1930 e 1933, enquanto vigora o Estado de fato, há uma luta pelo poder político a fim de consolidar o tenentismo e as oligarquias dissidentes, as forças que representam a revolução. Após a fase de vitória militar, os lemas ideológicos e utópicos de superação dos vícios anteriores do coronelismo pretendem derrubar os grupos oligárquicos situacionistas do passado. E, promovem a ascensão de novos grupos entusiasmados com essas ideias, como é o caso da Ação Integralista.

Depois, com a abertura constitucional de 1933, a ala das oligarquias estaduais (agora oposicionistas, à margem do poder pela ação dos interventores tenentistas) defende uma nova Constituição para consolidar seu poder novamente, e a ala tenentista só admite a forma constitucional depois da substituição “dos elementos do velho sistema”. Contudo, a revolução constitucionalista das oligarquias de São Paulo em 1932, a exigir a legalidade política do país, fará com que Getúlio Vargas não marginalize mais “os poderosos grupos oligárquicos” e busque seu apoio. Isso resultará no seguinte:

A regularização da vida constitucional do país aparentemente ajusta os problemas e conflitos entre tenentismo e oligarquias, o exército hierárquico e o exército político. Os novos grupos de pressão que se formam, liderados pelo Partido Constitucionalista, vão passar a uma nova forma de luta, a de cercear preventivamente a ação do operariado e das classes médias. (CARONE, 1974a, p. 330).

Entre fins de 1934 até abril de 1935, a Lei de Segurança Nacional é gestada e promulgada no dia 4 abril. Nesse período, a AIB consolidará sua política de expansão pelo interior do Paraná, e em setembro de 1935, a LSN será utilizada em nível estadual para proibir suas atividades.

Assim, a expansão do integralismo assume um “caráter dúbio” que “oscila entre a tendência golpista e a que pretende obter o poder através dos meios legais, isto é, do processo eleitoral.” (CARONE, 1974a, p. 208). A pregação de Salgado, a partir de 1933, é de uma revolução permanente e não violenta, o que caracteriza sua intenção em não arriscar o movimento e preferir aumentar a influência do partido, para, então, conquistar o poder de forma legal.

A dinamicidade da expansão do movimento será formada pelas *Bandeiras Integralistas*. Com isso, em agosto 1933, o movimento organizou duas bandeiras, uma para o Norte e Nordeste e outra para o Sul do país. Elas tinham como objetivo formar expedições com segmentos de milícias para estabelecer pontos onde houvesse interesses na doutrina do Sigma e, posteriormente, com número significativo de pessoas formar um núcleo. Assim, levar a civilização a esses lugares, semelhantemente às bandeiras paulistas.⁷⁰

A expedição liderada por Miguel Reale passou pelo Paraná e realizou conferências. Sobre a instalação do primeiro núcleo no Estado há controvérsias, pois na história oficial da AIB, o ponto de referência é fundação da sede provincial em julho de 1934. Entretanto, no diário oficial do movimento editado no Rio de Janeiro, *Monitor Integralista*, o Paraná aparece com seu primeiro núcleo em Ponta Grossa, na “Princesa dos Campos”, entre dezembro de 1933 e março de 1934. O fato é que, esse início do movimento, com um núcleo coordenado por Brasil Pinheiro Machado, desaparece da história oficial da AIB. Segundo Athaides, isso se deve ao abandono de Pinheiro Machado como líder do integralismo:

Neste ponto, concordamos com Tatiana Marchette (2010), quando postula que a decisão de Plínio Salgado em colocar o integralismo nas disputas eleitorais talvez tenha deixado Pinheiro Machado em situação delicada: se entregasse ao exclusivismo político integralista entraria em choque com as forças locais que lhe depositavam confiança, em especial com o interventor Manoel Ribas, com quem mantinha ótimas relações. Em outras palavras, a paixão de Machado pelo sigma se mostrou inferior aos compromissos políticos. (ATHAIDES, 2012, p. 70).

Este trabalho de coordenação de novos núcleos e sedes provinciais, juntamente com conferências, manifestações públicas e o lançamento de uma literatura e de periódicos, “já demonstram o seu caráter pomposo e espetacular, além de agressivo, como o movimento fascista ou nazista.” (CARONE, 1974a, p. 207). Aliado às pretensões eleitorais, em 1934 o partido adquire uma estrutura organizativa definitiva com uma concentração nacional no 1º Congresso Integralista

⁷⁰ Considerações sobre o avanço integralista no Paraná a ser desenvolvido neste texto, encontradas em; ATHAIDES, 2012.

em Vitória, no Espírito Santo, de 28 de fevereiro à 1º de março de 1934. Nele, há a nomeação dos chefes Provinciais, Comandante-Geral das Milícias e Secretários Nacionais, e Salgado se torna o Chefe Nacional, com o poder absoluto de forma centralizada, total de última instância e permanente, sendo intangível.⁷¹

Com um conjunto burocrático, o movimento e partido forma neste Congresso uma estrutura pré-estatal e totalitária.⁷² Possui, desse modo, um Gabinete Civil e Militar e um Conselho Nacional, juntamente com os Departamentos: Nacional de Doutrina, de Finanças, de Propaganda, de Cultura Artística, de Organização Política e de Milícia (o chefe cria também o Departamento de Justiça). Nos Estados, com as sedes provinciais e nos municípios, com os núcleos, repete-se a mesma estrutura. Para além de um meio de ação política, esta estrutura tem como função experimentar e elaborar uma organização que em “escala reduzida” ensaie o Estado Integral, a ser implantado pelos “meios de socialização ideológicos” que essa estrutura instrumentaliza e, então, provocar uma revolução espiritual. E depois de alcançado o poder, esses órgãos estariam sob o controle de um partido único.

Portanto, o Estado Integralista em potencial, implantado no seio do Estado brasileiro, é muito mais do que um “contragoverno” ou um gabinete de oposição. Ele funciona como um verdadeiro Estado totalitário que possui não somente uma ideologia de Estado e uma estrutura autoritária, mas utiliza-se de meios estatais como um aparelho burocrático interno, de Forças Armadas paralelas (a Milícia), de uma política de socialização e de reeducação dos militantes e de uma legislação própria (resoluções, regulamentos, medidas de censura, etc.), assim como de um tribunal e de um corpo de “magistrados” para julgar as ações de seus membros. (TRINDADE, 1979, p. 176).

⁷¹ Apesar do fortalecimento de Salgado e do movimento, ele enfrentará crises e crises contínuas, devido ao modelo assumido neste Congresso, tal como críticas ao caráter dúbio assumido pelo chefe. Para mais informações sobre isto e sobre o 1º Congresso Integralista consultar: CARONE, 1974a, p. 208-222.

⁷² Tais definições e o detalhamento dos órgãos instituídos no Congresso podem ser encontrados em: TRINDADE, 1979, p. 161- 188. O termo totalitário servirá apenas para caracterizar a organização da AIB.

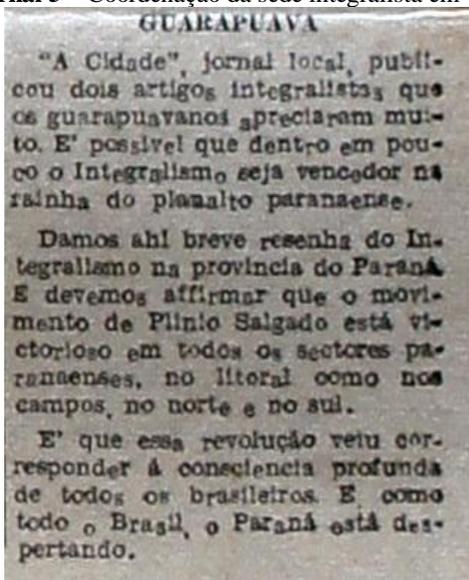
Com essa estrutura e objetivos dúbios, entre a tendência golpista e a partidária, a AIB recusa-se a ser assimilada como um partido político, e no estatuto desse 1º Congresso no início de 1934 define-se “apenas como um movimento cultural e cívico. Este fato se explica mais por razões de estratégia política e coerência ideológica do que por apoliticismo.” (TRINDADE, 1979, p. 163). Tem como objetivo desenvolver o povo brasileiro de forma moral e cívica e, assim, implantar o Estado Integral no país.

Desse modo, no final de 1934, Athaides (2012, p. 85) mapeia a fundação de oito núcleos municipais instalados no Paraná, mais a sede provincial e trabalhos de coordenação em cidades consideradas pela AIB como principais do Estado: Guarapuava e Castro. A política de avanço do movimento funcionava com um trabalho de coordenação nos locais pretendidos para abrir caminho para a fundação do núcleo. Contatos eram estabelecidos e as primeiras pregações da doutrina eram feitas:

O método para abertura rápida de núcleos era invariavelmente o mesmo: após intensa propaganda (que incluía panfletagem, boca a boca e inserção de artigos em jornais municipais), fundava-se o núcleo, em especial quando uma quantidade considerável de pessoas pudesse fazer o juramento no ato da implantação. A fundação normalmente se dava por meio de uma “bandeira” vinda de umas das “cidades polo” da AIB no Paraná. Curitiba, Rio Negro, Ponta Grossa, Guarapuava, Jacarezinho, Paranaguá e Lapa. No evento de fundação, coordenadores locais e chefes de bandeira discursavam num teatro local (ou na própria sede) e, ao cabo, juravam fidelidade alguns militantes previamente alistados (geralmente de 20 a 50 indivíduos). (ATHAIDES, 2012, p. 114).

Em Guarapuava, a estratégia para coordenação do núcleo se efetivou no fim do ano de 1934, com inserção de artigos no jornal local *A Cidade*. Verifica-se isso na notícia de 15 de novembro de 1934 na seção “Integralismo nas Províncias” do jornal oficial do movimento *A Offensiva*, editado no Rio de Janeiro a partir de maio de 1934, como a principal forma de veiculação da doutrina, em que o Chefe Nacional fazia sua palavra chegar até os militantes. Salgado esteve à frente da direção até maio de 1935.

Recorte de jornal 5 – Coordenação da sede integralista em Guarapuava/PR



Fonte: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 27, p.8, 15 nov. 1934.

Segundo Oliveira (2009, p. 24-25), para Salgado, a imprensa, fosse ela periódicos ou revistas, tem um papel duplo de teorizar a ideologia e depois, doutrinar, a fim de convencer sobre o papel salvador da ação e construir uma concepção nacional. Tratava-se de uma imprensa militante, um instrumento ideológico. Dessa forma, a seção *Integralismo nas Províncias*, além de informar sobre o andamento da política de avanço, também tinha a função de doutrinar e mostrar a amplitude e aceitação da proposta. O caráter de imprensa militante mostra o interesse pela região oeste paranaense, denominada como “rainha do planalto paranaense”, e enfatiza a necessidade de essa região “despertar” para uma “consciência profunda” dos brasileiros.

Para Cavalari (1999), o impresso integralista, na forma dos livros e dos jornais, compreende um modo essencial para o entendimento da organização e consolidação da AIB, como um “grande partido de massas” no território nacional. Juntamente com as estratégias de educação das massas para a revolução espiritual por meio das sessões doutrinárias e inúmeras atividades no seio da sociedade civil, com a utilização de símbolos, ritos, transmissões pelo rádio e exibição em cinemas, o impresso constituía tais formas de socialização ideológica do integralismo.

A localização de cidades em potencial e posteriormente o início de trabalho de coordenação de um núcleo integralista abrangia desde a articulação na estrutura pré-estatal até a socialização da doutrina nas regiões pretendidas. Conforme o periódico *A Offensiva* propagandeou, o jornal local de Guarapuava, *A Cidade*, na edição do dia 4 de novembro de 1934 publicou dois artigos integralistas. Esse periódico era o único em circulação na região, com quatro páginas e denominado na 1ª página como “Semanário de maior circulação no Paraná”.

Recorte de jornal 6 - Diretrizes integralistas divulgadas no jornal local de Guarapuava/PR



Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 44, p.2, 4 nov. 1934.

A primeira referência à AIB está em toda a página 2 do semanário e traz na íntegra as Diretrizes Integralistas. A segunda referência está no canto superior direito da página 4 e traz a divulgação do alistamento de um sacerdote “illustre” nas “fileiras integralistas” em Belo Horizonte.

Recorte de jornal 7 - Nota integralista no jornal local de Guarapuava/PR



Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 44, p.4, 4 nov. 1934.

Com o objetivo de suscitar o interesse de um número significativo de pessoas na região, a primeira notícia traz os pressupostos da doutrina, e a segunda, para legitimar o caráter moderno do movimento, a ênfase no alistamento de um padre com influência intelectual no Estado. Tal articulação rendeu os resultados esperados, e no final de fevereiro de 1935, o jornal *A Offensiva*, na mesma seção destinada às Províncias, divulga o trabalho de coordenação para instalação de novos núcleos no Paraná da Chefia Provincial que “prossegue infatigavelmente e com entusiasmo de sempre”. A atenção máxima estaria na região oeste paranaense, pois de Ponta Grossa partiria no dia 24 de fevereiro uma caravana integralista para várias cidades do oeste a fim de lançar “bazes sólidas de diversos núcleos”.

Recorte de jornal 8 - Caravana integralista no oeste paranaense



Fonte: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 42, p. 5, 28 fev. 1935.

Segundo Athaides (2012, p. 113), o trabalho dos coordenadores continuou em “franca expansão” no ano de 1935 no Paraná. O

Departamento de Coordenação e Inspetoria foi criado para “proteger” todas as cidades da Província. Com isso, em janeiro de 1935 havia 45 núcleos em situação de coordenação no Estado. E as bases para a doutrina, a qual eles chamavam de salvadora do Brasil, foram lançadas em Guarapuava. Em uma notícia de outro jornal oficial do integralismo, há informações sobre a data de instalação do núcleo.

É no jornal editado em Curitiba a cargo da sede provincial do movimento, intitulado *A Razão*, que aparecem esses vestígios da Ação Integralista Brasileira em Guarapuava, em uma seção dedicada às notícias sobre o avanço integralista e a instalação de núcleos, chamada “Integralismo nos Municípios”. As informações gerais sobre a fundação aparecem na maior reportagem a respeito da AIB em Guarapuava nos jornais oficiais do movimento, no dia 11 de junho de 1935, apresentada no início deste capítulo. A notícia tem a intenção de trazer um panorama sobre o movimento na região, a consolidação de sua ação política e seu papel revolucionário e salvador.

Contudo, essa notícia é do dia 23 de fevereiro de 1935, que é datado como o dia da fundação do núcleo na cidade, um dia antes da caravana noticiada no *A Offensiva*. Apesar de não se conseguir mapear a data da instalação, o núcleo se efetivou, participou das eleições e editou seu próprio jornal nesse ano, até ter suas atividades proibidas em setembro no Estado. Temas estes que serão tratados nos próximos itens.

Assim, depois de fazer um trabalho de coordenação prévio e conseguir agregar pessoas interessadas em organizar o núcleo integralista na cidade, uma bandeira vinda de Ponta Grossa, uma das chamadas cidades polos, com a presença do Chefe Municipal e mais três integralistas desta cidade, participaram da cerimônia de fundação no Teatro Pimpão. Ali as principais autoridades locais do movimento discursaram e, dessa forma, divulgaram a instalação do núcleo com sede na rua Silva jardim, n.11, com reuniões às quintas e aos domingos. (A RAZÃO, 1935, nº 6, p.7).

Por meio desse trabalho de coordenação e com a intensificação da propaganda e das estratégias, segundo Athaides (2012, p. 113), em 1935 a AIB no Paraná já possuía cidades polo que estabeleceram “a dianteira no trabalho de expansão”, e Guarapuava era uma delas. O movimento possuía, no final desse ano, 10.000 filiados, em 60% dos municípios com 31 núcleos municipais e 36% dos distritos do Estado, com 55 núcleos distritais.

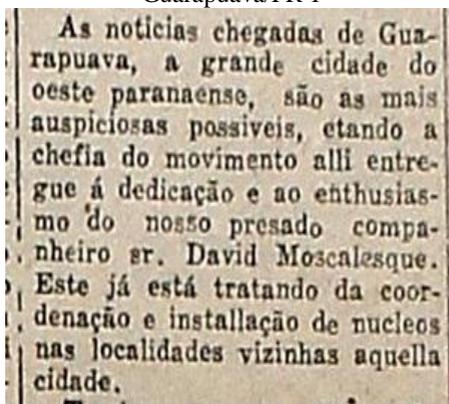
Em março de 1935 ocorre o II Congresso Integralista em Petrópolis/RJ, e nos estatutos aprovados, o caráter de associação civil coexiste com a afirmação de partido político, para não mais implantar, mas reformar o Estado brasileiro de acordo com a Constituição promulgada em 1934. Desse modo, repudia rebeliões armadas e defende:

[...] o culto a Deus, à Pátria e à Família, a luta pela Unidade Nacional, o princípio da Ordem e da Autoridade, a Justiça Social, a paz entre as Famílias Brasileiras, a Economia que garante a intangibilidade da propriedade até o limite imposto pelo bem comum. (CARONE, 1974a, p. 220).

Essa mudança, segundo Carone (1974a, p. 208), se deve ao momento em que o país atravessava: de regime constitucional e afirmação das oligarquias novamente no poder, a gestar a LSN com a prerrogativa de fazer efetiva a Constituição aprovada e, assim, proibir qualquer manifestação revolucionária. Com isso, o movimento marca uma “posição de força a pretensões legais e eleitorais”, afirmando que “oligarcas”, “caudilhos” ou “pseudos donos do Brasil” não conseguiriam evitar a implantação do regime integralista. Tendo em vista também que as eleições municipais estavam marcadas para esse ano de 1935 e que, portanto, a expansão do movimento se mostrava urgente.

Diante disso, Guarapuava foi demarcada como umas das cidades polos, onde se organizariam trabalhos de coordenação e de onde partiriam bandeiras para os seus distritos no oeste paranaense. Agora, com a intenção mais imediata de arregimentar eleitores para as eleições que ocorreriam em setembro. No dia 13 de abril de 1935, é divulgado no *A Offensiva*:

Recorte de jornal 9 - Coordenação de novos subnúcleos integralistas em Guarapuava/PR 1



Fonte: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 48, p.5, 13 abr. 1935.

Perante essa política de expansão para os distritos de Guarapuava, o jornal *A Cidade* publica outra matéria sobre o integralismo no dia 7 de abril desse ano (p. 1 e 4). Intitulada *Posição do Integralismo*, é assinada por Alberto Zironi Netto, do Departamento Nacional de Doutrina, e elogia o alcance do movimento pelo país com seus núcleos tal como a originalidade da doutrina. Demonstra a continuidade na estratégia de utilização de um jornal local para propagandear os ideais da AIB.

Entretanto, apesar de os olhares do movimento estarem voltados para a “grande cidade do oeste paranaense”, da “dedicação” e do “entusiasmo” do Chefe Municipal de Guarapuava para coordenar e instalar novos núcleos nos distritos, apenas em Pitanga a instalação parece ter se efetivado no ano de 1935. No dia 10 de maio de 1935, o jornal *A Razão*, em notícia já citada, destaca o movimento como um “um vulto impressionante” em Guarapuava, em que a ação não se limitava ao setor da cidade, mas também aos distritos de “Pinhão, Laranjeiras e Pitanga, onde elementos vêm surgindo em massa, para a coordenação dos movimentos locais”. (*A RAZÃO*, 1935, nº2, p.5).

Na notícia de 11 de junho, já citada, no mesmo jornal, aparece a instalação de um núcleo em uma cidade vizinha, a leste, em Prudentópolis, pela bandeira integralista de Guarapuava. Porém, sobre a instalação de núcleos nos distritos aparece a seguinte descrição:

Pela Chefia Municipal, foram escolhidos para coordenadores do movimento integralista nos Distritos de Pinhão, Laranjeiras, Pitanga e

Palmeirinha, cidadãos de real simpatia, dotados de exemplar conduta: sendo de se esperar, que muito breve sejam instalados núcleos distritais. (A RAZÃO, 1935, nº 6, p.7).

Não efetivada a implantação dos núcleos distritais, no dia 4 de julho de 1935, no jornal *Brasilidade*, há a divulgação da caravana integralista em direção à Palmeirinha, realizada no dia 30 de junho. Na notícia aparecem detalhes de como poderiam proceder. Os integralistas da cidade de Guarapuava realizaram uma palestra na casa de uma determinada família, que se teria posto à disposição do movimento. Também de maneira enfática, a matéria faz um elogio à execução da caravana: “A palestra integralista impressionou agradavelmente aos presentes, o que nos leva a crer, que, dentro de pouco tempo, Palmeirinha estará integrada sob a bandeira do Sigma.” (BRASILIDADE, 1935, nº 1, p.4).

Um mês após a caravana para Palmeirinha, 30 números deste jornal *Brasilidade* (oficial da AIB local) são levados até o distrito de Laranjeiras para a distribuição. Conforme o que a notícia de 4 de agosto de 1935 relata, no periódico *A Cidade* (p. 3), a aceitação das ideias integralistas foi certa. No mesmo jornal *A Cidade*, na edição do dia 29 de setembro (p. 1), há um relato sobre o civismo no distrito de Pitanga, demonstrado nas eleições e na instalação do “Subnúcleo” integralista. Abaixo, a foto de um casal do Subnúcleo de Pitanga:

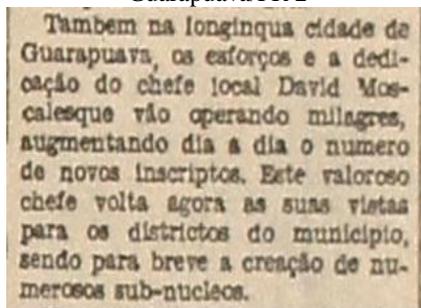
Figura 1 - Fotografia de integralistas do subnúcleo em Pitanga/PR



Fonte: *Pront.* 360, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR.

Contudo, o otimismo das divulgações parece mascarar os reveses que o movimento podia estar enfrentando na região, no estado e no país. Pois, como já atentado, em setembro de 1935, a AIB teve atividades proibidas no Estado do Paraná. Em novembro desse ano o *A Offensiva* publica:

Recorte de jornal 10 - Coordenação de subnúcleos integralistas em Guarapuava/PR 2



Fonte: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 79, p.10, 16 nov. 1935.

No fim do ano, os núcleos nos demais distritos continuam em estado de coordenação, porém o otimismo permanece a destacar “milagres: aumentando dia a dia o número de inscriptos”. Desse modo, essa notícia de novembro é a data da última encontrada nos jornais oficiais do movimento, sobre o integralismo em Guarapuava. O periódico *A Offensiva* vai entrar numa segunda fase a partir de maio de 1935 até janeiro de 1936:

Essa segunda fase de *A Offensiva* apresentou várias mudanças. O conteúdo foi adaptado devido à conjuntura: as marchas militarizadas desaparecem, minimizaram-se as críticas ao governo, apologias às forças armadas passaram a ser publicadas e abandonou-se a própria visão revolucionária. (OLIVEIRA, 2011, p. 32).

Já o jornal estadual *A Razão* para de ser editado nesse mês de novembro de 1935 e no ano seguinte, em abril de 1936 os núcleos integralistas são fechados no Paraná.

3.1.2 O nacionalismo verde: Guarapuava, a utopia dos interiores e seus caboclos

Os olhares da AIB para a região oeste paranaense são temas recorrentes nas matérias sobre o Paraná publicadas em ambos os jornais

oficiais do movimento, *A Offensiva* e *A Razão*, no período dos trabalhos de coordenação dos núcleos no município de Guarapuava e nos seus distritos, entre fins de 1934 e durante o ano de 1935. Esses destaques enfatizam a importância da região na “marcha para salvação” do Brasil, empreendida pelos integralistas.

Na notícia, já citada, de 10 de maio de 1935 no jornal *A Razão*, Guarapuava aparece em lugar destacado como: “sentinella avançada para o oeste paranaense”. Para o movimento, essa região havia “despertado” para a “grande marcha” e estava se constituindo como um dos “baluartes” do projeto integralista. (A RAZÃO, 1935, nº2, p.5). Assim, o oeste, compreendido como a região do município de Guarapuava, atraía os interesses da política de expansão do integralismo e, desse modo, o perímetro urbano da cidade se definiria como uma sentinela, um lugar de vigia e proteção. Portanto, estava localizada no centro-oeste do Paraná uma espécie de “porta de entrada” para o oeste. Com isso, a AIB poderia aumentar sua influência nestas fronteiras, seja revolucionária ou partidária.

Tais fronteiras do oeste paranaense se caracterizavam como um território em disputa pelas autoridades brasileiras, desde o período colonial.⁷³ No século XIX, ocorreu “a primeira grande disputa pela região” a fim de delimitar a fronteira externa com a Argentina, que se estendeu até os primeiros anos da República, denominada como “A Questão de Palmas”. A região permaneceu como área de litígio até 1895, quando, numa questão diplomática, o governo brasileiro ganhou a causa. Posteriormente, a disputa foi pela delimitação das fronteiras estaduais com Santa Catarina, na “Questão do Contestado”, que também se desdobrava desde o século XIX, remontando disputas entre São Paulo e Santa Catarina; e no século seguinte, entre a recém-criada Província do Paraná em 1853 e Santa Catarina, litígio que durou até o fim da Guerra do Contestado em 1916, em que o Paraná consegue garantir sob seus domínios a extensa área territorial do sudoeste.

Portanto, as fronteiras com Paraguai, Argentina e Santa Catarina foram garantidas por ações para efetivar a ocupação e nacionalizar o oeste do Paraná. Primeiramente, durante a segunda metade do século XIX, com a ideia de criação de uma colônia militar em Foz do Iguaçu. Ideia essa que se efetivou em 1889, por meio de uma expedição para a abertura da picada de Guarapuava, oeste adentro, até Foz do Iguaçu.

⁷³ Informações sobre as disputas pelo território oeste paranaense e as atenções dadas para nacionalizar essa região a serem delineadas encontradas em: LOPES, 2002, p. 73-110.

Com a expedição, a exploração dos países vizinhos neste território foi constatada, porém a facilidade em ocupar a região da Coluna Prestes em 1924 fez as forças legalistas, que combatiam tais revolucionários, perceberem que a região era um ponto estratégico e não poderia mais ficar desprotegida.

Com os revolucionários, ocorre a denúncia do abandono dos governos estaduais e federais para com o oeste do Paraná. Além da miséria, eles se impressionavam com a desnacionalização encontrada na região, pois a língua usual era o guarani e o espanhol, a Argentina controlava a navegação e a exploração da madeira e do mate, tanto que o dinheiro corrente era o peso. A partir daí, a atenção para ocupar essa região ficou cada vez mais urgente, ainda mais com a Revolução de 1930 e a instabilidade política.

Em 1931, Getúlio Vargas nomeia uma comissão para percorrer o oeste paranaense e fazer um reconhecimento da região. Como solução, o relatório propõe uma redivisão territorial, com a criação de um território federal desmembrado do Paraná. Em resposta, o Paraná irá nomear uma comissão para constatar a situação e reivindicar seus domínios. A querela gerada com as oligarquias estaduais do Paraná irá fazer Getúlio adiar a ideia. Entretanto, posteriormente, essa política de nacionalização e discussão sobre a redivisão do território do país se desdobrará na “Marcha para Oeste” durante o Estado Novo e na criação do Território Federal do Iguazu em 1943-1946. Este abrangia o oeste, sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina, sendo que Guarapuava dele não fazia parte. Talvez isso seja um indício de como o município, atualmente reduzido ao centro-oeste, se caracterizará como um território conservador no centro-sul do Paraná, de acordo com os apontamentos de Silva (2005).

Contudo, o oeste do Paraná ficou caracterizado desde o final do século XIX até meados do século XX pelos discursos brasileiros, conforme Freitag (2007), como um “sertão abandonado” e um “vazio” demográfico a ser conquistado, colonizado e civilizado. Isso explica a importância dada pela Ação Integralista Brasileira à Guarapuava, como “sentinela” do avanço integralista no oeste paranaense, um território a ser “conquistado”, “dormente para a civilização” e que, assim, precisaria “despertar”. Guarapuava, então, se constituiu como uma cidade polo, de onde partiriam as “bandeiras irradiadoras do sigma”.

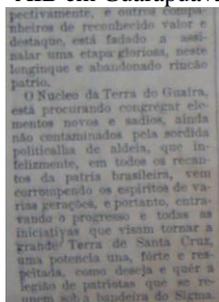
Nesse sentido, resta-nos perguntar: despertar para qual grande marcha? Certamente, trata-se da revolução espiritual atendida por Salgado no *Manifesto de Outubro de 1932*, a ser alcançada por meio do despertar de uma consciência profunda do povo brasileiro, um

nacionalismo. Uma revolução, contínua e não violenta, provocada pela organização de uma estrutura burocrática e seus meios de socialização ideológica.

Portanto, as evidências da região de Guarapuava que enfatizam um papel essencial para a política do movimento integralista, na construção de seu projeto de nação, se mostram pertinentes, pois o movimento e partido Ação Integralista Brasileira faz da região oeste paranaense, e especificadamente da cidade de Guarapuava, um ponto para conseguir adeptos ao seu movimento fascista e, assim, implantar o Estado Integral, constituído pela colaboração das classes sociais disciplinadas, harmonizadas pelo princípio cristão e dirigidas por uma elite enérgica e carismática, centralizada num Estado totalitário. Tal projeto fascista de sociedade no contexto brasileiro abarca um nacionalismo específico, um projeto para o desenvolvimento da nação, e, nesse intento, o oeste paranaense tem um papel importante.

A “grande marcha”, da qual o oeste do Paraná deveria despertar, é o despertar para o projeto de nação integralista, vislumbrado para o Brasil. Para tanto, faz-se necessário perguntar: Que projeto era esse? Na notícia do dia 11 de junho de 1935, algumas pistas surgem:

Recorte de jornal 11 - AIB em Guarapuava/PR e o patriotismo ¹⁷⁴



Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 6, p.7, 11 jun. 1935.

⁷⁴ Transcrição: “[...] outros companheiros de reconhecido valor e destaque, está fadado a assinalar uma etapa gloriosa, neste longínquo e abandonado rincão patrio. O Núcleo da Terra do Guaíra, está procurando congrega elementos novos e sadios, ainda não contaminados pela sordida politicalha de aldeia, que infelizmente, em todos os recantos da patria brasileira, vem corrompendo os espíritos de varias gerações, e portanto, entravando o progresso e todas as iniciativas que visam tornar a grande Terra de Santa Cruz, uma potencia una, forte e respeitada, como deseja e quer a legião de patriotas que se unem sob a bandeira do Sigma.”

A “etapa gloriosa” a ser “assinalada” na região de Guarapuava, que a notícia cita, diz respeito ao alcance do progresso brasileiro, através da consolidação de uma “potência una, forte e respeitada”. Isso significa, para o movimento: uma sociedade sem divisões, desprovida de diferenças e de conflitos, como um fenômeno fascista pressupõe.

De acordo com Cruz (2004, p. 69-132), no integralismo, tal harmonia e solidariedade seriam alcançadas através da miscigenação racial do povo brasileiro. Esta constatação da AIB foi resultado de uma operação ideológica, a fim de retirar a questão racial do campo das ciências e transportar para um discurso moral e ético, consolidado na comunhão cristã de valores espirituais de amor e de tolerância. Entretanto, segundo a autora, ao mesmo tempo em que o movimento nega o racismo dos nazistas alemães e seu imperialismo étnico-racial, ele acaba por defender os princípios racistas excludentes das teorias do branqueamento. Isso se dá porque a ideia de nacionalidade estava ligada à ideia de raça que constitui um povo, e no caso brasileiro, mais especificadamente na interpretação do integralismo, o projeto de nação seria alcançado por um povo soberano miscigenado racialmente:

Construção e formação de uma homogeneidade étnica e cultural; o meio de se alcançar tal objetivo é a miscigenação racial ou caldeamento étnico e cultural; o resultado almejado é o predomínio da raça e culturas brancas. Este projeto é justificado por sua pretensa autenticidade, supondo-se que a miscigenação está ligada às tradições históricas, culturais e religiosas da nação, ou seja, está atrelada à “alma” e à “subjetividade” nacionais, moldadas desde o processo histórico da colonização. (CRUZ, 2004, p. 109).

Para chegar a tal homogeneidade nacional, uma espécie de “amálgama social” era preciso, como atenta a notícia acima no trecho “congregar elementos novos e sadios”, sobre como como o integralismo pretendia operar em Guarapuava. Assim, a fórmula para congregar tais elementos se tratava da miscigenação, uma espécie de democracia racial do povo brasileiro, associada às teorias do branqueamento para eliminação das imperfeições das raças inferiores. Desse modo, apesar de se afirmar humanista e visualizar internacionalmente nações soberanas e independentes, o projeto de nação da AIB era intolerante do ponto de vista racial.

A autenticidade do projeto de miscegenação se justifica com o encontro da “alma” nacional. Segundo a notícia, com o núcleo em Guarapuava seria possível encontrar os elementos “não contaminados pela sordida politicalha de aldeia, que infelizmente, em todos os recantos da patria brasileira, vem corrompendo os espíritos de varias gerações”. Nesse sentido, Cruz também nos dá uma pista:

Na visão dos integralistas, a sociedade brasileira é fragmentada do ponto de vista econômico, político e social, encontra-se dividida em diversos interesses particulares, estimulados pela “chaga” do liberalismo individualista; é uma sociedade heterogênea, cultural e racialmente; é uma sociedade conflituosa, na qual as classes lutam entre si na defesa de seus interesses. (CRUZ, 2004, p. 111).

O oeste paranaense se caracterizaria, então, como um dos lugares onde seria possível não encontrar o liberalismo individualista, corruptor da sociedade e que impossibilita a construção de um todo harmonioso. Para a AIB, o liberalismo traz uma liberdade negativa, no sentido de que as competições geram desagregação social. Era preciso construir uma liberdade positiva; nela, a nação estaria acima dos interesses dos grupos ou dos indivíduos.

Segundo Vasconcellos (1979), o projeto de nação integralista (consolidação de uma potência una e forte, miscigenada por uma “alma” nacional e livre do liberalismo desagregador) se tratava de uma utopia narcisista. Irracional, essa utopia produziu o discurso de uma ideologia curupira, em que a especificidade deste discurso estaria no “desajuste” entre o nosso contexto social de dependência cultural e as ideias dos países centrais. Assim, a defesa para converter o Brasil num país autônomo das nações hegemônicas é falaciosa e produz uma “barafunda ideológica”:

[...] inimigo da República Velha mas entusiasta da burguesia agrária e reticente em relação ao Tenentismo, a dissidência da oligarquia republicana; a favor da revolução de 30 mas contra o “mal urbano” e o “cosmopolitismo” do desenvolvimento industrial etc. (VASCONCELLOS, 1979, p. 59).

O livro de Vasconcellos (1979) tenta ao longo do estudo explicar como essa “barafunda” ideológica se constituiu como discurso, especificadamente no que diz respeito ao “mal urbano”, a fim de ser evitado para a construção do Brasil como uma nação autônoma e, assim, captar a essência coletiva do país. Para tanto, a doutrina integralista se posiciona como vanguarda ao se afirmar como a “última expressão do caráter nacional” desde os primórdios da ideologia de Plínio no movimento modernista brasileiro. Irracional, o projeto de nação da AIB seria, dessa forma, um “mito narcisista” baseado no primado do espírito, que provoca “a segregação entre a vida cultural e a base material de nossa sociedade” (VASCONCELLOS, 1979, p. 78). Portanto, uma utopia de uma nação autônoma desligada da base material de dependência do Brasil em relação aos países hegemônicos.

Para Trindade, o mal urbano encontrado no discurso integralista corresponde à fase pré-integralista, resultado do “Plínio modernista de 1922/1930”, certo “intelectual interiorano”:

“[...] se transfere de São Paulo de Sapucaí para São Paulo vivenciando o impacto urbano. Este personagem é obviamente sensível à polarização sertão/litoral, à desagregação cosmopolita, aos choques dos valores diluidores da identidade nacional e ao mal urbano.” (TRINDADE, 1991, p. 309).

Tais constatações de Plínio, durante esse período, aparecerão juntamente com a insatisfação dos projetos políticos do liberalismo e do socialismo e juntamente com o fascínio pela experiência fascista na fundação da AIB em 1932. Depois, na fase de 1932/1938, essa ideologia contará com os meandros da estratégia política do contexto.

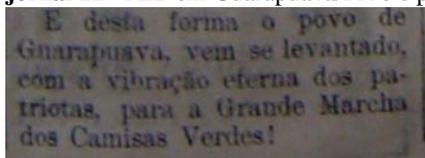
Nesse sentido, o projeto de nação integralista continha em seu bojo conclusões sobre o “mal” que o urbano causava ao povo brasileiro e, conseqüentemente, o “mal” que o liberalismo provocava na sociedade. De acordo com Chasin (1999), esse ideal de nação para o Brasil se tratava de uma utopia rural, uma forma de regredir no avanço de um capitalismo hipertardio. A terra seria, então, a realidade socioeconômica e cultural cristã do Brasil, para a qual deveria regressar. Nela estaria a “legítima” nacionalidade, brotada da etnogonia tupi, em que “a voz do oeste, a voz da terra será ouvida e atendida, como já foi em outras oportunidades cruciais do itinerário histórico nacional.” (CHASIN, 1999, p. 565). Assim, o Estado Integral a ser legitimado

pelos integralistas estaria validando direitos que emanam da terra, a serem ordenados e disciplinados na forma da histórica implantação da agricultura. O bandeirismo representaria, nesse raciocínio, o exemplo maior do dever de conquistar o solo e de a agricultura ultrapassar o “valor dos produtos industriais”.

Tal utopia rural, para os integralistas, era a expressão dos novos tempos, a resposta para a desilusão do liberalismo, representado pelo coronelismo oligárquico e outras “subversões” que a acumulação do capitalismo pudesse apresentar, como também pelas “ameaças” que o comunismo poderia trazer para o Brasil. Para evitar tais “mazelas”, a nação brasileira seria formada por pequenos proprietários de terra, uma espécie, segundo Chasin (1999), de um Estado pequeno-burguês.

Portanto, o projeto de nação brasileira da AIB abrangia a construção de uma potência forte com as classes disciplinadas e harmoniosas, com objetivo de alcançar os “elementos novos e sadios” através da mistura das raças. Em vista disso, as cidades representavam um “mal”, pois desagregavam as pessoas em torno do liberalismo competidor, e a solução proposta seria marchar para os interiores com uma política de avanço, a fim de construir uma nação cristã, ligada aos valores da terra e constituída por pequenos proprietários rurais. Diante disso, para os integralistas, Guarapuava como porta de entrada para o oeste paranaense, era mais do que um território com um histórico de litígio e com a necessidade de se nacionalizar; era uma região onde o “peculiar” projeto de nação da AIB se legitimaria. A notícia de 11 de junho de 1935 termina enfatizando:

Recorte de jornal 12 - AIB em Guarapuava/PR e o patriotismo 2

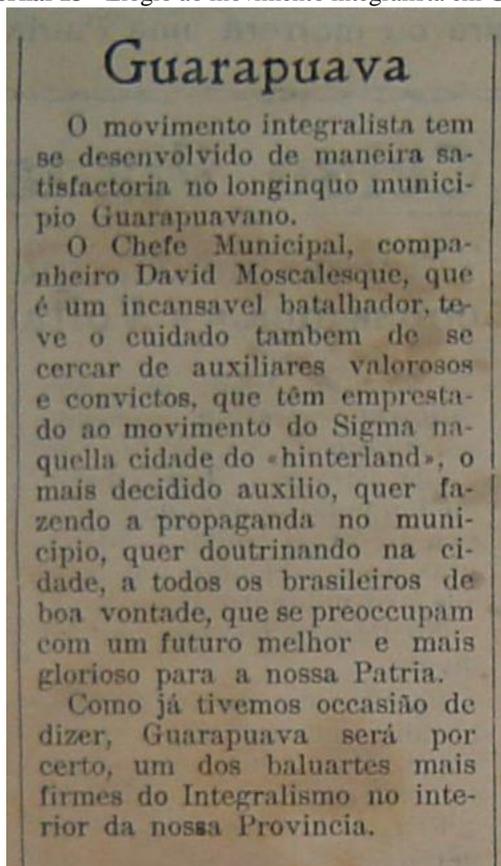


Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 6, p.7, 11 jun. 1935.

Assim, Guarapuava estava “despertando” para o projeto de nação integralista e se apresentava como um território interessante para a marcha integralista: estaria localizado no oeste paranaense, sendo definido no início da notícia acima como um “longinque e abandonado rincão patrio”, onde os “companheiros” já estavam a “assinalar uma etapa gloriosa”. No recorte seguinte encontrado sobre Guarapuava,

datado do dia 26 de junho, também é possível detectar a importância do município para a realização do projeto de nação integralista:

Recorte de jornal 13 - Elogio ao movimento integralista em Guarapuava/PR



Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 9, p. 5, 28 jun. 1935.

Do mesmo modo que nas demais notícias citadas, Guarapuava aparece como um lugar de expressão no Estado do Paraná para o movimento. Nesse sentido, é elogiada como “longínquo” e “um dos baluartes mais firmes” no interior do estado, pois ali se desenvolvia de forma satisfatória com “valorosos” auxiliares, e onde se encontravam “brasileiros de boa vontade, que se preocupam com o futuro melhor e mais glorioso”, tendo sido inclusive denominada como uma cidade do “hinterland” dos interiores brasileiros. Para o projeto de nação

integralista, os interiores significavam lugares onde a doutrina integralista se legitimaria. Lá poderiam se encontrar os “valores da terra”, como atenta Chasin (1999).

De acordo com o que considera Cruz (2004, p. 271), para o integralismo, o nativismo atuava em contraposição ao cosmopolitismo. Nele estaria o nacionalismo de tradição, sem estrangeirismos e de onde emerge uma unidade de sentimentos capaz de produzir a homogeneidade esperada. Um amálgama racial da união do branco com seu “espírito universalista lusitano”, do índio com os Tupis e o “domínio das distâncias”, e o negro com a “fácil adaptação e trabalho”.

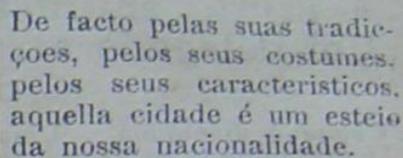
Para Vasconcellos (1979, p. 20-21), a polaridade “nacionalismo/cosmopolitismo”, “sertão/litoral” e “interior/cidade” se agrava na medida em que o integralismo afirma seu nacionalismo vindo do movimento verde-amarelo no modernismo. Neste movimento, o símbolo usado era o curupira, mito tupi-guarani anterior ao período da colonização. Tal herói não se desgrudava da terra e representava a “alma do Brasil”: “Um mito que caiu muito bem ao ideal xenófobo de uma cultura fechada: índio sem fendas, hirto e defensivo, invulnerável à penetração estrangeira, sisudo e compenetrado, vacinado contra a sedução transoceânica e avesso às ‘ideologias exóticas’.” (VASCONCELLOS, 1979, p. 20). Desse modo, a “brasilidade” estaria no interior, é de lá que viria a voz para as cidades e o homem nacional se afirmaria a invadir cidades cosmopolitas com tal espírito. Essa é uma visão apologética àqueles que estão mato.

Segundo Cruz (2004, p. 97), a raça tupi representava para o integralismo um “denominador comum”, a provocar a adaptação do branco colonizador às matas e às lavouras. O resultado dessa mistura racial seria uma síntese positiva de todas as raças: o caboclo. Esse encontro entre índios e brancos teria proporcionado a consolidação da “alma” e da “subjetividade” nacional, em que o resultado só poderia ser a harmonização e a solidariedade dos grupos sociais.

Diante disso, na última notícia sobre o avanço integralista para a região oeste paranaense no jornal *A Razão*, datada de 17 de setembro de 1935, aparece a descrição de uma visita no núcleo da AIB em Guarapuava. Há a descrição e o destaque para o quanto ficaram impressionados com elementos encontrados no município, definido como o “altar da Província do Paraná”. De fato, segundo o projeto de nação voltado para formação de pequenas propriedades rurais, harmonizadas pelo princípio cristão e na síntese “valorosa” de caboclos, a região oeste do Paraná pode ter representado para os integralistas um importante papel na realização da Revolução Espiritual almejada e na

implantação de seu Estado Integral. Nesta notícia, encontramos o seguinte:

Recorte de jornal 14 - Guarapuava/PR e o nacionalismo.



De facto pelas suas tradições, pelos seus costumes, pelos seus característicos, aquella cidade é um esteio da nossa nacionalidade.

Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 20, p. 5, 17 set. 1935.

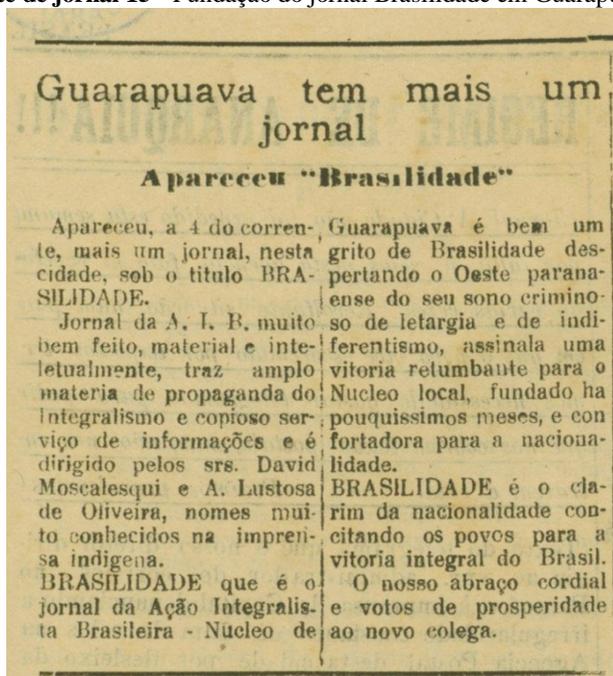
A conclusão na notícia mostra Guarapuava como o “esteio da nacionalidade”, onde se encontra o nacionalismo tradicional, longe da “corrupção” do liberalismo e do perigo comunista. Com isso, no final da notícia, há o enfoque para a “Chamado misterioso que nos arrasta, na grande marcha encetada, para a victoria”. Como um nacionalismo autêntico, o integralismo se afirma como algo que emerge da terra, de forma misteriosa e sem possibilidade de fugir, apenas arrasta para uma vitória certa na história da humanidade. De fato, uma utopia sobre os interiores e seus caboclos.

3.2 A “SENTINELA”: A INSTALAÇÃO DO NÚCLEO INTEGRALISTA NA SOCIEDADE DE GUARAPUAVA

3.2.1 Fundação do núcleo da Ação Integralista na cidade

Sobre o início da organização da AIB e sua atuação na cidade de Guarapuava no ano de 1935, pouco se sabe. Apenas um capítulo do livro *Dimensões da Política na Historiografia*, após refletir sobre teorias e métodos possíveis para estudar o movimento na cidade e os conflitos políticos que se envolveram no ano de 1937, tal como a ilegalidade no ano seguinte, traz indícios sobre a fundação do núcleo e a posterior atuação da AIB no ano de 1935. Este capítulo de Vieira (2008) destaca a seguinte notícia encontrada no jornal local *A Cidade*, no canto superior esquerdo da segunda página:

Recorte de jornal 15 - Fundação do jornal Brasilidade em Guarapuava/PR



Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 77, p. 2, 14 jul. 1935.

A fundação do núcleo da AIB na cidade de Guarapuava é relatada nesta notícia de 14 julho de 1935 como ocorrida “há pouquíssimos meses”. De acordo com os recortes dos jornais *A Razão* e *A Offensiva* destacados no primeiro item deste capítulo, sabemos que a instalação se efetivou no final de fevereiro desse ano. Já sobre a atuação do integralismo no referido ano, a notícia enfatiza o início da circulação de um jornal local oficial do núcleo integralista em Guarapuava, intitulado *Brasilidade*.

No que diz respeito a este jornal, outra literatura local, o estudo de Silva (2007, p. 176), evidencia como período de circulação do periódico *Brasilidade* os anos de 1935 e 1936, com base na autobiografia de Antonio Lustosa de Oliveira, que aparece na notícia acima como um dos diretores do jornal. Entretanto, apenas duas edições de formato A4⁷⁵ foram encontradas no acervo particular da Prof^a Julita Pereira, sob guarda do CEDOC da UNICENTRO.

⁷⁵ Hoje denominada tabloide.

Uma das fotocópias encontradas refere-se ao número 1 do jornal, datado de 4 de julho de 1935, portanto 10 dias antes da divulgação no periódico *A Cidade*. Nela aparece como diretor David Moscalesque, também citado na notícia acima, e como redator Lustosa⁷⁶. É descrito como um semanário com circulação às quintas-feiras, contendo quatro páginas. Já na segunda fotocópia encontrada, datada do dia 30 de agosto de 1935, número 8, ambos aparecem como diretores, como relatado na notícia acima, e de semanário passa a ser descrito como jornal com circulação incerta, contendo três páginas. Tais constatações podem lançar luz sobre possíveis dificuldades encontradas pelo movimento na cidade de Guarapuava, a serem problematizadas no item seguinte.

Sendo assim, é possível perceber a colaboração entre o periódico *Brasilidade* e o *A Cidade*, pois, além da administração, oficinas e redação do primeiro estarem localizadas anexas ao segundo e a edição do *Brasilidade* ser feita pelo *A Cidade* (“[...] rua Benjamin Constant, 37, anexo ‘A Cidade’.”) (BRASILIDADE, 1935, nº1, p.1), ambos divulgam a circulação do outro. Essas atividades paralelas possivelmente permaneceram até 1936. No ano seguinte, em 1937, o *A Cidade* para de circular e o outro jornal começa a ser publicado: *Folha do Oeste*. Ambas as atividades – publicações da AIB, na página 3 e demais notícias de caráter geral – são conciliadas no mesmo periódico.

Assim, definido como “Jornal de Propaganda da A.I.B.” (BRASILIDADE, 1935, nº1, p.4), nessas duas edições aparecem textos e notícias dos redatores locais, textos de Salgado, assim como estatutos do movimento. Também há seções dedicadas à vida social na cidade, viagens e promoções em cargos públicos de conterrâneos, excursões dos integralistas e propagandas de comércios locais. Com isso, o periódico integralista enquanto tal constituía, como considera Cavalari (1999), um instrumento de socialização ideológica do movimento e partido de massa. Assim, com o objetivo de promover o “progresso”, a primeira edição foi distribuída aos guarapuavanos, e, com isso, eram considerados assinantes aqueles que não devolvessem a edição.⁷⁷

Tal objetivo de progresso estava ligado ao projeto de nação dos integralistas: implantar um Estado Integral de disciplinarização das classes sociais dirigido por uma elite enérgica e carismática, por meio de uma Revolução Espiritual, em que a nação se tornaria homogênea e

⁷⁶ Falarei de ambos neste item mais a seguir.

⁷⁷ Nas duas edições fotocopiadas a que tive acesso, consta no canto direito da primeira página de ambas as edições o nome do possível assinante Snr. Juvenal Mendes.

composta por pequenas propriedades rurais. O caboclo emergiria como a expressão do homem nacional. É nesse viés que, na notícia acima, o aparecimento do jornal *Brasilidade* é destacado como:

[...] um grito de brasilidade despertando o Oeste paranaense do seu sono criminoso de letargia e indiferentismo [...] BRASILIDADE é o clarim da nacionalidade concitando os povos para a vitória integral do Brasil. (A CIDADE, 1935, nº 77, p. 2).

Portanto, o título do jornal tem íntima ligação com o projeto de nação integralista, o de promover “a verdadeira brasilidade”, vinda das “entranhas dos interiores”. Nesse sentido, a primeira edição do jornal local da AIB em Guarapuava inicia-se com a palavra do chefe nacional:

À vós e para vós, que empreendestes a cruzada magnífica de salvação da Pátria, dedicamos, como preito de impercível homenagem, esta nova folha Integralista – inúbia vitoriosa despertando a consciencia cívica da raça, nesta nesga esmeraldina do Oeste paranaense. (BRASILIDADE, 1935, nº1, p.1).

A política de avanço dos integralistas para o oeste paranaense é denominada por Plínio como uma “cruzada”, tendo em vista a “salvação” do Brasil. E, para isso, o jornal *Brasilidade* representaria um veículo para “despertar” a “consciência cívica”, provocar a Revolução desejada pelo movimento na “raça”, em que o oeste é denominado uma “esmeraldina”, como uma joia que precisa ser lapidada. Assim, de caráter panfletário, a primeira edição do *Brasilidade* convida o “cidadão” guarapuavano para “[...] ouvir e vêr como os integralistas estão trabalhando em defesa da tua crença religiosa, do teu torrão pátrio e da tua família.” (BRASILIDADE, 1935, nº1, p.1).

Tal movimentação na cidade de Guarapuava em torno da sede da Ação Integralista Brasileira foi promovida por três personagens centrais, conforme a literatura local. O primeiro deles é David Moscalesque,⁷⁸

⁷⁸ “[...] nasceu em 1908, em Jaguariaiva, Paraná e chegou a Guarapuava em 1924. Havia trabalhado nos jornais de Lustosa, até 1930, quando se casou com Mercedes Ciscato, se tornando sócio do sogro Luigi Ciscato, um próspero comerciante da cidade. Foi saxofonista da orquestra do teatro Santo Antonio, além de ter sido um de seus presidentes, dedicou-se também a outras atividades

destacado por Silva (2007, p. 176-177) como fundador e chefe municipal do núcleo integralista. Nos recortes dos jornais *A Offensiva* e *A Razão*, ele também aparece como chefe do núcleo de Guarapuava. E na notícia do periódico *A Cidade*, como foi verificado, aparece como diretor do jornal de propaganda do Sigma, *Brasilidade*, juntamente com o segundo personagem, A. Lustosa de Oliveira.⁷⁹ O terceiro personagem enfatizado por Silva (2007, p. 176-177) é Amarílio Rezende de Oliveira,⁸⁰ que, segundo relatos na autobiografia de Lustosa, cooperava para a publicação do jornal *Brasilidade*.

A hipótese de Silva (2007) é de que:

A respeito dos companheiros integralistas, Davi Moscalesque e Amarílio Rezende, sabe-se que vieram de outras cidades, trazendo na bagagem novas formas de pensar, provocando mudanças no espaço político local. Possuidores de uma cultura acima da média da camada urbana de Guarapuava identificavam-se com o conceito de “ser moderno”, idealizado por Lustosa. Ou seja, estar em sintonia com os grandes acontecimentos que agitavam o cenário nacional, importando para a cidade a versão daquilo se julgava ser, no

sociais e esportivas, como orador do Clube Guaíra e presidente do Clube Cassino e diretor dos clubes de futebol Pátria, União Futebol Clube e Guarapuava Esporte Clube.” (SILVA, 2007, p. 177).

⁷⁹ Nascido em 1901, no distrito de Guarapuava em Pinhão. Em 1917 assumiu cargos administrativos dos bens ligados à tradicional sociedade campeira que herdara do pai. Em 1922 começou a participar da maçonaria em Guarapuava: Loja Philantropia de Guarapuava, que teria lhe dado apoio para a carreira política. Participou do movimento de identidade do Paraná: Paranismo. Em 1929 tornou-se sócio do teatro Santo Antônio e posteriormente do Cassino de Guarapuava. Até sua atuação na AIB havia fundado os jornais: *A Fazenda – notícias da Fazenda São Pedro* (1914), *O Pharol* (1919), *O Alvorada* (1920-1923), *O Momento* (1924), *Pharolete* (1925), *Cine Jornal* (1927), *Correio do Oeste* (1928) até a publicação de *Brasilidade* (1935-1936). Apoiou e doou cavalos para a causa revolucionária de 1930. Dados encontrados em: OLIVEIRA, s/d, p.14-31; SILVA, 2010, p. 55-54; TEIXEIRA, 2013, p. 11-15.

⁸⁰ “[...] nasceu em 1902, no Rio de Janeiro, cursou Humanidades no Seminário Metropolitano de São Paulo e veio para Guarapuava em 1927, para exercer cargo de diretor da mais importante escola da época, o Grupo Escolar Visconde de Guarapuava. No ano seguinte, casou-se com Judith Bastos, filha de Trajano de Paula Bastos, um destacado comerciante local.” (SILVA, 2007, p. 177).

momento, a solução ideal para o país: o “Estado Integral” de Plínio Salgado. (SILVA, 2007, p. 176-177).

A ideia de “ser moderno” que pode ter mobilizado esses sujeitos de Guarapuava em torno do projeto de nação integralista é defendida por Silva (2007, 2008, 2010) em seus trabalhos em torno do estudo da trajetória de Lustosa. Abaixo segue a capa do seu livro publicado em 2010, com fotografias de Lustosa:

Figura 2 - Capa do livro: A arte da política na cidade de Guarapuava (1930-1970)



Fonte: DE LUSTOSA a João do Planalto, 2016.

De acordo com a autora, “[...] o imaginário integralista tomara proporções expressivas em Guarapuava, adquirindo contornos ‘quixotescos’, românticos e até mesmo ingênuos, se vistos tão somente com os olhos de hoje.” (SILVA, 2010, p. 66). Dessa forma, Lustosa se “impressionou profundamente” não só com o *Manifesto de Outubro de 1932*, a que teria assistido o lançamento, como com a propagação do movimento pelas cidades vizinhas de Guarapuava, em razão dos “destacados” intelectuais que ele percebera se filiando à AIB e do caráter “iminentemente” nacionalista do movimento.

Desse modo, Lustosa teria sido peça-chave para o integralismo em Guarapuava:

Lustosa, por sua vez, além de já possuir um lastro suficiente de credibilidade, proporcionada pelas origens familiares, pelas relações sociais que mantinha na cidade e que foi potencializado pelas campanhas jornalísticas pela estrada de ferro, detinha ainda, a propriedade de um importantíssimo instrumento necessário para a divulgação dos princípios integralistas: uma “moderna tipografia”, que se tornava mais eficiente ainda quando ele importava clichês de São Paulo, lembrada com orgulho [...] (SILVA, 2007, p. 178).

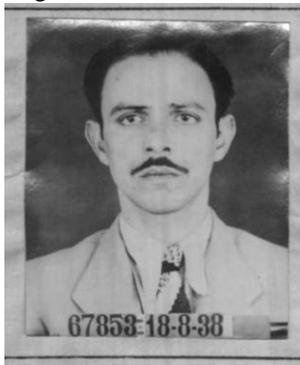
Portanto, possivelmente a tipografia em que o jornal *A Cidade* e o *Brasildade*, e posteriormente o *Folha do Oeste*, foram editados em Guarapuava era de Lustosa, já que ele lembra em sua autobiografia que em 1919 teria editado um jornal de “verdade” aos 18 anos, o quinzenário *O Pharol*: “[...] empolgado pelo sucesso alcançado, adquiri de José Correia Júnior, a antiga tipografia editora do lendário semanário ‘O Guayra’, fundado em 1893 [...]” (OLIVEIRA, s/d, p. 16). Daí em diante, segundo Teixeira (2013), Lustosa teria cedido sua tipografia, fundado outros jornais e colaborado com artigos. Consequentemente, essa tipografia adquirida no final do século XIX possibilitou a redação, a edição e a impressão do primeiro veículo de comunicação impresso, com regularidade semanal na cidade. A ênfase na localização do município (interior do Paraná), o sistema de estradas (“precárias e insuficientes”) e a busca de tais clichês executados à mão, letra por letra, em caracteres de chumbo para formar os textos e anúncios pelo tipógrafo, o que possibilitava diversos tamanhos, conforme Silva (2007, p. 178), constroem uma memória de orgulho para Lustosa e uma sensação de modernização.

Assim, no livro, Silva (2010) procura evidenciar como seu personagem se tornou porta-voz de um determinado projeto de modernização para a cidade, do qual o integralismo “sedutor” faria parte. Resta-nos perguntar: que projeto de modernização era esse? Tal hipótese será problematizada no próximo item, sobre este “novo” grupo político formado na cidade e suas motivações.

Contudo, Lustosa e Amarílio acabaram fichados no DOPS e Moscalesque acabou sendo assassinado no final de janeiro de 1938, fatos que serão problematizados no último capítulo. Lustosa foi fichado de 1938 até 1941. No livro de Silva (2010, p. 85-93), ele aparece no segundo capítulo, nos itens de títulos *Entre a tragédia e a perseguição* e

Sobre a incompreensão, a maldade e a ingratidão dos homens. Já Amarílio foi fichado de 1937 até 1942. Diante disso e das evidências sobre tais prontuários encontrados em Silva (2010, p. 89), posteriormente em Vieira (2008, p. 232) e em Athaides (2012, p. 124-125) foi possível encontrar no prontuário de Amarílio a fotografia feita para sua identificação no dia 18 de agosto de 1938:

Figura 3 - Fotografia de Amarílio Rezende de Oliveira



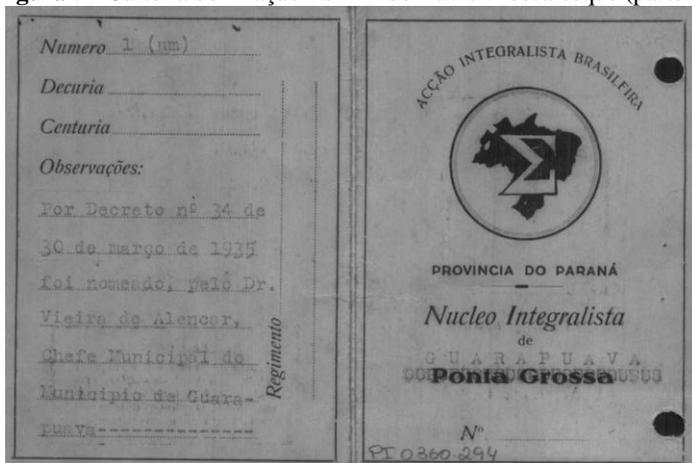
Fonte: *Pront.* 224, top. 286, DOPS/PR, DEAP/PR.

Também em outro prontuário, nesse caso de Lustosa, foi possível encontrar outro rastro de um desses três personagens: a carteira de filiação na AIB de Moscalesque.

Figura 4 - Carteira de filiação na AIB de David Moscalesque (parte 1)

<p>Data da inscrição 23 - 2 - 1935.</p>  <p>O Integralista <i>David Moscalesque</i> O Secretário Geral <i>[Signature]</i></p>	<p>Nome DAVID MOSCALESQUE</p> <p>Idade 27 anos Est. Civil Casado</p> <p>Naturalidade PARANÁ</p> <p>Filiação Símão e Maria Moscaleski</p> <p>Profissão Indústria</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>JURAMENTO</p> <p>«Juro perante Deus e pela minha honra trabalhar pela vitória da AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, executando sem desistir, as ordens do chefe nacional e dos meus superiores hierárquicos.»</p> </div>
--	--

Fonte: *Pront.* 360, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR

Figura 5 - Carteira de filiação na AIB de David Moscalesque (parte 2)

Fonte: *Pront. 360, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR*

A data de inscrição de Moscalesque, 23 de fevereiro de 1935, coincide com a data de instalação do núcleo integralista em Guarapuava, que, segundo o recorte do jornal *A Razão* do dia 11 de junho de 1935, teria ocorrido no dia 23. Contudo, de acordo com a notícia publicada no dia 28 de fevereiro desse ano no jornal *A Offensiva*, teria partido uma caravana no dia seguinte (24/02/1935) de Ponta Grossa, a fim de instalar o núcleo na referida cidade.

Possivelmente, Moscalesque inscreveu-se na AIB de Guarapuava no dia 23 de fevereiro de 1935 mesmo. Isso porque, apesar de a carteira impressa pertencer ao núcleo de Ponta Grossa, com uma máquina de escrever ela foi rasurada e a palavra Guarapuava aparece logo abaixo da descrição “Núcleo Integralista de...”, para efetivar as inscrições das pessoas interessadas em implantar o núcleo em Guarapuava. Depois, então, segundo as evidências, ocorreu a cerimônia de instalação no Teatro Pimpão, em que Moscalesque teria discursado:

O núcleo da ‘A.I.B.’ desta cidade foi instalado no dia 23 de fevereiro do corrente ano, no ‘Teatro Pimpão’, presente seleta assistência, e com a presença do chefe municipal de Ponta Grossa, companheiro Estevam Coimbra, acompanhado dos integralistas Ceci Filho, Dr. Olímpio de Paula Xavier e A. Ditzel. Na solenidade de instalação do Núcleo guarapuavano, se fizeram ouvir os

companheiros Estevam Coimbra, Ceci Filho, Davi Moscalesque e Sr. Humberto Marçal. (A RAZÃO, 11 jun. 1935, nº 6, p.7).

De acordo com Athaides (2012, p. 144), como era de praxe no trabalho de coordenação de um novo núcleo, o chefe municipal era escolhido entre pessoas da cidade as quais demonstravam interesse e se alistavam previamente, em torno de 20 a 50 indivíduos para possibilitar a implantação do núcleo e realizar o juramento. Depois, a “bandeira” era organizada em um núcleo de um município vizinho, nesse caso Ponta Grossa, e, em um teatro local discursavam os chefes locais e os coordenadores da “bandeira”. Em seguida, os militantes alistados juravam fidelidade.

Na carteira de filiação, há o seguinte juramento: “Juro perante Deus e pela minha honra trabalhar pela victoria da ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, executando sem discutir, as ordens do chefe nacional e dos meus superiores hierarchicos.” (*Pront.* 360, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR). Ele demonstra a posição de obediência do militante em relação ao chefe integralista e às demais hierarquias do movimento. Segundo Trindade (1979, p. 164), a inspiração nos modelos fascistas possibilitou que, nos estatutos da AIB, o chefe nacional tivesse uma “direção total e indivisível” com um poder “centralizado, total e permanente”.

No verso da carteira de filiação, Moscalesque, com 27 anos, casado e industrial, aparece oficialmente nomeado chefe municipal do núcleo integralista pelo chefe da província do Paraná, praticamente um mês após sua inscrição: “Por decreto nº 34, de 30 de março de 1935 foi nomeado, pelo Dr. Vieira de Alencar, Chefe Municipal do Município de Guarapuava.” (*Pront.* 360, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR).

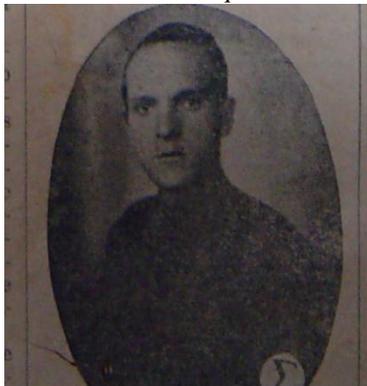
No dia 23 de julho no jornal *A Razão*, quatro meses após o decreto, Moscalesque é destacado em uma fotografia como Chefe Municipal, juntamente com outros chefes municipais no estado, distribuídos por duas páginas do periódico, que tem como manchete:

LIGEIRO RETROSPECTO De Um Anno De
ACTIVIDADES INTEGRALISTAS No Paraná,
DE VICTORIA EM VICTORIA, A DOCTRINA
DO SIGMA SE AFIRMA UNANIMEMENTE
NA TERRA DOS PINHEIRAES. (A RAZÃO, 23
jul. 1935, p. 3).

A propaganda do movimento no estado a fim de divulgar a possível “vitória” da política de avanço da doutrina traz o núcleo Guarapuava e seu chefe como uma importante cidade e região a ser destacada na chamada “marcha” integralista pelo país.

Diferentemente da fotografia na carteira de inscrição, em que aparece olhando para cima e em posição mais jovial, aqui Moscalesque aparece com o uniforme do movimento olhando diretamente para a câmera e com a face séria, podendo demonstrar a seriedade da posição que havia assumido, nesse ano, como chefe municipal de um núcleo integralista.

Recorte de jornal 16 - Imagem do chefe municipal da AIB em Guarapuava/PR:
Moscalesque



Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 12, p. 3, 23 jul. 1935.

Também difere da fotografia encontrada de Amarílio, três anos após esta e em outro contexto. Amarílio estava sendo investigado por crime político e foi fotografado pelo Instituto de Identificação do DOPS. Olhando diretamente para a câmera, traz uma expressão séria e provavelmente preocupada com os acontecimentos que lhe ocorreram. Já as fotografias de Lustosa, escolhidas por Silva (2010), demonstram a trajetória do seu personagem, de jovem sorridente a adulto sério, discursando com um microfone. Na fotografia mais jovem, possivelmente datada antes de sua participação no integralismo, ele olha de canto para a câmera e sorri, o que pode representar seu entusiasmo com o que as conturbações políticas da Revolução de 1930 e com o que o novo movimento e partido, AIB, poderiam trazer para o país e sua região.

Em face disso, tais personagens ficaram marcados na memória sobre a atuação do integralismo na cidade, devido ao seu envolvimento com o fundamental instrumento de socialização ideológica do movimento e partido, AIB, na região: o jornal local. Cada periódico apresentando sua forma de contribuição para a propaganda e difusão do integralismo: *A Cidade* em 1934 e 1935, *Brasilidade* em 1935 e *Folha do Oeste* em 1937 e 1938. Por isso, esses personagens são destacados na notícia no início deste item como “nomes muito conhecidos da imprensa indígena” (A CIDADE, 14 jul. 1935, n. 77, p. 2), no caso, atuantes na imprensa “nativa” da região e ligados ao que estava “na ordem do dia”, o nacionalismo, a busca do que era o Brasil.

Entretanto, como a fundação do núcleo se efetivou, a AIB participou das eleições de setembro de 1935 e em 1937-1938 se envolveu em conflitos políticos, é possível que o movimento tenha agregado não só esses três personagens, mas também inúmeras pessoas de forma direta ou indiretamente. Quanto a isso, foi possível encontrar outros nomes envolvidos na prática da doutrina do Sigma no ano de 1935, o ano de fundação do integralismo em Guarapuava. Na notícia panorâmica sobre o movimento em Guarapuava de 11 de junho de 1935, no jornal *A Razão*, são divulgados os nomes dos militantes que passaram a assinar o periódico *A Offensiva*:

A imprensa integralista, nesta cidade, tem sido de ótima aceitação. Tomaram assinaturas da “A Offensiva”, órgão oficial da Acção Integralista Brasileira, brilhantemente dirigida pelo Chefe Nacional Plínio Salgado, mais os companheiros: Neri Cardoso, Sebastião Loures Bastos, Antenor Sprenger, L. de Oliveira e Luiz Mila. Srs. Hugo Marçal, Benjamin Teixeira, Ciscato & Cia, Solano Keinert, Arlindo Ribeiro, Santos & Boese, Luiz Evangelista, dr. Valdomiro Camargo, Paulino Bischof, Joaquim Prestes, Irmãos França, João do Prado e Pedro Carli.” (A CIDADE, 11jun. 1935, p. 7).

Como material de propaganda, o trecho elogia a aceitação dos guarapuavanos às ideias integralistas e enfatiza mais assinaturas. Da mesma forma, a notícia continua elogiando a procura por jornais integralistas na cidade, no caso, o periódico estadual *A Razão*, que passaria a ser vendido de forma avulsa e não mais distribuído gratuitamente, e o jornal integralista de Ponta Grossa, *O Brasil Novo*,

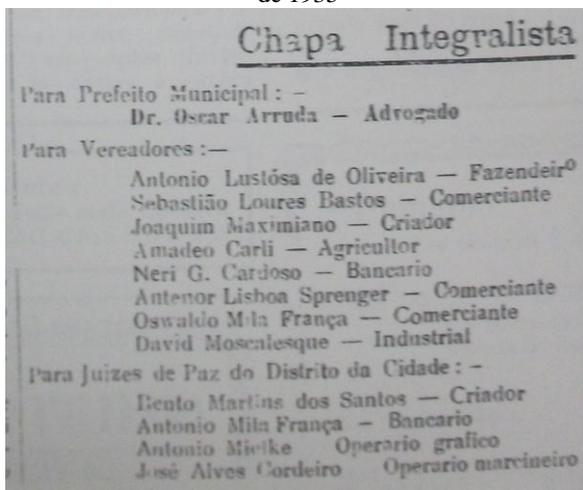
que continuaria a ser distribuído. Assim, para efetivar que os jornais cumprissem seu papel de socializadores da doutrina do movimento, os núcleos eram obrigados a assinar o *A Offensiva*:

O referido periódico era o principal portal de transmissão da doutrina integralista. Tinha o caráter de órgão oficial do integralismo e era através dele que a palavra do “Chefe Nacional”, Plínio Salgado, chegava aos lares dos militantes. Assim, como no Monitor Integralista, havia a obrigatoriedade de assinaturas por parte dos núcleos. As lideranças nas esferas nacionais, regionais e locais eram obrigadas a ter uma assinatura individual e também era recomendado que todos os militantes o assinassem ou o comprassem nas bancas. (OLIVEIRA, 2009, p. 31).

A partir de 1935, os jornais integralistas passaram a ser organizados pela Secretaria Nacional de Propaganda do movimento, em um consórcio com 88 jornais na época, intitulado *Sigma Jornaes Reunidos*. Elaborado para tornar mais eficaz a publicidade da doutrina do Sigma, é destacado pelo movimento como o maior da América do Sul. Segundo Cavallari (1999, p. 83-85), tal consórcio foi criado para garantir a unificação e o controle da doutrina juntamente com a Secretaria Nacional de Imprensa, que tinha como função orientar e punir, de acordo com um código de ética. Diante disso, todos os núcleos eram obrigados a mandar um exemplar do seu jornal local para essa secretaria e para o chefe nacional, sendo que, nos gabinetes provinciais e municipais, teriam que manter uma Comissão de Imprensa para selecionar e censurar matérias.

Diante dessa organização e a fim de alcançar uma política de expansão, o movimento e partido integralista passou a fazer parte da política local em Guarapuava. No dia 30 de agosto de 1935, são divulgados no jornal integralista local *Brasilidade* os recém-inscritos no núcleo da cidade: Carlos Soldan, João Fernandes, João Justo, Carlos Hohl Junior, Jaci Prestes, Nael Evangelista de Almeida, Luiz Guiné, Milton B. Kister e Omero Bastos. Na mesma edição é divulgada também a chapa da AIB para as eleições municipais de 12 de setembro:

Recorte de jornal 17 - Chapa integralista em Guarapuava/PR para as eleições de 1935



Fonte: *Brasilidade*, Guarapuava, nº8, p. 1, 30 ago. 1935.

Posteriormente, em outubro, o periódico *A Offensiva* publica na página dedicada à divulgação do integralismo nas Províncias uma foto dos integralistas de Guarapuava em meio às notícias de diversos lugares do país:

Recorte de jornal 18 - Fotografia de integralistas em Guarapuava/PR



Fonte: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 74, p. 8, 12 out. 1935.

Outra fotografia dos integralistas de Guarapuava foi encontrada em um prontuário do DOPS, denominado “Integralismo – fotos”, em que assina L. Martins no canto inferior direito, e abaixo, o nome da cidade. Na folha em que a fotografia foi colada, abaixo dela, com letra diferente da assinatura, possivelmente do funcionário do Instituto de Identificação, são descritos os nomes das pessoas que posaram na foto, juntamente com um número para identificá-los na fotografia: Antonio Lustosa de Oliveira, David Moscalesque (identificado como falecido pelo DOPS), provavelmente Clemente Dias (o nome não está completo), Ludovico Zütt, Leonel Martins, Osvaldo França, Oscar, Antonio França, Déca Martins, Ladislau Galeski e Antenor Sprenger.⁸¹

Figura 6 - Fotografia de integralistas em Guarapuava/PR



Fonte: *Pront. 1172, Cx. 140, fl. 79, DOPS/PR, DEAP/PR.*

Em ambas as fotos, os militantes aparecem uniformizados, o que era obrigatório nas manifestações integralistas. Na primeira fotografia, publicada no jornal *A Offensiva*, aparecem, na sua maioria, homens, algumas crianças e possivelmente mulheres; já na segunda fotografia, apenas homens posam para a foto. Cavalari (1999, p. 57) afirma que as

⁸¹ Sobre esses sujeitos históricos e os demais nomes encontrados nas evidências, é necessário fazer uma nova pesquisa de fontes, para conseguir mapear e problematizar a participação deles na Ação Integralista.

mulheres eram dirigidas para os setores educacionais da AIB, enquanto os homens ficavam com as funções administrativas e militares.

Para essa mesma autora (CAVALARI, 1999, p. 193-195), os uniformes eram uma maneira de “abolir as diferenças, homogeneizar e classificar”. Estes eram regulamentados da seguinte forma: os camisas-verdes, os homens, deveriam usar uma camisa verde, calça preta ou branca, gorro verde, gravata preta, sapatos pretos, e a letra grega sigma (Σ) deveria estar sobre o braço esquerdo. Já as blusas-verdes, as mulheres, deveriam vestir também uma blusa verde com mangas curtas e gola aberta e um chapéu com uma fita preta. E os plinianos, crianças e jovens, deveriam usar calça branca ou azul, culote preto, lenço branco e meias ou perneiras.

Tais artigos de indumentária integralistas aparecem anunciados no jornal local da doutrina em Guarapuava, *Brasilidade*, em 7 de julho de 1935, os quais poderiam ser comprados na Casa Trajano. Nesse caso, a publicidade da AIB se fazia junto com a publicidade do comércio local. Assim, a importância do uniforme, com o emblema integralista Σ , integrava, segundo Trindade (1979), a organização da AIB. Assim sendo, além da difusão doutrinária exercida pelos jornais, havia uma:

[...] série de mecanismos e atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado Integralista. Estes agentes de socialização ideológica articulam-se entre si para assegurar o aprendizado político ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um complexo de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral, cívica e física. (TRINDADE, 1979, p. 188).

Tais atividades e mecanismos de socialização ideológica tinham como objetivo preparar os militantes para o Estado Integral e, nesse sentido, provocar a Revolução Espiritual esperada. O símbolo sigma (Σ), além de estar nos uniformes sob o mapa do Brasil em azul e um círculo prateado em volta, deveria ser gravado na bandeira azul sob uma esfera branca e em todos os emblemas do movimento. Para Trindade (1979, p. 188-189), há três interpretações sobre o significado desse símbolo. A primeira é a de representar um somatório de todas as forças sociais da nação; a segunda se refere à letra dos primeiros cristãos na

Grécia para representar Deus; e a terceira está relacionada à estrela polar do hemisfério sul.

Na carteira de inscrição de Moscalesque, o sigma aparece sob a bandeira do Brasil e sob um círculo, e na fotografia acima, o símbolo aparece sozinho no centro da parte superior do prédio, no qual os integralistas estavam reunidos. Tal construção provavelmente era a sede do integralismo em Guarapuava. Entretanto, na primeira fotografia do jornal *A Offensiva*, verifica-se que a construção não é mesma pelo formato das janelas. Contudo, a AIB na cidade no ano de 1935 teve duas sedes, a primeira localizada na “rua Silva Jardim, n. 11” (*A RAZÃO*, 11 jun. 1935) desde fevereiro e a outra, a partir de outubro, em nova sede na “rua Benjamin Constant, n. 37 Palaceto Dr. Ribeiro de Brito” (*A CIDADE*, 6 out. 1935, p. 4). De fato, na segunda fotografia o edifício parece um “palaceto”. Talvez a mudança de sede tenha a ver com proibição de algumas atividades integralistas no Estado do Paraná em setembro de 1935.

As sedes também eram regulamentadas por um tipo padrão. De acordo com Trindade (1979, p. 190), deveriam ter um retrato do Chefe Nacional entre duas bandeiras: a nacional e a integralista. O retrato deveria lançar o olhar sobre uma longa mesa, e a sala conter um mapa do Brasil com o sigma desenhado, um relógio na parede com a seguinte frase “A nossa hora chegará” e o seguinte slogan: “O integralista é soldado de Deus e da Pátria, homem novo do Brasil que vai construir uma grande Nação”. É sugerida a criação de uma pequena biblioteca com os principais documentos integralistas e uma galeria com retratos dos mártires do movimento.

Dessa forma, a data e o horário das reuniões são anunciados no jornal *A Cidade* a partir do dia 21 de abril de 1935 e aparecem novamente nesse ano, nas edições dos dias: 05/05; 19/05; 26/05; 02/06 e 09/06. A página do anúncio, tal como a posição no periódico do anúncio, aparece de diferentes formas.

**Recorte de jornal 19 - Aviso das reuniões no núcleo da AIB em
Guarapuava/PR**



Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 68, p. 4, 21 abr. 1935.

As reuniões realizavam-se nas quintas-feiras no período da noite, às 19 horas, e nos domingos, feriados e dias considerados santos pelo calendário católico no período da tarde, às 14 horas. Tais datas e horários são reforçados no jornal *A Razão*, nas edições do dia 31 de maio de 1935 e no dia 11 de junho do mesmo ano. No jornal oficial da AIB em Guarapuava, *Brasilidade*, o convite aparece na primeira edição de 4 de julho de 1935.

Sobre a estrutura burocrática do movimento e partido no núcleo da cidade, foi possível apenas localizar o nome de Antenor L. Sprenger como secretário, assinando os anúncios de convite às reuniões, e na notícia de 11 de junho de 1935, ele aparece como secretário de organização política e finanças, juntamente com Neri Cardoso.

Para Trindade (1979, p. 191), outro mecanismo de socialização ideológica com papel central no movimento eram os ritos. Eles compreendiam desde ritos de nascimento até de morte. Envolviam as crianças com sua iniciação à militância aos quatro anos, a fim de formarem a juventude integralista, os plinianos, migravam de infantes

para curupiras, vanguardeiros, até pioneiros aos 15 anos de idade. E o ingresso dos adultos também obedecia a certos ritos, tal como as cerimônias de datas comemorativas da AIB. Todos esses ritos eram orientados pelos textos: *Os Protocolos e Rituais*, compilados e publicados em 1936 e 1937 no diário oficial da AIB, *Monitor Integralista*.⁸² De acordo com Cavalari (1999, p. 164), tais documentos eram uma espécie de legislação integralista, controlavam a vida do militante do nascimento à morte e abrangiam desde a vida pública até a vida pessoal, com *As Regras de Conduta*.

Na notícia de 11 de junho de 1935, no jornal *A Razão*, o núcleo de Guarapuava divulga uma homenagem feita à Hely van der Broock, falecido no dia 28 de abril do mesmo ano, na sessão do dia 2 de junho. Descrito na matéria como “ritual de praxe”, a chamada do morto compreendia um ritual a ser efetuado em todas as sedes dos núcleos integralistas do país, como nos indica Cavalari (1999, p. 180-181). Na sua visão, o camisa-verde não morreria; seria transferido para as milícias do além.

No dia 17 de setembro de 1935, o jornal *A Razão* divulga o mesmo ritual efetuado no núcleo de Guarapuava:

⁸² De acordo com as indicações nas notas de rodapé de Trindade (1979, p. 188-198).

Recorte de jornal 20 - Ritual para a chamada das milícias do além realizado no núcleo de Guarapuava/PR

Atravez da leitura de um album sobre Guarapuava, puderam os visitantes aquilatar o valor, não só heroico, mas tambem admirativo, dos fundadores da quella prospera localidade, Cap. de Milicias Antonio da Rocha Loures e Padre Francisco das Chagas Lima.

A personalidade dos fundadores da cidade impressionou tão fortemente aos nossos companheiros, que elles não tiveram duvida em julgal-os como pertencentes às nossas legiões do além, razão pela qual, no decorrer da sessão que foi levada a effeito no cine local, foi feita a chamada ritual dos dois bandeirantes e das figuras impressionantemente historicas de Pedro Siqueira e Visconde de Guarapuava.

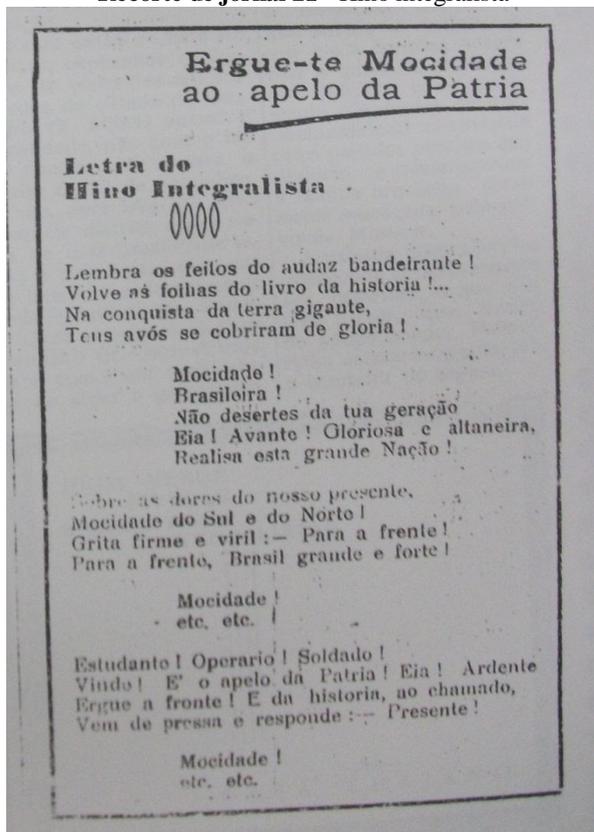
Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 20, p. 5, 17 set. 1935.

Dessa vez, as “personalidades dos fundadores da cidade” de Guarapuava foram chamadas no ritual pelos integralistas, realizado no cine pertencente à Lustosa, no entendimento que, tais personalidades participavam das legiões do Sigma do além. Na ideologia integralista, a atuação desses fundadores da cidade enquanto bandeirantes, os colocava na posição de primeiros militantes da doutrina do Sigma, assim, constituíam a história dos “novos tempos” que emergiam e logo, deviam fazer parte do ritual.

Outra forma de “socialização político ideológica” da AIB era, segundo Trindade (1979, p. 197), as canções e as marchas para reuniões e desfiles. A principal delas era o hino oficial da AIB, dotado de

patriotismo, tendo sido replicado na primeira edição do jornal local do núcleo de Guarapuava, *Brasilidade*, no dia 4 de julho de 1935. Entretanto, não corresponde à mesma versão apresentada por Trindade (1979, p. 197-198) e Cavalari (1999, p. 197-198).

Recorte de jornal 21 - Hino integralista



Fonte: *Brasilidade*, Guarapuava, nº 1, p. 3, 4 jul. 1935.

Provavelmente trata-se das primeiras versões do hino modificadas até a versão que se conhece na literatura sobre o tema, tendo em vista que a compilação dos ritos e protocolos se deu possivelmente em 1936 e 1937. Contudo, o núcleo integralista em Guarapuava se efetivou através da política de expansão do movimento e do interesse de sujeitos locais pela proposta da AIB, de forma que fundaram um núcleo com sua organização burocrática e centralizada,

dotado dos meios de socialização ideológica necessários para a arregimentação de mais adeptos para a doutrina: uma sede, jornais, uniformes, o símbolo e os ritos. Com isso, conseguiram montar uma chapa para as eleições de setembro de 1935; a partir daí, as publicações sobre a AIB diminuem, não só nos jornais oficiais de nível nacional e estadual, mas também no jornal local *A Cidade*, que passará a enfatizar as alianças das oligarquias locais em torno do poder.

3.2.2 AIB: um “novo” grupo político de classes médias urbanas

No final de fevereiro de 1935, a Ação Integralista Brasileira oficializa seu núcleo na cidade de Guarapuava e, diante disso, um grupo considerável de pessoas passa a se organizar em prol dos ideais do movimento e partido. Para Silva (2007, p.187), a difusão em torno dos princípios da AIB na cidade pode representar a emergência de um novo grupo político num cenário predominado pelos proprietários rurais. Esse novo grupo seria constituído por advogados, juízes, médicos, professores e comerciantes com a utilização de um discurso antioligárquico e modernizador. Possivelmente, com uma atuação ampla na cidade na intenção de buscar adeptos e eleitores.

A organização desse “novo” grupo de atuação política, segundo Silva (2007, p. 171-177), pode ser entendida em razão das dissidências políticas entre lideranças locais geradas durante a Revolução de 1930. Interessadas na destituição das oligarquias locais vigentes no poder, algumas lideranças teriam se envolvido ativamente durante esse levante armado e, para dar publicidade à Revolução, editaram um jornal local intitulado *O Liberal*.

Recorte de jornal 22 - Cabeçalho do jornal *O Liberal*



Fonte: *O Liberal*, Guarapuava, nº 8, p. 1, 6 fev. 1930.

No fim do ano, com o desencadeamento do movimento revolucionário, o jornal passou de *Organ da Consciência Livre de Guarapuava* para *Organ editado pelo movimento revolucionário de*

Guarapuava. O resultado destas movimentações localmente foi a nomeação de Antonio da Rocha Loures Vilaca como “chefe político local” de Guarapuava, sob o título de Coronel (Cel.).⁸³ Isso se deu depois de o líder da Revolução no Paraná, Major Plínio Tourinho, ter deposto Affonso Alves Camargo, que estava à frente do governo do Estado do Paraná e que, em Guarapuava, representava:

[...] até então o onipresente chefe político da cidade, árbitro de todas as questões políticas e aquele que indicava os titulares que supriam todos os postos-chaves da estrutura política local. Este fato significou o surgimento da “orfandade política” de um grupo acostumado às “benesses” do poder, o que por si só já gerava ressentimentos, quadro que foi agravado diante das perseguições políticas que se sucederam. (SILVA, 2007, p. 171)

Tal “orfandade política” no ano de 1930 ficou então “sanada”, sob o comando do Cel. Vilaca, que, devido a sua atuação abusiva, gerou indignação escrita no início de 1931. Assim, outro jornal é editado com o objetivo de combater os abusos do movimento revolucionário, de demonstrar o descontentamento com os rumos políticos e de fazer críticas ao chefe deste movimento na cidade, o Cel. Vilaca. É intitulado *O Combate*:

Recorte de jornal 23 - Cabeçalho do jornal *O Combate*



Fonte: *O Combate*, Guarapuava, nº 14, p. 1, 5 abr. 1930.

⁸³ De acordo com Silva: “O título de coronel usado por Antonio Vilaca originava-se da Guarda Nacional, que foi instalada em Guarapuava em 1938, por ato do governo da Província de São Paulo (TEIXEIRA, 1997, p.31). A Patente de coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais (LIMA SOBRINHO, 1997, p. 13).” (SILVA, 2007, p. 172).

Logo, Amarílio, que será um dos líderes do integralismo em 1935, redator das críticas evidenciadas no jornal acima e diretor do Grupo Escolar Visconde, na cidade, é transferido para Imbituva, à aproximadamente 109 km de Guarapuava, pelo Interventor Mário Tourinho. Para Silva (2007, p. 117), isso se deve “ao atrito com o Cel. Vilaca”.

De fato, de acordo com Carone (1974a, p. 162), o resultado da revolução são “fatos imprevisíveis”. A vitória das oligarquias dissidentes fará com que o poder se concentre nas mãos delas, no nível federal e do tenentismo nos estados. “Pela primeira vez na nossa história, as oligarquias agrárias compartilham o poder com a classe média.” (CARONE, 1974a, p. 162). Portanto, sob a voz do Cel. Vilaca, as oligarquias dissidentes tiveram vez em Guarapuava, porém passaram a ter de dividir o poder com as camadas urbanas locais que participaram do levante armado, como era o caso do professor Amarílio.

Quando Manoel Ribas assume o cargo de Interventor do Estado em 1932, conforme Silva (2007, p. 174), o poder local na cidade sob prerrogativas do Cel. Vilaca sofreu um abalo. Isso porque a primeira atitude do novo interventor foi destituir do cargo o prefeito nomeado por este coronel, Augusto Gomes de Oliveira, e nomear no lugar Arlindo Ribeiro, que permanece até as eleições conturbadas de 1936, as quais serão tratadas no próximo item. Manoel Ribas tratou também de reintegrar Amarílio no seu cargo de diretor no Grupo Escolar da cidade.

A unidade entre os interventores (tenentismo) e as oligarquias dissidentes estaduais permanece até 1931, segundo Carone (1979a, p. 288-293). Tais oligarquias acreditavam conseguir assumir o poder estadual após o governo momentâneo dos tenentes. Em Guarapuava, o Cel. Vilaca apoia o interventor do Estado do Paraná e obtém o apoio dele até 1932, quando o interventor é substituído. Provavelmente, há relação com o jogo de forças políticas nacionais.

No ano de 1932, deflagra-se a Revolução Constitucionalista, um levante das oligarquias regionais dissidentes e situacionistas, unidas em São Paulo, contra os interventores tenentistas. A derrota dessas oligarquias satisfaz de imediato o tenentismo e, possivelmente, provocou a substituição do interventor no Paraná, que irá desconsiderar as decisões do Cel. Vilaca em Guarapuava, trazendo de volta para a cidade o dissidente professor Amarílio. Assim, o Cel. Vilaca, de acordo com as conclusões de Silva (2007, p. 174), teria de conviver, a partir daquele momento, com as críticas do grupo dissidente em torno de Amarílio e com a camaradagem entre o Interventor do Estado, Manoel Ribas, e uma das lideranças do integralismo, Lustosa.

Entretanto, como explica Carone (1979a, p. 300-343), a retomada constitucional para legalização da política do país é levada à cabo por Vargas, com intuito de não continuar a marginalizar os grupos oligárquicos regionais e acaba por provocar o declínio do tenentismo, tal como a consolidação dos grupos oligárquicos dominantes nos Estados, que vinha se delineando desde 1933. Então, em 1934, a “regularização da vida constitucional” trará a consolidação do esquema formado por Vargas e as oligarquias situacionistas nos Estados. Com isso, o operariado e as classes médias terão suas ações cerceadas pelo pretexto de perturbação da ordem, através da Lei de Segurança Nacional, apresentada no dia 26 de janeiro de 1935 na Câmara dos Deputados e promulgada como lei em 4 de abril de 1935.

Desse modo, apesar da medida não se dirigir à Ação Integralista Brasileira, como alega Carone (1979a, p. 215-218), o movimento e partido sofrerá ataques durante o ano de 1935, tanto na Câmara Federal, em que a minoria parlamentar, formada pela ala oposicionista e mais liberal, pede o fechamento do partido em novembro de 1935. Tanto quanto em alguns estados, em que as medidas são mais persistentes e concretas, como é o caso do Paraná, onde, em setembro, Manoel Ribas proíbe várias atividades da AIB, e no ano seguinte, em abril, os núcleos são proibidos e fechados.

A fundação da AIB em 1932, de acordo com Carone, foi:

[...] recebida com desconfiança pelo operariado, ceticamente pelo tenentismo e com curiosidade pelas classes dirigentes agrárias e burguesas. No início, *certos elementos liberais* e monarquistas fazem parte do movimento, mas logo percebem seu caráter fascista e autoritário o abandonam. (CARONE, 1979, p. 215).

Posteriormente, os liberais e grupos dirigentes pedem o fechamento da AIB em 1933 e 1934. A hostilidade com outras lideranças é comum, até conflitos sangrentos: o primeiro em 1934 e o segundo em fevereiro de 1935, em confronto com a polícia. Portanto, o integralismo não era visto com bons olhos pelas oligarquias, provavelmente devido ao seu caráter combativo dos velhos elementos coronelísticos, que viraram lemas utópicos da Revolução de 1930 e mobilizaram a criação de novos grupos pelo país.

Talvez, em Guarapuava, uma das formas possíveis de enfrentar tais elementos coronelísticos fosse a formação de um novo grupo

político partidário, no caso a implantação de um núcleo da Ação Integralista Brasileira na cidade. Segundo Silva (2007, p. 25-30), Guarapuava na época era constituída por uma tradicional sociedade campeira falida, com o fim do tropeirismo, que tinha como horizonte o progresso da cidade e a modernização de seus negócios, através da busca pela construção da estrada de ferro. Assim sendo, a AIB na cidade pode ter se constituído como um movimento antioligárquico e modernizador.

Lustosa seria, então, de acordo com Silva (2007, p. 25-30), o porta-voz desse grupo social: a sociedade campeira de Guarapuava - tradicional, latifundiária e patriarcal, formada desde o século XIX com a ocupação dos territórios, chamados de Campos Gerais, por meio das sesmarias, grandes proprietários e seus criadores de gado. Mais tarde, com a Feira de Sorocaba, o comércio de gado chamado de tropeirismo ganhou força e trouxe o crescimento urbano para a cidade. Posteriormente, no período republicano as oligarquias em torno das fazendas de gado foram perdendo seu poder, com a afirmação de Curitiba como centro econômico e político, e o tropeirismo entrou em decadência, com o melhoramento do rebanho e a construção de ramais ferroviários pelo Estado de São Paulo. Em consequência, a modernidade econômica, através da conquista da estrada de trem, tornou-se ponto-chave no discurso de uma sociedade campeira falida.

Assim, para Silva (2010), Lustosa teria sido “seduzido” pelo integralismo, juntamente com seus colegas Moscalesque, comerciante, e o professor Amarílio. “Seduzidos” por um projeto de modernização e progresso da cidade de Guarapuava, através do projeto fascista de nação do integralismo, na perspectiva de construção de uma potência nacional, em que os interiores e seus caboclos representavam a alma da nação. Diante da colaboração (disciplina) das classes profissionais, homogeneização do povo e núcleos familiares, o Brasil seria dirigido por uma elite enérgica e rumaria ao progresso, longe do liberalismo corruptor, das oligarquias e seu coronelismo, como também, da ameaça comunista, os “males” que assolavam a sociedade.

Contudo, cabe perguntar: por que se interessaram pelo projeto de progresso fascista e nacionalista da AIB? E não por outros projetos antioligárquicos, de progresso e modernização?

Na visão de Silva (2005, p. 79-87), a ocupação socioespacial de Guarapuava ocorreu de forma a gerar territórios conservadores no centro-sul do Paraná. Com a decadência do comércio de gado, as invernações com seus criadores de gado voltaram a ser fonte de lucro na região, juntamente com atividades paralelas, como a agricultura de

subsistência, a extração em pequena escala da erva-mate e da madeira. Porém, ambas as atividades no início do século XX geraram relações econômicas “menos dinâmicas” e relações de poder “arcaicas ou tradicionais”. Assim, para Schmidt (2009, p. 63-80), esse quadro de ocupação possibilitou a formação de um espaço urbano desigual em Guarapuava e a constituição de uma elite local:

A origem da elite local foi, então, formada pela aristocracia campeira pelo domínio político e econômico no século XIX, tornando-se significativa para a realidade urbana pelas interações com a vida política, econômica e cultural de caráter hegemônico. (SCHMIDT, 2009, p. 67).

Para este autor, a sociedade campeira tradicional transferiu para a cidade a lógica do campo de segregação socioespacial: no centro da cidade, políticas de urbanização para os casarões e, nas periferias, a ocupação de grupos mais carentes, conforme a figura abaixo:

Mapa 4 - Ocupação urbana em Guarapuava

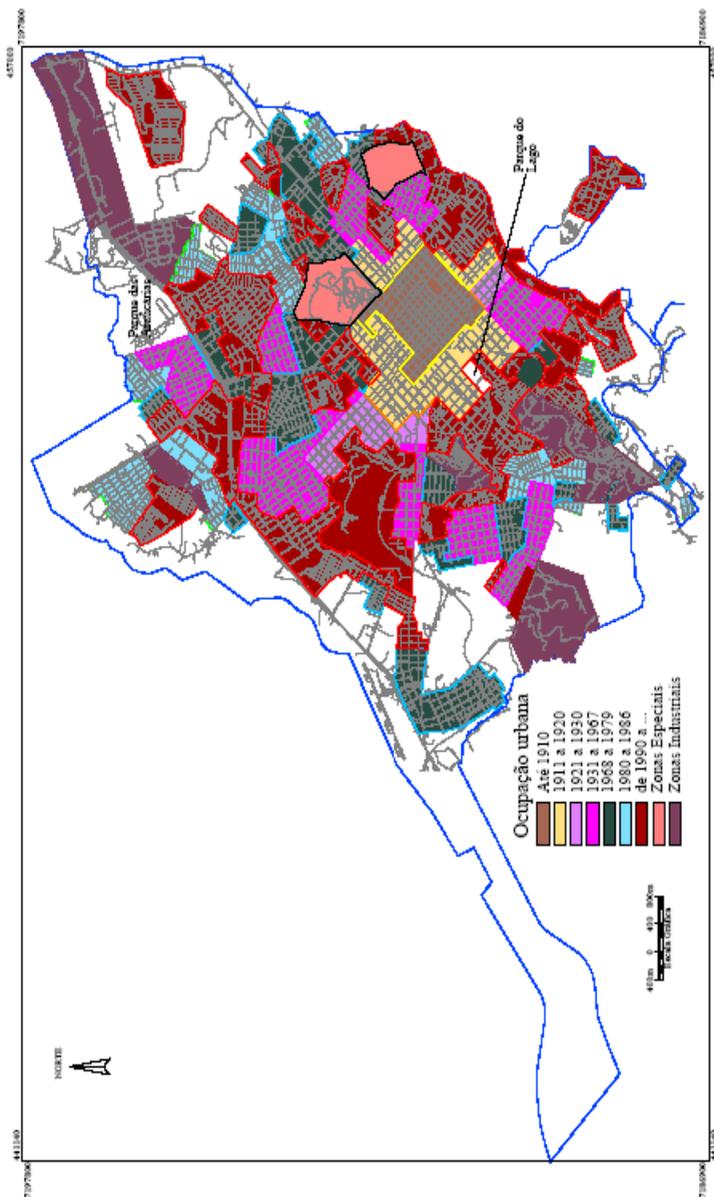


FIGURA 3 - Evolução da ocupação urbana de Guarapuava
 Fonte: Arquivos CNDU, FAMEPAR, SUDESUL (s/d) e levantamento cadastral CEPLUG (2008)
 Edição: Luciano Gavão
 Organização: Autor, 2008

Fonte: SCHMIDT, 2009, p. 87.

Com esse cenário durante a década de 1930, possivelmente a sociedade campeira falida procurava se reerguer com a continuação de sua prática política: oligárquica e coronelística. E, para as classes médias urbanas, constituídas durante o crescimento da cidade de Guarapuava e seus padrões de consumo com o tropeirismo, restava impor suas utopias ideológicas integralistas.⁸⁴

De acordo com Chauí (1978)⁸⁵, a proposta política da AIB conseguiu se converter em um “agente social e político bem-sucedido” porque seu discurso se dirigia à classe média urbana brasileira. Com seu projeto de harmonia social, direito de propriedade de forma a avançar economicamente conforme sua vocação atraiu profissionais liberais, não ligados à burguesia e não trabalhadores organizados. A classe média historicamente caracteriza-se como “consciência culta e jurídica”, “funcionária da sociedade civil e do estado” e, na década de 1920 e 1930, aparecia com a “necessidade de moralizar costumes políticos”. Com a Revolução de 1930, emergiu uma elite intelectual e uma classe média urbana sedenta por poder, marginalizada socialmente e economicamente diante dos polos, de onde o poder se constituía: as oligarquias estaduais. Portanto,

[...] não são reflexos nem são mentiras, não são cópias nem simulacros, mas pilares para a elaboração de uma história imaginária que justifique a política integralista e permita seu reconhecimento pela classe a que se dirige. (CHAUÍ, 1978, p. 116).

⁸⁴ Nesse trabalho optei por fazer uma discussão bibliográfica sobre a formação da classe média urbana de Guarapuava na década de 1930. Entretanto, enfatiza-se a necessidade de realizar, em trabalhos posteriores, análise em fontes primárias.

⁸⁵ Outro estudo da filosofia durante a década de 1970 é o de Marilena Chauí, *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista*, de 1978, um dos dois ensaios no livro *Ideologia e Mobilização Popular*. A autora, embasada no marxismo, problematiza sobre o discurso integralista e a ideologia das classes médias urbanas que compõem o movimento. Ambos os estudos da filosofia, juntamente como o trabalho de Chasin (1999), analisam a realidade social brasileira, sua composição de classes sociais e o surgimento do integralismo no contexto nacional específico, por meio do debate com conceitos e métodos do marxismo.

Para essa autora, diante da imagem de um mundo em crise, surge uma ideologia representada por esta história imaginária, que oculta a divisão de classes e a contradição da sociedade e finca suas bases na imagem de uma sociedade “idêntica, homogênea e harmônica”. Tal imagem da crise surge para a classe média, quando a organização social com sua burocracia, planificação e centralização não podem ser controlados. Então, como explicação do que estaria acontecendo na realidade, a vanguarda intelectual, por achar o Brasil um país analfabeto, acaba por lhe dar a função iluminista de mostrar as propostas políticas.

Desse modo, na cidade de Guarapuava, provavelmente se formou uma vanguarda intelectual desde a Revolução de 1930, em torno das classes médias urbanas fomentadas no seio da sociedade tradicional campeira falida. Por sua vez, o jornal foi instrumento ideológico para a constituição desse grupo dissidente na voz do professor Amarílio. Inconformados com os abusos do movimento revolucionário e os destinos do processo, por não levarem aos lemas utópicos de destituição das oligarquias e de sua prática coronelística, acabam por se juntar às fileiras da AIB e, assim, fundam o núcleo integralista em Guarapuava em fevereiro de 1935 e passam a propagandear a doutrina do Sigma.

3.3 A ELEIÇÃO DE 1935: O “VOTO DE DEUS” NOS CONFLITOS POLÍTICOS REGIONAIS

3.3.1 Inserção dos camisas-verdes no jogo político local

No dia 12 de setembro de 1935, eleições para prefeito e vereadores ocorrem no município de Guarapuava. A exemplo do que havia sido estabelecido para o país e os estados, o processo eleitoral fazia parte da regularização da vida constitucional após a Revolução de 1930 e possibilitou a volta da consolidação do poder nas mãos de oligarquias tradicionais, junto com a formulação de uma Lei de Segurança Nacional que impedisse mobilizações sociais, tanto do operariado quanto das classes médias.

Em Guarapuava, o último prefeito, Arlindo Martins Ribeiro, havia sido nomeado em 1932 pelo Interventor do Estado, Manoel Ribas. Para tanto, possivelmente o objetivo dessas eleições municipais era eleger um novo prefeito de acordo com as reformas na legislação que estavam sendo feitas desde 1931, especialmente o código eleitoral promulgado em 24 de fevereiro de 1932:

[...] os analfabetos são proibidos de votar, as mulheres, pela primeira vez, têm o direito de votar (em 1928 o Estado do Rio Grande do Norte concede este direito às mulheres); só podem se alistar maiores de 21 anos (o Governo Provisório baixa para 18 anos); há obrigatoriedade de inscrição e voto; votação proporcional com garantia das minorias; criação de Justiça Eleitoral, com funções administrativas e contenciosas; interferência fiscalização dos partidos, desde o alistamento até a apuração dos pleitos etc.” (CARONE, 1979a, p. 174).

Dadas tais normas, a corrida eleitoral passou a agregar novos elementos, com os quais as oligarquias teriam que lidar para se consolidar nos poderes municipais. Entre eles, a participação da AIB nas disputas. Segundo Silva:

A eleição municipal de 1935 trouxe como efeito, um realinhamento das forças políticas na cidade. De um lado, o poder estabelecido representado por Vilaca, que detinha prerrogativa de nomear e destituir os ocupantes dos cargos públicos. De outro, o Partido Integralista, que dava sustentação ao novo prefeito. Os integralistas haviam saído das margens, para ocupar um lugar destacado no jogo político. (SILVA, 2007, p. 175).

Para a autora, essa eleição teria evidenciado “os confrontos políticos” existentes na cidade. Assim, o Partido Social Democrático (PSD) do prefeito em atuação, Arlindo Ribeiro, se alinhou com o Partido Social Nacionalista (PSN), do Cel. Vilaca, por meio do Governador do Estado, Manoel Ribas. O candidato desta aliança, intitulada Frente Única, Cel. Aníbal Virmond, vence com um voto de diferença, o que foi chamado pelo jornal local *A Cidade* como “Voto de Deus”. Por sua vez, seu adversário comerciante e capitão, Generoso de Paula Bastos, do Partido Municipal Independente (PMI), oposição do governo do estado, mesmo sendo o candidato perdedor por um voto, por razões não apontadas pela literatura e ainda não investigadas, chega a assumir a prefeitura judicialmente no início de 1936.

Entretanto, na intenção de reaver o cargo, o Cel. Virmond vence a disputa na justiça em última instância e assume o cargo em junho de 1936, com o apoio dos integralistas. Ao assumir o cargo, o candidato do

PMI, Generoso de Paula Bastos, atrai para junto dos seus interesses correligionários do PSD. Assim, nas disputas que se seguiram em torno do poder, de acordo com Silva (2007), a AIB irá apoiar o Cel. Virmond.

No jornal *Brasilidade*, há alguns vestígios dessas eleições, especificadamente a participação da AIB. A edição de 30 de agosto de 1935 traz a divulgação de uma chapa única montada pelo partido e movimento, para concorrer à disputa pelo poder político na cidade e, com isso, fazer frente às alianças e oposições formadas pelas oligarquias locais. Contudo, no jornal *A Cidade*, a partir de agosto de 1935 as propagandas sobre a AIB diminuem significativamente⁸⁶ e as notícias passam a ter como foco principal a eleição de setembro, com a divulgação do embate entre os partidos: PMI (oposição) e Frente Única – PSD, PSN e U.R.P (União Republicana Paranaense – todos situação). O integralismo, apesar de formar uma chapa única, não entra nas discussões do periódico. A linha editorial do jornal, nesse caso, limita-se claramente a defender um dos projetos políticos das oligarquias locais: a Frente Única, situação no município e apoiada pelo Governador do Estado, Manoel Ribas.⁸⁷

No dia 6 de outubro de 1935, *A Cidade* divulga os resultados preliminares da eleição de 12 de setembro na página 4, praticamente no fim da terceira coluna (página dividida em quatro colunas), tendo em vista a contagem manual das cédulas.

⁸⁶ Restringem-se a três: 11/08, na página 4, divulga a circulação do jornal *Brasilidade*; 29/09, elogio ao Subnúcleo instalado em Pitanga; e 06/10, divulgação da nova sede.

⁸⁷ Manoel Ribas, interventor do Estado do Paraná entre 1932 e 1933, torna-se governador do estado com a legalização do processo revolucionário de 1930, na Assembleia Estadual Constituinte em 1934 até o ano de 1937. Durante o Estado Novo, regime implantado por Vargas, é nomeado novamente Interventor, de 1937-1945.

Recorte de jornal 24 – Resultados preliminares das eleições municipais em 1935 em Guarapuava/PR

Eleições de 12 de Setembro							
Para Prefeito				Para Vereadores			
Seções:		P.S.D.	P.M.I.	A.I.B.	P.S.D.	P.M.I.	A.I.B.
Casino	1a.	99	102	8	95	102	11
Grupo	2a.	108	103	5	103	102	5
Jardim	3a.	107	97	4	100	104	8
C. Guaira	4a.	93	98	2	87	99	5
Palmeirin ^a	5a.	88	74	8	77	73	19

Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 89, p. 4, 6 out. 1935.

Na edição seguinte do periódico, a do dia 13 de outubro, aparece a seguinte manchete na primeira página: “O Pleito de 12 de setembro – Os trabalhos da 6ª Junta Apuradora: O Pleito em Guarapuava teve um desfecho sensacional, O VOTO DE DEUS, venceu a FRENTE ÚNICA (P.S.D.) moral e materialmente.” (A CIDADE, Guarapuava, 13 out. 1935, p. 1). Abaixo da manchete, há um texto nomeando as pessoas participantes da 6ª Junta Apuradora, tais como presidente, Juízes, Promotor Público e Procurador, representantes dos partidos, escrivães, escrutinadores e Oficiais de Justiça. O texto conclui a primeira parte da matéria enfatizando os cinco dias de trabalho de tal Junta Apuradora, os “calorosos debates” em torno do resultado final e o funcionamento da apuração dos votos: “[...]causou magnífica impressão. Dia por dia o povo se convence do inestimável serviço prestado pela Revolução de Outubro, com a nova legislação eleitoral, garantindo o livre exercício do voto.” (A CIDADE, Guarapuava, 13 out. 1935, p. 1).

Certos dos lemas utópicos da Revolução de 1930 e de seu cumprimento, os redatores e a equipe editorial, a intelectualidade local, atribuem a diferença de um voto a Deus, nos resultados finais da eleição para prefeito municipal.

Recorte de jornal 25 - Resultados finais das eleições municipais em 1935 em Guarapuava/PR

SEÇÕES	Para Prefeito			Para Vereadores		
	P. S. D	P. M. I.	A. I. B.	P. S. D.	P. M. I.	A. I. B.
Casino 1a.	99	102	8	95	102	11
Grupo Escolar 2a.	108	103	5	103	102	5
Jardim da Infancia 3a.	107	97	4	100	104	8
Clube Guaira 4a.	93	98	2	87	99	5
Palmeirinha 5a.	88	74	8	77	73	19
Pitanga 6a.	103	33	13	103	33	13
Laranjeiras 7a.	42	43	7	35	40	15
Pinhão 8a.	46	60	6	38	50	16
Marrecas 9a.	66	98	0	68	97	0
Juquia 10a.	27	18	0	26	21	0
Candói 11a.	19	50	0	19	47	0
Guarapuavinha 12a.	31	26	0	29	25	0
Fax. dos Elias 13a.	24	50	0	23	50	0
	853	852	51	803	843	92

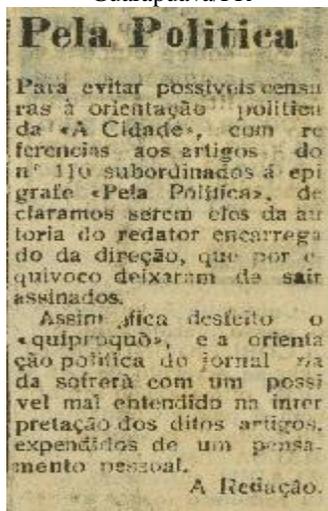
Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 90, p. 1, 13 out. 1935.

Assim, o PSD da Frente Única teria vencido o PMI por 853 contra 852 votos. O jornal continua sua linha de redação, a marcar posição de defesa para o projeto político da Frente Única. E o Integralismo, apesar de angariar alguns votos, não aparece como personagem central da disputa eleitoral. Porém, dada a parceria entre os integralistas e o jornal *A Cidade*, é possível que os doutrinários do Sigma tenham apoiado a opinião do jornal, com relação à conjuntura política de Guarapuava.

O jornal *A Cidade* continuará a noticiar os desdobramentos dessa disputa. No dia 9 de fevereiro de 1936 divulga sua indignação com a incorporação do PMI ao PSD, na matéria intitulada “VOTO DE DEUS, Deus não abandonará” (*A CIDADE*, 9 fev.1936). Uma “reviravolta”, em que o Tribunal de Justiça Eleitoral do Estado teria dado ganho de causa para o candidato do antigo PMI, Generoso de Paula Bastos, anulando a seção de votação de Palmeirinha. E, dessa forma, o Cel. Virmond teria levado sua causa ao Supremo Tribunal de Justiça Eleitoral da República. Em 23 de fevereiro, o periódico declara “ingrata” a obra do PSD (*A CIDADE*, 23 fev.1936, p. 1). No dia 1º de março, publica uma carta de indignação do Cel. Virmond com o Governador Manoel Ribas (*A Cidade*, 1º mar.1936, p. 1). E, no fim do mês de março, no dia 22, noticia o fracasso de um possível acordo entre PSD e PSN (*A CIDADE*, 22 mar.1936, p. 1).

Perante estas alianças e dissidências, Generoso de Paula Bastos tomará posse no dia 24 de março de 1936 (A CIDADE, 29 mar.1936, p. 4). Entretanto, na primeira página dessa edição, a redação do jornal fará um comunicado sobre sua linha editorial relacionada à política da cidade:

Recorte de jornal 26 - Nota sobre censura política no jornal local de Guarapuava/PR



Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, n.º 117, p. 1, 29 mar. 1936.

Com a ameaça de uma possível censura aos apontamentos políticos do jornal, na página 4, a posse de Generoso é anunciada sem mais críticas à situação. É na edição seguinte, de 5 de abril de 1936, que o periódico publica de forma enfática: “O Voto de Deus, Vence a Frente Única pela segunda vez! A Majestade da Justiça decide pela magna causa Guarapuava em favor do Cel. Aníbal Virmond. Validadas as eleições na 5ª seção (Palmeirinha).” (A CIDADE, 5 abr.1936, p. 4). E, em 5 de junho, finalmente parecem ter-se resolvido as disputas em torno do resultado das eleições de 12 de setembro de 1935, com a posse do Cel. Virmond (A CIDADE, 7 jun.1936, p. 4), que permanecerá como prefeito da cidade até 1938.⁸⁸ Tais disputas só serão citadas novamente no jornal, na edição do dia 1º de novembro, em que o recurso do PMI

⁸⁸ Os documentos desta disputa judicial, em torno do resultado da eleição, não foram encontrados.

será negado, em relação à diplomação do Cel. Vimond, dando ganho de causa a este coronel e encerrando as discussões jurídicas (A CIDADE, 1º nov.1936, p. 4).

Portanto, a referida eleição representa uma janela de entrada para o entendimento dos conflitos regionais. Os integralistas, defensores do nacionalismo corporativista, participaram da disputa eleitoral, bastante controversa e dominada pela disputa entre os grupos oligárquicos. Com isso, os doutrinários do Sigma envolveram-se na luta pelo poder político em Guarapuava com uma chapa única e, possivelmente, fizeram aliados e opositores, o que pode ter intensificado os conflitos já existentes entre as camadas médias urbanas integralistas e os grupos oligárquicos na cidade.

3.3.2 Conflitos políticos: as alianças na região e o coronelismo

Diante das conturbações políticas desde 1930, de uma nova constituição, de eleições nacionais, estaduais e municipais e do surgimento de diversos grupos de pressão, o sistema partidário cresce. Segundo Carone (1979a, p. 184), trata-se de um “elemento de afirmação regional”. Com isso, os conflitos políticos em prol da consolidação no poder se tornam latentes nessa sociedade.

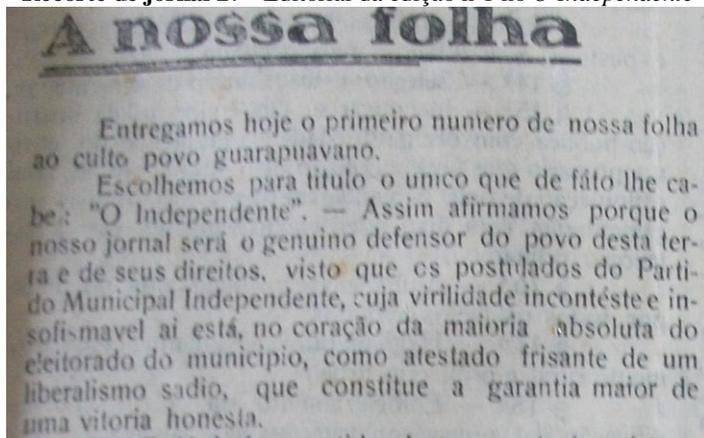
Em Guarapuava o PMI, oposição municipal e estadual, foi anunciado no jornal *A Cidade* no dia 12 de maio de 1935 como fundado recentemente. Na matéria, espera-se que ele permaneça conforme seu lema no nome do partido, Municipal, “em nada dependerá do bafejo oficial, Si é IDENPENDENTE, mais uma razão.” (A CIDADE, 12 maio 1935, p. 4). A publicação no periódico tem como preocupação as eleições de 12 de outubro e temem que os partidários do PMI “importunem” o PSD, que já estava “ensaiando” uma aliança com a URP e o PSN.

De fato, no dia 11 de agosto, o jornal *A Cidade* noticia a fundação da Frente Única juntamente com ata da reunião entre os três partidos: PSD, PSN e URP. Esta determinou oficial no dia 28 de maio de 1935 a aliança para as eleições municipais (A CIDADE, 11 ago. 1935, p.1 e 4). Por sua vez, o PMI lança no dia 1º de setembro um jornal, intitulado *O Independente*, com objetivo de propagandear o seu programa político para a cidade. Possivelmente, só circularam as três edições encontradas, em tamanho A4 e com quatro páginas cada um: nº 1 de 1º de setembro de 1935, o nº 2 de 8 de setembro de 1935, com duas páginas de suplemento e o nº 3 de 11 de setembro de 1935. As edições foram

lançadas seguindo os dias que antecedem a eleição, sendo o nº 3 publicado um dia antes das votações.

Na primeira página da primeira edição é possível encontrar a seguinte caracterização, formulada pelo próprio partido:

Recorte de jornal 27 - Editorial da edição nº1 no *O Independente*



Fonte: *O Independente*, Guarapuava, nº 1 p. 1, 1º set. 1935.

É definido como “genuíno” partido da terra de Guarapuava, no sentido de que defenderá os direitos do povo e, assim, se destaca pelo seu “liberalismo sadio” e por garantir uma “vitória honesta”. Distribuído gratuitamente pelo partido, o periódico era impresso na tipografia Pimpão, com direção localizada na rua Guaýra, nº 40, tendo por diretor Antenor P. Bueno e contendo vários redatores. As três edições contêm estatutos, argumentos favoráveis ao PMI, instruções para as eleições, informes do partido, repercussões nos distritos, respostas às discussões, esclarecimento de boatos, suplemento panfletário do candidato e respostas, assim como acusações às publicações do jornal *A Cidade*.

De acordo com Carone (1979a, p. 187), o federalismo não será contestado após 1930, permanecerá a “pujança” das forças regionais, com surgimento de novos partidos “independentes”. Dotados de um regime de descentralização, as alianças serão feitas das mais diversas ideologias, a provocar “coligações estéreis”. Como é o caso das alianças feitas para a formação da Frente Única em Guarapuava: diversas forças regionais se juntaram para garantir sua consolidação no poder. Porém, outra força regional surge na instituição partidária do PMI, conseguindo 890 inscritos para as eleições em alguns meses de existência e 852 votos

efetivados, com apenas 1 voto de diferença, subindo o número de eleitores no município de 1.500 para 2.382 votantes (O INDEPENDENTE, 8 set. 1935, suplemento s/p – parte de trás). Dada sua popularidade, o PMI será incorporado pelo PSD e o seu candidato é que irá assumir a prefeitura de abril a junho de 1936. Posteriormente, o candidato do PSD, Cel. Virmond, consegue reaver o cargo.

Para este autor, há uma permanência das formas pragmáticas de agir, entre o situacionismo e a oposição nos estados: “A coerência coronelística e oligárquica, onde preferências e política giram em torno de interesses imediatistas e pessoais, temos uma continuidade na política de benefícios para os Estados.” (CARONE, 1979a, p. 186).

Assim, os PSDs – Partidos Social-Democratas, por sua vez, apresentam uma “fachada tenentista”, com “agremiações híbridas” e “conteúdo social tradicionalmente coronelístico”. Para Carone (1979, p. 187-188), foi o tenentismo uma das manifestações centralizadoras capazes de se contrapor às forças regionais, pela denúncia dos “males do poder local”, mas que acabou por ser incorporado pelas oligarquias. Com isso, alas do tenentismo no governo dos estados acabam agindo de forma pragmática e se ligando aos grupos coronelísticos.

É nessa lógica que o PSD pode ter agido em Guarapuava, partido do Interventor do Estado Manoel Ribas e do prefeito nomeado por ele na cidade em 1932, Arlindo Ribeiro. Costurando a Frente Única na região em 1935, a fim de garantir uma aliança forte para a eleição e, depois, além de agregar o partido oposicionista PMI, também apoia a posse do candidato deste partido e, possivelmente, “trai” o seu candidato, Cel. Virmond, que entra com vários recursos. Com isso então, em 1936, diante do ganho de causa de Cel. Virmond, possivelmente o apoiar em sua posse e administração.

Já o PSN – Partido Social Nacionalista, pela sua denominação parece apresentar um aspecto centralizador, voltado para o social, a sociedade e a nação, o nacionalismo. Porém, também seguiu a lógica pragmática de agir das oligarquias com seu federalismo e prática coronelística. A exemplo disso parece ser a URP – União Republicana Paranaense, partido com denominação tradicional do federalismo, a representar a república e o Estado do Paraná, na forma de facções pela união.⁸⁹

⁸⁹ Há a necessidade de estudos mais aprofundados sobre essas oligarquias locais, os seus partidos, suas propostas e embates nos jornais em Guarapuava tal como sobre a prática coronelística na região. Evidências desse processo histórico podem ser encontradas na pasta individual do Cel. Vilaca no DOPS,

Com a permanência das oligarquias no poder, a continuidade das atitudes, valores e métodos do passado, “A realidade referida pelas classes agrárias e burguesas só é contestada permanentemente pela existência do Partido Comunista e pela Ação Integralista Brasileira”. (CARONE, 1979a, p. 188). De tal maneira que estes partidos se caracterizaram como partidos nacionais, com fundamentos centralizadores, longe dos valores particularistas do federalismo. Nesse sentido, a Ação Integralista em Guarapuava teria feito frente aos elementos pragmáticos dos demais partidos. Isso pode explicar por que não fez alianças com nenhum partido e manteve uma chapa única nas eleições de 12 de setembro de 1935.

O integralismo, além do caráter partidário, era também um movimento de massa com intenção de promover uma Revolução Espiritual através de sua doutrina, e de implantar-se nacionalmente, em um Estado centralizado, burocrático, rígido e integral. Portanto, para Carone (1979a), a AIB foi mais antiliberal que anticomunista no seu início, pois carregou para si os lemas utópicos não realizados com a Revolução de 1930, de destituição das oligarquias e formulou sua própria proposta fascista e nacional para o Brasil.

Na primeira página da primeira edição do jornal *Brasilidade*, é possível ler o seguinte “chamado”:

fichado em 1936 como “Elemento de discórdia – politiqueiro e eterno descontente”. E, nos processos crimes, pois, entre 1935 e 1936 pipocam processos envolvendo os sujeitos ligados ao integralismo e ligados às oligarquias locais. São processos denunciando agressões verbais em meios públicos, brigas em bailes e outras confusões. Talvez essas evidências tenham muito a dizer sobre a sociedade da época e da região já que a disputa pelo poder político estava entrelaçada com as outras experiências da vida social e como as discordâncias do campo da vida política eram interligadas diretamente ou indiretamente, com as demais facetas da sociedade.

Recorte de jornal 28 - Editorial da edição nº1 no *Brasillidade*

GUARAPUAVANO !

Neste momento de confusio­nismo, nesta hora amarga de perigo para a Patria, ameaçada por dupla calamidade — a desagrega­ção motivada pelos partidos políticos, que nos arrastam para as catastrofes moscovitas — nós entregamos, o primeiro numero de «BRASILIDADE».

Seja este jornal, aos penetrar no vosso lar, luz guiadora, esclarecendo o vosso civismo, fortalecendo os sentimentos de honra­dez tradicional que conserva a integridade do lar brasileiro, e animando a vossa fé inquebrantavel na incontestavel existencia de DEUS.

Fonte: *Brasillidade*, Guarapuava, nº 1, p.1, 4 jul. 1935.

Logo no início aparece a “imagem da crise” daquele momento, como se as mobilizações sociais em torno do processo revolucionário, iniciado em 1930, apenas representassem um perigo. “Dupla calamidade”: entre o liberalismo, que na forma dos partidos políticos desagrega as pessoas e não promove a unidade, homogeneidade do povo e construção da potência nacional esperada; e a “ameaça comunista”, ou seja, como aparece na fonte, as “catastrofes moscovitas”, vindas da própria raiz do liberalismo. Segundo Carone (1979a, p. 334), com a Lei de Segurança Nacional de abril de 1935 promovida pelas oligarquias, a “ameaça comunista” tomará forma como pretexto nos movimentos operários organizados pelo Partido Comunista Brasileiro, nos movimentos anarquistas, trotskistas ou de outras tendências.

Como antiliberal (antioligárquica) e anticomunista, a AIB pode ter atraído, em Guarapuava, uma classe média espremida entre o poder das oligarquias e sedenta por unidade e harmonia social, em face dos interesses particularistas e ação pragmática dos partidos, na medida em que não havia movimento de trabalhadores organizados.

Na notícia do dia 17 de setembro de 1935 no jornal *A Razão*, há uma menção sobre a visão dos integralistas sobre as eleições em Guarapuava:

Recorte de jornal 29 - Elogio integralista às eleições municipais de Guarapuava/PR em 1935

Guarapuava ainda não se deixou apossar pelas paixões mesquinhas tão características em véspera de eleição, nos municípios do Interior. Para sua população em plano mui elevado, considerando o pleito que se vai ferir de um ponto de vista sadio, razão pela qual um dos nossos companheiros afirmou que, embora, em grande parte o povo guarapuavano ainda esteja ligado á Liberal Democracia, é no intimo verdadeiramente integralista.

Fonte: *A Razão*, Curitiba, nº 20, p.5, 17 set. 1935.

Para eles, no “intimo”, o povo de Guarapuava é integralista, como uma grande verdade que emerge e tendo em vista o “plano mui elevado” da população. Para tanto, a eleição aconteceria de forma “sadia”, sem desagregação, no caso as opiniões contrárias, e o todo harmonioso prevaleceria, apesar de predominar a prática da liberal-democracia com os partidos políticos na região.

De forma enfática, o programa político AIB, especificadamente em Guarapuava, é contra os partidos políticos, mesmo que estrategicamente se posicione como um. Traz críticas contundentes às oligarquias, ao seu pragmatismo, às políticas coronelísticas e ao federalismo. E terá de conviver com essa contradição, entre a crítica e a participação no sistema. Sobretudo, em um momento de contínuas crises políticas entre 1930 e 1937, em que há nos estados “queda e ascensão” de grupos, o governo busca continuamente apoio dos grupos dominantes e o coronelismo persiste como fenômeno dominante. Assim, “O compadrio coronelístico, a política de clã e a hierarquia é integrante do fenômeno, mesmo em momentos de instabilidade”. (CARONE, 1979a, p. 159).

Nas eleições de 1935 de Guarapuava, com um caráter mais urbano e complexo, de acordo com Carone: “A máquina oligárquica volta a se assemelhar, em métodos, ao período anterior a 1930 [...]” (1979a, p. 165). Talvez, por isso, as eleições tenham sido tão conturbadas – antes, com os debates entre o PMI x Frente Única e as inscrições dos eleitores; durante, com a efetivação dos votos inscritos e o chamado “voto de Deus”, um voto apenas de diferença; e depois, em torno das disputas judiciais sobre qual candidato assumiria o cargo de prefeito – e o integralismo tenha ficado às margens dos embates, acreditando no seu caráter superior e revolucionário.

4 CRIME E ILEGALIDADE DOS DOUTRINÁRIOS DO SIGMA EM GUARAPUAVA: REVIRAVOLTAS DOS ANOS DE 1936-1938

Recorte de jornal 30 – Manchete do assassinato de David Moscalesque



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 48, p.1, 13 fev. 1938.

O assassinato de Moscalesque, um dos fundadores e chefe municipal do núcleo integralista na região de Guarapuava, no dia de 30 de janeiro de 1938, foi amplamente discutido e divulgado no jornal local *Folha do Oeste*, que era organizado pelos adeptos do Sigma. As discussões levantadas pelos redatores acusam o assassino, Olegário Kuster, de ter cometido uma vingança política e acusam também as autoridades policiais de inação. Tais acusações fazem sentido, tendo em vista as circunstâncias do crime, já que a vítima, Moscalesque, foi baleada ao sair da igreja no centro da cidade, nas festividades da padroeira católica Nossa Senhora do Belém. Então, era de amplo conhecimento das testemunhas e autoridades policiais no local de quem se tratava o réu.

No processo criminal há duas linhas de investigação sobre as causas que levaram Olegário a cometer o ato violento. Uma linha de investigação aponta para os testemunhos da vítima: vingança política. E, a outra linha de investigação aponta para o que alegava o réu: defesa da honra, já que a vítima estaria requestando sua esposa. Ambas as justificativas são relevantes, na medida em que determinam o veredito final: caso fosse vingança política, a pena seria a condenação do réu e caso o réu tivesse defendido sua honra, seria absolvido.

Assim, é necessário situar esses sujeitos envolvidos no crime historicamente, para o entendimento dos conflitos sociais/políticos, os quais ajudam a elucidar a deflagração do assassinato, para, então, compreender as dissidências locais acirradas e os possíveis desentendimentos, gerados no contexto de reposicionamento político do partido e movimento Integralista. Primeiro, em 1936 e em meados de 1937, a Ação Integralista tinha uma postura eleitoreira para vencer as

eleições à presidência da República em 1938, depois no contexto do ano de 1937, participava ativamente no apoio de divulgação do Plano Cohen e na instauração do Golpe de Estado de Vargas. Depois, com o fechamento das atividades partidárias no fim de 1937, um possível planejamento já em janeiro de 1938, da tomada de poder pelos camisas-verdes.

Desse modo, é possível situar o crime na conjuntura dos conflitos políticos nacionais, estaduais e locais. A Intentona Verde de março de 1938, como tentativa de tomada de poder na cidade de Guarapuava, significava a última tentativa de participar do poder com a organização da AIB. Depois, os doutrinários do Sigma entrarão na ilegalidade.

A hipótese é de que essas reviravoltas possam ter acirrado conflitos políticos locais em Guarapuava. É preciso acompanhar os desdobramentos políticos do movimento e partido Ação Integralista nacionalmente, no Estado e na região de Guarapuava. A AIB, durante o ano de 1935, teve de dissolver suas milícias devido à Lei de Segurança Nacional. No mês de setembro, houve a proibição de várias atividades pelo governador do estado Manoel Ribas. Mesmo os integralistas conseguindo reverter a proibição, em novembro o acirramento dos conflitos levou à decretação do Estado de Guerra. Os núcleos do estado foram fechados no ano seguinte, em abril de 1936 e só retornaram às atividades em dezembro desse ano. Em 1937 há, portanto, a reestruturação dos núcleos e suas atividades para as eleições à presidência da república, nas quais Plínio Salgado seria candidato.

Nestas mudanças de conjuntura, o olhar se dirigirá para as movimentações políticas na cidade de Guarapuava, com o objetivo de apreender as motivações dos agrupamentos políticos na região e, no entremeio, perceber a atuação dos integralistas com suas atividades de propaganda e de arregimentação das massas. Por fim, indagar: como a divulgação e, em certa medida, a vivência das ideias integralistas no bojo do movimento e da sociedade em Guarapuava, pode ter acirrado os conflitos políticos regionais?

Portanto, a presente proposta de capítulo pretende trazer uma discussão a respeito dos conflitos políticos na região no contexto de 1936-1938, em que a lei é um campo de disputas entre lideranças locais e integralistas. A crença na ameaça comunista, os apoios à divulgação do Plano Cohen e as demonstrações de concordância com o golpe de 1937 repercutem nos direcionamentos tomados pelos sujeitos em Guarapuava, juntamente com uma política de esvaziamento das atividades da Ação Integralista, operada pelas oligarquias locais e seu conceito de antiextremismo.

Diante dessas condições, o integralismo foi tornado ilegal após o golpe e se transformou em uma associação cultural. É nesse entremeio, de mudanças bruscas na lei sobre as movimentações políticas, que um dos líderes do integralismo na região é assassinado por uma das lideranças locais, gerando revoltas. Em março de 1938, o grupo organizado em torno da AIB na cidade e concatenado com ordens nacionais participa da tentativa de tomada do poder. A Intentona Verde é frustrada e provoca a prisão e o fichamento dos integralistas na Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) do Estado Novo.

4.1 ENTRE A PROIBIÇÃO E A REABERTURA DOS NÚCLEOS NO PARANÁ EM 1936: O “INTEGRALISMO MARCHA” RUMO ÀS ELEIÇÕES EM GUARAPUAVA

4.1.1 O ano de 1936 em discussão: a proibição dos núcleos no Paraná

Com a consolidação das oligarquias novamente no poder, em 1935 a Lei de Segurança Nacional é defendida e promulgada em 4 de abril com o apoio do Exército, a fim de trazer a governabilidade e evitar a instabilidade do país. Para isso, estipulam-se crimes contra a ordem social, os funcionários civis e militares, a imprensa, a ordem política e a expulsão de estrangeiros. Entretanto, a reação de segmentos operários, do exército, das classes liberais e de jornais provocam conflitos que acabam por legitimar uma reação do governo Vargas. Este, por sua vez, respondeu com uma política anticomunista, que incluía o fechamento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em julho. Para Carone (1979a, p. 337), assim “[...] se prepara um clima para amedrontar a burguesia e a pequena burguesia e pretextar medidas mais vigorosas.”

É então que os aliancistas alinhavam uma revolução, e no fim de novembro de 1935 a insurreição estoura. Porém, com a vitória do governo, o estado de sítio aparece como uma necessidade para a “psicose anticomunista”. E, em dezembro deste ano, vigora o estado de sítio, o estado de guerra, o direito de cassar oficiais e destituir funcionários, juntamente com a criação de uma Comissão de Repressão ao Comunismo. Amedrontados, o integralismo juntamente com parte da burguesia e da pequena burguesia, o tenentismo e os grupos oligárquicos vão apoiar a repressão anticomunista e antiliberal. Segundo Carone (1979a, p. 342-349), a repressão passou a ser feita de forma contínua e de acordo com interesses das oligarquias, com prisões indiscriminadas

de todos aqueles que atrapalhassem o governo, desde comunistas até os liberais e outros.

No Paraná, de acordo com Athaides (2012, p. 198-206), o governo de Manoel Ribas se utilizará do estado de guerra para enquadrar os integralistas. Tais armas legais possibilitaram o fechamento de todos os núcleos da AIB em território paranaense e a proibição de quaisquer atividades, da veiculação dos símbolos e da realização dos ritos do movimento e partido, em abril de 1936. Contudo, os embates entre o governo de Manoel Ribas e os integralistas vinham se deflagrando desde meados de 1935, que culminaram em uma lista de proibições em setembro deste ano, devido à proximidade das eleições municipais. Entre elas estavam a proibição de usar a camisa integralista, as reuniões livres em locais públicos, a propaganda partidária, a exibição de filmes e as excursões ou caravanas. No entanto, o chefe da província integralista no Paraná conseguiu reverter a situação perante a justiça, mas a AIB teve de lidar, a partir de setembro de 1935, com o “permanente estado de confronto” com o governo paranaense e, em abril de 1936, com o fechamento de seus núcleos.

Uma vez vencido o estado de guerra de dezembro em março de 1936, o clima de tensão contribuiu para pedir mais 90 dias em março, posteriormente em junho, setembro e dezembro de 1936. Todos foram atendidos, segundo Carone (1979a, p. 342-349), “justificados pela necessidade de luta contra o comunismo”. Nessa conjuntura, houve prisões de parlamentares e uma minoria na câmara que se manterá opositora como um dos “raros núcleos de combate aos desmandos ditatoriais” até setembro de 1936, quando suas forças serão divididas por uma crise interna. E Vargas, para justificar ações mais rígidas para processar “extremistas”, consegue criar em julho de 1936 o Tribunal de Segurança Nacional, em que o Exército julgaria os processos de forma independente dos órgãos judiciais. Assim, as formas de coerção vão cada vez mais fechando o cerco às formas opositoras do governo Vargas.

Entretanto, o integralismo, nesse momento, é utilizado por Vargas para “[...] amedrontar a burguesia e serve-se de seu caráter policial para perseguir e delatar os comunistas e liberais, não toma nenhuma providência concreta” (CARONE, 1979a, p. 218), apesar da insistência da minoria parlamentar liberal e opositora em proibir as atividades da AIB. Com isso, o integralismo gozará de plenas atividades em 1936 no país, apoiando a repressão aos comunistas e aos liberais, com exceção dos Estados da Bahia, Santa Catarina, Espírito Santo,

Alagoas e Paraná, onde a Ação Integralista teve suas sedes fechadas pelas oligarquias estaduais, ao se utilizarem do estado de guerra.

Em razão disso, nesse ano o integralismo reorganizou e consolidou sua estrutura pré-estatal do futuro Estado Integral controlado por um partido único, com a incorporação de novos órgãos em janeiro de 1936: como a Câmara dos Quarenta, que seria o futuro Senado; o Conselho Supremo, um gabinete restrito, em que o ministério seria composto por secretários nacionais e a Corte do Sigma, que seria o órgão supremo. Com a transformação dos departamentos em “poderosas” secretarias, posteriormente em junho, há a criação da secretaria de Organização Feminina e da Juventude, Relações Exteriores, Imprensa e Assistência Social. Já em setembro, há a implantação do Conselho Jurídico Nacional para defender a AIB na justiça. Para Trindade:

A reorganização da AIB, em 1936, é bastante significativa para a análise do sentido da evolução do movimento. O Departamento de Organização Política transforma-se, com múltiplas atribuições, em Secretaria Nacional das Corporações e dos Serviços Eleitorais. Esta mudança tem duplo objetivo: um ideológico e outro eleitoral. O primeiro visa desenvolver a atividade sindical do movimento, difundindo entre os integralistas o espírito corporativo e expandindo as organizações sindicais-corporativas; o segundo volta-se para um objetivo mais imediato, preparando a organização das eleições através da inscrição eleitoral de militantes e simpatizantes com vistas à candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República em 1937. (TRINDADE, 1979, p. 176).

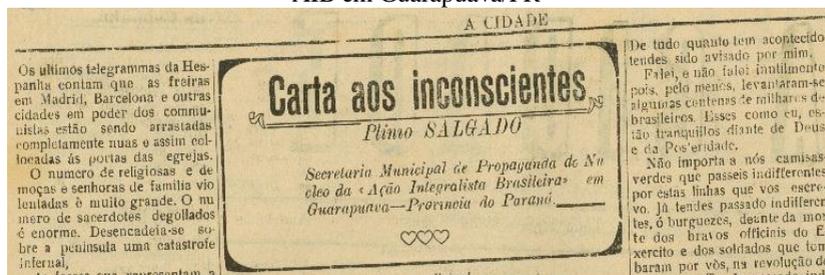
Assim, para este autor, essa reorganização do movimento significa uma “mutação estratégica”, em que abandona as intenções revolucionárias e passa a negociar com o poder estabelecido. Em junho de 1936 também há a mudança do Departamento da Milícia para a Secretaria de Educação (moral, cívica e física), e a Câmara dos Quarenta pode revelar a pretensão em “obter prestígio e respeitabilidade junto às elites econômicas e políticas”.

Em Guarapuava há um silêncio na documentação sobre o núcleo municipal no ano de 1936, possivelmente o núcleo tenha sido fechado conforme a proibição de abril desse ano do governador do Estado. Embora o jornal local *A Cidade*, único jornal de circulação regional no

momento, publique matérias relacionadas à Ação Integralista em nível nacional, as notícias sobre o núcleo municipal em Guarapuava somem das suas páginas durante o ano de 1936. Assim, em março desse ano há uma matéria sobre AIB nacional, e a partir de julho, essas publicações são mais periódicas ora relacionadas à uma coluna intitulada *Coluna Integralista* ora aparecem de forma esporádica entre outras notícias, sempre figurando a página 1 ou 2 do semanário.⁹⁰

Apenas no dia 30 de agosto de 1936 há uma pequena menção ao núcleo municipal de Guarapuava:

Recorte de jornal 31 - Divulgação da Secretaria Municipal de Propaganda da AIB em Guarapuava/PR



Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 139, p. 2, 30 ago. 1936.

A publicação trata de uma carta de Plínio Salgado aos militantes, reproduzida na íntegra e ocupando quase que totalmente a página 2 do periódico. Segundo Athaides (2012, p. 208), a militância em tempo de proscricção (abril a dezembro de 1936) encontrou “[...] estratégias para manter a mobilização, de forma a evitar a dispersão pelo medo da repressão. Ao mesmo tempo, os militantes desenvolveram formas alternativas e curiosas de resistência ao aparato repressor.”

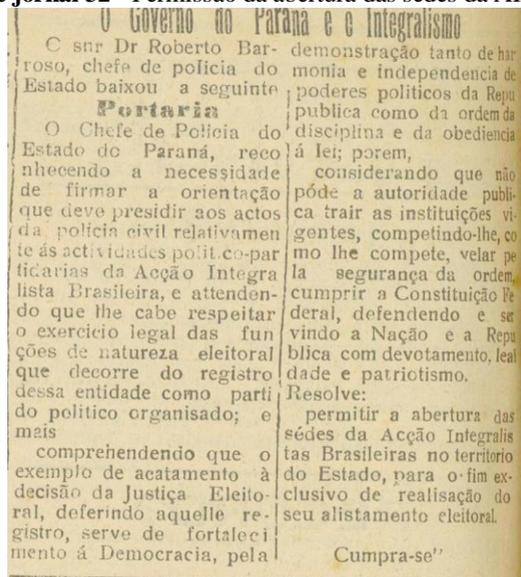
A menção acima à Secretaria Municipal de Propaganda da AIB em Guarapuava, dentro da caixa de texto que traz o título da matéria, pode significar uma dessas estratégias. Mesmo com os núcleos fechados em 1936, parece que as atividades integralistas no município mantinham alguma regularidade. Athaides afirma que (2012, p. 209), no Paraná, algumas atividades eram executadas na clandestinidade, como rituais em lugares afastados e recrutamento de militantes. Porém, algumas atividades apareciam às claras, como as atividades assistenciais do Departamento Feminino. Desse modo, o jornal *A Cidade* continua sendo

⁹⁰ Panorama de acordo com edições disponíveis para pesquisa. Ao todo, nove matérias sobre a AIB, uma em março e as demais no segundo semestre.

instrumento de socialização ideológica para o Integralismo local, a publicar matérias com teor de notícia do movimento nacional e de forma a driblar as proibições e o fechamento do núcleo municipal. Mesmo proibidas as atividades, o núcleo local de Guarapuava manteve uma estrutura organizacional, inclusive acompanhando as mudanças instituídas em junho de 1936 pela Chefia Nacional da AIB, como o caso do Departamento Municipal de Propaganda, que passou à Secretaria Municipal de Propaganda.

No dia 6 de dezembro de 1936, o jornal *A Cidade* divulga a seguinte notícia:

Recorte de jornal 32 - Permissão da abertura das sedes da AIB no Paraná



Fonte: *A Cidade*, Guarapuava, nº 153, p. 4, 6 dez. 1936.

A matéria ocupa o canto superior da página 4 e divulga a portaria do Chefe de Polícia do Estado, que estabelece a reabertura dos núcleos integralistas no Estado do Paraná para fins eleitorais. Sobre essa decisão, Athaides argumenta:

A tão combatida liberdade federativa deu ao estado a prerrogativa de se aproveitar de um decreto federal (o Estado de Guerra) para se tornar imune às ingerências do governo central; afinal quem mais saberia dos perigos existentes no

Paraná do que seu Governador? Essa era a lógica do argumento de Ribas contra os integralistas, lógica que se manteve até que, em seus cálculos e nos do governo federal, a AIB fosse considerada um problema menor se voltasse à legalidade. Evidentemente, tais cálculos vislumbravam o ‘ato final’ de 1937. (ATHAIDES, 2012, p. 218).

De fato, a sucessão presidencial passou a ser em setembro de 1936 um fator de superação da crise, que apresentava o situacionismo cada vez mais reforçado com suas repressões, o estado de guerra prorrogado há quase um ano e a única oposição legalmente organizada, a Minoria Parlamentar, com suas forças divididas. No entanto, para Carone (1979a, p. 353), a sucessão presidencial como opção para o problema político brasileiro é uma ameaça para a manutenção do poder nas mãos de Vargas, e, dessa forma, ele preserva seus “poderes excepcionais, pedindo prorrogação do Estado de Guerra”. Possivelmente, ao perceber que o processo eleitoral poderia se tornar irreversível para a situação política do país, o golpe de estado começou a ser cogitado e uma nova Constituição elaborada nos fins de 1936.

Diante dessa conjuntura, o integralismo, não oferecia perigo ao poder de Vargas e ao governo de Manoel Ribas no Paraná, pois nesse momento, a AIB fazia parte do situacionismo, com sua postura de negociação com o poder instituído, já que o estado de guerra trouxe o combate àqueles que eram os “inimigos da nação”, segundo a AIB, o comunismo e o liberalismo. O maior perigo para as alas governistas poderia estar representado nos blocos oligárquicos, na iminência de se formarem para o lançamento de candidatos à Presidência da República.

Para tanto, com a reabertura dos núcleos integralistas no Paraná para fins eleitorais, o núcleo municipal em Guarapuava irá se reestruturar legalmente, provavelmente tendo em vista a arregimentação de adeptos e eleitores para as eleições presidenciais de 1938. É desse modo que, na edição nº 156 do dia 27 de dezembro de 1936, o jornal *A Cidade* se despede da região de Guarapuava para anunciar a abertura de outro jornal a partir de janeiro, dirigido por Lustosa, *Correio do Oeste*. Este, por sua vez, se chamará *Folha do Oeste* e terá a página 3 dedicada ao núcleo do integralismo local.

4.1.2 Atividades integralistas na região em 1937: reestruturação do núcleo

Já em janeiro de 1937, Armando de Salles de Oliveira apresenta-se como candidato à Presidência da República, articulado pelas oligarquias de São Paulo, ligado ao Partido Democrático e apoiado pelo Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco. É assim que, de acordo com Carone (1979a, p. 355), Armando torna-se um “elemento favorito para a futura campanha sucessória”, juntamente com seu prestígio no meio político e o apoio “à política de reação de Getúlio Vargas”. É perante isso que Vargas vai, a partir de janeiro, prosseguir os “intermináveis” processos políticos ligados à Revolução de 1935 e usar do anticomunismo para continuar a amedrontar e a justificar o pedido de manutenção do estado de guerra em março de 1937. Enquanto isso, ele passa a intervir na política dos estados diante de crises internas estaduais a enquadrar opositores na LSN, de forma a “[...] agir lentamente, procurando cercar a pretensão de São Paulo, fechando pouco a pouco o cerco e agindo sobre os elos mais fracos da nova composição eleitoral e política.” (CARONE, 1979a, p. 359).

Com isso, Armando oficializa sua pré-candidatura em abril de 1937, juntamente com a articulação da candidatura de José Américo de Almeida, nome lançado por Vargas e o Estado de Minas Gerais. Nessa conjuntura de forças, Getúlio irá usar um “jogo variado para se manter no governo”:

As tímidas e esporádicas pretensões iniciais são superadas pela iniciativa paulista, que representa tentativa de recuperação do comando político do país, como durante a Primeira República. Após a derrota das forças tenentistas, nas eleições de 1933 e 1934, as facções oligárquicas de São Paulo se unem, para cercar as vigentes conquistas liberalizantes e operárias, utilizando-se da Lei de Segurança Nacional. A revolta de novembro de 1935 permite, afinal, pôr fim a todas as conquistas das classes médias e operárias, voltando ao centro de gravitação do poder às mãos restritas das oligarquias tradicionais (dominantes antes de 1930, como no caso do Ceará) e das oligarquias dissidentes (caso de São Paulo; onde o Partido Democrático reina sozinho, pois nas eleições estaduais de 1934 há a separação entre ambos e o PRP torna-se oposição); dos tenentistas (Flores da

Cunha, no Rio Grande do Sul e Juraci Magalhães, na Bahia); do Exército hierárquico, com os generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra; e de Getúlio Vargas, que a partir do processo de sucessão presidencial, ou mesmo um pouco antes, usa de um jogo variado para se manter no governo. (CARONE, 1979a, p. 354).

Com o poder gravitando nas mãos das oligarquias, tenentistas, Exército e Getúlio Vargas, os blocos para a sucessão presidencial se formam durante o estado de guerra do primeiro semestre de 1937, enquanto Vargas utiliza-se dos artifícios da LSN para afastar opositores. O Integralismo, entretanto, não apoiou nenhuma das duas candidaturas e lança o nome do chefe nacional do movimento, Plínio Salgado, para candidato à Presidência. Ao mesmo tempo em que a AIB realiza um plebiscito em maio e junho com votações expressivas e o desfile de 300 mil camisas-verdes na capital, Plínio se reúne secretamente com Vargas para dar o consentimento ao “futuro golpe de Estado”, tendo já analisado durante esse primeiro semestre de 1937 a constituição que entraria em vigor. (CARONE, 1979a, p. 342-376).

Assim, enquanto o chefe nacional da Ação Integralista estimula a busca de eleitores para apoiar sua candidatura, ele já sabe de antemão que as eleições não ocorreriam e um golpe de estado estava sendo gestado sob seu consentimento. Para Trindade (1979, p. 169-170), em fins de 1935, Plínio começará a demonstrar um comportamento de isolamento de suas bases, que se agravará nos anos seguintes. Talvez, isso esteja ligado à própria mutação que o movimento sofreu, de revolucionário para negociador com os poderes constituídos. De fato, isso pode ter confundido os militantes. Eis o que o autor argumenta:

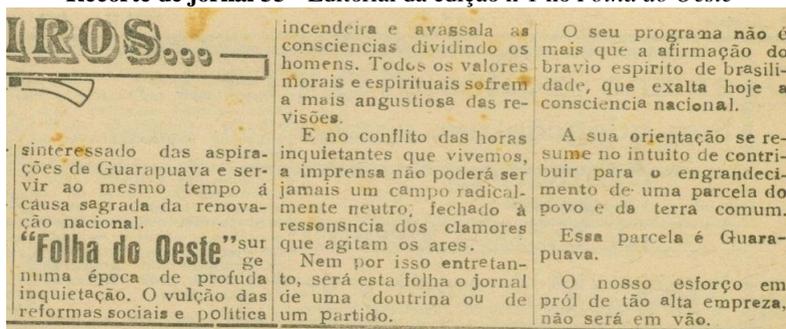
A análise da história do movimento mostra que Salgado, por temperamento e pela ambiguidade de seu comando, perderá, a partir de um determinado momento, o controle do aparelho. Na medida em que a função instrumental da organização entra em crise, a burocratização se reforça e o papel protetor da burocracia torna Salgado Chefe isolado de suas bases. A partir daí, somente os discursos, artigos e livros de Plínio são instrumentos de comunicação direta com os militantes da A.I.B. (TRINDADE, 1979, p.171).

Contudo, no Paraná, na conjuntura de pós-reabertura dos núcleos integralistas no estado em dezembro de 1936, Atháides (2012, p. 221), observa nos periódicos as atividades da AIB voltando à normalidade em 1937. Em Guarapuava, ao que parece, o núcleo municipal se reestruturou na região e começou sua campanha para além de arregimentar eleitores como pressupunha Salgado, também conseguir adeptos para a doutrina do Sigma como o caráter revolucionário pretendia.

Como o jornal representava um instrumento de socialização ideológica para pôr as propostas integralistas em pauta, em 1937 os membros locais da AIB produziram outro periódico, o jornal *Folha do Oeste*, circulando no lugar do semanário *A Cidade*. Porém, como único jornal de circulação na cidade de Guarapuava, ele procurava ser o meio de vinculação das notícias em geral. No entanto, continha a página 3 dedicada, exclusivamente, às notícias nacionais da AIB, bem como matérias da redação do núcleo municipal integralista de Guarapuava.

A edição de nº 1 é datada do dia 28 de fevereiro de 1937 e traz Lustosa como diretor, Amálio como redator-chefe e Moscalesque como gerente no editorial dessa primeira edição, logo é possível perceber a linha nacionalista que orienta o periódico, certamente influência da doutrina integralista:

Recorte de jornal 33 - Editorial da edição nº1 no *Folha do Oeste*



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 1, p. 1, 28 fev. 1937.

O editorial ocupa uma faixa de texto acima do título, na parte superior do periódico. Logo no início, o jornal recém-fundado, *Folha do Oeste*, se diz continuação do legado construído pelo *A Cidade*, o de “retratar” os acontecimentos de Guarapuava. Embora não tenha pretensão de ser neutro e, sim, de acompanhar “a ressonância dos clamores que agitam os ares”. Para tanto, pretende servir “à causa

sagrada da renovação nacional” e objetiva que seu programa seja a “afirmação do bravo espírito de brasilidade, que exalta hoje a consciência nacional”, em uma época de “[...] profunda inquietação. O vulcão das reformas sociais e políticas incendeira e avassala as consciências dividindo os homens. Todos os valores morais e espirituais sofrem a mais angustiosa das revisões.” (FOLHA DO OESTE, 28 fev. 1937, p. 1).

Assim sendo, o jornal *Folha do Oeste* pretende ser a vanguarda que vai orientar e engrandecer o povo de Guarapuava para emergir a consciência nacional, aquela da qual o integralismo afirma ser o representante organizado e que foi tão difundida em 1935 para propagandear o movimento pelos interiores do Paraná. E que acabou por convencer Lustosa, Amarílio e Moscalesque. Trata-se de suscitar nos povos a sua “alma nacional”, por meio de uma revolução, a provocar a homogeneização, a harmonia cristã, a sociedade una com a disciplinarização da luta de classes e uma utopia rural de caboclos e, então, implantar um Estado Integral. Essa seria a “verdadeira” brasilidade.

A permanência da ideologia fascista e nacionalista nas falas dos líderes locais da AIB, por meio do jornal *Folha do Oeste*, pode demonstrar que o viés revolucionário continua presente na atuação dos integralistas de Guarapuava em 1937, apesar de a orientação do chefe Plínio ser focada na busca de eleitores. Em vista disso, o editorial traz a ressalva de que o jornal não tem a intenção de representar uma doutrina ou um partido, jogando com esses dois aspectos: o revolucionário e o negociador. Tanto que, na mesma página 1 no canto inferior direito, há um lembrete anunciando que a página 3 foi alugada ao núcleo municipal de Guarapuava da Ação Integralista Brasileira.

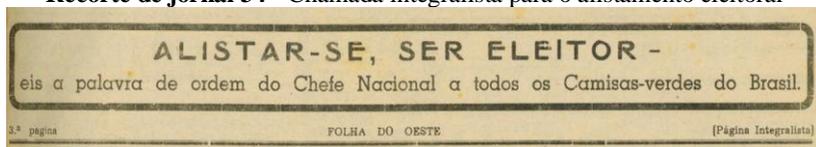
De periodicidade semanal, tamanho A3 e com quatro páginas, o jornal dispunha da redação e das oficinas na Rua Benjamim Constant, a mesma rua em que se localizava o jornal *A Cidade* e o *Brasilidade* em anexo. Portanto, possivelmente ambos se utilizaram da mesma tipografia de Lustosa, já que no caso do *Folha do Oeste*, ele era o diretor do semanário. Para Silva (2007, p. 180), mediante este jornal, “[...] é possível vislumbrar a importância, a densidade e o espaço que a AIB ocupou na cidade, especialmente nesse ano.” Como o periódico era o único a circular neste ano de 1937 sem opositores, segundo a autora, o “grau de ressonância” que *Folha do Oeste* e as ideias integralistas podem ter alcançado foi significativo. Desse modo, argumenta:

Assim, ser integralista em Guarapuava, para uma expressiva parcela da população, passou a significar abraçar novas ideias, vislumbrar novos horizontes, representando enfim, antes de tudo, “ser moderno” e mergulhar na onda que tomava conta do cenário nacional. (SILVA, 2007, p. 179).

Para isso, o jornal *Folha do Oeste* continuou a ser um instrumento de socialização ideológica de um partido de massa no Brasil, o integralismo, como aponta Cavalari (1999) sobre a função da imprensa escrita para a AIB. A partir de 28 de fevereiro de 1937, semanalmente passou a circular na região Guarapuava uma página panfletária do núcleo local integralista embutido juntamente com as demais notícias locais.

Tal página serviu para enfatizar a importância do alistamento eleitoral e esclarecer que a única arma dos integralistas era o voto, baseado no artigo reproduzido sistematicamente “Palavra de Ordem”, de autoria do chefe nacional Plínio Salgado e datado de 14 de janeiro de 1937. Já no cabeçalho da primeira página integralista a circular, aparece:

Recorte de jornal 34 - Chamada integralista para o alistamento eleitoral



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 1, p. 3, 28 fev. 1937.

A página traz um artigo assinado por Lustosa, “Mocidade de VELHOS”, a destacar o perigo comunista e as repercussões da AIB em outros jornais e artigos, que pretendem esclarecer os princípios do movimento e partido. Diante disso, os redatores e editores da página passam a lidar com a ambiguidade da Ação Integralista: entre o movimento revolucionário antiliberal e anticomunista, e o partido que participa das eleições, acreditando serem elas um meio para salvar o Brasil. Portanto, não há chamadas para a revolução, de forma impositiva e imperativa; a linguagem passa a ser mais conciliatória e com teor de esclarecimentos.

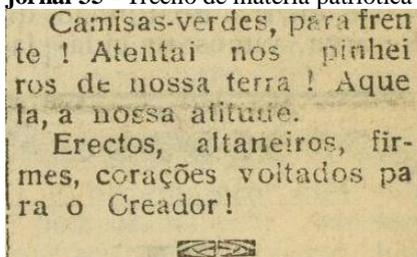
Entretanto, no que diz respeito às notícias locais do núcleo municipal, a reestruturação surge de forma imperativa, a dar ênfase à periodicidade das reuniões doutrinárias dominicais às 15 horas e à marcha integralista para os interiores do município. Em 7 de março de

1937, a página traz uma matéria intitulada “Vencendo etapas...”, a qual tem o objetivo de demonstrar a “promissora messe” (trabalho promissor) do núcleo da AIB nas “[...] florestas vizinhas das Sete Quedas e nos lares humildes, perdidos e esquecidos da Pátria, nos sertões inóspidos, querência de tigres indomáveis.” (FOLHA DO OESTE, 7 mar. 1937, p. 3).

Com tal assertividade, divulgam os subnúcleos distritais já fundados desde a instalação em 23 de fevereiro de 1935: Laranjeiras, Pitanga, Lagoa Seca, Palmeirinha e Catanduva, onde, nesta última localidade havia uma escola sob a direção dos integralistas funcionando. Sobre isso, a matéria destaca: “Os heroicos caboclos, orgulho da nossa raça pagam, regularmente suas contribuições e mantêm uma Escola [...]” (FOLHA DO OESTE, 7 mar. 1937, p. 3). E ainda atenta para os simpatizantes que aguardam a instalação do subnúcleo distrital em Marrecas, Guarapuavinha e Pinhão, como também para os cerca de 1.000 camisas-verdes inscritos nas fileiras do Sigma de Guarapuava.

A matéria termina lembrando o caráter militante do integralismo:

Recorte de jornal 35 - Trecho de matéria patriótica da AIB local



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 2, p. 3, 7 mar. 1937.

As caravanas integralistas para iniciar os trabalhos de coordenação dos núcleos continuavam a ocorrer. No dia 14 de março, a página integralista divulga uma caravana para o distrito de Pinhão a ocorrer no dia 21 de março, conseqüentemente na edição do dia 28 de março a maior notícia em destaque é a realização da caravana no Pinhão, com o título “Integralismo Triunfa: o povo de Pinhão acode pressuroso ao toque de reunir de Plínio Salgado – 105 brasileiros ingressam no movimento”.

De fato, as notícias sobre o núcleo local mantêm o caráter revolucionário do movimento de implantação de um Estado Integral. Nesta mesma edição do dia 28 de março, aparecem decretos do chefe municipal de nomeação de coordenadores para a fundação de

subnúcleos no bairro Faxinal dos Fiuzas, bairro Faxinal dos Coutos, Vila Nova do Pinhão e Reserva em Pinhão, no próprio distrito do Pinhão e de Palmeirinha. Na edição do dia 4 de abril de 1937 veiculam os decretos nomeando coordenadores no bairro do Jordão: na Usina, na Serraria Sueco, no Serro Verde e Juquiá. E em Pitanga: na Campinha Sta. Maria e Campina do Simão.

Diante desse panorama, as atividades integralistas na região possivelmente voltaram a sua normalidade, conseguindo chegar além dos distritos municipais nos interiores, mas também nos bairros e localidades específicas desses bairros, provavelmente, com a prática de todos os rituais e protocolos. Porém, a lidar com a ambiguidade revolução/negociador.

Recorte de jornal 36 - Chamada da AIB local para os camisas-verdes



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 2, p. 3, 7 mar. 1937.

Esta chamada aos camisas-verdes de Guarapuava com tom menos impositivo e mais conciliatório atua como um lembrete se dirigindo mais à figura de um cidadão do que à figura de um militante fascista/nacionalista. A chamada se repete em praticamente todas as edições e lembra a pontualidade em pagar a taxa para manutenção do núcleo municipal, do comparecimento às reuniões, o alistamento eleitoral do leitor e de um amigo seu e a leitura de um jornal integralista. Nesta mesma edição do dia 7 de março, há a divulgação dos trabalhos de alistamento eleitoral realizados diariamente, menos aos domingos, das 8 às 18 horas na Secretaria Municipal das Corporações e Assuntos Eleitorais, sob a direção de Afonso Mainguê.

Nesse sentido, a reestruturação do núcleo municipal em Guarapuava incorporou as mudanças estruturais operadas na burocracia

da Ação Integralista em 1936, como a criação da Secretaria de Corporações e Assuntos Eleitorais que, além de ter em vista o alistamento de eleitores, também pretendia expandir as organizações sindicais-corporativas para a composição do Estado Integral. Provavelmente, quando Plínio passa a negociar com o poder instituído tendo em vista participar do poder, a concepção de Estado ligada à noção de corporações sindicais de Miguel Reale toma força, em contraposição à concepção de Estado de Plínio ligada ao modelo familiar-corporativo.

Segundo Trindade (1979, p. 217-226), o modelo de Plínio está ancorado no *Manifesto de Outubro de 1932*, na organização do Estado por grupos naturais, em que o principal é a família. Já o modelo de Reale, principal teórico do Estado Integral com formação jurídica e sendo Secretário Nacional da Doutrina, está pautado na organização estatal por sindicatos de classes profissionais reconhecidas legalmente. Por sua vez, os seus representantes elegerão o prefeito por meio de um Conselho Municipal, e essa lógica se repetirá nas Províncias. Em nível nacional, as corporações com representantes de várias profissões em torno de uma área de produção elegerão os integrantes da Câmara Corporativa Nacional, e o senado será composto por representantes de corporações sociais e culturais; estes elegerão o chefe nacional.

Também podem sinalizar as novas incorporações as mudanças estruturais de 1936, a divulgação do funcionamento de uma escola para analfabetos maiores de 14 anos em Guarapuava, de nome Mestra Leonida, e outra escola em Catanduva, como foi tentado anteriormente. Ambas incorporadas em 1937 e sob a direção dos integralistas,

Recorte de jornal 37 - Aviso sobre o funcionamento da escola integralista
Mestra Leonida



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 1, p. 3, 28 fev. 1937

Em 1936, Cavalari (1999, p. 41-75) percebe a abundância na abertura de escolas de alfabetização para adultos nos núcleos integralistas, veiculadas nos jornais do movimento. Isso se deve, segundo a autora, à necessidade de “formação de uma massa eleitoral integralista”. Para pôr em prática esse projeto imediato e o projeto de longo prazo, a revolução do espírito com a promoção da consciência nacional, a AIB “aproveitou as energias femininas”, por meio da secretaria também incorporada neste ano de 1936: a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos.

Tal secretaria era responsável por reunir, educar e disciplinar todos os brasileiros devido à “natureza” maternal, social e educativa da mulher, que humanizaria, elevaria o nível cultural, cívico e moral das massas e, assim, promoveria a consciência nacional. Então, as escolas não eram só para alfabetização de jovens e adultos, mas também abrangiam desde as crianças até os jovens, com amplos enfoques. Entretanto, sobre o núcleo municipal integralista de Guarapuava, só há vestígios da escola Mestra Leonida para maiores de 14 anos a partir de 1937, que passou a ser divulgada semanalmente na página integralista do jornal *Folha do Oeste*. Possivelmente, sob responsabilidade das mulheres. Este era o único papel dentro do movimento relegado a elas e que tinha como objetivo claro a arregimentação de eleitores. Como enfatiza Cavalari (1999):

Em raros momentos usou-se de tanta sinceridade. Através da alfabetização rápida buscava-se ensinar os brasileiros a ler e a escrever, não para elevar o seu nível cultural ou promover a sua realização plena enquanto homem integral, conforme era preconizado, mas para que ele pudesse obter seu título de eleitor. O objetivo era qualificá-lo para a campanha eleitoral para a sucessão presidencial e a renovação do legislativo federal. (CAVALARI, 1999, p. 65).

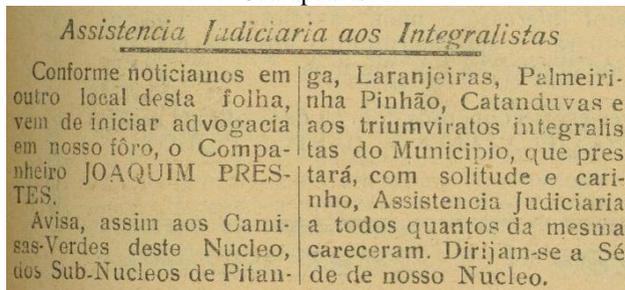
Portanto, a oportunidade de chegar ao poder pelos meios legais pode ter convencido, por hora, os militantes do integralismo, já que Vargas era considerado um aliado por combater liberais e comunistas. Em Guarapuava as atividades do núcleo municipal da AIB voltaram à ativa no início de 1937 vislumbrando chegar ao poder nacional, estadual e municipal. Isso é o que se pode perceber pela janela da página integralista no jornal *Folha do Oeste*. Contudo, no dia 11 de abril de 1937, a página noticia:

Recorte de jornal 38 - Proibição das reuniões doutrinárias da AIB no Paraná

Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 7, p. 3, 11 abr. 1937.

Reuniões doutrinárias e caravanas haviam sido proibidas no Estado do Paraná, pois certamente estariam ameaçando o poder das oligarquias estaduais. Em Guarapuava, a página integralista continua a circular semanalmente no periódico *Folha do Oeste*, com o conteúdo voltado ao trabalho para a campanha eleitoral. Assim, o funcionamento da escola Mestra Leonida continua a ser divulgado.

Isto pode evidenciar que as atividades de caráter mais militante e revolucionário, como reuniões doutrinárias, os trabalhos de coordenação de subnúcleos e os ritos, tiveram de cessar, pelo menos na divulgação no jornal. A revolução passa a ser enfatizada como uma revolução apenas de pensamento e não de armas na edição do dia 9 de maio de 1937. E, na edição de 23 de maio, é divulgado o fornecimento de uma assistência jurídica aos integralistas do município de Guarapuava:

Recorte de jornal 39 - Aviso sobre a assistência judiciária aos integralistas de Guarapuava/PR

Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 12, p. 3, 23 maio 1937.

O anúncio ocupa o canto inferior esquerdo da página ao informar a necessidade do núcleo municipal em prestar serviços jurídicos aos camisas-verdes do município, o que pode significar o acirramento de conflitos locais, em que a AIB tem suas atividades cerceadas no Estado e, no país, conta com o apoio de Vargas para combater liberais e comunistas.

Nacionalmente em 5 junho de 1937, Plínio designa os membros da Câmara dos Quatrocentos, para a qual Amarílio foi nomeado. Segundo Trindade (1979, p. 175-176), tal órgão era composto por militantes das províncias e seria transformado na Câmara Corporativa antes das Corporações no Estado Integral. Para Carone (1979a, p. 210), o órgão significava a abertura para outras camadas sociais, juntamente com a abertura já delineada na Câmara dos 40 em 1936. A nomeação a esses altos cargos na AIB amplia sua composição social e atua para uma melhor integração social. Assim, o autor argumenta:

Como o movimento integralista é, inicialmente, composto de elementos da classe média urbana, podemos inferir que só com sua expansão posterior é que ele atinge pequenas camadas da burguesia (militares, proprietários de terra) e das classes populares: dá o crescimento social servir de parâmetro para essa comparação evolutiva, além de revelar sua composição social. (CARONE, 1979a, p. 210).

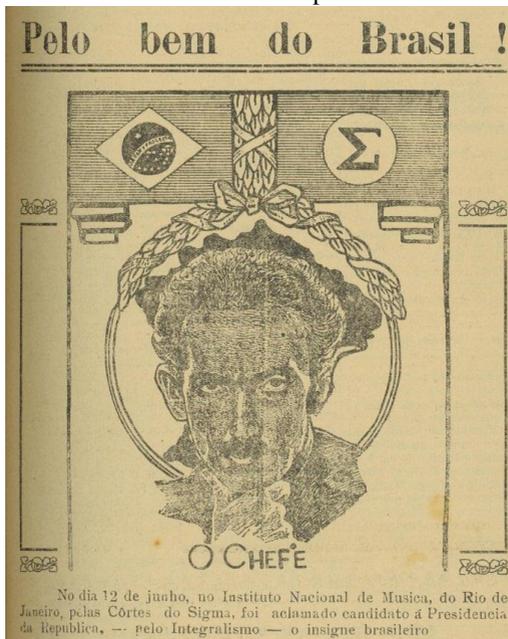
A reestruturação do núcleo da AIB em Guarapuava no início de 1937 pode ter atuado dentro da tendência de abertura para a composição social, tendo em vista o viés mais negociador e conciliador que a página integralista no jornal *Folha do Oeste* demonstrou, como parte do poder instituído que conquistaria as eleições de 3 de janeiro de 1938. Além disso, a participação de Amarílio na administração do poder municipal, ao lado das oligarquias situacionistas na voz do Cel. Aníbal Virmond, como Secretário Municipal de Educação (FOLHA DO OESTE, 14 mar.1937, p. 3). Sobre isso, Silva destaca:

Outra avaliação permitida pela página três da *Folha do Oeste*, se refere à credibilidade alcançada pela AIB em Guarapuava entre pessoas situadas na camada mais elevada do meio social, o que significou agregar também formadores de

opinião, como o jornalista e professor Joaquim Prestes, que seria Prefeito de Guarapuava na gestão (1955-1958), e outros, especialmente fazendeiros e comerciantes, membros de famílias importantes como Bastos, França, Danguy, ribeiro do Amaral e Sprenger. (SILVA, 2007, p. 181).

Entre combater liberais opositores ao lado de Getúlio e se aliar a liberais situacionistas no nível municipal, os integralistas de Guarapuava podem ter ganhado destaque, credibilidade e amplitude com sua página e suas atividades no início de 1937, como também muitos opositores. Contudo, o fim do estado de guerra no dia 18 de junho de 1937, depois de um ano e meio de estado de exceção, trouxe esperanças ao processo de sucessão eleitoral e à página integralista no jornal *Folha do Oeste*, pois passou a vincular no mês de julho o entusiasmo com a candidatura de Plínio, oficializada no dia 12 de junho de 1937, conforme o emblema e o *slogan* oficial de sua candidatura, publicado na página integralista, demonstram:

Recorte de jornal 40 - Slogan e emblema do candidato Plínio Salgado à Presidência da República



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 16, p. 3, 20 jun. 1937.

No dia 13 de junho, a página integralista já divulga com otimismo a nomeação de Amarílio para a Câmara dos Quatrocentos no dia 1º do corrente mês pelo chefe da província, o qual participava naquele dia das Cortes do Sigma que haviam escolhido o candidato da AIB e a nomeação de Lustosa como Governador da 5ª Região integralista. Logo, com essa movimentação, em Guarapuava se organizaram bandeiras integralistas para a realização de comícios eleitorais. Na edição do dia 4 de julho de 1937, há a chamada aos camisas-verdes para, uniformizados, se dirigirem às 14 horas à sede do núcleo e, então, com as devidas bandeiras, marcharem rumo ao Teatro Pimpão, onde se realizaria o comício às 15h, a fim de propagandar a candidatura de Plínio à Presidência da República. Na sequência, outra chamada é efetuada, nesse caso, ao povo Guarapuavano, para o comparecimento ao referido comício.

Já no dia 25 de julho de 1937, a página integralista noticia o “triunfo integralista no Pinhão”, com “mais de 295 ingressantes nas fileiras do SIGMA”. A matéria é a maior da página e tem como foco divulgar a caravana para este distrito de Guarapuava. Realizada nos dias 17, 18 e 19 de julho, a caravana municipal dos camisas-verdes e o Secretário Provincial da Imprensa visitaram as seguintes localidades: Entre Rios, Vila Nova do Pinhão e Faxinal dos Coutos. E na edição do dia 1º de agosto de 1937, a página integralista faz um panorama sobre o movimento após o fim do estado de guerra: oito palestras realizadas no município, incluindo as duas últimas realizadas no dia 25 de julho em Palmeirinha e 26 de julho em Pitanga, com mais 53 pessoas ingressantes no movimento.

Tais caravanas utilizavam o arcabouço estrutural das bandeiras para fundação de núcleos, para, agora, realizar comícios e inscrever no movimento possíveis eleitores que poderiam ser alfabetizados, com objetivo de obterem o título para efetivar o voto. Essas palestras eram realizadas nas sedes dos subnúcleos onde houvesse a estrutura já instalada ou na casa de moradores simpatizantes ou, ainda, a céu aberto em locais públicos, conforme fosse a demanda. Voltava também, a publicação de atos do chefe municipal, a reproduzir as nomeações de coordenadores para futuros subnúcleos já feitas e fazer novas nomeações nas localidades de Capão Grande no distrito Pinhão, Fundo de Laranjeiras, Gavião e Espigão Alto no distrito de Laranjeiras, Entre Rios no distrito da cidade de Guarapuava, São Pedro em Marrecas, Alto da Serra no distrito de Faxinal dos Elias e nos distritos de Borboleta, Roncador e Barra Grande. (FOLHA DO OESTE, 11 jul.1937 e 29 ago.1937, p.3).

Nesse sentido, a página integralista passou a publicar nos meses de julho e agosto uma coluna intitulada “Trabalhador, escuta” com diferentes autorias e matérias relacionadas, à opinião positiva de altos cargos de dentro da Igreja Católica, como os bispos. Para Silva (2007), estas temáticas tratadas no jornal podem demonstrar os motivos da repercussão da Ação Integralista na cidade e na região, pois a região estava ligada à configuração socioeconômica rural e à uma população predominantemente católica.

Tais temas podem ter se mostrado fundamentais para a equipe editorial da página, a fim de conseguirem convencer e mobilizar os leitores em prol da inscrição nas “fileiras do Sigma”, através da ênfase nas palavras de ordem “Deus, pátria e família”, em que os testemunhos das personalidades católicas, como formadores de opinião, poderiam legitimar a Revolução Espiritual integralista. E, por meio das chamadas ao trabalhador da região: “Aos trabalhadores do campo e da roça – Aos colonos, aos agregados, aos camaradas, aos peões, aos carroceiros e aos fazendeiros da pátria.” (FOLHA DO OESTE, 11 jul.1937, p.3). O destaque se voltava ao combate do liberalismo, com seu partidarismo político, sua intrínseca corrupção e sua aliança com as burguesias internacionais, e ao combate do comunismo. Essas críticas podem ter acirrado os ânimos com outros grupos políticos, pois sua política combativa apresentava o Estado Integral como a única solução para a pátria.

Por sua vez, as reuniões doutrinárias voltaram a ser anunciadas na edição do dia 15 e 29 de agosto de 1937, realizando-se aos domingos às 14h. É possível que as reuniões tenham continuado de forma clandestina nos meses de abril, maio, junho e julho; ou, pelos menos, com a candidatura de Plínio e o fim do estado de guerra no país, os integralistas tenham se encorajado a voltar a agir de forma clara em Guarapuava, mesmo com a proibição estadual. Assim, as chamadas para os festejos cívicos de 7 de setembro foram amplamente divulgadas durante o mês de agosto. Segundo Carone (1979):

O fim do estado de guerra aparenta representar distensão política e maior afirmação das alas oligárquicas de São Paulo e dos grupos que apoiam Armando de Salles Oliveira. É verdade que a campanha eleitoral prossegue, e, neste momento, a União Democrática Brasileira se estrutura (junho de 1937). A esta iniciativa de consolidação política antepõem-se,

imediatamente, frágeis medidas de reação dos grupos que apoiam Getúlio Vargas, o que leva supostamente à ideia de que a situação tende a se normalizar. (CARONE, 1979a, p. 365).

Com esta sensação de que a crise política no Brasil tendia a se normalizar e a corrida eleitoral continuaria a ocorrer, as atividades integralistas, pelo que indica a página da AIB local no jornal *Folha do Oeste*, voltaram a sua normalidade nos meses de julho e agosto em Guarapuava. Mal sabiam que um novo estado de guerra estava a caminho e, com ele, os conflitos regionais.

4.2 NACIONALISTAS DE DIREITA X OLIGARQUIAS: A AÇÃO INTEGRALISTA É DESESTRUTURADA

4.2.1 Golpe de Estado de novembro de 1937: entre o apoio, a política de esvaziamento do Integralismo e sua transformação em Associação Brasileira de Cultura (ABC)

Em junho de 1937, o governo getulista, tendo em mente a interrupção do processo eleitoral através da sua manutenção no poder pelo golpe de estado, já prepara um clima de tensão para o pedido de um novo estado de guerra. Sempre com o pretexto da ameaça comunista, de acordo com Carone (1979a, p. 366), “[...] a corrente militar intervencionista e getulista contra-ataca de uma maneira envolvente e, pouco a pouco, os elementos simpáticos a Armando de Salles, ou neutros, são afastados dos postos-chaves.” Com isso, lutar pela liberdade dos processados pela LSN e todo seu aparato repressor representava uma ameaça comunista ao regime, sejam parlamentares, liberais, camadas populares ou comunistas. Então, uma onda anticomunista foi se desencadeando de forma violenta durante o período entre julho e setembro de 1937.

Na página integralista no periódico *Folha do Oeste* vinculou-se a partir de agosto de 1937 um anticomunismo de alerta que se estendeu até o mês de outubro. Iniciou-se com uma matéria intitulada “Brasileiros! Uni-vos contra o Comunismo”, no dia 8 de agosto, a qual atentava para as palavras do chefe nacional, Plínio, sobre o perigo comunista. Depois na edição do dia 15 de agosto, a página inicia-se com a seguinte manchete “Aceitando a adesão das entidades comunistas os candidatos liberaes estão trahindo a honra da pátria, e dando abrigo aos

que machinam a transformação do Brasil numa colônia de escravos de Stalin.”

A corroborar a política anticomunista dos setores militares e de Vargas, os integralistas do núcleo de Guarapuava parecem convencidos do apoio dos grupos ligados à União Democrática (frente de Armando de Salles) ao comunismo, como também parecem ter acreditado na possibilidade de frear o processo eleitoral para combater esses elementos. Atuam na reprodução do clima de tensão anticomunista, que antecede e legitima o golpe de estado de Vargas, nas páginas integralistas.

Logo, no dia 22 de agosto a página traz a seguinte manchete na abertura:

Recorte de jornal 41 - Manchete anticomunista



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 25, p. 3, 22 ago. 1937.

Ela é reproduzida na edição de 29 de agosto no fim da página e na de 19 de setembro no início da página. Na edição do dia 12 desse mês, a página integralista inicia-se com a manchete “Onde estão os Comunistas?”, e no canto inferior direito, há uma nota de esclarecimentos sobre a possível aliança do integralismo com Armando de Salles e sobre o fato de a AIB não ir às urnas. A nota chama os alarmantes de tais notícias de mentirosos e termina declarando: “Guerra aos boateiros”. Diante disso, é possível que as ofensas políticas dos grupos em disputa pelo poder na cidade tenham se intensificado, ainda mais perante uma conjuntura de forças políticas de “caça aos comunistas”, “traição dos liberais” e “extremismo integralista”.

Assim, na edição do dia 26 de setembro de 1937, a página integralista comemora a decisão do Tribunal Superior Eleitoral, o qual decretou a constitucionalidade da AIB e permitiu o uso da camisa verde e “a livre propaganda da sua doutrina”. E usa de uma coluna ao lado dessas notícias para esclarecer as diferenças entre o comunismo e o integralismo e, desse modo, rebater àqueles que acusavam o movimento de extremista. Era uma tentativa de impor aos leitores da cidade a proposta da AIB, que tinha como horizonte a construção de uma nova nação una e potente, através de uma Revolução de Espírito antenada com os valores cristãos, para produzir a cooperação das classes e

construir uma utopia de caboclos homogêneos no campo. Portanto, mostravam-se donos da verdade e salvadores da pátria.

Sua proposta era contrária aos estrangeirismos, como os comunistas ateus e líderes da internacionalização do mundo, que tinham intenção de tirar a pátria e a terra dos brasileiros. É com essas críticas para o combate do comunismo que agora eles tentam convencer os trabalhadores da região a se juntarem às fileiras do Sigma, tanto no perímetro urbano da cidade, quanto nos distritos e localidades desses distritos espalhados pelo oeste paranaense. Sendo assim, na edição do dia 26 de setembro é divulgada a realização da “Bandeira Fernão Dias Paes Leme”, composta por integralistas do núcleo municipal de Guarapuava, que percorreram o distrito do Pinhão, nas localidades de Reserva, Vila Nova e Faxinal dos Ribeiros, tal como o distrito de Entre Rios. Conseguiram 129 ingressantes no movimento, em uma excursão chamada “catequese cívica” às “populações abandonadas pelo liberalismo”, por meio de visitas nas casas dos moradores e em locais públicos. Eles estavam convictos de que a população:

Com sua proverbial sabedoria já compreendeu a necessidade de ajudar o Integralismo, para não perecerem amanhã nas garras dos comunistas, e para não continuarem escravos do abandono para se libertarem da exploração da politicagem liberal que ha quasi 50 anos os oprime. (FOLHA DO OESTE, 26 set. 1937, p. 3).

Agora, os integralistas pedem ajuda, talvez ante uma conjuntura em que o movimento sofre acusações e a guerra ao comunismo no país parece não ter fim. Diante desse cenário, acabam por pressionar a população a ingressar nas fileiras do Sigma, usando certo terror psicológico. No mês de setembro de 1937, a página da AIB no *Folha do Oeste* se ocupou também em divulgar outra atividade: os festejos cívicos de 7 de setembro dirigidos a todo povo da região.

Recorte de jornal 42 - Convite integralista para o Dia da Pátria

HOJE 

Dia da Patria — 7 de Setembro

A Acção Integralista Brasileira, Nucleo de Guarapuava, convida o povo desta terra para assistir ás festividades cívicas que, em homenagem a grandiosa data da Independencia realizam-se hoje nesta cidade, de acordo com o programa seguinte:

Ao amanhecer ————— **ALVORADA**

A's 9 horas na Igreja Matriz

MISSA COM CANTICOS — Sermão pelo Revmo. Padre Teodoro Matezzi, digno Vigario da Paroquia.

Essa missa será em louvor á N. S. da Aparecida, Padroeira do Brasil, pedindo-lhe que defenda nossa Patria do Comunismo.

A's 13 horas no Largo da Matriz.

CONCENTRAÇÃO dos Integralistas.
JURAMENTO á Bandeira pelos pinianos e plinianas.

Discurso do Chefe Provincial ou do seu representante.

A seguir, os Camisas Verdes, desfilarão perante as autoridades do Sigma presentes á solenidade.

A's 20 horas no Teatro Pimpão

Solene sessão cívica — Cerimonia do Juramento dos inscritos.

Em seguida — No palco — Ligeiro Festival organizado pelo Departamento de Cultura Artística

Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 27, p. 3, 7 set. 1937.

O anúncio aparece centralizado na parte inferior do jornal e demonstra a amplitude das atividades. Nas edições seguintes dos dias 12 e 19 de setembro, veiculou o entusiasmo e o elogio ao evento, que contou com caravanas dos diversos distritos e localidades desses distritos, como também com a participação da população da cidade, colégios e “inúmeras pessoas de destaque em nosso meio social”, até a exibição de um filme para encerrar as atividades. Um evento que provavelmente repercutiu na cidade, chamou a atenção e acirrou as críticas e os opositores do movimento. Em contrapartida, em nível nacional, no mês de setembro, circulavam cópias, entre as altas esferas do governo, do Plano Cohen, um plano supostamente comunista de

tomada de poder do Brasil, publicado no dia 30 de setembro e 1º de outubro. Entretanto, esse plano se tratava, segundo Carone (1979a, p. 369), do “arremate do clima anticomunista”:

[...] colaboração estreita de integralistas e Exército. As versões sobre a origem do Plano Cohen são as mais variadas – o integralista Capitão Olímpio Mourão Filho redige documento mostrando como “se desenrolaria o golpe marxista” (plano defensivo); o Exército o utiliza com o “caráter ofensivo e a ser desfechado, de logo, pelos comunistas” – mas, a sua utilização e fins demonstram ter sido usado como arma consciente e psicológica para amedrontar e pressionar os tímidos. (CARONE, 1979a, p. 369).

O Plano Cohen atuou como o corolário de que os integralistas estavam certos desde 1932, quando falavam na ameaça comunista do estrangeiro fruto do liberalismo, e também atuou como o ato final que Getúlio precisava para pressionar forças políticas e pedir um novo estado de guerra. Este foi aprovado pela Câmara e Senado, instituído no dia 2 de outubro de 1937, embora as forças oposicionistas de São Paulo tentassem frear o processo golpista. Por sua vez, Plínio e os integralistas comemoram os fatos: Plínio, por acreditar que depois de deflagrado o golpe de estado sua doutrina seria implantada, e os integralistas, por acreditarem que o estado de guerra proporcionava a luta ao liberalismo e ao comunismo, que tanto almejavam.

Ante essa conjuntura, os integralistas em Guarapuava vão divulgar no jornal *Folha do Oeste*, nas páginas 3, 4 e 5, edição do dia 10 de outubro de 1937, a seguinte matéria: “Aos catholicos do Rio Grande do Sul e ao povo em geral – A salvação do Brasil: o Integralismo. Ordens de Moscou para se apoderar do Brasil – Documento apprehendido pelo Estado Maior do Exercito.” De autoria de Mons. Ricardo D. Liberali, Vigário Geral do Bispado e Cura da Catedral, a matéria se descreve como um manifesto, tendo escrito no cabeçalho da página 4 “A PEDIDO”.

O instrumento ideológico da AIB local, o jornal *Folha do Oeste*, serve agora para amedrontar e pressionar as massas, consequentemente legitimar o estado de guerra e de certa forma, criar um clima de apoio ao golpe de estado, com a utilização não só do Plano Cohen, mas também de uma personalidade católica manifestando que o integralismo era a salvação do Brasil. Na edição seguinte, de 17 de outubro, continuam

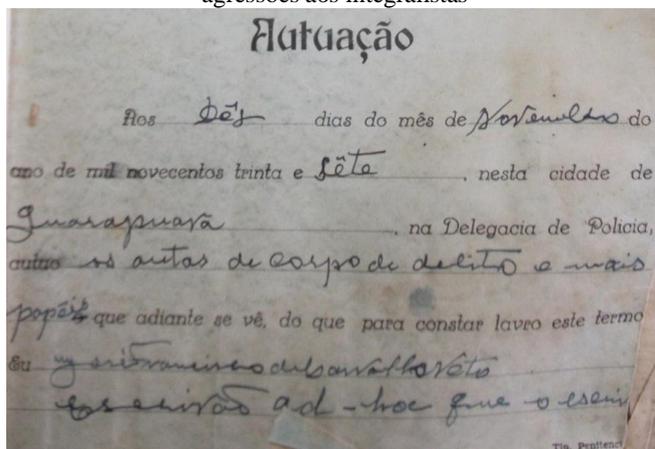
declarando guerra ao comunismo e esclarecendo as pretensões do integralismo diante do estado de guerra: oferecer uma “these constitucional” ao Brasil que garanta sua salvação.

Nesta certeza, de que são os únicos a possuírem a teoria necessária para tirar o país da crise política, os integralistas locais noticiaram a comemoração cívica do 5º aniversário da Ação Integralista na sede do núcleo municipal em Guarapuava, intitulada “Noite dos Tambores Silenciosos”, realizada no dia 7 de outubro de 1937 com cerca de 200 pessoas. De acordo com Trindade (1979, p. 194), esse evento constituiu-se em um ritual de comemoração ao lançamento do Manifesto de Outubro e “[...] ao mesmo tempo, uma forma simbólica dos integralistas manifestarem seu desacordo pela extinção da Milícia pelo governo.” Ritual realizado simultaneamente em todas as sedes do país, iniciava-se às 21 horas e ia até a meia-noite, hora em que atinge o clímax com “o rufar surdo de um tambor” e três minutos de silêncio, encerrando-se com a declamação da poesia que dá título ao ritual. Em Guarapuava, antes desse clímax no ritual, o chefe Plínio pôde ser ouvido por meio de transmissão simultânea de rádio para todas as sedes dos núcleos.

Contudo, na edição do dia 24 de outubro de 1937, a página integralista divulga no canto inferior esquerdo uma matéria intitulada “A nossa hora chegará...”. Esta, assinada por Amarílio, acusa a “truculência liberal” do espancamento que os seus companheiros haviam sofrido da polícia e os eleva ao título de heróis, do “memorável domingo integralista de 17 de outubro de 1937”. Ao noticiar tais fatos, enfatiza que: “Neste dia, recebestes, destemidos companheiros, em vossas mãos limpas e honestas e infatigáveis de obreiros do Novo Brasil, o pagamento democrático de um liberalismo mentiroso e injusto, mas felizmente nos estertores da agonia.” Conclui avisando que a hora do integralismo chegará para o “escarmento” (punição) dos inimigos do Brasil e dos algozes do movimento.

Vieira (2008, p. 233), em seu trabalho sobre o período final da existência do integralismo em Guarapuava, destaca que na região havia conflitos entre as autoridades e os integralistas. Digno de nota seria, então, o processo crime que trata da prisão do professor Amarílio e outros integrantes da AIB no dia 17 de outubro de 1937, pelo fato de usarem o uniforme integralista e se organizarem para fazer propaganda política em outro distrito. De fato, o processo crime de nº 937.2.2295 dispõe sobre tais prisões e foi instituído pela denúncia dos integralistas em 10 de novembro de 1937, que acusavam a polícia local de os terem espancado e cometido as prisões de forma injusta e ilegal.

Figura 7 - Autuação do Delegado, Sargento e dois Soldados locais acusados de agressões aos integralistas



Fonte: *Processo Crime nº 937.2.2295*, caixa 112, 1937, s/p.

As prisões ocorreram sob a alegação de ilegalidade do uso de uniforme com o emblema do sigma, baseadas na proibição da chefia policial do Estado de abril de 1937, já que os camisas-verdes, segundo consta nos autos do processo, trajavam uniformes integralista e, reunidos na antiga sede, na Rua Benjamin Constant, seguiriam em uma caravana de propaganda política no interior do município. Acabaram, então, não acatando a ordem de finalizar as atividades planejadas e, sendo assim, Amarílio e seus companheiros foram levados ao “xadrês” e, ali, na cadeia pública, sofreram espancamentos de “natureza leve”, conforme atesta o corpo de delito. Porém, os integralistas testemunhavam que recentemente a Corte de Apelação do Estado havia permitido o uso das camisas-verdes com o emblema sigma.

O processo transcorreu até outubro de 1940 com a absolvição dos réus: o Delegado de Polícia da Comarca de Guarapuava, o 3º Sargento e 2 soldados da Força Militar do Estado. Esta se deu devido à falta de provas e à prescrição dos crimes. Para os camisas-verdes, conforme matéria iniciada na página integralista no dia 26 de setembro e concluída no dia 8 de outubro daquele ano sobre o uso da camisa verde, a Corte de Apelação do Paraná havia invalidado a portaria do Chefe de Polícia e permitido o uso do uniforme integralista. Já na abertura da página, há a seguinte manchete em destaque:

Ainda há Juizes no Brasil – O Superior Tribunal Eleitoral reconhece aos INTEGRALISTAS, o direito ao uso da Camisa-Verde e á livre propaganda de sua doutrina, respondendo assim a certos “guardas da ordem pública” e a muitos “defensores da democracia”... (FOLHA DO OESTE, 8 out.1937, p. 3).

Assim, os integralistas terminam a matéria do dia 26 de setembro sobre a legalidade do uso da camisa verde no Estado, como também reforçam o fato de, em nível federal, o juiz decretar a constitucionalidade do movimento. Com isso, a página integralista assume um viés defensivo desde a proibição estadual das reuniões doutrinárias e da propaganda política do Sigma em abril de 1937 até com o novo estado de guerra de 2 de outubro desse ano. Isso porque, provavelmente em nível local, a AIB estava tendo críticas e represálias em relação a sua atuação no município. No que eles denominavam de “algozes” do movimento, o liberalismo “mentiroso” e “truculento”, é possível atentar ao fato de que eles poderiam estar falando das oligarquias locais.

No dia 31 de outubro de 1937, a página integralista traz no canto inferior esquerdo uma matéria sobre as homenagens prestadas na reunião doutrinária aos camisas-verdes “violentados”, “vítimas do covarde espancamento”. De fato, as evidências demonstram sinais de que, desde a reestruturação do núcleo municipal da AIB em Guarapuava no início de 1937, as oposições locais podem ter ficado cada vez mais intensas, diante das atividades voltando a sua normalidade e ganhando cada vez mais terreno político.

A atuação dos integralistas em Guarapuava foi ao longo de sua experiência política, desde 1935 até 1937, construindo opositores, como um movimento e partido de conteúdo centralizador, com teor impositivo de sua doutrina, tendo o controle de um forte instrumento de socialização ideológica, o jornal local, e a utilização do rádio e do cinema. Contou também com estruturas físicas das sedes do núcleo e subnúcleos, com as reuniões doutrinárias, com um aparelho burocrático, com uniformes, ritos, escolas, assistência jurídica, festividade cívica ao povo em geral com demonstração de imponência e organização de bandeiras, para a fundação de núcleo, palestras, comícios ou visitas nas casas dos moradores. Além do significativo combate às forças liberais e comunistas, no início antioligárquico, na conjuntura das repercussões da revolução de 1930, no processo de regularização da vida constitucional

do país e na fundação do núcleo municipal em Guarapuava em fevereiro de 1935. Depois, através do medo e pressão psicológica na conjuntura de “guerra ao comunismo”, com a “ameaça comunista” e o “apoio” dos liberais a eles.

Perante isso, as oligarquias locais possivelmente se sentiram enfrentadas e ameaçadas quanto ao poder político na região. Por isso, então, o movimento passa por um esvaziamento da mobilização de suas massas e suas atividades contrarrevolucionárias e partidárias, que estavam em curso na região ao longo de 1937, e culmina na prisão dos integralistas por usarem uniforme partidário pelas autoridades locais.

Nesse sentido, a lei atua como campo de disputas políticas de ambas as forças: integralistas afirmam estarem na legalidade do Estado democrático consentido por Vargas; e já as autoridades locais afirmam que os doutrinários do Sigma seriam extremistas, tal como os comunistas, e para tanto, serve-lhes o estado de guerra, conseqüentemente as proibições estaduais. Entretanto, em meio a esses conflitos políticos em Guarapuava, nacionalmente, segundo Carone (1979a, p. 372-378), há uma “crença de que o processo eleitoral é irreversível”; enquanto isso, Vargas, com a decretação da Comissão Executora do Estado de Guerra em 7 de novembro de 1937, prepara os mecanismos de ação ditatoriais e dentro da legalidade para liquidar com a oposição. Nisso, voltam a ser presos todos os “suspeitos” de apoio ao comunismo, e soltos com o fim do estado de guerra em junho de 1937 e o término do poder armado dos Estados, com a federalização das forças públicas.

O aumento da repressão no início de novembro logo atentará para um golpe em processo e, assim, o Estado-Maior e a União Democrática Brasileira providenciarão um “Manifesto aos chefes militares do Brasil”, lido no dia 9 de novembro, distribuído em quartéis e impreso em volante na tentativa de romper com o processo que levaria ao golpe. No entanto, isso leva à antecipação do golpe, programado para o dia 15 de novembro de 1937 e deflagrado no dia 10 de novembro com o Senado e Câmara cercados, em que Vargas lê a nova constituição. Para Carone (1979a, p. 376), o “arcabouço ideológico e tático do golpe vinha sendo preparado há tempo”, desde fins de 1936 com a elaboração dessa nova constituição posta em vigor até o ano de 1937, com o cerceamento dos opositores. De acordo com esse autor, diante do golpe de estado:

A apatia é geral, o fato não representando trauma mais profundo na vida do país, porque operariado e classes médias, isto é, a maioria da população, já

vivem em clima de constante repressão. O golpe só atinge parte dos grupos dirigentes, representado pelas oposições oligárquicas e tenentistas. Daí o golpe de Estado traduzir triste acaso de processo mais longo que se iniciara em 1935. O resultado imediato, porém, é a queda de Carlos de Lima Cavalcanti e Juraci Magalhães; a prisão de Armando de Salles Oliveira; o fim da autonomia dos Estados, simbolizado pelas queima das bandeiras estaduais; a dissolução dos partidos políticos etc. A ditadura, agora, se estende a todos. É o Estado Novo que começa. (CARONE, 1979a, p. 377-378).

Por sua vez, a página integralista no jornal *Folha do Oeste* em Guarapuava passará a ser editada na página 4 do periódico e não mais na página 3 como era anteriormente. Continuará com um viés defensivo em suas matérias, agora diante da nova conjuntura do golpe de estado. Na edição de 7 de novembro, dias antes do golpe de estado, na primeira página do jornal há a matéria intitulada “O Integralismo dentro da lei”, no canto superior direito logo após o cabeçalho do jornal, segundo a qual autoridades estaduais, como o governador Manoel Ribas, atestam por telegrama no final de outubro de 1937 que o estado de guerra serve ao combate do comunismo, ao responder a uma dúvida de um integralista de Ponta Grossa sobre professores que faziam “preleções contra o Integralismo”. Neste intento, a equipe de redação do jornal pretende juntar argumentos para legitimar a atuação legal do movimento no estado de guerra vigente.

A página integralista nesta edição inicia-se com a seguinte manchete:

50 MIL INTEGRALISTAS, mobilizados em 48h, desfilaram na Capital do Brasil, sob aplausos do Presidente da República, dos chefes militares e do povo. A nossa história não registrou ainda tão vitoriosa demonstração de força, de organização e disciplina. (FOLHA DO OESTE, 7 nov. 1937, p. 4).

Com um otimismo exacerbado, a página traz as notícias em nível nacional a fim de consagrar a “imponência” do movimento e partido integralista, perante o combate aos comunistas no estado de guerra vigente, e atentar para o fato de que a “perseguição” que sofrem só fazem deles mais heróis, com base em uma reprodução de uma matéria

da Secretaria Nacional de Imprensa da AIB. A certeza da vitória da doutrina do Sigma era tanta para os camisas-verdes de Guarapuava, que em 10 de novembro de 1937 eles registram a denúncia de espancamento contra as autoridades locais.

Em 14 de novembro, a página integralista presta solidariedade ao Presidente da República, às forças armadas e à “Ordem Nova”, instituída para “salvar as instituições as tradições brasileiras”. Certamente essa citação de uma fala de Plínio, colocada como uma espécie de epígrafe da página antes do cabeçalho, está-se referindo ao Estado Novo vigente desde 10 de novembro de 1937. Comemora o fato de essa proclamação combater os comunistas e a “anarchia liberal democrática”. Juntamente com matérias em nível nacional, como a reprodução de discursos de Plínio no rádio, nessa edição, há publicação de notícias do núcleo local: telegrama recebido de Catanduva sobre uma caravana doutrinária dirigida às regiões de Cascavel, onde instalou o subnúcleo de Colônia Esperança; implantação de um escola integralista em Pitanga, inauguração de um rua em Teixeira Soares com o nome de um “mártir” integralista e fundação do subnúcleo de Diamantina, distrito desta localidade, e uma chamada para a reunião doutrinária, que como “de costume” realizava-se às 14 horas na sede do núcleo municipal. Tais notícias reforçam a constatação de que havia uma tentativa por parte dos integralistas locais de continuar as atividades doutrinárias, como se o Estado Novo fosse o fato que legitimasse a AIB como única salvação para o Brasil.

Na certeza de que eram a vitória para a nação, os integralistas de Guarapuava comemoram na página integralista do dia 28 de novembro as festividades cívicas do dia da bandeira em todo o Paraná embaixo de um poema dedicado o Plínio e do comunicado da chefia nacional de que a Ação Integralista Brasileira tem seu funcionamento garantido pela nova constituição instituída pelo Estado Novo como uma associação conforme os estatutos já aprovados. Portanto, a saída encontrada para a manutenção do funcionamento das atividades integralistas é a ênfase no caráter de associação do movimento. Em 5 de dezembro, a página opta por trazer testemunho de militares e impressões de “dignos” oficiais sobre o integralismo os quais ocupam quase toda a página, com exceção da reprodução e um trecho de outro jornal integralista ao comemorar a implantação da 3ª República Brasileira: República Corporativa do Brasil, em que o a “Pátria Integral” estava se “afirmando aos poucos” e o integralismo representaria este novo momento. Assim, na visão dos integralistas, sem haver como retroceder, o Estado Integral seria implantado.

Entretanto, na edição de 12 de dezembro, a página integralista se dissolve entre anúncios e matérias em geral, mantendo apenas uma reprodução de outro jornal integralista, que atenta para todos manterem a confiança no chefe nacional da AIB, a participação dos camisas-verdes nas festividades de aniversário da cidade de Guarapuava e uma matéria intitulada *A Situação do Integralismo*. Sobre isso, logo na primeira página do jornal *Folha do Oeste*, há a publicação do decreto de Vargas do dia 2 de dezembro de 1937, o qual fecha todos os partidos políticos. Na manchete já aparece a ressalva: “Mantem-se a Ação Integralista Brasileira como sempre foi, isto é, sociedade cultural, devendo apenas mudar de nome”. Minimizam-se os efeitos do decreto, ao avisar que a AIB continuaria funcionando normalmente. De fato, em 19 de dezembro na primeira página do jornal *Folha do Oeste*, há a matéria intitulada, “A transformação da Acção Integralista Brasileira na Associação Brasileira de Cultura em obediência ao Decreto-lei n. 37”, reprodução do jornal *A Offensiva*.

As províncias integralistas foram transformadas em “succursaes” estaduais, e os núcleos municipais, em filiais, com objetivos culturais. Já a página integralista se dissolve entre apenas um artigo sobre Plínio e sua característica de animador da nacionalidade. Tenta-se manter o otimismo em relação ao destino do movimento. Portanto, Plínio articula o golpe de estado juntamente com o governo de Vargas, sem o consentimento da AIB, segundo Carone (1979a, p. 210), “certo de que a AIB se tornaria o partido oficial do novo regime”. No entanto, em dezembro Vargas dissolve todos os partidos políticos e deixa o integralismo agir como uma associação, no entendimento de que obedeceriam à ordem e Plínio poderia controlar o movimento, quando soube da promessa de um futuro Ministério da Educação sob a sua ordem. Contudo, eis o que Trindade (1979, p. 178) argumenta: “Vargas utiliza-se maquiavelicamente da mudança de comportamento da AIB, obtendo, senão a colaboração do Integralismo, ao menos sua cumplicidade, na instauração do Estado Novo, em 1937.”

Assim que a AIB se dispôs a negociar com Vargas em 1936 e de certa forma fazer parte do poder instituído, com o estado de guerra e entendendo que os inimigos da nação estavam sendo combatidos: comunistas e liberais, Vargas, então, manteve o integralismo funcionando para usar de seu anticomunismo e chegar ao golpe de estado. No primeiro mês do Estado Novo, fez uma nova negociação com o movimento, mantendo-o funcionando desde que como associação cultural.

4.2.2 O assassinato do integralista e fundador do núcleo David Moscalesque

No mês de janeiro de 1938, a página integralista no jornal *Folha do Oeste* continuou a circular na página 4. Dessa feita, nutrida pela esperança com a transformação da Ação Integralista Brasileira em Associação Brasileira de Cultura (ABC). Já no dia 25 de dezembro de 1937, a página 4 do jornal *Folha do Oeste* ocupava-se novamente das notícias integralistas e trazia Plínio como um homem à frente do seu tempo, descrito como “O maior líder nacionalista das Américas”, na matéria intitulada “Quando o Brasil dormia...”, trecho do seu livro *Literatura e Política*, de 1927. Ao lado, figurava um trecho de um artigo de 1935, denominado “As moscas da Praça Pública”, conforme o qual as moscas sempre se colocam contra os inovadores. Por meio da literatura, a equipe da página integralista parece querer qualificar Plínio como mártir incompreendido pelo seu tempo.

Assim, logo abaixo de tais matérias a página traz os estatutos da recém-criada ABC, segundo os quais a associação teria apenas fins educacionais com escolas e organizações de escotismo, beneficentes com serviços de ajuda mútua entre os sócios e culturais, com o ato de “incrementar de sentimentos espiritualistas e virtudes cristãs no povo brasileiro”, como também atuar no “desenvolvimento eugênico” de seus membros e em pesquisas e estudos sobre “problemas culturais da nacionalidade”. Com isso, as secretarias e todo o aparato burocrático da extinta AIB acabam sendo dissolvidas, e no lugar surge uma diretoria composta por presidente, assistentes, secretários, tesoureiro, procuradores, diretores de: estudos, beneficência e cultura “physica”, além do superintendente das escolas. Ademais, um conselho consultivo composto por 60 membros para cooperar com a diretoria, divididos em seis comissões: estudos e pesquisa, cultura “physica”, assistência mútua e beneficência, escolas, contas e programas.

Tal estrutura deveria ser repetida nas “succursales” estaduais e filiais municipais através de eleição nas Assembleias Sociais, a serem convocadas uma vez por ano em outubro para prestação de contas, eleições, aprovação de relatórios e discussões. Na edição de 1º de janeiro de 1938 é noticiado na página integralista o processo em andamento do registro público da ABC, e no dia 16 do mesmo mês, é divulgada a regularização da associação no Ministério da Justiça. Já no dia 23 de janeiro, são reproduzidas as instruções emitidas por Plínio em 10 de janeiro de 1938, para pôr em funcionamento a ABC. Nesse sentido, com objetivo de manter o controle sobre os agora associados da

ABC, Plínio decreta que sejam criadas Comissões técnicas nas “succursaes” e na sede no Rio de Janeiro para censurar conferências e discursos nas Assembleias públicas e reuniões doutrinárias. No último artigo do decreto, ele determina:

Art. 6º O presidente da ABC recomenda a todos os associados diretores de Succursaes, chefes de Filiais, oradores, conferencistas, doutrinadores – todos os esforços no sentido de evitar quaesquer atirictos com as autoridades do Paiz. (FOLHA DO OESTE, 23 jan. 1937, p. 4).

Mesmo com o viés de associação na sociedade civil, Plínio tenta manter a hierarquia de um poder central e sua função de um poder absoluto, intangível e em última instância, da forma como agia na AIB. Para tanto, aparece embaixo de sua fotografia na edição de 1º de janeiro como o “ídolo do Brasil Novo”. E, dessa forma, as apologias ao ex-chefe nacional da Ação Integralista Brasileira continuam durante o mês de janeiro de 1938 na página integralista em Guarapuava, tais como um conto para as crianças e uma fábula nesta edição de 1º de janeiro e a reprodução de artigos de jornais integralistas que reforçam a confiança no então presidente da ABC, nas edições dos dias 09 e 23 de janeiro. Nesse tom, as matérias do dia 30 de janeiro procuraram evidenciá-lo como “o genial líder nacionalista”, conforme as homenagens feitas para seu aniversário. Anteriormente, na edição de 23 de janeiro Plínio já havia sido comparado a Hitler e Mussolini, como “heróis nacionais”, aqueles que perceberam o “vigor das mocidades”, e na edição de 16 de janeiro já havia uma reprodução de uma entrevista em que ele afirmava ser aquele que trouxe ao Brasil as novas ideias de arremetimento das mocidades.

Juntamente com as matérias sobre o funcionamento da ABC e a legitimação de Plínio como um herói incompreendido, também há na página integralista matérias que tentam trazer esperança para os rumos dos doutrinários do Sigma, como na edição de 9 de janeiro, que traz um artigo sobre a nacionalização da Igreja Católica e outro sobre a esperança com o ano de 1938. Some-se a isso, na edição de 16 de janeiro, um artigo intitulado *Fé* é reproduzido. Sem esquecer-se do papel que a antiga AIB relegava aos camisas-verdes de Guarapuava:

Recorte de jornal 43 - Epígrafe integralista



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 46, p. 4, 23 jan. 1938.

A citação localiza-se na abertura da página e pode ter como objetivo lembrar, nesse momento de transformações do movimento, a função vanguardista inevitável dos militantes guarapuavanos. Diante de tal panorama de otimismo transmitido pela página integralista no jornal *Folha do Oeste*, mesmo com os reveses sofridos pelo movimento, é possível que em Guarapuava os doutrinários do Sigma tenham acompanhado as transformações da AIB e mantido as atividades funcionando, dotados de certa esperança e confiança. Contudo, na próxima edição, em 13 de fevereiro de 1938 é noticiado o assassinato do fundador, ex-chefe municipal do núcleo integralista e gerente do jornal *Folha do Oeste*, David Moscalesque. Matéria esta que ocupa a primeira e terceira página do periódico, sendo que a página integralista é dissolvida nesta edição.

De título “O bárbaro assassinato de David Moscalesque”, a matéria narra os acontecimentos de forma trágica. No domingo, dia 30 de janeiro de 1938, realizava-se no período noturno, na Matriz da Igreja Católica, a novena em honra à santa Nossa Senhora de Belém, padroeira da cidade de Guarapuava. Ao término do evento, retirou-se da Igreja o autor do crime, Olegario Kuster, e se pôs nas escadas a esperar. Nisto, teriam saído as vítimas, Moscalesque e Manoel do Monte Furtado (ex-chefe do subnúcleo de Campo Mourão), que seguiram pela rua e foram perseguidos por Olegario até este dirigir a seguinte provocação “VOCÊS SÃO INTEGRALISTAS” e atirar nas costas de Moscalesque, como também acertou o queixo de Furtado, que conseguiu sobreviver. Nessa altura da narrativa, o leitor é levado a visualizar a morte serena de Moscalesque, o pânico da população, a tranquilidade com que o “perverso criminoso foge” e a presença nas proximidades do crime do promotor Interino Jorge Kloster, o delegado de polícia Antonio Pacheco e dois soldados de destacamento policial, que nada teriam feito a respeito.

Indignados, provavelmente Lustosa e Amarílio (diretor e redator-chefe, respectivamente, do jornal), preparam a reportagem a retratar a

inação da polícia e a necessidade de o prefeito se dirigir por telegrama ao Chefe de Polícia no Estado para a troca do delegado municipal, pedido este que foi atendido. Também acusam abertamente as testemunhas, que alegaram legítima defesa por parte de Olegario, de cínicos, covardes, patifes e perversos. E eles justificam que o motivo do crime não teria sido a questão familiar envolvendo a honra de Moscalesque e a esposa de Olegario, Iracema Kuster.

Não nos surpreenderá, nem a ninguém, si a verificar que, da obsessão de Olegario Kuster – inegavelmente um enfermo mental – se aproveitou e se valeu o ódio e o desejo de vingança de algum inimigo do pioneiro do Integralismo em Guarapuava e Chefe Municipal da extinta A.I.B. (FOLHA DO OESTE, 13 fev.1938, p. 3).

Alegam que o crime e a consequente inação da polícia podem ter sido motivados por “inimigos” do integralismo. A reportagem termina com a narrativa do sepultamento, uma nota da missa de sétimo dia, um texto com dados biográficos do falecido e a reprodução de telegramas chegados de todo o Estado em condolências à família e aos amigos. Sobre as acusações apresentadas no jornal *Folha do Oeste*, no início dessa mesma página, uma matéria denominada “Graças a Deus” comemora a substituição do delegado de polícia, e a respeito do ex-delegado Antonio Pacheco, declara-o como prepotente em seu cargo:

Guarapuava não mais assistirá aos desmandos de um indivíduo semi analfabeto e sem idoneidade moral para o cargo que, em má hora lhe entregou a política. – Felizmente a delegacia não será um instrumento dócil e subserviente ao facciosismo e aos apetites de vingança de certo politiqueiro impenitente, que, apesar do Estado Novo, continua agindo em Guarapuava. (FOLHA DO OESTE, 13 fev.1938, p. 3).

No âmbito estadual desde 1935, o integralismo e as oligarquias se defrontavam de forma mais clara, o primeiro por meio de sua política intensiva antiliberal, conseqüentemente antioligárquica, e o segundo, através de sua posição de poder no Estado, utilizando-se da LSN que poderia encaixar a AIB como um movimento extremista, dentro de uma conjuntura de “guerra ao comunismo”. Do mesmo modo,

nacionalmente, os setores liberais, com o crescimento do movimento, começam a pedir o fechamento da organização. Já em Guarapuava, a fundação e a participação no jogo político local no ano de 1935 proporcionou aos integralistas um lugar de ação na região, com sua política de combate às oligarquias, sua doutrinação vanguardista de emancipação do oeste paranaense por meio de uma utopia rural: um Estado Integral formado por pequenas propriedades rurais, unidas por núcleos familiares e corporações sindicais profissionais, no princípio cristão da harmonia, de um povo soberano homogeneizado de caboclos e da disciplina militar. E, possivelmente, com a prática clandestina no ano de 1936 e a reestruturação otimista em 1937 cada vez mais desafiadora, tendo em vista o “namoro” do movimento com Vargas, as diferenças políticas com as oligarquias locais foram aumentando.

O movimento Ação Integralista Brasileira, entretanto, foi esvaziando-se de suas pautas e suas campanhas doutrinárias durante o ano de 1937 em Guarapuava, com os reveses que o próprio Plínio relegou ao movimento entre o revolucionário, o partidário, a ideologia do Estado Novo e, em janeiro de 1938, apenas participante do novo regime como associação. Assim como com as proibições estaduais e especificadamente as acusações locais, os enquadrando como um movimento extremista. Diante de tal conjuntura de forças políticas, é possível que as acusações feitas no jornal *Folha do Oeste*, em relação à inação proposital do aparato policial e às desavenças políticas operadas no assassinato de Moscalesque tenham sentido.

Em 2 de fevereiro de 1938 foi instaurado o processo crime contra Olegário, hoje sob guarda do CEDOC, com a numeração 939.2.2440. A disputa judicial transcorreu até 15 de janeiro de 1940, com a absolvição do réu, sob alegação de crime de honra. O processo seguiu duas linhas de investigação: a primeira leva em consideração as denúncias, formuladas à Olegário, de vingança política; a segunda leva em consideração a defesa do réu, em que o crime teria sido efetivado para limpar sua honra, pois Moscalesque havia se envolvido amorosamente com a esposa do réu. Ambas as alegações levam para um veredito final diferente, caso se comprovasse que o crime foi motivado por vingança política, o réu seria condenado, já se as provas levassem ao crime de honra ele seria absolvido, tendo em vista que na legislação da época tal ato era regulamentado por lei.

Em vista disso, é pertinente afirmar que a lei pode ter atuado como um campo de disputas políticas entre integralistas e oligarquias: os integralistas traziam à tona suas diferenças e desavenças com os liberais locais e as oligarquias usavam de subterfúgios legais para

combater os integralistas, como o uso da delegacia de polícia na prisão dos camisas-verdes em 17 de outubro de 1937. E, agora, as forças policiais e judiciais agindo de forma indiferente no assassinato do líder integralista, e posteriormente na defesa do réu, usando dos artifícios do crime de honra.

Nesse sentido, os conflitos políticos entre integralistas e oligarquias em Guarapuava podem ter se acirrado o suficiente para chegar até as instâncias judiciais, em um ambiente político do Estado Novo de reorganização das forças políticas oligárquicas no país, nos estados e nos municípios e de retirada das forças políticas da AIB, transformando-a em associação. Portanto, o conflito é entre aqueles que disputam o poder político da cidade. Têm interesses econômicos em um projeto de administração, pois se trata de um conflito pela competição de qual frente política terá o direito de regulamentar, gerenciar e, ora, punir a vida na cidade.

Em contrapartida, na página integralista do jornal *Folha do Oeste*, as duas edições que seguem do mês de fevereiro de 1938, publicadas nos dias 20 e 27, trazem uma pauta anticomunista relacionada aos horrores provocados por essa teoria, na intenção, ao que parece, de motivar e encorajar os operários à luta contrarrevolucionária do fascismo. E, apresentam como aliados, “vendidos a Moscou”, aqueles que se posicionam contra o integralismo. Quanto a isso, no dia 20 de fevereiro de 1938, a página integralista reproduz o seguinte texto do jornal *A Offensiva*:

Recorte de jornal 44 - Homenagem ao falecido chefe municipal da AIB

UM MARTIR
DO PATRIOTISMO

Segundo notícias que nós chegamos de Guarapuava, Paraná, foi assassinado naquela localidade o grande e dedicado «leader» anti-comunista Moscalesque.

Da maneira por que se praticou esse crime, exactamente executado como aquelle em que tombou Gruenwaldt, em Jaraguá, no anno passado, conclue-se que os inimigos da Patria, os sicarios vendidos a Moscou, hoje como hontem, se encontram alerta.

Todo o Paraná vibrou de indignação, sentindo a insegurança dos que, dentro da sua Patria, sonham com um Brasil grande e feliz.

Confiamos, porém, na Justiça dos homens, certos todavia, de que se ella fracassar, será inexoravel a Justiça de Deus.

Moscalesque morreu!—Sim, para a sociedade physica, porque viverá eternamente no coração dos patriotas. Quem entra como legionario para um movimento anticomunista de redempção da Patria, não pôde morrer como um inutil par...

Moscalesque, vítima dos inimigos de Deus e da Patria

to olvidado amanhã. (Da A Offensiva de 13-2-38)

Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 49, p. 4, 20 fev. 1938.

O assassinato de Moscalesque é divulgado nacionalmente, para compor um quadro de “guerra ao comunismo” e de vítimas “dos inimigos de Deus e da Pátria”. Provavelmente aqui, a segurança inicial com o regime do Estado Novo e o integralismo como representante máximo do regime some, voltando o teor revolucionário e as intrínsecas chamadas para a ação. Na página integralista em Guarapuava, a matéria ocupa o canto inferior esquerdo, logo abaixo de duas notícias reproduzidas do *Lar Católico*, intituladas *Sangue na Hespanha* e *O nosso mal*. Na notícia Moscalesque é destacado como um mártir da pátria, pois que, para os integralistas quem se posicionasse contra a “verdadeira” teoria da nacionalidade brasileira seria um traidor da pátria. Nessa premissa se encaixariam desde liberais, comunistas até, possivelmente, o novo regime de Vargas. Nesse âmbito, no dia 27 de fevereiro, a página reproduz um telegrama enviado pelos estudantes nacionalistas de São Paulo ao jornal integralista daquela cidade, a fim de reforçar a indignação e o motivo pelo qual ele morreu: dedicou “sua vida ao Brasil”. Trata-se das últimas investidas da antiga Ação Integralista Brasileira para permanecer como força política em Guarapuava.

4.2.3 Estado Novo: Intentona Verde de março de 1938 e os doutrinários do Sigma na ilegalidade

Diante das últimas pautas anticomunistas em fevereiro de 1938, a página integralista no jornal *Folha do Oeste* no dia 6 de março, desse ano, traz de forma mais pontual a intenção de incentivar a luta de uma contrarrevolução fascista. Sobretudo, na matéria intitulada *A Revolução Necessária*, sobre a necessidade de fazer a revolução de espírito nacionalista tão almejada pela AIB, perante os problemas brasileiros: o liberalismo explorador das riquezas e o comunismo internacionalista. Logo ao lado, aparece a reprodução de uma oração católica pedindo a salvação do Brasil e, abaixo, a reprodução de uma carta da Alemanha que narra a “Revolução Hitleriana” e seu “brilhantismo” na construção de uma nação soberana.

Com isso, a janela da página integralista pode demonstrar que os integralistas tinham alguma coisa em mente, em relação ao novo posicionamento do movimento no Estado Novo. Estes perderam grande parte de seu campo de atuação política ao serem transformados em uma associação, e já não acreditavam tanto como antes no regime de Vargas,

continuavam achando que detinham a solução para os problemas brasileiros e não deveriam abandonar a missão.

De fato, segundo Vieira (2008), os integralistas de Guarapuava tentaram um levante armado contra a Delegacia de Polícia, reduto dos chamados “inimigos” do integralismo e contra a Prefeitura Municipal, para destituir as autoridades locais e assumir o poder, no dia 10 de março de 1938. No entanto, a tentativa foi frustrada, culminando na prisão dos camisas-verdes envolvidos. Para o autor:

“O levante foi planejado em consonância com o contexto nacional daquele momento e seguiu orientações do movimento integralista que se preparava na capital nacional. Esta tentativa de golpe recebeu a denominação de Intentona Verde.” (VIEIRA, 2008, p. 227).

Segundo ele, já se temia desde o golpe de estado de Vargas, no início de novembro de 1937, que os doutrinários do Sigma estavam planejando um levante armado. Isto só teria sido arquitetado depois com outras forças golpistas, que pretendiam a deposição do regime de Vargas.

Nos prontuários do DOPS, há anexado nos dossiês dos integralistas participantes do levante armado em Guarapuava o Inquérito da Delegacia de Polícia da cidade sobre o fato ocorrido, encaminhado à Delegacia de Ordem Política e Social em Curitiba e, posteriormente, em 14 de dezembro de 1938 ao tribunal responsável por julgar crimes políticos, o Tribunal de Segurança Nacional. Figuram como indiciados Amarílio Rezende de Oliveira (professor), Manoel do Monte Furtado (“creador”), Antonio Lustosa de Oliveira, Domingos Ribas (comerciante), Sebastião Loures Bastos (comerciante), Alceu Aires Karan, Odilon Caldas (operário) e Manoel Ribeiro do Amaral (operário).

No inquérito, há o depoimento de Odilon Caldas no dia 2 de dezembro de 1938, um operário que diz nunca ter sido integralista, mas que teria sido coagido por seu patrão Manoel do Monte Furtado a participar da Intentona Verde em Guarapuava. Já Furtado era criador de gado na região de Campo Mourão, onde residia e teria sido ex-chefe distrital do integralismo, sendo vítima de um dos tiros disparados por Olegario no assassinato de Moscalesque. Hospedava-se em um hotel em Guarapuava durante tais acontecimentos. Conforme Odilon relata em seu depoimento, Furtado lhe forneceu um revólver, além de dispor de

um arsenal sob sua posse, e sob ameaças lhe coagiu a ficar de prontidão no dia 10 de março de 1938 em volta da cadeia pública, a esperar “voz de comando” dele, de Amarílio ou de Lustosa, que receberiam um sinal pelo rádio do comando estadual e nacional. Furtado também teria lhe orientado, caso o levante falhasse, a declarar que estavam ali para ajudar a polícia a prender Olegário.

Eis o que Odilon fala sobre os chefes do movimento integralista: “[...] aqueles chefes falavam aos sertanejos em nome do eminente Presidente da República e com isso conseguiram ludibriar a bôa fé daquela gente simples [...]” e sobre a recente atuação dos integralistas: “[...] aqueles chefes não se dissuadiram da idéia de atentar contra o regime e continuam na campanha de propaganda, porem, na ‘sordina’ [...]”. (Pront. 2537, top 421, fls. 3-5). É interessante destacar as falas de um operário, que provavelmente era ligado ao campo, e sua opinião sobre a atuação dos camisas-verdes em Guarapuava. Possivelmente, os habitantes do meio rural estavam rodeados pela experiência do coronelismo em suas relações sociais, em que o personalismo, o clientelismo, o mandonismo e o compadrio acabavam minando as relações com os integralistas. E poderiam, assim, os doutrinários do Sigma ser interpretados como a pessoa de “estima” e “honra”, o Presidente da República. Através dessa interpretação, os integralistas passavam a ganhar confiança e “ludibriar” sertanejos.

No entanto, ao que parece, acabaram presos na cadeia pública de Guarapuava apenas Odilon e outro operário, Manoel Ribeiro do Amaral, que também teve sua arma fornecida por Furtado. Os dois teriam trocado conversas, nas quais Manoel Ribeiro alegava receber ajuda dos três e ter sido libertado para se dirigir aos sertões de Cerro Verde, em Guarapuava mesmo. Já Lustosa teria fugido até conseguir o *habeas corpus*, de acordo com o depoimento. Este residia em Curitiba, do mesmo modo que Furtado, conforme o relatório do inquérito.

Em contrapartida, conforme os prontuários, Amarílio em 12 de maio de 1938 acabou sendo detido, permanecendo no presídio político de Curitiba até 17 de setembro de 1938. Manoel do Monte Furtado foi recolhido na mesma data, porém permaneceu detido até 24 de junho de 1938, sendo deportado para o Rio Grande do Sul dois dias depois. Domingos Ribas, comerciante, preso em 11 de maio de 1938, portanto um dia antes que seus comparsas, e solto em 17 de agosto de 1938 ao tentar entrar na casa de Manoel Vieira de Alencar, ex-chefe provincial do integralismo no Paraná. Segundo consta no depoimento de Odilon, Domingos teria lhe falado sobre ver Furtado antes de dar o depoimento,

com objetivo de obter instruções e não ser enquadrado no crime político. Parece que o plano não surtiu efeito.

No prontuário de Domingos Ribas foi possível encontrar sua fotografia no momento do fichamento, um dia após sua soltura.

Figura 8 - Fotografia de Domingos Ribas



Fonte: *Pront.* 2929, Odilon Caldas, top. 446, DOPS/PR, DEAP/PR.

Entretanto, segundo Vieira (2008, p. 230), nacionalmente a AIB, com o título de associação, articulou outro levante armado em 10 de maio de 1938, que terá o mesmo fim do primeiro em março. O levante será desmantelado, as últimas lideranças e militantes serão presos, juntamente com as munições. Em seguida, Plínio se exilará em Portugal. É provável que as prisões em Curitiba dos líderes integralistas de Guarapuava possam ter ligação com esta tentativa de levante armado de 10 de maio, levando em consideração que as prisões foram efetivadas na madrugada do dia 11 de maio quando Domingos tentava entrar na casa do ex-Chefe Provincial da AIB no Paraná e falar com Furtado. Depois, deram-se as prisões de Amarílio e Furtado no dia 12 de maio.

Furtado terá um mandato de prisão expedido novamente em 23 de março de 1939, por estar refugiado no Estado do Paraná na fazenda de seu sogro em Jaguaryaiva. Este fato teria provocado denúncias contra Sebastião Loures Bastos e Domingos Ribas relacionadas à evasão da cidade, devido à prisão do ex-companheiro de movimento, em razão de, depois do levante armado de março de 1938, ambos os indiciados passarem a ser vigiados pelo DOPS e serem obrigados a prestar declarações de seus deslocamentos. Sendo assim, os dois acabaram enfrentando um processo crime em Guarapuava para se defender de tais

acusações e alegaram só saber da situação de Furtado pelos jornais, além de suas ausências da cidade terem sido motivadas pelos negócios.

Por sua vez, Manoel Ribeiro do Amaral, acabou sendo preso do dia 7 ao dia 10 de março de 1939, por não obedecer à intimação de depoimento na capital. Furtado teve seu alvará de soltura em 26 de abril de 1939. Sebastião foi autuado pela última vez pelo DOPS em 29 de setembro de 1942, em que sua rádio transmissora foi apreendida. Já Lustosa teve de dar declarações de seus deslocamentos até 30 de dezembro de 1941 e Amarílio até 8 de setembro de 1942. Sobre Alceu Aires Karan não foi possível encontrar nenhuma ficha no DOPS e os caminhos tomados por este sujeito.

Contudo, Odilon atesta em seu depoimento a seguinte fala dos chefes integralistas: “Enquanto existisse o integralismo as autoridades haveriam de ter serviços, até o dia que o integralismo desse a última cartada” (Pront. 2537, top 421, fls. 3-5) que foi usada pelo Inquérito do DOPS, talvez para mostrar ao Tribunal de Segurança Nacional a ameaça que tais elementos participantes do levante armado em Guarapuava poderiam demonstrar à região. Embora estivessem agora ilegais e com seu movimento totalmente desestruturado, os integralistas de Guarapuava, em sua confiança vanguardista para a solução dos problemas brasileiros, possivelmente continuariam com um legado político para Guarapuava.

Neste âmbito, o jornal *Folha do Oeste* em 13 de março de 1938 na edição 52, logo após o levante armado, em tom de despedida da região, notícia sua última edição do primeiro ano de sua publicação:

Recorte de jornal 45 - Editorial da edição nº 52 no *Folha do Oeste*



Fonte: *Folha do Oeste*, Guarapuava, nº 52, p. 1, 13 mar. 1938.

O editorial publicado na primeira página como abertura do jornal, acima do cabeçalho, em tom de avaliação do primeiro ano de publicações, promete aos leitores voltar a veiculação do periódico em 1º de abril, assim que obtivessem a “ultimação das instalações das nossas oficinas impressoras.” Ao que parece, as oficinas do jornal haviam sido apreendidas, provavelmente devido aos acontecimentos de 10 de março de 1938, com o levante armado, do qual participaram o redator do jornal, Amarílio, e o diretor, Lustosa. Diante disso, nada comentam sobre tais acontecimentos, apenas lamentam o assassinato do colega de trabalho, Moscalesque, gerente do periódico. Contudo, o jornal não voltará a circular em abril. A próxima edição de nº 53 só será veiculada em 5 de janeiro de 1941, provavelmente, em outra conjuntura favorável aos projetos políticos desses sujeitos.

Já a página integralista traz nesta edição de 13 de março de 1938 apontamentos sobre o comunismo “destruidor”, a comemoração do aniversário do autor do “hino da pátria” e esclarecimentos sobre o nacionalismo racista do nazismo e a diferença com o integralismo, filosofia da miscigenação das raças, através de um artigo reproduzido de *A Offensiva*. Portanto, mesmo após o fracasso da tentativa de tomada de poder em Guarapuava, os integralistas continuam certos de que sua filosofia surtiria efeito em algum momento na região e confiantes em relação ao seu papel de caboclos, a raça síntese da nacionalidade brasileira. Tanto que a citação sobre a função dos caboclos no mundo é colocada novamente na abertura da página integralista na edição de 13 de março⁹¹, e o título do editorial sinaliza esta intenção, “... A NOSSA VITORIA...”, ao enfatizar o dever do jornal para atuarem como “orientadores da opinião pública”.

Nesse sentido, as matérias escolhidas para compor a página integralista no jornal *Folha do Oeste*, ao longo de 1937 e início de 1938, foram montadas com atenção no *layout* da página, tendo em vista a conjuntura das forças políticas, sejam locais, sejam estaduais, sejam nacionais. O objetivo era conseguirem atuar como formadores da opinião pública em prol de um projeto político de sociedade específico: a proposta fascista e nacionalista da Ação Integralista Brasileira. Ante isso, Silva (2007, p. 187) argumenta que o “discurso antioligárquico, ao mesmo tempo em que conferia um verniz modernizador, oportunizou

⁹¹ “Creio que o caboclo brasileiro está destinado a um grande papel no mundo. Um dia ele falará: por que para isso, nós aqui estamos nos agitando. Um dia o caboclo brasileiro interpretará esse tumulto, esta babel do espíritos: e falará.” (*Folha do Oeste*, 13 mar. 1938, p. 4).

um enraizamento sólido de alguns de seus membros no campo político local.”

Assim, Amarílio, após o Estado Novo, passou a militar pela AIB reformada, o partido PRP em 1945 e se elegeu vereador em duas legislaturas. Faleceu em 1956 durante o exercício do cargo de vereador e teria deixado um legado político em Guarapuava, com a atuação de seu filho, Trajano Bastos de Oliveira, na militância partidária, exercendo o cargo de Presidente da Assembleia Legislativa do Paraná, e seu genro, Nivaldo Kruger, também militante do PRP e prefeito por três mandatos no período de 1964 e 1988, este que, para Silva (2010, p. 89), foi um “importante líder político regional”.

Já Lustosa é definido por Silva (2010, p. 17) como “o personagem mais representativo para a história política de Guarapuava do século XX”, devido ao seu “percurso político”: nomeado para prefeitura de Guarapuava em 1944, em 1946 foi eleito para o mesmo cargo pelo PSD. Mais tarde, foi Deputado Estadual do Paraná por três vezes e nomeado por Juscelino Kubitschek, como Secretário de Estado do Interior e da Justiça e como parte da diretoria da Caixa Econômica Federal. Depois de indiciado pelo governo dos militares como juscelinista, sua vida pública será relegada à atividade nos periódicos regionais.

5 CONCLUSÃO

A Ação Integralista Brasileira atuou no oeste paranaense, na região de Guarapuava entre 1935-1938 e deixou uma forma de interpretar a vida em sociedade, como sua consequente teoria para “solução” dos problemas brasileiros. Baseado no movimento e posterior regime de Mussolini, Plínio juntou com seu nacionalismo curupira verde-amarelo dos tempos vanguardistas do modernismo, a interpretação da luta entre as nações burguesas e nações proletárias, estas que só seriam soberanas diante da união de suas classes e sua cooperação para uma elite enérgica e carismática, que levaria a nação à construção de uma potência.

Desse modo, o movimento da AIB fundado em 1932 pretendia, para o Brasil, a união das classes, a fim de cooperarem entre si e construir uma nação brasileira soberana, una e forte, através da realidade da produção extraída da terra, de onde emergiria a verdadeira alma brasileira, a nacionalidade expressada pela síntese homogeneizadora dos caboclos dos interiores. Com isso, a nação brasileira seria formada por pequenas propriedades rurais em unidades familiares, vivendo sob a harmonia cristã. De fato, como atesta Chasin (1999), uma utopia rural, possivelmente uma “solução perfeita” e “ingênua” demais para as contradições da vida em sociedade, que pode acabar por gerar o oposto: violência ao diferente e dificuldade de lidar com a dialética da experiência humana em sociedade.

Tal proposta política para organizar o Brasil surge perante uma conjuntura de forças políticas, em que o liberalismo clássico se colocava como a fonte dos “males” brasileiros e mundiais, por meio da bancarrota do sistema capitalista em 1929 e através dos lemas utópicos da Revolução de 1930, de destituição das oligarquias com sua prática política coronelística. Além do mais, o comunismo se apresentava como uma “ameaça mundial” de internacionalização e “destruição das nações soberanas”. Como resposta a tal cenário, as propostas fascistas apareceriam como a “salvação” mundial para trabalhadores, classe média ou para a burguesia em certos países.

No Brasil, o movimento se ancorou na continuação do processo revolucionário iniciado em 1930, ambicionando provocar uma Revolução Espiritual na massa brasileira e, posteriormente, implantar seu Estado Integral hierárquico, burocrático, centralizado e rodeado pelas corporações profissionais. Por isso, no início do movimento, ele se mostrou mais antioligárquico do que anticomunista, uma vez que é com a consolidação das oligarquias novamente no poder e a instauração da

LSN em 1935 que a AIB abraçará a “guerra ao comunismo”. E terá, a partir das lutas legalistas em 1933, um teor partidário, a fim de atuar no poder político como partido, utilizando-se das eleições.

A bibliografia sobre o tema na década de 1970 discute as origens ideológicas do movimento e seu caráter fascista ou não, viés teórico abandonado pela historiografia brasileira posterior à década de 1980 em troca das histórias temáticas. Entretanto, o objetivo e a abordagem teórica e metodológica deste estudo visaram trazer para a pesquisa historiográfica a complexidade da vida social, assim problematizá-la com base neste horizonte. Para isso, dentro das possibilidades, foram retomadas as abordagens marxistas e de outros arcabouços teórico-metodológicos da década de 1970, além dos trabalhos temáticos dos historiadores.

Diante disso, defini o integralismo como um fenômeno político fascista com intenção de disciplinar a luta de classes e dotado de um nacionalismo específico para o Brasil, diante de um capitalismo monopolista em crise e do acirramento da luta entre as classes, em que surge uma classe média idealista e violenta, esmagada entre a burguesia e o proletariado, com uma contrarrevolução fascista. Logo, a AIB é inserida no contexto global, com influência direta e indireta da Itália fascista, na forma de simpatia e identificação com um determinado “universo fascista”, como também a solidariedade com o Nazismo no Brasil. E, sobretudo, é encarada não como uma filosofia totalitarista, a colocar as similitudes entre fascismo e comunismo e, sim, como um fenômeno fascista com raízes de atuação diferentes do comunismo.

Por sua vez, acreditando ser a “verdade”, a Ação Integralista atuou em uma política de expansão para os interiores brasileiros com o objetivo de “despertar” a nacionalidade da AIB no oeste paranaense na região de Guarapuava, como um lugar legítimo de irradiação e porta de entrada para a conquista dos sertões paranaenses. Para isso, empreendeu trabalhos de coordenação e bandeiras para a instalação de núcleos municipais. Em Guarapuava, o trabalho de coordenação da AIB utilizou-se do jornal local *A Cidade* e teve seu núcleo fundado no dia 23 de fevereiro de 1935.

O movimento contou, nesse ano, além da estrutura física da sede, também com trabalhos de coordenação nos distritos do município, caravanas, ritos, uniformes e um jornal para propagandar a doutrina do Sigma, intitulado *Brasilidade*. Arregimentou um número considerável de pessoas em 1935, provavelmente de classes médias urbanas, e participou das eleições municipais, em setembro desse ano, com candidatura própria e um programa centralizado, modernizador e

antioligárquico, diante das candidaturas das oligarquias locais com seu programa pragmático e federalista.

Embora a Revolução de 1930 trouxesse os lemas utópicos de tirar do poder as oligarquias e a prática coronelísticas, elas permaneceram atuantes ante os tenentistas e o governo de Vargas, principalmente após a regularização da vida constitucional no país. Assim, essa fórmula se perpetua na história de Guarapuava e na formação do oeste paranaense, especificadamente no episódio do “Voto de Deus” nas eleições municipais de 1935.

Com isso, o integralismo enquanto programa existiu e pôde resistir apenas como uma utopia das classes médias urbanas e rurais. Na realidade, a contrarrevolução fascista no Brasil pôde representar uma utopia de uma nação harmônica, sem conflitos de classes e longe da materialidade diária das contradições da história da humanidade. E, quando posta em execução, não se realiza conforme seu idealismo, pois sem dialética se defronta com os problemas humanos da vida em sociedade. No caso de Guarapuava, depara-se com as oligarquias e suas práticas culturais ligadas ao personalismo, ao compadrio, ao mandonismo e ao clientelismo em seu caminho.

Sendo assim, já no segundo semestre de 1935, os núcleos integralistas são enquadrados na LSN pelas oligarquias estaduais até serem proibidos no final de 1935, permanecendo no decorrer de 1936 fechados, mesmo com as atividades da AIB sendo realizadas de forma clandestina. Já em 1937, ao fazer parte do poder instituído, negociando com ele e entendendo que eram aliados no combate de liberais e comunistas, a AIB acredita na aplicação inevitável de sua teoria e com um otimismo exacerbado reestrutura seu núcleo municipal em Guarapuava. Passa a contar com a volta das reuniões doutrinárias às claras, um jornal elaborado pelas lideranças integralistas e com uma página dedicada ao movimento e partido, denominado *Folha do Oeste*, trabalhos de coordenação em distritos e suas localidades, caravanas de propaganda, cinco subnúcleos instalados, festividades cívicas, ritos, escolas, assistência social e programação no cinema e no rádio. Expande sua composição social a setores oligárquicos, camadas rurais médias e trabalhadoras.

Em contrapartida, os integralistas de Guarapuava vão aos poucos construindo opositores. Há um esvaziamento do movimento e partido, o jornal passa a compor uma pauta mais defensiva das acusações de extremismo e a lei acaba sendo utilizada como campo de disputas de ambos os projetos de administração da vida pública: oligarquias x integralistas, no meio de uma conjuntura de forças políticas de uma

“guerra estabelecida aos comunistas”, a divulgação do Plano Cohen e a instauração de um novo estado de guerra.

A AIB em Guarapuava acompanha os movimentos nacionais e apoia o novo Estado de Guerra, tal como o golpe de estado de Getúlio Vargas em novembro de 1937, ao se filiar na ideia de que viria a ser a doutrina do novo regime implantado. Entretanto, Vargas fecha os partidos políticos, determina que a AIB mude de nome e se transforme em uma associação, no início de dezembro de 1937. Em janeiro de 1938, a ABC luta na justiça para regularizar sua situação e publica seus estatutos, assim como orientações para as antigas províncias e núcleos integralistas. É nesse transcorrer que o fundador e chefe da ação integralista, Moscalesque, é assassinado.

Uma das linhas de investigação é o crime de vingança política aos camisas-verdes de Guarapuava, já que o movimento sofria reveses nacionais. No sentido de uma “revanche”, a pauta da página integralista no jornal *Folha do Oeste* torna-se uma espécie de chamado à contrarrevolução no final de fevereiro e início de março. Nesse tom, em 10 de março de 1938 se deflagra concatenado com um levante nacional, a Intentona Verde, com a tentativa de tomada da Delegacia e Prefeitura Municipal de Guarapuava. E os doutrinários do Sigma entram na ilegalidade ao serem fichados pelo DOPS, em prol da permanência do projeto de Vargas, um estado intervencionista, centralizado e com políticas trabalhistas, que passou a lidar com o rearranjo das oligarquias locais.

Contudo, a Ação Integralista Brasileira pôde permanecer como uma utopia vigente no imaginário brasileiro, que em conjunturas favoráveis pode mobilizar alguns projetos políticos e fazer aparecer os traços fascistas diluídos em nossa sociedade, entre os projetos políticos do último século, o liberalismo e o comunismo. Em Guarapuava pode ter se dispersado entre um liberalismo mais conservador, a formar um território no centro-oeste do Paraná menos dinâmico economicamente, com uma cultura de relações sociais mais engessadas na procura de homogeneidade e com oligarquias enraizadas na política local.

FONTES

JORNAL A CIDADE, Guarapuava, n. 5-156, ago. 1933/dez. 1936 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

JORNAL A OFFENSIVA, Rio de Janeiro, n. 1-85, 1934/1935 - Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

JORNAL A RAZÃO, Curitiba, n. 1- 27, maio/nov. 1935 – Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS (fotografia digital).

JORNAL BRASILIDADE, Guarapuava, n. 1 e 8, jul./ago. 1935 - Acervo Prof^a Julita Pereira, Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

JORNAL FOLHA DO OESTE, Guarapuava, n.1 ao 52, fev. 1937/mar. 1938 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

JORNAL O COMBATE, Guarapuava, n. 1-33, jan./ago. 1931 - Casa Benjamim C. Teixeira, Guarapuava/PR (fotografia digital).

JORNAL O INDEPENDENTE, Guarapuava, n.1 e 2, set. 1931 - Casa Benjamim C. Teixeira, Guarapuava/PR (fotografia digital).

JORNAL O LIBERAL: Orgam da consciencia livre de Guarapuava, Guarapuava, n.8 e 10, fev. 1930 - Casa Benjamim C. Teixeira, Guarapuava/PR (fotografia digital).

JORNAL O LIBERAL: Orgam editado pelo governo revolucionário de Guarapuava, Guarapuava, n. 1-10, out./dez. 1930 - Casa Benjamim C. Teixeira, Guarapuava/PR (fotografia digital).

Processo Crime nº 937.2.22.95, caixa 112, Guarapuava, 1937 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

Processo Crime nº 939.2.2440, caixa 120, Guarapuava, 1938 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

Pront. 0360, *Antonio Lustosa de Oliveira*, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0323, *Antonio da Rocha Loures Vilaca*, top.291, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0224, *Amarílio Rezende Oliveira*, top. 286, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0911, *Domingos Ribas*, top. 323, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1172, *Integralismo – fotos*, top. 140, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 2537, *Manoel do Monte Furtado*, top.421, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 2559, *Manoel Ribeiro do Amaral*, top.423, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 2929, *Odilon Caldas*, top. 446, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 3444, *Sebastião Loures Bastos*, top. 476, DOPS/PR, DEAP/PR.

REFERÊNCIAS

ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos*. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ARAÚJO, R. B. de. *Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BAQUERO, M. *A vulnerabilidade dos partidos políticos e a crise na democracia na América Latina*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Neo-integralistas e a propaganda política de extrema direita no Brasil contemporâneo. In: DEL ROIO, Marcos (Org.). *Trabalho, política e cultura em Gramsci*. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2007a. p. 85-88.

_____. *Sob a sombra do Eixo. Camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes, tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BERSTEIN, S. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François (Orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editora Estampa, 1998. p. 349-363.

_____. Os Partidos Políticos. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BERTONHA, João Fabio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: FUNEP, 2010.

_____. Entre Mussolini e Plínio Salgado: O Fascismo italiano, o fascismo e o problema dos descendentes italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-105, 2001.

_____. *Fascismo, Nazismo, Integralismo*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. *Integralismo: Problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá: EDUEM, 2014.

_____. *Plínio Salgado: Biografia Política (1895-1975)*. Tese de Livre docente em história (História do Brasil Independente) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. *Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: UEM, 2008.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRINHONI, Fábio. *A Ação Integralista Brasileira e sua trajetória em Guarapuava através do jornal Folha do Oeste*. Monografia de especialização (História do Brasil) – UNICENTRO, 2004.

CALDEIRA, J. R. de C. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão (1933-1937)*. São Paulo: Annablume, 1999.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, neointegralismo e antisemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CHASIN, J. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. Belo horizonte: UMA Editora; São Paulo: Estudos e Edições Ad. Hominen, 1999. p. 11-20.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva. *Do Sigma ao Sigma – Entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

_____. Pensamento Integralista: aportes e suportes para um movimento de direita. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Gramond Universitária / FAPERJ, 2012.

_____. *Memória e Integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

CARONE, Edgard. *A Primeira República (1889-1930)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1976.

_____. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974a.

_____. *A Segunda República*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974b.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.

CERTEAU, Michel. Operação Historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 65-106.

CHASIN, J. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. Belo horizonte: UMA Editoria; São Paulo: Estudos e Edições Ad. Hominen, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho (Orgs.). *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio De Janeiro: Paz e terra e Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1978.

CRUZ, Natália dos Reis (Org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Gramond Universitária / FAPERJ, 2012.

_____. *O Integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*. Tese (História Política) – Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2004.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP, 1992.

DE LUSTOSA a João do Planalto. Altura: 224 pixels. Largura: 146. 96 dpi. 24 bits. 6,10 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <<http://sguweb.unicentro.br/cmprodutos/detalhe/4e9ecb77-76f8-43ff-b046-2456c8c90a21>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

DOTTA, Renato Alencar. *O integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERNANDES, Florestan. Prefácio. In: VACONCELLOS, G. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 11-16.

FERNANDES, Marco Aurélio Machado. *Poder e Comércio: a Associação Comercial e Industrial de Guarapuava (1955-1970)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2009.

FERNANDES, Renato César F. Gramsci e Michels: diálogos sobre a burocratização. In: ROIO, Marcos Del (Org.). *Trabalho, política e cultura em Gramsci*. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2007. p. 197-200.

FERREIRA, Sandra Cristina. *Rede urbana, cidades de porte médio e cidades médias: estudos sobre Guarapuava no Estado do Paraná*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2010.

FREITAG, Liliane da Costa. *Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Franca, 2007.

GANDRA, Edgar Ávila; MONTEIRO, Cláudia. Arquivo DOPS - PR: fontes para história social no Paraná. *Analecta*, Guarapuava, v. 8, n. 1, p.57-66, jan./jun. 2007.

GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência e cultura etc. *Estudos Históricos: Historiografia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 59-84, 1995.

GONÇALVES, Leandro Pereira. Pensamentos e práticas autoritárias: uma análise da ascensão investigativa sobre o integralismo. *Locus: Revista de História, Juiz de Fora*, v. 30, n. 1, p. 167-172, 2010.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciais. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p.119-139.

GT HISTÓRIA, DIREITA E AUTORITARISMO. *ANPUH*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.site.anpuh.org/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/308-gt-historia-direita-e-autoritarismo>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IASI, Mauro. Prefácio. In: KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

INSTITUTO DE TERRAS CARTOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS (IPARDES). *Breve histórico sobre a evolução da divisão territorial do Paraná*. Curitiba: Arquivo Gráfico Municipal do Estado do Paraná, 2003.

_____. *Divisão Política-Paraná-2010*. Curitiba, 2010. 1 mapa. Escala 1:50km. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/divisao_politica_2010>. Acesso em: 12 mar. 2015.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Caderno Estatístico: Município de Guarapuava*. Curitiba, 2016. Disponível em:

<<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85000&btOk=ok>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LEITE, José Hugo Junior. A Edificação dos camisas-verdes: a formação ideológico-discursiva. *Revista Eletrônica Lato Sensu*, Guarapuava, ed. 6, 2008.

LIEDKE FILHO, Enno D. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n. 14, p. 376-437, jul./dez. 2005,

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, inícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. E. P. Thompson e a micro-história: trocas historiográficas na seara da história social. *Revista Esboços*, UFSC, Florianópolis, n. 12, p. 53-74, 2004.

LOFF, Manuel. Depois da Revolução?... Revisionismo histórico e anatemiação da revolução. In: MELO, Demian Bezerra (Org.). *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2004. p. 53-66.

LOPES, Marcos A. A história do pensamento político: dos Grands Doctrinaires à história social das ideias. *Tempo Social: Rev. Sociol.*, USP, S. Paulo, v. 14, n. 2, p. 113-127, out. 2002.

LOPES, Sérgio. *O Território do Iguaçu no contexto da "Marcha para Oeste"*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-151.

MELO, Demian Bezerra. Revisão e revisionismo na historiografia contemporânea. In: _____. *A miséria da historiografia: uma crítica ao*

revisonismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2004. p.31-40.

MÜLLER, R. G.; MUNHOZ, Sidnei. E. P. Thompson. In: LOPES, Marco Antonio; MUNHOZ, Sidnei (Orgs.). *Historiadores do nosso tempo*. S. Paulo: Alameda, 2010. p. 31-52.

OLIVEIRA, Antonio Lustosa. *Passos de uma longa caminhada (Reminiscências)*. Curitiba: O Formigueiro, [197-?].

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero- Americanos*, PUCRS, v. 36, n. 1, p. 118-138, jan./jun. 2010.

_____. A Imprensa da Ação integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata. (Org.). *Entre Tipos e Recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011. v. 2, p. 19-46.

PARENTE, Josênio. *Os camisas-verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

PASCHOALETO, Murilo Antonio. E o mundo reage: uma análise das percepções internacionais integralistas a partir do jornal A Offensiva (1934 – 1935). In: GONÇALVES, Leandro P.; SIMÕES, Renata D. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 105-132.

REMÉDIOS, Lúcia Regina dos. *A construção do imaginário conservador do jornal Folha do Oeste: do Integralismo ao Estado Novo*. Monografia de especialização (Teoria e produção do conhecimento histórico) – UNICENTRO, 1999.

SCHMIDT, Lisandro Pezzi. *A (re) produção de um espaço desigual: poder e segregação socioespacial em Guarapuava (PR)*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2009.

SILVA, Márcia da. *Territórios conservadores de poder no centro-sul do Paraná*. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

SILVA, Walderez Pohl. *De Lustosa a João do Planalto: a arte política na cidade de Guarapuava (1930-1970)*. Guarapuava: Unicentro, 2010.

_____. *Entre Lustosa e João do Planalto – a arte da política na cidade de Guarapuava (1930-1970)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____. Guarapuava: sob o signo do Sigma. In: SEBRIAN, Raphael N.; PIRES, Ariel J.; GANDRA, Edgar A.; COSTA, Flamarion L. (Orgs.). *Ofício do Historiador*. Guarapuava: Unicentro, 2007. p. 171-188.

SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal A Offensiva. In: SIMÕES, Renata Duarte; GONÇALVES, Leandro Pereira (Org.). *Entre Tipos e Recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011. v. 2, p. 47-82.

TEIXEIRA, Murilo Walter. *Boletim nº 13/2013*. Imprensa Guarapuavana. Guarapuava: Casa Benjamin C. Teixeira, 2013.

THOMPSON, E. P. A lógica histórica. In: _____. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. cap. 7, p. 47-62.

_____. *Senhores e Caçadores: a origem da lei negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

_____. Integralismo: Teoria e Práxis Política nos Anos 30. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Civilização Geral Brasileira: O Brasil Republicano, sociedade e política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1991. p. 297-336.

VACONCELLOS, G. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VIEIRA, Lisandro Cesar. História Política Revisitada: Integralismo em Guarapuava, PR. In: SEBRIAN, Raphael N. N. (Org.). *Dimensões da*

Política na Historiografia. Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 217-236.